

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANDRESSA CAROLINA VIANA DOS SANTOS

Aproximações entre a unidade mente-corpo e a unidade afetivo-cognitiva: um
caminho para compreensão do sofrimento psicossomático

MARINGÁ

2022

ANDRESSA CAROLINA VIANA DOS SANTOS

Aproximações entre a unidade mente-corpo e a unidade afetivo-cognitiva: um caminho para compreensão do sofrimento psicossomático

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá (UEM), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia. Área de concentração: Desenvolvimento Humano e Processos Educativos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvana Calvo Tuleski.

MARINGÁ

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S237a

Santos, Andressa Carolina Viana dos

Aproximações entre a unidade mente-corpo e a unidade afetivo-cognitiva : um caminho para compreensão do sofrimento psicossomático / Andressa Carolina Viana dos Santos. -- Maringá, PR, 2022.

215 f.: il. color., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Calvo Tuleski.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2022.

1. Psicologia. 2. Psicologia histórico-cultural. 3. Sofrimento. 4. Psicossomática. I. Tuleski, Silvana Calvo, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 23.ed. 152.4

ANDRESSA CAROLINA VIANA DOS SANTOS

Aproximações entre a unidade mente-corpo e a unidade afetivo-cognitiva: um caminho para compreensão do sofrimento psicossomático.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Profa. Dra. Silvana Calvo Tuleski
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Profa. Dra. Adriana de Fátima Franco
PPI/Universidade Estadual de Maringá



Profa. Dra. Flávia Gonçalves da Silva
UFVJ/ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha

Aprovada em: 30 de novembro de 2022.

Defesa realizada na sala de vídeo do Bloco 118.

*A todas as pessoas que compartilham comigo, durante as
sessões de terapia, suas histórias de vida.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Mara e Cláudio, por todo apoio e trabalho visível e invisível que me possibilitou finalizar esta dissertação.

Ao meu irmão, Gabriel, por sempre me apoiar em meus sonhos.

Ao meu namorado, Matheus, que esteve comigo em todos os momentos da dissertação, ouvindo minhas angústias e felicidades durante o processo de investigação e que me auxiliou emocionalmente e de forma prática fazendo os gráficos desta pesquisa.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Silvana Calvo Tuleski, por toda dedicação e paciência em me orientar.

As professoras, Dr.^a. Adriana de Fátima Franco e Dr.^a. Flávia Gonçalves da Silva, pela disponibilidade em compor a banca de qualificação e defesa, trazendo importantes contribuições.

As minhas amigas de mestrado, Larissa, Keuri e Laís, pelas trocas e apoio durante toda a construção da dissertação. Ao meu amigo Gustavo, pelo apoio e correção do *abstract* desta pesquisa.

Ao Grupo de Estudos, *Espinosa: um estudo sobre a ética, os afetos, a liberdade*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a. Adriana Barin de Azevedo, lugar de muito conhecimento e trocas afetuosas.

Aos Grupos de Estudos, *Os graus de (des)humanização na sociedade capitalista e seus impactos sobre o desenvolvimento e saúde mental* e *Leitura dos clássicos: Leontiev, Lukács e Agnes Heller*, ambos coordenados pela Prof.^a Dr.^a. Silvana Calvo Tuleski, onde pude aprofundar os estudos em torno da Psicologia Histórico-Cultural e ter contato com vários pesquisadores (as).

A todas as pessoas da militância, principalmente do Movimento por uma Universidade Popular (MUP- Maringá).

A todas as pessoas que conheci através do Instagram @marx.phc e por lá me enviaram muitas mensagens de carinho e incentivo durante a realização desta pesquisa.

A CAPES pelo apoio financeiro.

A todas e todos que participaram direta e indiretamente da construção deste trabalho, meu imenso agradecimento.

A literatura se esforça ao máximo para sustentar que sua preocupação é com a mente; que o corpo não passa de um vidro transparente através do qual a alma espia de forma direta e clara, e, salvo uma ou duas paixões, como o desejo e a ganância, é ínfimo, insignificante e inexistente. Mas a verdade é justamente o contrário. O dia inteiro, a noite inteira, o corpo intervém; se embota ou se aguça, se ruboriza ou empalidece, torna-se de cera ao calor de junho, endurece-se como o sebo nas trevas de fevereiro. A criatura ali dentro pode apenas olhar pela vidraça – borrada ou rósea; não consegue se separar do corpo, como a bainha de uma faca ou a vagem da ervilha, nem por um instante; deve passar por todo o processo infindável de mudanças, calor e frio, conforto e desconforto, fome e satisfação, saúde e doença, até a chegada da catástrofe inevitável: o corpo se estilhaça e a alma (assim dizem) escapa.

(Virginia Woolf, 1936/2021, p. 21-22).

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Artigos aceitos da descrição: Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia.....	25
Tabela 2 – Artigos aceitos da descrição: Neuropsicologia + Luria.....	28
Tabela 3 – Metodologia utilizada nos artigos.....	30
Tabela 4 – Especificidade da psicossomática apresentada nos artigos.....	32
Tabela 5 – Classificação dos artigos por abordagem.....	35
Tabela 6 – Artigos da pesquisa bibliográfica utilizados na seção: Psicossomática: Insuficiência psíquica.....	46
Tabela 7 – Artigos da pesquisa bibliográfica utilizados na seção: Psicossomática: Díade Mãe-Bebê.....	55
Tabela 8 – Artigos da pesquisa bibliográfica utilizados na seção: Psicossomática: Mente-Corpo.....	59
Tabela 9 – Artigos da pesquisa bibliográfica utilizados na seção: Psicossomática: O papel da linguagem.....	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Metodologia utilizada nos artigos selecionados.....	30
Gráfico 2 - Classificação dos artigos por especificidade da psicossomática anunciada ou identificada.....	31
Gráfico 3 - Classificação dos artigos por abordagem teórica anunciada ou identificada.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: ESTUDOS EM TORNO DA PSICOSSOMÁTICA NO CAMPO DA PSICOLOGIA.....	21
1.1 Procedimentos da pesquisa bibliográfica.....	21
1.2 Análise quali-quantitativa dos materiais selecionados.....	29
1.2.1 Caracterização geral dos artigos aceitos.....	29
1.2.2 Análise dos conceitos de psicossomática apresentados nos artigos	39
1.2.1 Psicossomática: Insuficiência psíquica.....	45
1.2.2 Psicossomática: Díade mãe-bebê.....	54
1.2.3 Psicossomática: Relação mente-corpo.....	59
1.2.4 Psicossomática: Papel da linguagem.....	68
CAPÍTULO 2: DESENVOLVIMENTO HUMANO PARA A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	72
2.1 Princípios da periodização histórico-cultural.....	73
2.2 Desenvolvimento humano e constituição dos sistemas interfuncionais: do nascimento à idade adulta.....	95
CAPÍTULO 3: PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E SOFRIMENTO PSICOSSOMÁTICO.....	120
3.1 Estudos em torno da unidade psicofísica nos escritos de Vigotski, Luria e Leontiev.....	120
3.2 A dialética entre as unidades biológico-social e afetivo-cognitivo.....	128
3.3 Processos inconscientes na dinâmica mente-corpo.....	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
REFERÊNCIAS.....	157

APÊNDICES.....	168
APÊNDICE A - Tabela quantitativa da pesquisa bibliográfica realizada no Google Acadêmico.....	168
APÊNDICE B - Referências bibliográficas da pesquisa realizada no Google Acadêmico.....	170
APÊNDICE C - Resultado quantitativo da pesquisa bibliográfica realizada nas bases de dados SciElo, Lilacs e Medline.....	185
APÊNDICE D – Tabela dos artigos excluídos das combinações das palavras-chaves.....	188
APÊNDICE E - Quadro contendo: Referência, objetivo, metodologia, referencial teórico, resultados obtidos e conceito de psicossomática, dos artigos selecionados.....	192

Santos, Andressa Carolina Viana dos. (2022). *Aproximações entre a unidade mente-corpo e a unidade afetivo-cognitiva: um caminho para compreensão do sofrimento psicossomático*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, PR.

RESUMO

Na sociedade capitalista que fragmenta o sujeito, o sofrimento psicossomático se apresenta como uma contradição, na qual não é possível explicar sua essência por meio da lógica formal. Com isto, o objetivo desta pesquisa é compreender o sofrimento psicossomático com base na Psicologia Histórico-Cultural e, assim, contribuir com os estudos sobre os processos de saúde-doença, possibilitando novas hipóteses de entendimento desse sofrimento e formulando princípios para possíveis formas de intervenção com base na Teoria Histórico-Cultural. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico-conceitual. No primeiro capítulo: *Estudos em torno da psicossomática no campo da psicologia*, foi realizada uma revisão bibliográfica dos artigos que tratavam da psicossomática no campo da psicologia. Por meio da análise quali-quantitativa dos artigos selecionados foi possível verificar que 71,43% tinham como referencial teórico a Psicanálise. Em relação aos conceitos de psicossomática trabalhados nos artigos, destacou-se dois grupos: 1) psicossomática como uma forma de apreender o ser humano em sua totalidade psíquica e corpórea; 2) psicossomática como um sofrimento. As explicações do que desencadeava um sofrimento psicossomático giravam em torno da insuficiência psíquica; do sujeito que sofre; e da relação díade entre mãe-bebê. Também foi destacado as compreensões que os artigos traziam sobre a relação mente-corpo e o papel da linguagem. Estes pontos foram desenvolvidos e analisadas com base na Psicologia Histórico-Cultural, demarcando os limites e avanços das explicações propostas. O segundo capítulo: *Desenvolvimento humano para a psicologia histórico-cultural*, teve como objetivo explicar o desenvolvimento humano na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, como também, levantar algumas hipóteses sobre o sofrimento psicossomático. Para a construção deste capítulo, foi utilizado principalmente as contribuições de Vigotski acerca da periodização do desenvolvimento com ênfase na unidade objetivo-subjetivo. No terceiro capítulo: *Psicologia histórico-cultural e sofrimento psicossomático*, foi tratado mais especificamente das contribuições da *Troika* para o entendimento do sofrimento psicossomático, apresentando, principalmente, as relações entre as unidades mente-corpo e afetivo-cognição, tomando como eixo norteador a dinâmica consciente-inconsciente. Diante de todo o percurso realizado, conclui-se que os estudos realizados por Luria, em torno da barreira funcional e das sensações humanas, trazem importantes contribuições para pensar o sofrimento psicossomático; a linguagem, apesar de bastante explorada pela Psicologia Histórico-Cultural, ainda deve ser mais estudada, principalmente no que tange os níveis de linguagem verbal e não-verbal em relação à sofrimentos psicossomáticos. Por se tratar de uma pesquisa de cunho bibliográfico-conceitual, teve o avanço de levantar hipóteses de entendimento do sofrimento psicossomático com base na Psicologia Histórico-Cultural e o limite de não avaliar tais conceituações em um caso concreto. Entretanto, entende-se que as conclusões alcançadas servem de base para guiar intervenções e investigações futuras em casos de pessoas que desenvolveram um sofrimento psicossomático.

Palavras-Chave: Psicologia Histórico-Cultural, Sofrimento, Psicossomática.

Santos, Andressa Carolina Viana dos. (2022). *Approximations between the mind-body unit and the affective-cognitive unit: a way to understand psychosomatic suffering*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, PR.

ABSTRACT

In a capitalist society that fragments the subject, psychosomatic suffering presents itself as a contradiction, in which it is not possible to explain its essence through formal logic. The objective of this research is to understand the psychosomatic suffering from the Historical-Cultural Psychology, and thus to contribute with the studies on the health-disease processes, making possible new hypotheses of understanding of this suffering and formulating principles for possible forms of intervention with based on the Historical-Cultural Theory. This is a bibliographic-conceptual research. In the first chapter: Studies on psychosomatics in the field of psychology, a bibliographic review of articles dealing with psychosomatics in the field of psychology was carried out. Through the qualitative-quantitative analysis of the selected articles, it was possible to verify that 71.43% had Psychoanalysis as a theoretical reference. Regarding the concepts of psychosomatics researched, two groups stood out: 1) psychosomatics as a way of apprehending the human being in its psychic and corporeal totality; 2) psychosomatics as suffering. The explanations of what triggered psychosomatic suffering revolved around: psychic insufficiency, the subject who suffers and the mother-baby dyad relationship. The understandings that the articles brought about the mind-body relationship and the role of language were also highlighted. These points were developed and analyzed based on Historical-Cultural Psychology, demarcating the limits and advances of the proposed explanations. The second chapter: Human development for historical-cultural psychology, aimed to explain human development from the perspective of Historical-Cultural Psychology, as well as to raise some hypotheses about psychosomatic suffering. For the construction of this chapter, Vygotsky's contributions were mainly used around the periodization of development with emphasis on the objective-subjective unit. In the third chapter: Historical-cultural psychology and psychosomatic suffering, Troika's contributions to the concept of psychosomatic suffering were studied more specifically, mainly presenting the relationships between the mind-body and affective-cognition units, taking as a guideline the conscious-unconscious dynamics. It is concluded that the studies carried out by Luria, around the functional barrier and human sensations, bring important contributions to thinking about psychosomatic suffering; language, despite being extensively explored by Historical-Cultural Psychology, still needs to be studied further, especially regarding the levels of verbal and non-verbal language in relation to psychosomatic suffering. As it is a bibliographic-conceptual research, there was the advance of raising hypotheses of understanding of psychosomatic suffering based on Historical-Cultural Psychology, and the limit of not evaluating such concepts in a concrete case, however, it is understood that the conclusions reached work as a basis to guide interventions and future investigations in cases of people who have developed psychosomatic suffering.

Keywords: Historical-Cultural Psychology, Suffering, Psychosomatics.

INTRODUÇÃO

*“Orgulho-me de sempre pressentir mudança de tempo.
Há coisa no ar – o corpo avisa que virá algo novo
e eu me alvoroço toda. Não sei para quê”*

(Clarice Lispector, 1987, p. 63).

Ao recordar do meu período de graduação em Psicologia, entre 2015-2019, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), percebi o quanto as disciplinas davam ênfase para o desenvolvimento dos processos psíquicos. Estava em um curso de psicologia, e estudar o seu principal objeto de estudo - psiquismo - não é um problema. A questão é que este tema não estava sendo apresentado em sua unidade mente-corpo. No decorrer do curso, ao ter contato com a Psicologia Histórico-Cultural, logo me identifiquei com sua forma de compreender e explicar os processos psíquicos em sua unidade. No segundo ano de graduação, 2016, ingressei no Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural: Ciência, Arte e Educação, onde pude conhecer e aprofundar mais os estudos da Psicologia Histórico-Cultural. Este grupo de estudos é composto por discentes de graduação e pós-graduação, sendo coordenado pela Prof.^a Dr.^a Silvana Calvo Tuleski. Pensar a teoria marxista nos estudos da psicologia era algo novo para mim, o que despertou a vontade de pesquisar mais sobre o tema. Com isso, realizei três pesquisas de iniciação científica durante a graduação. A primeira foi realizada entre 2016-2017, intitulada *Marxismo e Psicologia: aproximações entre a teoria da identidade de A. Ciampa e a teoria feminista de H. Saffioti*, sob orientação do Prof. Dr. Alvaro Marcel Palomo Alves. Nos anos de 2017-2018 realizei minha segunda pesquisa, *Uma análise sócio-histórica sobre o diagnóstico psiquiátrico de adolescentes em conflito com a lei*, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ednéia José Martins Zaniani. Por último, entre 2018-2019 desenvolvi a pesquisa *Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural acerca da Esquizofrenia*, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Silvana Calvo Tuleski. Durante este processo de estudos e pesquisas, fui dando conta do quanto as produções na área da saúde a partir dessa abordagem eram recentes e necessárias.

Ao preparar meu projeto de pesquisa para ingresso no mestrado em psicologia, no ano de 2020, recordei da minha trajetória na graduação e do que mais me inquietava, e logo veio a questão do corpo. Foi no quinto ano que este assunto realmente veio à tona, ao atender na clínica-escola, ou Unidade de Psicologia Aplicada/UPA, em 2019, acompanhei um caso de psicossomatização. Em linhas gerais, a pessoa atendida apresentava alergias e coceiras na pele que, quando mais intensas, chegavam a causar feridas. Apesar dos diversos exames médicos e laboratoriais, nenhuma causa biológica foi identificada e, dentre as hipóteses médicas, havia a

de um adoecimento psicossomático. No período, estava sob supervisão clínica da perspectiva da Psicologia Sistêmica, mas ao me interessar pelo assunto e tendo mais afinidade com a Psicologia Histórico-Cultural, pesquisei o que estava sendo produzido em torno desta temática. Nesta pesquisa encontrei apenas um capítulo de livro que falava sobre isso. O capítulo encontrado na época foi do Jerebtsov, intitulado *A teoria Histórico-Cultural e os problemas psicossomáticos da personalidade: estudo sobre o domínio de si mesmo*, presente no Cadernos acadêmicos internacionais - estudos sobre a perspectiva Histórico-Cultural de Vigotski, produzido no ano de 2014.

Depois disso, considerei diversos pontos: 1) o estudo sobre o corpo em relação aos processos psíquicos foram mínimos, quase nenhum, durante minha graduação; 2) sobre a necessidade de ampliação dos estudos na área da saúde que tivessem como base a Psicologia Histórico-Cultural; 3) minha experiência em atender um caso em que o sofrimento se expressava também no corpo, além das diversas histórias ouvidas e até vivências próprias de dores e outros sofrimentos que não tinham como principal causa o orgânico. Estes foram alguns dos motivos que geraram sentido para a construção do projeto e execução desta dissertação.

Cabe apresentar que o processo de escrita do projeto de mestrado não foi fácil. Historicamente, o final do ano de 2019 e início do ano de 2020 foi marcado pela ascensão e intensificação do ódio na política. Neste período, a ciência sofreu sérios ataques, estudiosos(as) e pesquisadores(as) de perspectivas mais críticas também. Além disso, houve uma intensificação das discussões sobre projetos de escolas sem partido e da criação de colégios militares. Diante de todo esse contexto que o projeto de pesquisa foi desenvolvido, em alguns momentos, me via tomada por desconfortos no braço ao abrir o arquivo do projeto, numa tentativa de compreensão do porquê, avaliei toda a contradição que estava vivendo. Estava escrevendo uma proposta de pesquisa que tem por base o materialismo histórico-dialético desenvolvido por Marx e Engels em um momento e período tão difícil quanto esse. Cheguei à conclusão que estava com medo do que estava por vir. Refleti o quanto tal situação reverbera na vida cotidiana das pessoas e no âmbito científico. Compreender isso, naquele momento, mesmo que de forma rápida e superficial, aliviou os desconfortos e gerou ainda mais necessidade de contribuir para a construção de uma psicologia crítica.

Ao recorrer à história da psicologia e contextualizar a necessidade histórica da Psicologia Histórico-Cultural, temos que esta área do saber foi reconhecida enquanto ciência no século XIX, composta por um amplo conjunto de objetos de estudos, fundamentados por diversos métodos e teorias. Ficou conhecida, por vezes, como uma ciência multifacetada ou como 'psicologias'. E o que as 'psicologias' tinham em comum era carregar dualismos rígidos

(Martins, 2008). Vigotski, em 1927, ao escrever sobre o *Significado histórico da crise da psicologia*, destaca a necessidade da construção de uma psicologia que supere essas dicotomias, que desenvolva princípios gerais e uma coerência teórico metodológica, postulando como objetivo a sistematização e a formação de uma psicologia científica.

Ao buscar uma nova metodologia que superasse as dicotomias, o materialismo histórico-dialético, desenvolvido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), passou a ser introduzido na psicologia, durante o período pós-revolucionário da Revolução de Outubro de 1917, que ocorreu na Rússia. Neste contexto, os debates ocorridos em Moscou e Petrogrado, referentes aos fenômenos psicológicos, giravam em torno da busca por uma delimitação do que seria o objeto e o método de estudo da psicologia. Os estudos de aproximação da psicologia e do marxismo se deram no Instituto de Psicologia da Universidade de Moscou, sob direção do K. N. Kornilov, em 1923. Vigotski foi convidado a compor este grupo de pesquisadores, onde posteriormente pôde conhecer Luria e Leontiev e constituiu o que ficou conhecido como “Troika”, por se tratar de três estudiosos. Suas pesquisas tinham a finalidade de elaborar uma “Nova Psicologia” que estivesse atrelada as ideias de superação do sistema político-econômico capitalista. Uma análise com esta base epistemológica, devia considerar a natureza, a história, a vida social e o próprio homem (Martins, 2008).

Esta pesquisa se deteve nos autores fundadores da Psicologia Histórico-Cultural, Vigotski, Luria e Leontiev. Aqui, cabe demarcar que estes autores foram utilizados de forma articulada, por entendermos que há uma continuidade e compatibilidade em seus estudos. Todos buscaram formular uma psicologia que tivesse por base o materialismo histórico-dialético. Tal compromisso deve se manter em todas as pesquisas que tenham por base a Psicologia Histórico-Cultural, tornando ainda atual a carta que Vigotski escreve à Leontiev, em 23 de julho de 1929, na qual diz:

Devemos explicar que trabalhar com a Psicologia Histórico-Cultural não é brincadeira. Nem nos intervalos do trabalho, nem ao longo de uma série de outros trabalhos [...]. Eu ficarei feliz se nós pudermos alcançar a máxima clareza e precisão nesta matéria. Estou contando firmemente com sua iniciativa e papel para garantir isto (apud, Silva, 2013, p. 65).

Vigotski contava com vários os pesquisadores para esta tarefa. Ao propor uma psicologia marxista, comprometida com o socialismo, ou seja, uma psicologia revolucionária que contribuísse tanto para a emancipação da sociedade quanto do ser humano, era de se esperar que isso fosse, e continua sendo, um grande desafio. Por conta disso, houve divergências e

diferenças em alguns momentos entre, principalmente, Vigotski e Leontiev¹, mas não podemos afirmar que isto indica um rompimento, desconsiderando todo o contexto político-econômico dos anos 1930/40 na URSS, visto que ambos estavam comprometidos com o mesmo fim: a construção de uma psicologia de base materialista histórico-dialética. Com o objetivo de seguir buscando mais enlaces do que dicotomias, ainda na luta pela construção de uma Psicologia Geral, gostaríamos de demarcar que nesta pesquisa utilizaremos a Troika, tendo Leontiev como um dos continuadores² de Vigotski, além de utilizarmos também pesquisadores e pesquisadoras da contemporaneidade.

Porém, mesmo com a introdução do materialismo histórico-dialético no âmbito da psicologia, ainda hoje, como apontam Martins e Carvalho (2016), os dualismos existem e consideram os afetos em detrimento do cognitivo e vice-versa. Nota-se, então, que os dualismos na psicologia não foram superados e que é necessário dar continuidade ao legado dos precursores da Psicologia Histórico-Cultural, buscando a superação desta dicotomia a partir do método. Esta metodologia reflete os movimentos dos processos humanos e sociais, visa compreender a totalidade da realidade e suas relações de interdependências (Martins, 2008).

¹ Compreendemos que o processo de pesquisa e estudos, assim como o processo de desenvolvimento, não é linear, pressupõe idas e vindas, e isso aconteceu na trajetória de construção da Psicologia Histórico-Cultural, pois não se trata de uma transposição mecânica de método de Marx para a Psicologia, mas uma construção essencialmente criativa e criadora. Vigotski também nos demonstra em seu percurso enquanto pesquisador que não cabe apenas tecer críticas às teorias ocidentais, mas também as que se propõem marxistas, e à própria Psicologia Histórico-Cultural quando for preciso, não se tratando de críticas pessoais, mas com o compromisso metodológico, como ele explica no texto *O significado histórico da crise na psicologia*, escrito em 1927. Também neste escrito, o autor apresenta seu objetivo em construir uma Psicologia Geral, que ao invés de descartar por completo determinado autor ou teoria, realizou uma análise crítica superadora, para construir as bases para a nova Psicologia. Negar os primeiros conteúdos, para que a partir destes e contra eles se construa o novo, é o movimento real da pesquisa que aconteceu com Marx, Vigotski, Leontiev, Luria, etc. Assim, em nossa compreensão, também visando a construção de uma Psicologia Geral, entendemos que os estudos de Leontiev não devem ser descartados.

² Silva (2022) sugere algumas bibliografias que defendem o não rompimento entre Vigotski e Leontiev, a autora destaca as seguintes:

Almeida, S. H. V. Psicologia histórico-cultural da memória. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

Duarte, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. Cadernos Cedes, Campinas, v. 62, n. 24, p. 44-63, abr. 2004.

Duarte, N. A teoria da atividade como abordagem para a pesquisa em educação. Perspectiva, Florianópolis, v. 2, n. 20, p. 279-301, 2002.

Golder, M. (org.) Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Pedagógica; Xamã, 2004.

Shuare, M. La psicologia soviética tal como yo la veo. Moscú: Editorial Progreso, 1990.

Tunes, E.; Prestes, Z. Vigotski e Leontiev: ressonâncias de um passado. Cardemos de Pesquisa, v. 39, n. 139, p. 285-314, abr. 2009.

Além desses citados por Silva (2002), indicamos também:

Silva, R. L. Leontiev e natureza social do psiquismo: das lacunas no texto à totalidade na história. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, 2013.

Conforme explica Martins (2008), foi Heráclito (530-428 a.C) quem trouxe à tona as elaborações sobre a lógica dialética (*dialektiké*) que se refere em debater/conversar destacando as contradições presentes no diálogo do outro interlocutor, com o objetivo de ambos superarem suas contradições até chegarem numa verdade. Este pensador considerava os movimentos das ideias e a transformação constante dos fenômenos, afirmando que “nenhum homem poderá banhar-se duas vezes nas águas do rio, porque nem o homem e nem o rio serão mais os mesmos” (Martins, 2008, p. 52). Em seu tempo, as suas ideias não receberam a atenção que devia, mas posteriormente foram resgatadas por Hegel (1770-1831).

Hegel recuperou o debate da lógica dialética, que tem como fundamento o movimento e a transformação das ideias, e a partir de uma dialética idealista, o autor considerava que o real era a manifestação do ideal. Porém, Marx postulou que a filosofia de Hegel estava de ‘cabeça para baixo’ e, portanto, realizou uma inversão materialista, ou seja, para Marx a consciência (ideal) é reflexo do real, parte da materialidade (Marx, 1843/2010; Martins, 2008). Esta realidade material não é considerada imutável, mas trata-se de uma matéria em constante transformação, a realidade objetiva é resultado de uma história de mudanças, que acontecem *na* e *pela* relação ativa do homem na natureza, este processo histórico de transformações engloba tanto a vida individual como social (Martins, 2008).

Por meio desses processos de transformação entre o homem e a natureza que o ser humano se desenvolveu. A evolução humana teve seu ponto de virada com a mudança para o *Homo Sapiens*, pois, neste período, o desenvolvimento humano passou a ser regido primordialmente pelas leis sociais e históricas. Isto não significa que a evolução biológica estagnou, mas que as mudanças biológicas não se alteraram notavelmente, indicando que a base biológica humana possibilita o desenvolvimento por meio das leis sócio-históricas e o ser humano deixa de subordinar-se mecanicamente às leis biológicas, mas se forma e transforma enquanto ser social e histórico (Vigotski, 1930/2004; Leontiev, 1978; Martins, 2008).

Todo este desenvolvimento ocorreu por conta da relação entre o homem e a natureza. Esta relação dialética é denominada de trabalho, entendido como uma atividade humana, que medeia a relação entre o homem e a natureza e o homem com os outros homens. O trabalho é essencial para o processo de humanização, é por meio dele que se desenvolvem as condições para a própria sobrevivência e de seus descendentes, sendo, portanto, uma atividade *vital* humana, pois o processo de trabalho possibilita que “o homem por meio de sua própria ação medeia e regule seu próprio metabolismo em relação com a natureza [...] ao atuar, por meio desse movimento sobre a natureza externa a ele e ao modifica-la, ele modifica ao mesmo tempo sua própria natureza” (Marx, 1989, p. 149, apud Martins, 2008, p. 43).

É através do trabalho que o homem é capaz de produzir os bens materiais e intelectuais, como a ciência, a cultura e a arte. Com o desenvolvimento da sociedade de classes, tem-se a divisão do trabalho entre o físico e o intelectual. Esta divisão é intensificada no início da industrialização e isto reflete na personalidade humana, que se torna subdivida (Leontiev, 1978; Vigotski, 1930/2004). Com isso, se rompe com a possibilidade de desenvolvimento de um homem livre e completo, o potencial de desenvolvimento humano se torna unilateral, por se transformarem em extensões das máquinas para a produção de mais-valia. Apesar de todo o desenvolvimento dos meios produtivos e dos instrumentos, entendidos como a objetivação do trabalho, que colocou a humanidade em um patamar mais alto, também tem conduzido a uma degradação humana (Vigotski, 1930/2004).

Tais pressupostos apontados pela Psicologia Histórico-Cultural destacam a necessidade de não descolar os processos de sofrimento e adoecimento dos modos como os seres humanos se organizam socialmente para reprodução da vida social e individual. O trabalho assalariado, como hoje se apresenta na sociedade, o qual aliena o trabalhador, em vez de promover desenvolvimento saudável e pleno, acaba por produzir processos de sofrimento e adoecimento. Defende-se, com base na abordagem assumida nesta pesquisa que é impossível compreender a gênese e o desenvolvimento das formas como os seres humanos hoje sofrem e adoecem, buscando somente em seu corpo biológico ou em seu psiquismo, ambos apartados das relações sociais de produção vigentes no estágio atual do capitalismo.

O homem, que é regido principalmente pelas leis sociais-históricas, não deveria mais se submeter a luta pela sobrevivência, as pessoas deveriam conseguir satisfazer suas necessidades sem precisar, por exemplo, passar fome, pois no momento histórico em que vivemos, já é possível que nenhuma pessoa passe fome. No entanto, isso ainda é uma realidade no sistema capitalista, onde as necessidades mais básicas da maioria das pessoas não são supridas. Tais desigualdades entre os homens não decorrem de um processo biológico, mas sim em virtude da divisão social do trabalho (divisão de classes sociais – trabalhadores e proprietários). Com o trabalho assalariado a força de trabalho se transforma em mercadoria, o trabalhador é obrigado a vendê-la para garantir sua sobrevivência e este processo faz com que o homem se aliene em relação ao produto de seu próprio trabalho, em relação a si mesmo e aos outros (Leontiev, 1978).

As classes sociais se encontram em patamares distintos em relação ao desenvolvimento cultural, nem todos os sujeitos inseridos nestas estão na mesma condição, o que faz com que alguns indivíduos (singularidade) tenham menor acesso ao universal, que remete aos bens

materiais e conhecimentos intelectuais produzidos pelo gênero humano no decorrer da história. O acesso ao universal tem como mediação a particularidade, sendo esta a sociedade da qual condiciona, mas não determina como a universalidade irá ser construída e concretizada na singularidade (Tuleski, 2011; Oliveira, 2005; Pasqualini e Martins, 2014).

Vigotski, Luria e Leontiev, ao elaborarem a Psicologia Histórico-Cultural, se pautaram em estudar como se dá o desenvolvimento humano revelando em seus estudos que a intenção não é a de adaptar os indivíduos para viverem passivos em sociedade, mas sim a de promover a transformação. Cabe lembrar que o momento histórico em que os autores estavam pesquisando foi marcado por transformações concretas, pois havia um processo revolucionário de transformação da sociedade, de eliminação das classes sociais, eliminando a propriedade privada dos meios de produção em termos econômicos e nos aspectos políticos de tomada de decisão por aqueles que produziam as riquezas. Mesmo que tal processo não tenha se concluído por completo, havia um horizonte posto de possibilidade de superação da alienação que deriva da divisão social do trabalho pela eliminação das classes. Neste período, as pessoas estavam de fato “ativas” e mais conscientes de seu papel histórico no processo de transformação.

Estudar e pesquisar sobre Psicologia Histórico-Cultural hoje implica levar em conta o momento histórico em que estamos vivenciando. Atualmente, a impermeabilidade dos processos de alienação sustentados pelas ideologias burguesas desenvolve barreiras quase intransponíveis para que a classe explorada, que é mais numerosa, se compreenda como capaz de ser protagonista numa transformação radical do modo de produção. Com base no método, sabe-se que há sempre movimento, os sofrimentos em boa parte tem sua gênese nos modos e formas como as relações de produção, como base e sua superestrutura – processos de alienação e ideologias –, desenvolvem a consciência dos seres singulares e conformam suas personalidades, seu ser concreto no mundo social. Ao entender que as formas de sofrer se expressam sobre a base da organização capitalista, percebe-se que a luta de classes não está somente nas ruas e nas relações de trabalho, mas também no campo das teorias e ideias que tendem a camuflar tal relação.

Durante a pesquisa será utilizado o termo sofrimento psicossomático ao invés de ‘doença’ ou ‘transtorno’, pois, assim como Almeida (2018), entendemos que esses termos carregam um viés médico. Além disso, desde a IV Conferência Nacional de Saúde-Mental que o termo sofrimento psíquico vem sendo adotado, com o objetivo de menor estigmatização das pessoas, portanto, se fala em ‘pessoa em sofrimento psíquico’. Considera-se o sofrimento como,

[...] um processo produzido na dinâmica da vida de uma pessoa – que vive num dado lugar, com certas relações interpessoais, que tem determinada

atividade e rotina cotidiana, com certas necessidades, interesses e problemas – e que produz obstruções nos seus "modos de andar a vida" (Almeida, 2018, p. 58).

A autora também explica que uma das características de um sofrimento é o mal-estar, desconforto e dor, e na psicossomatização, essa dor, mal-estar e desconforto se concretizam no corpo, deixando a pessoa por vezes incapacitada de seguir seus 'modos de andar a vida'.

A palavra psicossomática (em grego, psique=mente e somático=corpo) surgiu no século XX, momento em que se buscava compreender as interpelações entre o corpo e a mente nos processos de adoecimento. René Descartes (1596-1650), foi um dos filósofos que estabeleceu uma dicotomia entre alma (mente, conteúdo pensante) e corpo, considerando que a alma existiria sem a relação corpórea. Já Baruch Spinoza (1632-1677), chega a afirmar a impossibilidade da separação mente-corpo (Mendonça, 2006).

Como exposto no início, esta pesquisa visa compreender o sofrimento psicossomático a partir da Psicologia Histórico-Cultural, objetivando contribuir com os estudos sobre os processos de saúde-doença, possibilitando novas hipóteses de entendimento desse sofrimento e formulando princípios para possíveis formas de intervenção a partir da Histórico-Cultural.

Para tanto, no primeiro capítulo foi apresentado uma revisão bibliográfica dos artigos de psicologia que tratavam do tema da psicossomática, buscando capturar nos estudos atuais deste campo, que aspectos são tomados como relevantes nas abordagens teóricas que mais se destacam no estudo deste tema. Por isso, foi realizada uma análise quali-quantitativa dos artigos encontrados, com o objetivo de verificar o que foi produzido na área de psicologia em relação ao tema da psicossomática, identificando limites e avanços com base nas teorizações da Psicologia Histórico-Cultural.

No segundo capítulo, procurou-se sistematizar a periodização do desenvolvimento. O objetivo deste capítulo foi buscar a possível gênese dessa forma de sofrimento a partir do curso normal de desenvolvimento, sem descolar da materialidade da sociedade vigente. Ainda, no decorrer do segundo capítulo, enfatizou-se a constituição dos sistemas interfuncionais no decorrer do desenvolvimento, destacando a unidade objetivo-subjetivo. Partindo do que foi elaborado no primeiro e segundo capítulo, o terceiro se ateve nas unidades mente-corpo e afeto-cognição e suas contribuições para pensar o sofrimento psicossomático, tomando como eixo a dinâmica consciente-inconsciente.

CAPÍTULO 1: ESTUDOS EM TORNO DA PSICOSSOMÁTICA NO CAMPO DA PSICOLOGIA

“O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo”

(Baruch Espinosa, 1677).

O objetivo principal desta pesquisa é levantar possíveis caminhos para compreensão, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, do sofrimento psicossomático. Mas, antes disso, se tem uma etapa fundamental, que é a revisão bibliográfica. O objetivo desta revisão é possibilitar uma visão geral de como o fenômeno da psicossomática está sendo abordado no campo da psicologia. Portanto, este primeiro capítulo se estrutura inicialmente apresentando os procedimentos utilizados para a revisão bibliográfica: seleção dos materiais bibliográficos e análise quali-quantitativa dos artigos selecionados.

1.1 Procedimentos da pesquisa bibliográfica

A primeira etapa da pesquisa bibliográfica se iniciou na 1ª semana de abril de 2020, na base de dados *Google Acadêmico*, e os cruzamentos de palavras-chave foram os seguintes: Psicossomática ou Psicossomatização; Psicossomática ou Psicossomatização + Psicologia; Psicossomática ou Psicossomatização + Medicina; Psicossomática ou Psicossomatização + Medicina + Psicologia; Psicossomática ou Psicossomatização + Psicologia Histórico-Cultural; Psicossomática ou Psicossomatização + Luria; Psicossomática ou Psicossomatização + Psicologia Histórico-Cultural + Luria; Psicossomática ou Psicossomatização + Vygotsky³; Psicossomática ou Psicossomatização + Psicologia Histórico-Cultural + Vygotsky; Psicossomática ou Psicossomatização + Vygotsky +Luria +Psicologia Histórico-Cultural.

Em alguns, por apresentarem muitos resultados, foi adicionado também o período de 5 anos (2015 – 2020), apesar de que quanto mais específicas as palavras-chaves utilizadas, o recorte por período se tornou desnecessário. O resultado quantitativo dessa pesquisa foi organizado em tabela (apêndice A). Após uma análise, foi selecionado os cruzamentos que mais se identificavam com o tema da pesquisa, que foram: Psicossomática ou Psicossomatização + Psicologia Histórico-Cultural; Psicossomática ou Psicossomatização + Luria; Psicossomática

³ Em todas as pesquisas com o nome Vigotski foram utilizadas as quatro variações: Vigotski; Vygotski; Vigotsky e Vygotsky.

ou Psicossomatização + Psicologia Histórico-Cultural + Luria; Psicossomática ou Psicossomatização + Vygotsky; Psicossomática ou Psicossomatização + Psicologia Histórico-Cultural + Vygotsky; Psicossomática ou Psicossomatização + Vygotsky +Luria +Psicologia Histórico-Cultural.

Com as palavras-chaves definidas, iniciou-se, na 2ª semana de abril de 2020, a elaboração de um quadro com as referências encontradas. Ao elencar cada uma das referências do cruzamento entre: Psicossomática ou Psicossomatização + Psicologia Histórico-Cultural, foi observado que grande parte se tratava de teses, dissertações e monografias e que as palavras apareciam desconectadas uma das outras, por conta da base de dados *Google Acadêmico* selecionar uma variada gama de produções, até livros de outras áreas do conhecimento⁴. Isso se repetiu também nos resultados dos cruzamentos Psicossomática ou Psicossomatização + Luria. Após a análise, foi elaborada uma tabela apenas com os resultados dessas duas combinações de palavras-chaves (apêndice B) e a base de dados para a pesquisa teve que ser reformulada.

Com a nova reformulação, iniciou-se na 3ª semana de abril de 2020 as pesquisas nas bases de dados *Scielo (Scientific Eletronic Library Online)*, *Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde)* e *Medline (National Library of Medicine)*.

Na base de dados *Scielo*, utilizou-se os seguintes descritores: Psicossomatização ou Psicossomática; Psychosomatization or Psychosomatic; Psicossomatização ou Psicossomática + Psicologia Histórico-Cultural; Psicossomatização ou Psicossomática + Luria; Psicossomatização ou Psicossomática + Vigotski; Psychosomatization or Psychosomatic + Luria; Psychosomatization or Psychosomatic + Vigotski; Psicossomatização ou Psicossomática + Psicologia; Psicossomatização ou Psicossomática + Psychology; Psicossomatização ou Psicossomática + Medicina; Afeto ou afetividade + Vigotski; Intelecto ou cognição + Vigotski; Psicofísico + Luria; Corpo + Luria; Mente ou cérebro + Luria; Neuropsicologia + Luria.

Na base de dados *Lilacs*, foram pesquisados os seguintes descritores: Psicossomatização ou Psicossomática; Psicossomatização ou Psicossomática + Psicologia Histórico-Cultural; Psicossomatização ou Psicossomática + Luria; Psicossomatização ou Psicossomática + Vigotski; Psicossomática + Psicologia; Psicossomatização ou Psicossomática + Medicina; Afeto ou afetividade + Vigotski; Intelecto ou cognição + Vigotski; Psicofísico + Luria;

⁴ Como por exemplo, uma tese do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática.

Psicofisiologia + Luria; Corpo + Luria; Mente ou cérebro + Luria; Neuropsicologia + Luria; Mente ou cérebro + Corpo + Luria; Mente ou cérebro + Vygotsky; Psicofisiologia + Vygotsky.

Na base de dados *Medline*, os cruzamentos de palavras-chaves foram: Mente ou cérebro + Luria; Psicossomatização ou Psicossomática + Luria; Psicofisiologia + Luria; Corpo + Luria; Mente ou cérebro + Corpo + Luria; Neuropsicologia + Luria; Psicologia + Medicina + Luria; Vigotski; Vygotsky + Cognição; Mente ou cérebro + Vygotsky; Corpo + Vygotsky; Psicofisiologia + Vygotsky.

Os resultados quantitativos de todos esses cruzamentos realizados na base *Scielo*, *Lilacs* e *Medline*, foram organizados em uma tabela (apêndice C). A partir dos resultados obtidos, foram definidos 4 descritores que mais tem relação com o objeto da pesquisa, que foram: Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia; Psicofisiologia + Luria; Psicofisiologia + Vigotski; Neuropsicologia + Luria. Na 4ª semana de abril de 2020, essas quatro combinações foram aplicadas nas três bases de dados, e a partir dos resultados foram selecionados os resumos de artigos completos em português. Ao adicionar os resumos tem-se por objetivo verificar de forma geral o que cada artigo trata, facilitando assim a seleção daqueles que abordam a temática de modo sistemático e não periférico, para serem lidos e fichados.

Durante a seleção, na base de dados *Scielo*, foram descartados 04 artigos incompletos⁵ da combinação Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia e 01 artigo incompleto da combinação Neuropsicologia + Luria. Na base de dados *Lilacs*, foram descartados da pesquisa Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia, 56 artigos incompletos, 14 monografias, 09 teses, 05 livros, 02 dissertações e 02 apresentações orais. Com a combinação Neuropsicologia + Luria, foram descartados 02 artigos incompletos e 01 tese. Na base de dados *Medline*, foram descartados 06 artigos incompletos e 01 tese, ambos como resultado da combinação entre: Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia.

Com todos os resumos de artigos completos em português das três bases de dados, foi possível verificar que na combinação entre: Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia havia 11 repetidos, entre Psicofisiologia + Vigotski, 01 repetido e 04 repetidos da combinação Neuropsicologia + Luria. A totalização de artigos completos em português foi: 60 da descrição Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia; 10 da descrição

⁵ Consideramos como artigos incompletos aqueles que: somente o resumo foi encontrado; somente o resumo era em português; inválidos pelo próprio site; e artigos pagos.

Neuropsicologia + Luria; 02 da descrição Psicofisiologia + Luria; 01 da descrição Psicofisiologia + Vygotsky. A somatória geral encontrada foi de 73 artigos.

Na última semana de abril de 2020, foi realizada a exclusão e inclusão dos artigos. A tabela dos artigos excluídos e o critério de exclusão resultante das combinações: Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia; Psicofisiologia + Vigotski; Neuropsicologia + Luria; Psicofisiologia + Luria e Psicofisiologia + Vygotsky) estão no Apêndice D.

Da combinação Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia foram 25 artigos excluídos e 35 aceitos. Com a leitura dos resumos dos artigos alguns já foram excluídos, por tratar de validação de testes, considerado um dos critérios de exclusão. Além disso, foi verificado se o artigo tratava dos temas principais: psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia, neste processo os artigos foram abertos na íntegra e a palavra “psicossomática” pesquisada. Com isso, foi possível excluir os artigos que apenas citavam a palavra e não tratavam do assunto e os artigos que tratavam da psicossomática de modo marginal, com a finalidade de complementar o entendimento de outro tema, não discorrendo muito sobre ela. Em alguns artigos a palavra “psicologia” também foi pesquisada, com a finalidade de verificar se este tema também estava presente nos artigos. Os artigos que apenas citavam “psicologia” sem discorrer sobre o assunto também foram excluídos. Cabe pontuar que a leitura completa de todos os artigos não foi realizada neste estágio de exclusão e inclusão, o que não certifica que 100% dos artigos excluídos realmente não trariam contribuições sobre o assunto da Psicossomática e Psicologia. Entretanto, mais da metade dos artigos foram aceitos, possibilitando uma compreensão substancial sobre como o assunto vem sendo trabalhado. O processo de aceite dos artigos da combinação Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia, ocorreu através da leitura dos resumos, os artigos que deixavam explícitos que tratariam da psicossomática e da psicologia foram aceitos. Além disso, alguns artigos, em que a verificação não foi possível somente com a análise do resumo se tratavam ou não do tema, foram verificados na íntegra, e as palavras “psicologia” e “psicossomática” foram pesquisadas. Com isto, foi possível identificar se tais palavras não foram apenas citadas de forma isolada. O critério de inclusão foi os artigos que perpassavam sobre o tema da psicologia e psicossomática e exclusão, os que apenas citavam “psicologia” e/ou “psicossomática” ou travam sobre o tema de forma secundária. Para melhor visualização foi elaborada a tabela a seguir:

Tabela 1 – Artigos aceitos da descrição: psicossomática (ou psicossomatização) + psicologia.

Artigos incluídos: Autor (es) /Autora (s) – título – ano	Critério de inclusão
Laís Di Bella Castro Rabelo, Julie Micheline Amaral Silva. Trabalho e Adoecimento Psicossomático: Reflexões sobre o Problema do Nexo Causal, 2018.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Roselaine Fernanda BarbosaCláudia Aparecida Marchetti Duarte, Laise Potério dos Santos. Psicossomática, Gestação e Diabetes: Um Estudo de Caso, 2012.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Josiane Bocchi, Paola Salinas, Ricardo Gorayeb. Ser mulher dói: Relato de um caso clínico de dor crônica vinculada à construção da identidade feminina, 2003.	Aborda sobre psicossomática e psicologia.
Cassiano Lara de Souza Coelho, Lazslo Antonio Ávila. Controvérsias sobre a somatização, 2007.	Aborda sobre psicossomática e psicologia.
Vinícius Renato Thomé Ferreira, Marisa Campio Müller, Hericka Zogbi Jorge. Dinâmica das relações em famílias com um membro portador de dermatite atópica: Um estudo qualitativo, 2006.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Juliana Pereira Landim Clemente, Rodrigo Sanches Peres. Funcionamento psíquico e manejo clínico de pacientes somáticos: Reflexões a partir da noção de dasafetação, 2010.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Hericka Zogbi J. Dias, Rachel Rubin, Alessandro Valério Dias, Gabriel José Chittó Gauer. Relações visíveis entre pele e psiquismo: Um entendimento psicanalítico, 2007.	Aborda sobre psicossomática e psicologia.
Miguel Antônio de Mello Silva, Marcos de Souza Queiroz. Somatização em migrantes de baixa renda no Brasil, 2006.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Lazslo Antônio Ávila, João Ricardo Terra. Histeria a somatização: o que mudou?, 2010.	Aborda sobre psicossomática e psicologia.
Maria Stella Tavares Filgueiras, Aline Vilhena Lisboa, Raphael Modesto de Macedo, Flávia Gomes de Paiva, Tânia Mara Silva Benfica, Vanessa Azevedo Vasques. Avaliação psicossomática no câncer de mama: proposta de articulação entre os níveis individual e familiar, 2007.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Gabriela Bruno Galván, Maria Lúcia Toledo Moraes Amiralian. Corpo e identidade: reflexões acerca da vivência de amputação, 2009.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.

<p>Juliana Dors Tigre da Silva, Marisa Campio Müller. Uma integração teórica entre psicossomática, estresse e doenças crônicas de pele, 2007.</p>	<p>Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.</p>
<p>Vera Lucia Pereira Alves, Daniela Dantas Lima, Carlos Roberto Soares Freire de Rivorêdo, Egberto Ribeiro Turato. Emoção e soma (des)conectadas em páginas de revista: as categorias temáticas do discurso prescritivo sobre os fenômenos da vida e da doença, 2013.</p>	<p>Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.</p>
<p>Doris Rinaldi, Roseane Freitas Nicolau, Claudia Escórcio Gurgel do Amaral Pitanga. Do fenômeno psicossomático ao sintoma: a aderência do sujeito ao diagnóstico médico e o trabalho analítico, 2013.</p>	<p>Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.</p>
<p>Adriana Campos de Cerqueira Leite, Joyce Gonçalves Freire, Mário Eduardo Costa Pereira e Tatiana Carvalho Assadi. O menino e o efeito pirilampo: Um estudo em psicossomática, 2003.</p>	<p>Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.</p>
<p>Rafaela Brandão Alves; Deise Matos Amparo; Daniela Scheinkman Chatelard. Psicossomática: um fenômeno entre o saber e o gozo, 2019.</p>	<p>Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.</p>
<p>Lucas Nápoli dos Santos, Carlos Augusto Peixoto Junior. O Adoecimento Somático em Ferenczi, Groddeck e Winnicott: uma Nova Matriz Teórica, 2019.</p>	<p>Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.</p>
<p>André Green. Pulsões de destruição e doenças somáticas, 2019.</p>	<p>Aborda sobre psicossomática e psicologia.</p>
<p>Celi Helena Passos, Ricardo Alves De Lima. A contribuição da calatonia como técnica auxiliar no tratamento da fibromialgia: possibilidades e reflexões, 2017.</p>	<p>Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.</p>
<p>Cristine Monteiro Mattar, Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, Ana Luiza das Chagas Aleixo, Carolina Labanca Marcondes Gomes, Nathalia Correa Aizman, Paula Zanuto Maués. Da tradição em Psicossomática às Considerações da Daseinsanálise, 2016.</p>	<p>Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.</p>
<p>Vera Lucia Pereira Alves, Daniela Dantas Lima. Percepção e Enfrentamento do Psicossomático na Relação Médico-Paciente, 2016.</p>	<p>Aborda sobre psicossomática e psicologia.</p>
<p>Rubens M. Volich. Mitologias: perspectivas clínicas dos movimentos de integração e desintegração, 2013.</p>	<p>Aborda sobre psicossomática e psicologia.</p>

Daniel Magalhães Goulart, Manoel Antônio dos Santos. Corpo e palavra: grupo terapêutico para pessoas com transtornos alimentares, 2012.	Aborda sobre psicossomática e psicologia.
Cristina Lindenmeyer. Qual é o estatuto do corpo na psicanálise? 2012.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Rodrigo Sanches Peres, Manoel Antônio dos Santos. O conceito de psicose atual na psicossomática psicanalítica de Joyce McDougall, 2010.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Waldemar José Fernandes. Saúde mental: uma visão vincular, 2009.	Aborda sobre psicossomática e psicologia.
Admar Horn. Construções em psicossomática psicanalítica, 2008.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Neme, Carmem Maria Bueno; Dameto, Cristiane Araújo; Azevedo, Guilherme M. Guedes de; Fonseca, Mariane da Silva. Implicações do vínculo mãe-criança no adoecimento infantil: revisão de literatura, 2008.	Aborda sobre psicossomática e psicologia.
Edna Pereira Vilete. O corpo e os Demônios da loucura: sobre a teoria psicossomática de Winnicott, 2008.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Flávio Carvalho Ferraz. A tortuosa trajetória do corpo na psicanálise, 2007.	Aborda sobre psicossomática e psicologia.
Andrea Castelli, Maria Júlia Paes da Silva. Faz isso, faz aquilo, mas eu tô caindo: compreendendo a doença de Crohn, 2007.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Paulo T. L. Fontes Neto, Magda B. Weber, Suzana D. Fortes, Tânia F. Cestari. A dermatite atópica na criança: uma visão psicossomática, 2005.	Aborda sobre psicossomática e psicologia.
Fernanda Silva Hoffmann; Hericka Zogbi; Patrícia Fleck; Marisa Campio Müller. A integração mente e corpo em psicodermatologia, 2005.	Aborda sobre psicossomática e psicologia
Denice Bortolin Baseggio. Psicossomática na infância: uma abordagem psicodinâmica, 2012.	Aceito pela leitura do resumo - Perpassa sobre os temas da psicossomática e psicologia.
Maria da Graça de Castro, Tânia M. Ramos Andrade, Marisa C. Muller. Conceito Mente e Corpo através da história, 2006.	Aborda sobre psicossomática e psicologia

Na descrição Neuropsicologia + Lúria foram 08 artigos excluídos e 02 aceitos. Dentre os artigos excluídos estavam os que tratavam de validação de testes, sendo identificados pelo resumo do artigo. Os outros foram verificados na íntegra e a palavra “neuropsicologia” foi

pesquisada, assim, foi possível ter uma ideia dos que tratavam do tema de forma marginal ou apenas citavam a palavra, sendo excluídos. Os artigos que tratavam do assunto, porém tendo como base uma outra perspectiva teórica que não a Psicologia Histórico-Cultural também foram excluídos. Os artigos selecionados perpassavam sobre o tema com base na Psicologia Histórico-Cultural. Importante frisar que os artigos não foram lidos na íntegra durante esta etapa de seleção, a seguir a tabela com os critérios de inclusão:

Tabela 2 – Artigos aceitos da descrição: Neuropsicologia + Luria

Artigos incluídos: Autor (es) /Autora (s) – título – ano	Critério de inclusão
Joana de Jesus de Andrade, Ana Luiza Bustamante Smolka. Reflexões sobre desenvolvimento humano e neuropsicologia na obra de Vigotski, 2012.	Aborda sobre Neuropsicologia e Luria com base na Psicologia Histórico-Cultural.
Marta Kohl de Oliveira, Teresa Cristina Rego. Contribuições da perspectiva Histórico-Cultural de Luria para a pesquisa contemporânea, 2010.	Aborda sobre Neuropsicologia e Luria com base na Psicologia Histórico-Cultural.

Já das combinações entre Psicofisiologia + Luria foram 2 excluídos e 0 aceitos e na combinação Psicofisiologia + Vigotski foram 1 excluído e 0 aceito. A somatória geral foi de 37 artigos excluídos e 37 artigos aceitos. Os dois artigos aceitos, referentes à combinação entre Neuropsicologia + Luria, serão utilizados no terceiro capítulo, por não tratarem especificamente do sofrimento psicossomático. No decorrer da pesquisa, o foco principal se manteve nos artigos selecionados da Tabela 1, por tratarem diretamente do tema da psicossomática e, por conta disso, os outros artigos selecionados não foram utilizados.

Na primeira semana e no início da segunda semana de maio de 2020, os 35 artigos aceitos, referentes à combinação dos descritores Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia, foram organizados a partir dos subtópicos, tendo como objetivo identificar o panorama geral dos estudos dessa temática: Referência; Objetivo; Metodologia; Referencial teórico; Resultados obtidos; Conceito de psicossomática (apêndice E), apenas com as informações contidas nos resumos. Posteriormente, em outubro, foi adicionada mais informações em cada um desses tópicos, pois já havia sido realizada a leitura integral dos artigos. Os 35 artigos foram lidos e fichados entre maio e setembro. Além disso, foram coletados os seguintes dados: Ano da publicação do artigo; Região em que o artigo foi publicado; Região em que o artigo foi produzido; Área de formação dos(as) autores(as);

Especificidade da psicossomática; principais autores (as) utilizados como embasamento teórico no artigo.

1.2 Análise quali-quantitativa dos materiais selecionados

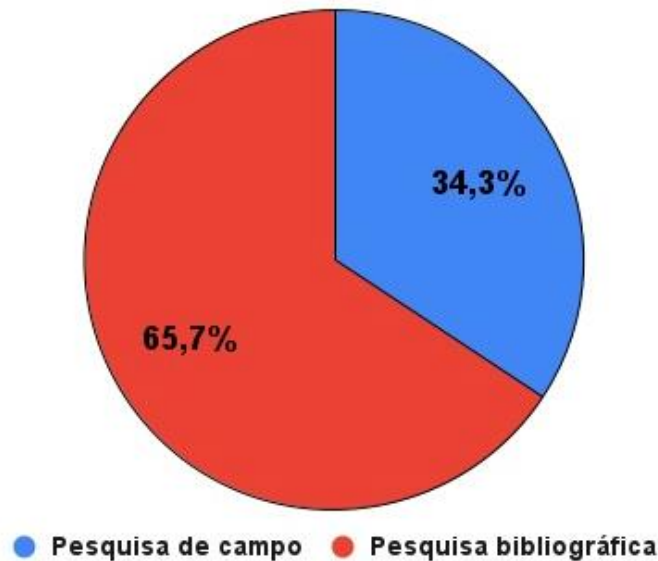
A análise será dividida em dois grupos, primeiro, com uma caracterização mais geral dos artigos (1.2.1) e segundo, sobre os conceitos de psicossomática apresentado nos artigos (1.2.2).

1.2.1 Caracterização geral dos artigos aceitos

Com base na coleta dos dados presentes nos artigos, foi possível elaborar os seguintes gráficos: Metodologia utilizada nos artigos selecionados; Classificação dos artigos por especificidade da psicossomática anunciada ou identificada; Classificação dos artigos por abordagem teórica anunciada ou identificada;

O primeiro gráfico apresenta as metodologias utilizadas nos 35 artigos analisados; por meio desses dados foi possível verificar quais as metodologias que os autores e autoras utilizaram para a apreensão do fenômeno psicossomático nos artigos de psicologia. O segundo gráfico refere-se à especificidade de psicossomática; esses dados foram apresentados em percentuais pontuando quais foram as principais especificidades da psicossomática tratadas nos artigos analisados. O último gráfico expõe quais foram os referenciais teóricos que guiaram os estudos realizados e tratados nos artigos analisados. Abaixo de cada um desses gráficos há uma breve explicação e análise dos dados coletados. Apesar de mais dados terem sido coletados no processo de fichamento, como: região em que o artigo foi publicado, região em que foi produzido e área de formação dos autores (as), optou-se pelos dados que apresentam uma visão geral, um mapeamento referente ao conteúdo dos artigos. Neste sentido, compreende-se que com estas informações, foi possível contemplar o objetivo de apreender como a psicossomática vem sendo debatida, identificando quais sofrimentos estão sendo analisados como psicossomáticos e a partir de quais referenciais teóricos.

Foi elaborado o seguinte gráfico para melhor observarmos as metodologias de análise utilizada nos artigos.

Gráfico 1 - Metodologia utilizada nos artigos selecionados

Fonte: elaborado pela autora com base nos artigos selecionados (2020).

Que correspondem aos seguintes artigos:

Tabela 3 – Metodologia utilizada nos artigos.

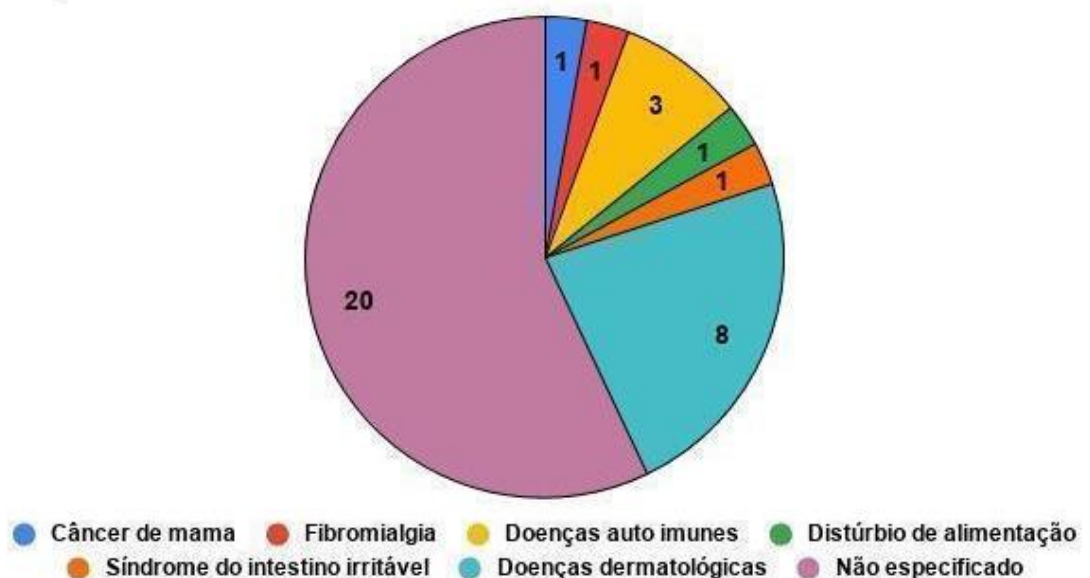
Artigos que correspondem à pesquisa bibliográfica:	Hoffman et al. (2005); Silva e Muller (2007); Dias et al. (2007); Baseggio (2012); Castro, Andrade e Muller (2006); Ferraz (2007); Horn (2008); Vilete (2008); Coelho e Avila (2007); Fernandes (2009); Avila e Terra (2010); Lindenmeyer (2012); Alves et al. (2013); Volich (2013); Clemente e Peres (2010); Peres e Santos (2010); Mattar et. al. (2016); Green (2019); Alves, Amparo e Chatelard (2019); Santos e Junior (2019); Passos e Lima (2017); Goulart e Santos (2012); Neme, Dameto, Azevedo e Fonseca (2007);
Artigos de correspondem à pesquisa de campo:	Leite et al. (2003); Bocchi, Salinas e Gorayeb (2003); Fontes Neto et al. (2006); Ferreira, Muller e Jorge (2006); Barbosa, Duarte e Santos (2012); Rabelo, Silva e Lima (2018); Filgueiras et al. (2007); Castelli e Silva (2007); Silva e Queiroz (2006); Galvan e Amarilian (2009); Rinaldi, Nicolau e Pitanga (2013); Alves e Lima (2016).

A pesquisa bibliográfica é aquela que tem por objetivo principal familiarizar o pesquisador com aquilo que já foi escrito sobre o tema que ele pretende estudar. Esta pesquisa possibilita que o pesquisador devolva novas formas de abordar e enfocar determinado objeto, chegando à novas conclusões (Marconi & Lakatos, 2003). A porcentagem de artigos bibliográficos representado no gráfico equivale a 65,7 %.

Toda pesquisa de campo é precedida de uma pesquisa bibliográfica e o objetivo principal da pesquisa de campo é “conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles.” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 186). O tipo de pesquisa de campo que está incluída nos 12 artigos (referente à 34,3 %) apesar dos autores não denominarem o artigo como pesquisa do tipo exploratória, colocamos esta classificação por entender que a metodologia utilizada condiz com a metodologia de pesquisa exploratória. Segundo Marconi e Lakatos (2003), as pesquisas de campo exploratórias se dividem em três principais eixos, que são: os estudos exploratório-descritivos, estudos usando procedimentos específicos para coleta de dados, e estudos de manipulação experimental. Nos artigos analisados, foi verificado que eles correspondem à primeira especificidade de pesquisa de campo exploratória, ou seja, estes artigos utilizam por metodologia o estudo exploratório-descritivo, que consiste em pesquisas que tem por objetivo “(...) descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 188).

Com as especificidades da psicossomática tratada nos artigos, foi possível construir o seguinte gráfico:

Gráfico 2 - Classificação dos artigos por especificidade da psicossomática anunciada ou identificada



Fonte: elaborado pela autora com base nos artigos selecionados (2020).

Tais dados correspondem aos seguintes artigos:

Tabela 4 – Especificidade da psicossomática apresentada nos artigos.

A maior parte dos artigos, mais especificamente 20 dos 35 analisados (representados pelo gráfico em porcentagem 57,14%), não especificam um tipo de psicossomática	Castro, Andrade e Muller (2006); Silva e Queiroz (2006); Ferraz (2007); Horn (2008); Vilete (2008); Coelho e Avila (2007); Galvan e Amiralian (2009); Fernandes (2009); Avila e Terra (2010); Lindenmeyer (2012); Alves et al. (2013); Volich (2013); Rinaldi, Nicolau e Pitanga (2013); Clemente e Peres (2010); Peres e Santos (2010); Alves e Lima (2016); Mattar et. al. (2016); Green (2019); Alves, Amparo e Chatelard (2019); Santos e Junior (2019).
Os artigos que tratam da psicossomática no campo da dermatologia somaram 08 artigos (representados pelo gráfico em porcentagem 22,86%)	Leite et al. (2003); Bocchi, Salinas e Gorayeb (2003); Hoffmann et al. (2005); Fontes Neto et al. (2006); Ferreira, Muller e Jorge (2006); Silva e Muller (2007); Dias et al. (2007); Baseggio (2012).
Dentre as doenças autoimunes inclui-se lúpus, asma e diabetes, e somaram 03 dos artigos (representados pelo gráfico em porcentagem 8,57%).	Neme et al. (2007); Barbosa, Duarte e Santos (2012); Rabelo, Silva e Lima (2018).
04 artigos (representados pelo gráfico em porcentagem 11,43%) de cada uma das seguintes especificidades:	Neoplasia da mama (Câncer de mama): Filgueiras et al. (2007); Fibromialgia: Passos e Lima (2017); Distúrbio de alimentação: Goulart e Santos (2012); Síndrome do intestino irritável: Castelli e Silva (2007).

Como apresentado no gráfico, tem-se que a maior parte dos artigos tratam do sofrimento psicossomático no campo da dermatologia. Uma das hipóteses do porquê da maior parte dos estudos se referirem a questões de pele é que ela é o maior órgão dos sentidos humanos. Quando se aborda os sentidos/sensações é muito comum que se compreenda em suas cinco classificações básicas, que são: tato, olfato, paladar, audição e visão. Segundo Luria (1979b), tal classificação não é suficiente, o autor coloca que para uma resposta mais completa, a organização das sensações pode-se dar em dois princípios básicos: o princípio sistemático e o genético, em outras palavras, “pelo princípio da modalidade, por um lado, e pelo princípio da complexidade ou do nível de sua construção, por outro” (ibidem, p. 9). Após definidos estes dois grupos maiores, as sensações se dividem em três principais tipos, sensações interoceptivas, proprioceptivas e extraceptivas.

As primeiras se relacionam com as sensações menos conscientes, como por exemplo, o fluxo do sangue no corpo, as paredes do intestino, e outros órgãos viscerais. Este primeiro grupo também conserva relação com os estados emocionais, em relação a isso, Luria (1979b) explica que,

Situam-se entre as interoceptivas a sensação de fome, a “sensação de desconforto”, que pode surgir como sintoma inicial de doença dos órgãos internos, “a sensação de tensão” que surge com frustração de uma necessidade qualquer e a “sensação de calma” ou “conforto” que indica a satisfação das necessidades ou o desenvolvimento normal dos processos viscerais [...] em todos esses casos, as sensações interoceptivas se manifestam como o ponto intermediário entre as sensações autênticas e as emoções (p. 10).

Por conta dessa relação com as emoções, Luria (1979b) aponta a necessidade da Psicologia em se debruçar mais nesse tema de estudo, com o objetivo de melhor entender as manifestações subjetivas das sensações. Para o autor, “as sensações interoceptivas se manifestam como o ponto intermediário entre as sensações autênticas e as emoções” (p.10), tais sensações podem aparecer como formas de “pressentimentos” ou se manifestarem em sonhos como sensações primárias não-conscientes de algum adoecimento que pode vir a se desenvolver (Luria, 1979b). Nota-se, portanto, que as sensações interoceptivas se relacionam com os aspectos emocionais do indivíduo, mesmo que de forma não-consciente, a partir disso, o próprio Luria (1979b) alerta a importância de desse conhecimento, para o que na época se chamava “medicina psicossomática” e trataremos de modo mais aprofundado nos capítulos seguintes.

O segundo grupo, das sensações proprioceptivas, está relacionado com a posição e o movimento do corpo no espaço e desempenha um papel fundamental na regulação desses movimentos (Luria, 1979b). Já o terceiro e maior grupo, das sensações exteroceptivas, é o que permite que a informação do mundo externo chegue para a pessoa. Esta categoria se subdivide em sensações de contato (paladar, tato) e de distância (olfato, visão, audição), além dessas duas, o autor acrescenta mais duas categorias que são as sensações intermediárias ou intermodais, por exemplo, sensibilidade vibrátil e os tipos não específicos de sensação, por exemplo, fotossensibilidade da pele, ou seja, capacidade de identificar as matrizes de cores pela pele (Luria, 1979b).

Apesar dessa classificação didática, realizada pelo autor, para melhor compreender os componentes na sensibilidade, ele destaca que nem sempre os órgãos dos sentidos irão funcionar isoladamente. Luria (1979b p. 13) apresenta um esquema e pode auxiliar a visualizar melhor estes grupos:

- Sensações interoceptivas;

- Sensações proprioceptivas;
- Sensações exteroceptivas – de contato (paladar, tato) e de distância (olfato, visão, audição);

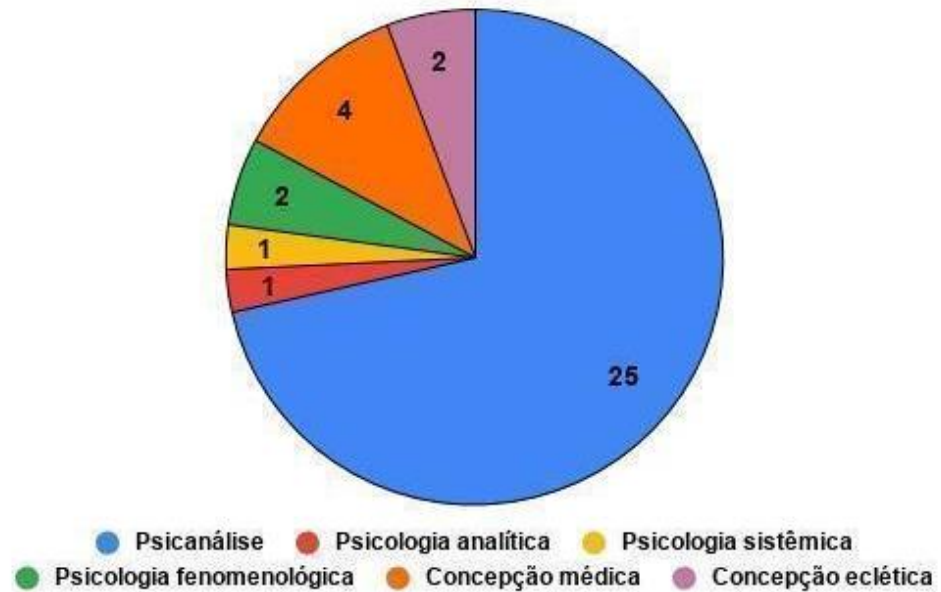
Paralelo a esta esquematização, Luria (1979b) acrescenta sobre os níveis de organização das sensações, o autor explica que:

[...] existe a classificação patético-estrutural, ou melhor existe uma relação com *diferentes níveis de organização* e a discriminação das sensações que surgem em diversas etapas da evolução e tem uma estrutura de complexidade variada.

Quando antes nos referimos às sensações interoceptivas, observamos o caráter primitivo e difuso que se manifestava na sua semelhança com os estados emocionais e no fato de que é difícil distribuí-las em categorias isoladas precisas. Passando às sensações exteroceptivas, tivemos oportunidade de observar também a diferença de complexidade destas. Assim as sensações olfativas e gustativas têm caráter bem mais subjetivo e conservam uma relação bem maior com os estados emocionais (a sensação do agradável e do desagradável) do que as sensações visuais (particularmente as auditivas) que refletem os objetos do mundo exterior, que podem ocorrer sem provocar obrigatoriamente problemas emocionais e têm caráter bem mais objetivo e diferenciado, refletindo a forma, as dimensões e a disposição espacial dos objetos que atuam sobre o homem. Por último as sensações táteis têm duplo caráter, englobando tanto componentes primitivos, semelhantes aos problemas emocionais (Ibidem, 1979b, p. 18, itálico do autor).

Nesta citação Luria (1979b) apresenta que a pele/tato, engloba também o caráter emocional. Tendo em vista que ela faz parte do terceiro grupo, que se relaciona diretamente com a realidade, estando mais exposta, podemos supor então que a manifestação de sofrimentos psicossomáticos pode ter relação com este aspecto das sensações captadas pela pele. Além disso, não podemos esquecer o caráter ainda muito empírico da ciência médica, pautado em dados da observação direta dos fenômenos, e que um sofrimento somático na pele talvez seja mais rápido de ser identificado do que por exemplo uma somatização em problemas gastrointestinais. Outra hipótese, também em relação à prevalência de estudos psicossomáticos de pele, é que a pele é mais exposta / visível, podendo incomodar mais as pessoas quando uma somatização se expressa nela, e assim indicar um aumento na busca por tratamento e consequentemente maiores pesquisas sobre esta especificidade.

Ainda na análise dos dados, foi possível construir um gráfico apresentando as abordagens utilizadas nos artigos.

Gráfico 3 - Classificação dos artigos por abordagem teórica anunciada ou identificada

Fonte: elaborado pela autora com base nos artigos selecionados (2020).

Tais dados correspondem aos seguintes artigos:

Tabela 5 – Classificação dos artigos por abordagem.

Autores e Autoras dos artigos que tem como referencial teórico a Psicanálise	Dias et al. (2007); Baseggio (2012); Castro, Andrade e Muller (2006); Ferraz (2007); Horn (2008); Vilete (2008); Fernandes (2009); Avila e Terra (2010); Lindenmeyer (2012); Volich (2013); Clement e Peres (2010); Peres e Santos (2010); Green (2019); Alves, Amparo e Chatelard (2019); Santos e Junior (2019); Goulart e Santos (2012); Neme et al. (2007); Leite et al. (2003); Bocchi, Salinas e Gorayeb (2003); Fontes Neto et al. (2006); Barbosa, Duarte e Santos (2012); Filgueiras et al. (2007); Castelli e Silva (2007); Galvan e Amiralian (2009); Rinaldi, Nicolau e Pitanga (2013).
Autores e Autoras dos artigos que apresentaram como referencial teórico a Psicologia Analítica	Passos e Lima (2017).
Autores e Autoras dos artigos que apresentaram como referencial teórico a Psicologia Sistêmica	Ferreira, Muller e Jorge (2006).
Autores e Autoras dos artigos que apresentaram como referencial teórico a Psicologia Fenomenológica	Mattar et. al. (2016); Alves e Lima (2016).

Autores e Autoras dos artigos que apresentaram uma compreensão Médica	Coelho e Avila (2007); Silva e Muller (2007); Rabelo, Silva e Lima (2018); Hoffmann et al. (2005).
Autores e Autoras dos artigos que apresentaram uma compreensão Eclética	Silva e Queiroz (2006); Alves et al. (2013).

O procedimento de identificação se deu a partir do que o artigo deixava explícito como referencial teórico. Alguns artigos, mais especificamente os que se referem à concepção médica e a concepção eclética, não colocaram de forma direta qual era o referencial teórico utilizado e, nesse caso, foi verificado quais autores (as) foram utilizados no artigo, a fim de identificar o referencial de base desses artigos. Por fim, foram classificados nessas duas categorias, a médica e eclética.

No que se refere aos 25 artigos psicanalíticos (em percentual 71,43 %), estão incluídos a psicanálise Winnicottiana, Lacaniana, Freudiana, e a psicanálise da Escola de Paris, que se refere à Pierre Marty e Joyce McDougall. Além disso, também foram incluídos os artigos da área da medicina e enfermagem que versavam sobre a psicanálise. O artigo de Psicologia Analítica apresenta como principal autor C. G. Jung; o referencial da Psicologia Sistêmica apresenta como principal autor J. Bowlby; e os artigos fenomenológicos apresentam como principal autor M. Heidegger.

Os artigos de base psicanalítica correspondem à maior parte dos artigos selecionados. Algumas hipóteses dessa prevalência pode ser pelo fato da Psicanálise ser uma abordagem antiga no campo da psicologia, sendo bastante disseminada e estudada; Outra hipótese é a relação da psicossomática com processos inconscientes, sendo o segundo um (ou o) principal conceito estudado pela Psicanálise e além disso, essa abordagem se constituiu teoricamente (especialmente por Freud) com os estudos da histeria, que tem no corpo formas de expressar os conflitos inconscientes, especialmente a histeria de conversão (como era conhecida na época), que se relaciona com a psicossomática no que diz respeito à expressão no corpo.

Vigotski (1996) teceu algumas considerações em torno da Psicanálise no capítulo *Significado histórico da crise da Psicologia*. Em linhas gerais, o autor aponta que a corrente da psicanálise baseia sua teoria no âmbito da lógica e não do método. Com isto, a sexualidade e inconsciente acabam se tornando o princípio explicativo geral para os fenômenos da realidade psíquica humana. Apesar disso, Vigotski (1996), pautado pelo método materialista histórico-

dialético levanta a importância de conhecer e estudar a teoria psicanalítica, nas palavras do autor:

[...] não significa de modo algum que os marxistas não devam estudar o inconsciente pelo mero fato de que as principais concepções de Freud contradizem o materialismo dialético. Pelo contrário, precisamente porque a psicanálise estuda seu objeto com base em meios impróprios, é necessário conquistá-la para o marxismo, estudá-la empregando os meios da verdadeira metodologia (Vigotski, 1996, p. 265).

Entende-se que mesmo que os artigos se distanciem da Psicologia Histórico-Cultural, no que tange a sua forma de análise dos fenômenos da realidade, eles irão contribuir para a construção de um entendimento em torno da psicossomática de base materialista histórico-dialética. Uma vez que as diversas abordagens tratam de fenômenos psicológicos, a análise materialista-histórica não prescinde das investigações realizadas a partir de outros referenciais, mas busca a partir destas investigações identificar as lacunas ou vieses cujos métodos empregados impediram alcançar a essência, muitas vezes mantendo-se na aparência fenomênica.

Dentre os artigos médicos, se destacam duas vertentes, a biomédica e a biopsicossocial. No que se refere à esta primeira vertente, há um maior privilégio dos tratamentos farmacológicos e, mesmo ao considerarem o aspecto relacional e social, questionam se “fatores genéticos podem modelar o efeito de riscos ambientais – por exemplo – algum fator genético predispõe o indivíduo a se expor a ambientes específicos?” (Neves e Corrêa, 2016, p. 61-62, apud Almeida, 2018, p. 94). Dessa maneira, posicionam o fator genético acima da relação que o meio social causa ao nexo biopsíquico. Por conta disso, ainda que mencionem o social, a consideração de múltiplos fatores para desencadear um sofrimento tem tido muitos estudos, porém, “ainda há uma priorização da perspectiva biologista, posto que nessa dimensão é possível intervir sem explicitar suas determinações mais profundas.” (Almeida, 2018, p. 97).

Em 1948, a Organização Mundial da Saúde (OMS) (apud Almeida, 2018) definiu saúde como um estado de bem-estar na esfera biológica, psíquica e social - biopsicossocial -. Este termo traz uma compreensão positiva de saúde, por não a considerar apenas como ausência (negativo) de doença. Uma análise a partir da perspectiva biopsicossocial considera os elementos isoladamente e depois os associam empiricamente, um ou outro aspecto pode aparecer com maior destaque como causador da ‘doença’. Essa vertente abre brechas para uma compreensão fracionada do sujeito e indica uma visão dicotomizada da realidade (Almeida, 2018). Importante destacar que apesar da OMS utilizar o conceito de biopsicossocial, esta

perspectiva começa a fazer parte da psicologia apenas no final da década de 70, tendo como precursor o médico psiquiatra George L. Engel (Marco, Cítero, Martins, 2007).

Os artigos incluídos na concepção eclética foram os que trouxeram sobreposição de teorias distintas como por exemplo Silva e Queiroz (2006) ao explicarem que “a perspectiva habermasiana realiza a síntese do funcional-estruturalismo, do interacionismo simbólico e do materialismo histórico” (p.32). E, portanto, foram consideradas ecléticas “as tentativas [...] de conjugar elementos heterogêneos, de natureza distinta e de diferentes origens científicas” (Vigotski, 1996, p. 252). Cabe destacar que as teorias pós-modernas foram incluídas na concepção eclética, como no caso do artigo Alves et al. (2013) ao utilizarem Foucault na análise⁶.

Como exposto anteriormente, os 35 artigos foram lidos na íntegra, fichados e organizados em tabelas. Por meio do item *conceito da psicossomática*, que compõe a tabela (apêndice E), e por sua análise, que será apresentada no item a seguir, foi possível verificar que as conceituações em torno da psicossomática perpassavam os seguintes conteúdos: Insuficiência psíquica; Díade mãe-bebê; Mente-Corpo e O papel da linguagem. Com isso, a análise também foi dividida nessas quatro categorias que constituirão os próximos subtópicos. Os artigos não tratavam de um fator em específico, aparecendo mais de um desses em um mesmo escrito, entretanto, como estes foram os que mais apareceram, foram separados desta forma.

Importante expor que, do nosso ponto de vista, todas as explicações levantadas na revisão bibliográfica não chegaram no cerne do fenômeno do sofrimento psicossomático. Isso não diz respeito ao mérito, boa ou má vontade das pesquisadoras e pesquisadores, mas trata-se de uma questão metodológica. Ora a explicação se encontra na díade mãe-bebê, ou na primeira infância, ora remete a incapacidade do sujeito, seja de racionalização ou adaptação, ou ainda, o problema se encontra ou na esfera interna ou externa. Cada concepção se apropria de determinados aspectos ou face do fenômeno para explicar sua totalidade, elencando um fator principal que irá determinar o desenvolvimento humano por completo.

Vigotski, nos livros *Obras escogidas IV Psicología infantil (2006)* e *7 aulas sobre os fundamentos da pedologia (2018)*, traz uma análise sobre as teorias do desenvolvimento de sua época, apontando que havia um ponto comum em todas elas, que justamente nos deparamos

⁶ Sugestão de leitura: Carlos Nelson Coutinho. *Estruturalismo e a miséria da razão*. posfácio de José Paulo Netto. --2. ed. -- São Paulo: Expressão Popular, 2010.

nos textos discutidos: uma metodologia pautada na lógica formal. A forma de análise não dialética exclui a possibilidade de ir à essência da explicação do fenômeno como um todo, articulando suas múltiplas determinações. Reduz a explicação ao que está aparente na realidade, não indo além do imediato. Porém, é papel da ciência superar as aparências e captar a essência dos fenômenos. Esse movimento só é possível se a metodologia de análise for dialética, caso contrário, haverá uma fragmentação nas explicações que não captam o movimento concreto do real, recaindo em teorias abstratas, descoladas da realidade. Não recair em explicações abstratas ou não aplicar a lógica materialista histórico-dialética de forma mecanicista é um desafio que tentaremos superar nesta pesquisa, com o objetivo de iniciar uma construção teórica Histórico-Cultural em torno da psicossomática.

Recapitulando, a intenção de agrupar estas concepções de estudos em torno da psicossomática foi para compreender o que já foi produzido sobre o assunto e, assim, construir, com base na Psicologia Histórico-Cultural, uma compreensão em torno deste tema de investigação. Esse movimento de estudar primeiramente o que está posto na realidade, no campo científico da psicologia, já foi realizado por Vigotski nos textos: *O significado histórico da crise da psicologia – uma investigação metodológica* (1996); *A construção do pensamento e da linguagem* (2000); *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia* (2018); entre outros. Esta forma de análise não se limita “[...] simplesmente a acumular material, mas o submete a um tratamento multiforme e multigradual, que permite agrupar e generalizar esse material criando teorias e hipóteses, que ajudam a interpretar com maior amplitude a realidade” (Vigotski, 1996, p. 244).

1.2.2 Análise dos conceitos de psicossomática apresentado nos artigos

Categorizar o conceito de psicossomática presente nos artigos, não foi uma tarefa fácil. Em nenhum dos artigos foi possível encontrar uma explicação do conceito de forma explícita. Por conta disso, o foco foi buscar compreender qual era o entendimento de psicossomática que os artigos traziam, ainda que de modo implícito e com dificuldades. Dos 35 artigos, 23 eram de revisão bibliográfica, o que corresponde a 65,7% da coleta e, geralmente, nestes artigos, por utilizarem diversos autores (as), foi complicado encontrar qual a compreensão geral de psicossomática, já que o artigo tinha por objetivo apresentar as concepções que diferentes autores (as) sobre o assunto. Deste modo, em alguns artigos, foram apresentadas mais de uma compreensão, como pode ser observado na tabela do apêndice E. Porém, 10 (Silva e Queiroz (2006); Avila e Terra (2010); Silva e Muller (2007); Alves et al. (2013); Santos e Junior (2019);

Green (2019); Alves e Lima (2016); Lindenmeyer (2012); Horn (2008); Neme et al. (2007) dos 35 artigos ficaram com este campo de conceituação sem ser preenchido e, mesmo quando preenchido, foi de forma bastante genérica, impossibilitando a extração de um conceito mais sistematizado. A não conceituação da psicossomática nos artigos pode ser decorrente de diversos fatores cujas hipóteses levantadas foram: 1) Psicossomática tomada enquanto metodologia de análise e a psicossomática entendida como um sofrimento; 2) Divergência teórica; 3) Divergência entre os autores (as). As duas últimas hipóteses serão trabalhadas nos itens a seguir, apresentando onde foram mostradas as principais concepções e a ideia de diversos autores (as), demonstrando que uma conceituação de consenso não existe, até porque não temos uma psicologia geral que sintetize os achados heterogêneos. Em relação a esta primeira hipótese que trataremos neste item, serão enfocados os entendimentos de psicossomática coletados na pesquisa bibliográfica dos 35 artigos aceitos da combinação Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia.

A tendência psicossomática teve início no século XX⁷, período de crise da medicina na Europa Ocidental. Essa crise foi marcada pela necessidade de “explicar o papel desempenhado no processo mórbido pelo sistema nervoso e o organismo como um todo” (Bassin, 1981, p. 83), ou seja, era preciso uma nova forma de explicar os processos de adoecimento. Foi neste contexto que se desenvolveu a medicina psicossomática, com o objetivo de apreender o organismo – o adoecimento do sujeito – como um todo, em unidade psíquica e biológica. Mas, há indícios de que a noção dos processos somáticos dependerem também de processos psíquicos desde o século XVIII, tendo como principal expoente W. Cullean. Já o termo “psicossomático”, tem seu primeiro registro nos escritos de J. Heinroth, em 1818. A disseminação dessa ideia e aumento dos estudos e pesquisas, partindo de uma perspectiva psicossomática, teve maior destaque nos anos 50. A expansão da concepção psicossomática adentrou em diferentes domínios da medicina (Bassin, 1981) e o fundamento principal da corrente psicossomática era o de **entender que o estado geral de todos os adoecimentos tinha por base uma determinação de ordem psicológica**. Com base neste fundamento geral, essa tendência se mostra marcada por uma metodologia formal, que coloca o psiquismo como única fonte desencadeadora de adoecimentos.

⁷ Segundo Bassin (1981), escritos de pesquisadores russos como, por exemplo, Mudrov, Diadkovski, e outros, já apresentavam uma análise unitária do organismo desde o início do século XIX, ou seja, quase 50 anos antes do aparecimento da tendência psicossomática.

Dos artigos analisados, pelo menos 04 (Galvan e Amiralian (2009); Alves, Amparo e Chatelard (2019); Santos e Junior (2019) e Mattar et al (2016) deles abordaram a ideia de que todo adoecimento é psicossomático, mesmo que em níveis diferentes. No artigo *Psicossomática: um fenômeno entre o saber e o gozo*, é pontuado que somos seres psicossomáticos, a questão está quando isto se torna um sintoma. No artigo *Da tradição em Psicossomática às Considerações da Daseinsanálise*, as autoras expõem que “todo o adoecer é sempre psicossomático, pois atinge a abertura que é o Dasein, ser-aí, como um todo, e representa uma restrição à determinada possibilidade, a doença com suas limitações, em detrimento de outras” (Mattar et al. 2016, p. 325) e chegam a concluir que é impossível realizar uma distinção entre psíquico e somático, logo a psicossomática só pode ser compreendida a partir da totalidade do ser.

De acordo com Bassin (1981), no ano de 1943, a monografia, escrita em conjunto entre o psiquiatra Weiss e o clínico geral English, intitulada *Medicina Psicossomática*, ganha grande repercussão. No escrito, os autores tecem suas críticas em relação aos médicos que não dão a devida atenção aos aspectos emocionais e psíquicos dos seus pacientes. Nos trabalhos que tratavam sobre a concepção psicossomática, era comum o uso da teoria freudiana como base, dando um enfoque maior no conceito de inconsciente. Em segundo lugar, aparecia também o uso da corrente fenomenológica existencial, tendo como principais expoentes Husserl e Heidegger, mas de modo geral, a corrente freudiana se destacava. Isso se confirma pela revisão bibliográfica realizada, em que 25 artigos tinham por base a psicanálise, o que corresponde a 71,43%. Bassin (1981) aponta que neste período de construção da corrente psicossomática havia fortes tentativas de consolidar o freudismo como matriz teórica de toda a medicina moderna. Os autores que defendiam esta possibilidade como, por exemplo, Brisset, argumentava que Freud

(...) criou um método que permite entender o sintoma como expressão da história da personalidade do doente, encontrar o sentido simbólico dos distúrbios somáticos, a capacidade que tem o corpo de exprimir dramaticamente as emoções não só através da linguagem, mas também através dos órgãos que desempenham diferentes funções vegetativas (Bassin, 1981, p. 88).

Este método, tem por base a teoria dos impulsos elaborada por Freud, que traz o entendimento de que todas as pessoas têm impulsos primitivos, que encontram vias para se expressar. Os impulsos passam pelo controle de ordem psíquica e depois encontram meios de realizações, porém, quando estes não encontram vias de realização por meio do crivo psíquico, o que ocorre é uma inibição psíquica de tal impulso. Com isso, este impulso é reprimido e,

portanto, não acontece sua descarga. Por conta disso, ele se transforma em um *impulso patogênico*, se manifestando “por vias ocultas, provocando síndromes clínicas que expressam o afeto inibido sob forma simbólica transformada” (Bassin, 1981, p. 89). Tal forma de análise foi utilizada por Freud para estudar principalmente os casos dos impulsos libidinosos, que quando reprimidos, vinham a se expressar por meio de conflitos histéricos. A medicina psicossomática, ao apreender este método de investigação, passou a aplicá-lo em todos os casos, ou seja, passou a realizar uma tentativa de encontrar o significado simbólico de todos os adoecimentos.

As tentativas feitas para considerar o vômito por exemplo, como a expressão de uma atitude afetiva negativa, a anorexia como sinal de insatisfação sexual, as dores musculares como consequência da inibição dos impulsos agressivos, o diabetes como uma afecção que caracteriza as pessoas que se ressentem vivamente de carinho e atenção, as dermatoses como ligadas aos estados de angústia, cólera, etc. (ibidem, p. 93).

Estes são apenas alguns exemplos de como a medicina psicossomática buscou formular suas premissas gerais e tais formulações foram também reforçadas por outros profissionais não médicos. Por exemplo, uma das teses gerais de M. Klein é a de que “a expressão simbólica dos afetos reprimidos podem ser os distúrbios tanto das funções vegetativas como dos sistemas sensorio motores controlados pela vontade” (Bassin, 1981, p. 90). Como representado no gráfico 02, 15 artigos tratam diretamente de algum sofrimento psicossomático. Nestes artigos, foi comum encontrar interpretações gerais de alguns sofrimentos como, por exemplo, a presente no texto *Psicossomática, gestação e diabetes: um estudo de caso*, que apresenta o caso de uma paciente grávida com diabetes e dentre as considerações, colocam que “reações egoístas e mesquinhas, assim como a fanfarrice, configuram traços de caráter do diabético, sendo que essas reações na realidade atuam como defesas que escondem o sentimento de miséria interior” (Barbosa, Duarte e Santos, 2012, p. 481). O artigo *A contribuição da calatonia como técnica auxiliar no tratamento da fibromialgia: possibilidades e reflexões*, em relação à fibromialgia argumenta que “uma mente imatura, não encontrando formas de lidar com emoções perturbadoras, têm maior propensão a transferir para a musculatura toda uma carga de sofrimento psíquico” (Passos e Lima, 2017, p. 22).

Já em relação ao entendimento da psicossomatização advir como expressão de algum afeto que não foi devidamente elaborado, dos 35 artigos analisados, 10 trouxeram a compreensão psicossomática que serão apresentadas a seguir:

- 1) “Quando a dor psíquica e o conflito psíquico oriundos de uma fonte de estresse ultrapassam a capacidade habitual de tolerância, em vez de serem reconhecidos e elaborados, podem ser descarregados em

manifestações somáticas, remetendo a uma falha na capacidade de simbolização e de elaboração mental.” (Barbosa, Duarte e Santos, 2012, p. 476).

- 2) “[...] o adoecimento somático encontra-se vinculado a um excesso de excitação, por trauma ou perda, excesso esse que o sujeito não se encontra capaz de elaborar ou metabolizar, permanecendo como sombra e escoando para o corpo” (Filgueiras, 2007, p.557).
- 3) “Como o paciente não consegue resolver seus conflitos entre mundo interno e externo, inscreve-se em seu corpo” (Fernandes, 2009, p. 25).
- 4) Psicossomática como forma de manifestar algo que não é comunicável em palavras, e nem ‘resolvido’ em nível psicológico (Castelli e Silva, 2007).
- 5) “A idéia central é que os sujeitos psicossomáticos se diferenciam dos demais pela pobreza do mundo simbólico, havendo pouca elaboração psíquica. Seu pensamento é do tipo operatório, aprisionado ao concreto e à orientação pragmática, tendo pouca ligação com o seu inconsciente” (Castro, Andrade e Muller, 2006, p. 41).
- 6) “A psicossomática, de um modo geral, consiste na dificuldade de resolução de conflitos internos que estão latentes e que ganham simbolismo e significado através do corpo” (Baseggio, 2012, p. 636).
- 7) Pela perspectiva psicossomática tanto as dores como outros sintomas da Fibromialgia são expressões simbólicas refletidas no corpo, derivadas de imaturidades ou defesas psíquicas. Sem recursos para integrar e comunicar adequadamente emoções perturbadoras, o corpo permanece como caminho de expressão dessa carga de sofrimento (Passos e Lima, 2017 - trecho do resumo).
- 8) A psicossomática aparece relacionada ao conceito de desafetação, que remete a incapacidade do paciente lidar com suas próprias emoções, isto decorre da relação díade mãe-bebê. A desafetação desencadeia uma “incapacidade quase total de manter contato com as emoções próprias e alheias” (Clemente e Peres, 2010, p. 60).
- 9) McDougall (1978/1989) chamou de eclosões psicossomáticas, quando a vivência dos afetos pode ser tão desagregadora que exceda a elaboração psíquica (apud Dias et al, 2007, p. 24).
- 10) “quando da ausência ou insuficiência de recursos mais organizados, para lidar com a intensidade dos estímulos a que está submetida, a economia psicossomática pode reagir de forma anacrônica, primitiva, menos elaborada do que seria ou já foi capaz, desencadeando movimentos no sentido contraevolutivo, provocando descargas motoras e de comportamento e, no polo extremo, desorganizações somáticas” (Volich, 2013, p. 149).

Alguns deixaram de forma mais direta, outros indiretamente, como foi possível demonstrar nos trechos acima.

Cabe destacar que não são todas as pesquisas que partem desses pressupostos freudianos iniciais, devido às diferentes matrizes desenvolvidas posteriormente, sendo que muitas delas utilizam apenas alguns fundamentos freudianos, apesar de serem, no sentido amplo, consideradas do campo da *psicanálise*. Este afastamento dos fundamentos iniciais da medicina psicossomática, possibilitou diferentes análises, por exemplo, concepções que não entendiam os fenômenos psicossomáticos apenas como uma simbolização psíquica expressa no corpo. Dos artigos analisados, 6 deles (Rinaldi, Nicolau e Pitanga (2013); Leite et al (2003); Alves, Amparo e Chatelard (2019); Peres e Santos (2010); Ferraz (2007); e Fontes Neto (2006)) compreendem que a psicossomática não é uma simbolização, pelo contrário, a colocam como um fenômeno que não foi simbolizado, principalmente os pesquisadores da vertente psicanálise lacaniana. Além disso, como já apresentado na terceira tabela sobre referencial teórico, 10 artigos não são de referência psicanalítica.

Diante do exposto, foi possível verificar que a tendência psicossomática aparece também como forma de compreensão do ser humano, buscando entender que todos os sujeitos são psicossomáticos e, portanto, todo sofrimento e formas de adoecer são também psicossomáticas. Porém, tais compreensões ora colocam o fator psíquico como principal desencadeador das formas de sofrer, ora expressam que não é possível realizar uma distinção entre psíquico e somático. Tais teorizações não avançam em buscar explicar como é constituído e expressado este “sujeito psicossomático”, ficando apenas em uma descrição ou afirmação generalista. Há também a utilização do termo psicossomática como referente à sofrimentos específicos, considerando que eles são carregados por uma simbolização, ou que necessitam de uma simbolização para serem compreendidos. Em resumo, são formas de sofrer que decorrem de uma determinação psíquica e que se expressam no corpo, sendo passíveis de interpretação e elaboração como forma terapêutica.

Tendo como referência teórica a Psicologia Histórico-Cultural, no artigo *Clinical Psychology of Corporeality: Principles of Cultural-Historical Subject Analysis*, escrito por Nikolaeva e Ariana (2009), é colocado que a psicossomática pode se apresentar de duas formas: como fenômeno psicossomático e como sintoma psicossomático. No que tange ao fenômeno psicossomático, as autoras explicam que tratam de um desenvolvimento normal dos seres humanos, uma consequência da socialização em que corpo-mente se desenvolve, ou seja, o próprio desenvolvimento é psicossomático. Ao explicar o desenvolvimento psicossomático, as autoras dão destaque à díade mãe-filho. Outras abordagens da psicologia também o fazem como veremos adiante, porém apesar de ser uma relação importante a ser considerada, ela não deve

ser a única, como também não deve centrar no papel da mãe/mulher, mas considerar o adulto cuidador que medeia a relação nos primeiros anos de vida do bebê com o mundo concreto. Esse assunto será tratado de forma mais detalhada na seção *Psicossomática: Díade mãe-bebê*. O que cabe demonstrar aqui é como o termo “psicossomático” também foi utilizado para identificar o processo normal de desenvolvimento, que se dá em unidade mente-corpo. No decorrer do artigo, as autoras abarcam como que esse desenvolvimento normal psicossomático pode também se tornar um sintoma. Assim, elas levantam duas hipóteses do que pode desencadear a mudança do fenômeno psicossomático para um sintoma psicossomático. Primeiro, que pode haver uma regressão no desenvolvimento, e segundo, uma distorção no desenvolvimento psicossomático. Ambas as hipóteses dizem respeito a um desvio do desenvolvimento normal psicossomático para o anormal. Isso indica a necessidade de compreensão do desenvolvimento humano e seu processo normal para a psicologia Histórico-Cultural, que será tratado no segundo capítulo.

De forma geral, nota-se que há duas formas principais de apreender o fenômeno psicossomático, como um sofrimento ou como um processo normal do desenvolvimento, e cabe demarcar que o objetivo dessa pesquisa é estudar a psicossomática enquanto um sofrimento. Verifica-se também que as discussões em torno de processos psicossomáticos são longas e com muitas divergências. Realizar esta breve retomada histórica permite reconhecer que

(...) um trabalho realmente imenso foi realizado pela corrente psicossomática (e continua a ser) para acumular fatos reveladores da ação exercida pelos fatores psíquicos e nervosos sobre os processos somato-vegetativos. **Não obstante nosso desacordo com as interpretações teóricas pela medicina psicossomática, não podemos deixar de reconhecer a enorme importância desse trabalho, fonte de dados concretos extremamente valiosos** que serão ainda repetidas vezes utilizadas nas pesquisas dos próximos anos (Bassin, 1981, p. 106, grifo nosso).

Tais pesquisas nos auxiliam a compreender como tem sido abordados estes processos, evidenciando os avanços e seus limites metodológicos, na direção da superação destes últimos, no campo da saúde.

1.2.2.1 Psicossomática: Insuficiência psíquica

Os artigos da revisão bibliográfica utilizados para compor este tópico foram 13, sendo que nem todos pertencem a mesma abordagem teórica. No entanto, foram agrupados por trazerem considerações e explicações do sofrimento psicossomático associado de alguma forma com uma “insuficiência psíquica” da pessoa que sofre. Segue a tabela os artigos utilizados:

Tabela 6 – Artigos da pesquisa bibliográfica utilizados na seção: Psicossomática: Insuficiência psíquica.

Título do artigo	Autor e/ou Autora	Ano de publicação
A dermatite atópica na criança: uma visão psicossomática	Fontes Neto, P. T. L. et al.	2006
Construções em psicossomática psicanalítica	Horn, A.	2008
Controvérsias sobre a somatização	Coelho, C. L. S.; Avila, L. A.	2007
Funcionamento psíquico e manejo clínico de pacientes somáticos: reflexões a partir da noção de desafetação	Clemente, J. P. L.; Peres, R. S.	2010
Psicossomática na infância: uma abordagem psicodinâmica	Baseggio, D. B.	2012
Psicossomática, gestação e diabetes: um estudo de caso.	Barbosa, R. F., Duarte, C. A. M. e Santos, L. P.	2012
Dinâmica das relações em famílias com um membro portador de dermatite atópica: um estudo qualitativo.	Ferreira, V. R. T.; Muller, M. C., Jorge, H. Z.	2006
Psicossomática: um fenômeno entre o saber e o gozo.	Alves, R. B.; Amparo, D. M.; Chatelard, D. S.	2019
A contribuição da calatonina como técnica auxiliar no tratamento da fibromialgia: possibilidades e reflexões.	Passos, C. H.; Lima, R. A.	2017
Uma integração teórica entre psicossomática, estresse e doenças crônicas de pele.	Silva, J. D. T.; Muller, M. C.	2007
Adoecimento Somático em Ferenczi, Groddeck e Winnicott: uma Nova Matriz Teórica.	Santos, L. N.; Junior, C. A. P.	2019
Trabalho e Adoecimento Psicossomático: Reflexões sobre o Problema do Nexo Causal.	Rabelo, L. D. B. C., Silva, J. M. A, Lima, M. E. A.	2018
Relações visíveis entre pele e psiquismo: um entendimento psicanalítico.	Dias, H. Z. J. et al.	2007
Da tradição em Psicossomática às Considerações da Daseinsanálise	Mattar, C. M. et al.	2016

Pesquisadores e pesquisadoras da Escola de Psicossomática de Paris compreendem que a manifestação psicossomática está ligada a uma incapacidade de elaboração psíquica do sujeito, colocam que há uma falha no processo de simbolização (Santos e Junior, 2019). As pesquisas desta escola são influenciadas pela teoria freudiana. Deste modo, postulam que as doenças orgânicas não decorrem apenas de fatores biológicos, mas que advém de determinantes emocionais (Clemente e Peres, 2010). Entretanto, nem todos os autores e autoras partem da influência desta escola. Neste sentido, chegam a conclusões diferentes. Com base nos estudos da McDougall, pesquisadora da Escola de Psicossomática de Chicago, destaca-se a angústia como a principal causa de todos os sintomas psicossomáticos (Fontes Neto et al., 2006). O modo como tais sintomas se manifestam em cada pessoa irá depender da forma como ela consegue lidar com sua angústia. Para esta vertente, a somatização se caracterizaria como uma

manifestação corporal da angústia, decorrente geralmente de vivências conflitantes e estressantes (pós-traumáticas) que podem aparecer associadas também com depressão e ansiedade (Coelho e Avila, 2007).

Portanto, quando o sujeito se cala diante de uma angústia, ela não é significada e se expressa no corpo e nele se representa. A parte lesionada “[...] é consequência da ausência de simbolização, em outras palavras, algo marcou este corpo, mas não produziu efeito de significância” (Alves, Amparo e Chatelard, 2019, p. 177), o que causará dor física e psíquica. “O processo de somatização consiste, basicamente, manifestação de conflitos e angústias por meio de sintomas corporais (Coelho e Ávila, 2007, apud Barbosa, Duarte e Santos, 2012, p. 476).

Aqui temos um ponto de aproximação com a concepção Histórico-Cultural ao que se refere à *Vivência conflitante*. Vigotski (2018), na quarta aula, intitulada *O problema do meio na pedagogia*, traça algumas considerações sobre a vivência, definindo-a como “uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia, [...] e por outro lado, como eu vivencio isso” (p. 78). Apesar das diferenças nos conceitos de como a vivência é compreendida na Histórico-Cultural, foi possível identificar que este é um aspecto importante que deve ser explorado para compreender a psicossomática, visto que o processo de desenvolvimento não se dá de forma linear. Vigotski (1983/2000) vai contra as correntes tradicionais da psicologia que buscavam fórmulas estáticas para compreender o desenvolvimento. Para ele, o desenvolvimento humano ocorre no movimento dialético com a realidade objetiva, neste processo há momentos de crise, que marcam as viragens de desenvolvimento, cada pessoa vivenciará este momento de forma distinta, pois este processo mantém relação com a situação social de desenvolvimento. Para concepção Histórico-Cultural não há uma cisão entre objetivo e subjetivo e situações estressantes perpassam toda a estrutura da sociedade capitalista, não sendo possível eliminá-la com base em um esforço individual, puramente racional/mental. O que não significa que em outras formas de organização econômica não haverá eventos estressantes, porém, nesta sociedade em que a organização econômica se dá por meio da exploração, fragmentação e precarização do trabalho, estas situações são intensificadas e geradas justamente com base neste modelo.

Os autores Ferenczi, Groddeck e Winnicott, pertencem à uma nova matriz. Segundo estes autores, o psiquismo está em constante movimento, o que possibilita uma contínua elaboração imaginativa do corpo. Elaborar imaginativamente o corpo significa “[...] ensejar uma experiência pessoal e singular do funcionamento somático por meio de produções de natureza propriamente psíquica” (Santos e Junior, 2019, p. 4). O psiquismo para esses autores

“[...] deve ser pensado como uma atividade, um processo dinâmico e, ao mesmo tempo, como a composição orgânica dos resultados desse fluxo imaginativo que se desenvolve com base na experiência do corpo, personalizando-o” (Santos e Junior, 2019, p. 5).

Em relação às teorizações de Groddeck (1923/1984, apud Mattar, 2016) o sujeito tem a intenção de sofrer, pois tem, assim, um prazer com seu sofrimento. Geralmente, está ligado à intenção, não consciente, de se distanciar de algum sentimento de culpa que está inserido no inconsciente. Portanto, nesta teorização, nenhum adoecimento tem origem ao acaso, eles representam uma forma de solucionar determinado conflito do qual não pode ser representado conscientemente. Além disso, quanto mais grave é a doença maior o conflito.

Em relação a isso, das intenções inconscientes, partindo do método materialista histórico-dialético, entende-se que nosso processo de desenvolvimento se dá a partir da apropriação do que foi produzido objetivamente e historicamente pela humanidade. O indivíduo internaliza as condições objetivas alienadas e alienantes. Ou seja, trata-se de um processo de internalização do que está no real, porém, é um movimento dialético, não só apreendemos o que está na realidade, mas agimos sobre ela de modo ativo, ainda que com maior ou menor consciência.

Para compreender melhor, Leontiev (1978) explica que o processo de humanização tem por base o trabalho como atividade vital humana. Isso porque as atividades sociais e as aptidões necessárias como, por exemplo, a linguagem simbólica como meio de comunicação, são produtos do trabalho. O processo de humanização, portanto, inicia a partir do momento em que foi possível realizar trabalho, tem sua origem no primeiro instrumento criado pelo ser humano, ainda no estágio primitivo da humanidade. A atividade de trabalho no decorrer da história foi passando do seu caráter fundamental de humanização para seu contrário, desumanização. Isso se deu por conta da fragmentação do trabalho e intensificação da exploração da força de trabalho marcada pelo advento das sociedades de classes.

Por conta dessa alteração na atividade de trabalho, ele passa a ser marcado pela alienação. Assim, as apropriações e objetivações se dão em níveis de alienação, em virtude da divisão social do trabalho. Portanto, o trabalho, categoria fundante do nosso desenvolvimento humano, passa a ter na sociedade de classes um caráter também desumanizador, que intensifica a precarização e a fragmentação do trabalho e, por sua vez, do psiquismo humano. Como repercussão no psiquismo ocorre a “[...] desintegração da unidade da consciência, outrora garantida pela compatibilidade entre significados sociais e sentido pessoal, dando origem ao aparecimento de uma relação de alienação entre eles” (Martins, 2004, p. 89). Com isso, não nos reconhecemos no produto final do trabalho e nem no processo, ficamos alheios em relação a

nós mesmos e em relação aos outros. Desta forma, o trabalho, da forma que ele se apresenta na sociedade de classes, deve ser eliminado (Oliveira, 2005).

Através da atividade de apropriação do que foi construído historicamente através do trabalho é que constituímos nossa subjetividade humana. Por conta disso, não é possível pensar, a partir de uma concepção Histórico-Cultural, que consciência/ inconsciente são dois processos cindidos. Ao compreender o desenvolvimento desta forma, colocamos o sujeito num lugar ativo, que é capaz de modificar esta realidade e, concomitantemente, modificar a si mesmo. Diferentemente dos demais seres vivos, o ser humano é capaz de criar ativamente as condições de sua existência que vai além de uma adaptação passiva e constante frente à realidade. Este é um dilema quando se trata dos processos de saúde-doença como multideterminados e, além disso, partindo de uma perspectiva materialista dialética e não mecanicista, cuja base de análise está nas condições de vida tomadas pela dialética singular-particular-universal. Por que se apresenta como um dilema? Primeiro porque grande parte das formas de sofrimento são artificialmente produzidas pelo modo de produção capitalista e só poderão ser efetivamente eliminadas com a superação desta forma de sociabilidade. Por outro lado, se o ser humano é o único ser capaz de fazer história, de modificar as condições de sua existência, o trabalho com as formas de sofrimento desencadeadas pela sociabilidade capitalista deve seguir na direção de adaptar o sujeito às condições que o adoecem e/ou produzem o seu sofrimento? Como superar isso sem cair em dois polos irreconciliáveis: *nada pode ser feito* ou *tudo pode ser feito*? Dito de outro modo, como é possível a identificação dos processos de sofrimento que advém de aspectos macroestruturais e se manifestam no aspecto micro, compreendendo como os sintomas ganham contornos específicos em cada singularidade? Ao longo do trabalho essas questões serão aprofundadas.

Segundo Ferreira, Muller e Jorge (2006), o desencadeamento da psicossomática vai além do indivíduo, entendem que a família influencia o desencadeamento, a permanência e o término dos sintomas. Não é apenas a pessoa com os sintomas que sofre, mas toda a sua família fica exposta a estas situações estressantes.

No que tange às relações estressantes, estas também podem desencadear os sintomas psicossomáticos, especialmente quando

[...] o conflito psíquico oriundo de uma fonte de estresse ultrapassa a capacidade habitual de tolerância, em vez de serem reconhecidos e elaborados, podem ser descarregados em manifestações somáticas, remetendo a uma falha na capacidade de simbolização e de elaboração mental” (Barbosa, Duarte e Santos, 2012, p. 476).

Estes acontecimentos estressantes, ou seja, “[...] crises acidentais que podem interferir na estabilidade emocional do indivíduo” (Barbosa, Duarte e Santos, 2012, p. 477) geram tanto uma ansiedade subjetiva, quanto somatizações. A pessoa ter uma conscientização sobre quais eventos estressantes desencadearam seu adoecimento é muito importante para traçar uma linha de tratamento. Além desses fatores estressantes, a genética da pessoa também pode acabar desencadeando a *psoríase*⁸ (Silva e Muller, 2007). Para explicar este fenômeno as autoras colocam que:

A fase de alerta é considerada a etapa na qual a pessoa tem uma descarga de adrenalina preparatória para a adaptação e consegue ter êxito na situação, alcançando uma sensação de plenitude; logo, é uma fase positiva do estresse. Na fase de resistência, a pessoa continua tentando lidar, de forma automática, com os estressores, buscando manter a sua homeostase interna; se esses estressores persistirem em frequência ou intensidade, e se não acontecer sua interrupção ou existirem dificuldades de adaptação através de estratégias de enfrentamento, pode ocorrer uma quebra da resistência da pessoa. Como consequência disso, a fase seguinte é a de exaustão, na qual os órgãos com maior fragilidade genética são mais facilmente atingidos por distúrbios, podendo, por meio desse processo, surgir doenças graves (Silva; Muller, 2007, p. 251).

Recentemente tem aumentado os estudos a partir da abordagem neurobiológica, com o objetivo de avaliar como se dá a adaptação do sujeito em uma situação estressante (Rabelo, Silva e Lima, 2018). Passos e Lima (2017) chegam a considerar que pessoas que se adaptam melhor no ambiente sofrem menos e demonstram que têm uma maior maturidade psíquica e, por outro lado, a somatização é a expressão psíquica de pessoas menos desenvolvidas.

Tais aspectos podem desencadear o estresse em uma pessoa, tanto por fatores internos, como externos,

[...] os fatores relacionados à origem externa são representados por situações cotidianas ou por pessoas com as quais se lida rotineiramente, ou seja, perdas ocasionais, acidentes, trabalho em excesso, família em conflito, entre outros. Os fatores internos correspondem à maneira como se imagina e interpreta uma situação, sendo essa perigosa ou ameaçadora (Lipp, 1996, apud, Silva e Muller, 2007, p. 250).

Neste sentido, para as autoras é importante conhecer o que vem causando o estresse, qual o significado atribuído a ele e, também, as formas utilizadas para minimizá-lo, sendo

⁸ Psoríase (CID 11 - L40): é definida como uma “doença cutânea inflamatória, crônica, comum, determinada geneticamente, caracterizada por placas escamosas arredondadas, eritematosas, secas. As lesões têm predileção por unhas, couro cabeludo, genitália, superfícies extensoras e a região lombossacral” – Fonte: <https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=12002>.

importante verificar o que a pessoa faz, e não o que ela diz que faria. Algumas pessoas irão se esforçar para resolver os eventos estressantes, enquanto outras irão fugir e tentar não se confrontar com o que lhe estressa (Silva e Muller, 2007). Geralmente, o adoecimento psicossomático irá aparecer como tentativa de busca por um equilíbrio diante dessas situações (Barbosa, Duarte e Santos, 2012).

Os pacientes psicossomáticos, principalmente os com dermatite, relatam ansiedade e estresse, fatores que influenciam no sistema imunológico, o que acaba aumentando as chances de desenvolvimento da dermatite atópica (Ferreira, Muller e Jorge, 2006). Tais pacientes geralmente só buscam ajuda quando são indicados por médicos, quando as crises de angústias intensificam (Mello Filho e Burd, 2010, apud Baseggio, 2012).

O estresse aparece com frequência relacionado com o desencadeamento do sofrimento psicossomático e, por conseguinte, deve ser evitado. Entretanto, ao pensar o estresse na sociedade capitalista, dificilmente iremos encontrar pessoas que não estão em situações assim, principalmente no que se refere ao ambiente de trabalho. Duarte (2020), escreve justamente sobre o estresse no ambiente de trabalho e como este é produzido pela forma de organização neoliberal, que não se trata apenas de uma situação isolada. Ao falar, por exemplo, sobre o adoecimento de docentes, o autor destaca que há o entrecruzamento dos fatores objetivos e subjetivos. Dentre as situações que contribuem para o estresse dos docentes o autor cita:

Baixa remuneração com consequentes limitações das condições de vida, grande dispêndio de tempo com atividades ligadas ao trabalho, incluindo-se o tempo gasto com transporte, [...] acúmulo de problemas profissionais e familiares, autoritarismo nas relações entre os administradores das redes escolares e os professores, precariedade dos contratos de trabalho, vulnerabilidade em situações de violência na escola, ausência de efetivos mecanismos de defesa em situações de conflitos com alunos e pais de alunos, ataques dos governantes e do patronato às tentativas de mobilização sindical dos professores das redes públicas e privadas, desvalorização social da profissão, são apenas alguns dos muitos fatores que poderiam ser aqui listados (Duarte, 2020, p. 23).

Nota-se que essa realidade estressante se trata da estrutura e lógica do próprio capitalismo. Se adaptar a esta realidade não é suficiente e pode ser mais adoecedor, pois coloca no indivíduo isolado a responsabilidade de alterar os determinantes que o circundam. Um exemplo disso é a disseminação do termo "resiliência"; este conceito vem da física e significa "propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido

submetidos a uma deformação elástica”⁹. Com base nesta definição, algumas correntes da psicologia tomaram este termo para designar o sujeito que passa por diversas situações difíceis, de estresse, submetido às piores condições, mas que se mantém, aparentemente, firme e saudável ao se adaptar constantemente. Neste contexto, não seria necessária uma mudança no modo de produção objetiva da vida, mas apenas mudanças individuais, ou ainda, exaltam as dificuldades postas, como se isto fosse necessário para fazê-los mais “fortes”. Enfim, explicar que adoecimentos decorrem de uma situação de estresse se apresenta como uma formulação genérica que nada define, visto que, quem não está sob estresse? E ainda, quais condições objetivas estão produzindo este estresse?

No que se refere ao tratamento do sofrimento psicossomático, Horn (2008) pontua que o psicólogo não deve ficar preso em teorizações rígidas, ou seja, fazer com que todas as pessoas atendidas sejam analisadas de acordo com determinada concepção. Para ele é necessário realizar um trabalho artesanal com cada paciente. O sujeito precisará de uma análise específica para seu caso, pois cada pessoa apresentará mecanismos precoces de perda da capacidade de representação que se dará de forma específica e singular.

A partir dessa apresentação, verifica-se que os autores (as) relacionam a manifestação psicossomática como: 1) Incapacidade psíquica de elaborar conflitos internos, geralmente relacionada com sentimento de angústia; 2) Incapacidade psíquica de elaborar conflitos externos, geralmente relacionado com situações estressantes. Pode-se constatar, por meio dessas explicações, que a incapacidade em solucionar os conflitos em nível psíquico, acaba levando a uma manifestação em nível somático – corporal, conforme os autores (as) mencionados. Percebe-se que há uma compreensão dicotômica entre interno e externo. Com isso, estas perspectivas acabam recaindo em uma ideia de que saúde e bem-estar significa estar adaptado ao meio social, sem considerá-lo como integrantes do próprio processo de saúde-doença. Como se fosse necessário se adaptar constantemente para evitar algum sofrimento. Além disso, partem da ideia de um meio abstrato, já que parece ser entendido como natural e harmônico, como numa noção de homeostase. Esta forma de compreensão não apreende o sujeito em sua constituição concreta, ou seja, que se forma enquanto ser social. Indica também, que se a pessoa está em sofrimento psicossomático ela não foi capaz de elaborar e/ou simbolizar seus conflitos ou ainda, foi incapaz de se adaptar à realidade posta. Sendo assim, assemelha-se

⁹ Fonte: Dicionário online: Oxford Languages. Pesquisa realizada em 27/07/21.

a uma fórmula que pressupõe uma realidade perfeita e um sujeito imperfeito, aproximando da lógica valorizada no neoliberalismo.

Importante assinalar que o neoliberalismo teve forte ascensão na década de 1970, pautado principalmente pela lógica de restringir a intervenção estatal sobre a economia; postulava-se o “livre mercado”. Norteia-se pela ideia de que a livre concorrência é “saudável” para a economia. Entretanto, o neoliberalismo vai além de uma organização econômica, essa faceta do capitalismo veio para provar ainda mais que não há nenhum plano de compromisso social (Netto, 2013). O que temos é a intensificação das desigualdades. O meio acadêmico não fica de fora desta discussão e propõe alternativas ao que se chamou de “nova questão social”, que segundo Netto (2013), é neste movimento que muitas teorias “descobrem” a pobreza e a exploração. Dentre elas, destaca-se as concepções pós-modernas¹⁰, que em aparência se colocam como críticas e transformadoras, mas em essência reforçam a lógica do capital. Pautadas nos ideais de fortalecimento de novos “contratos sociais”, as alternativas voltam-se para um progressismo. A grande questão apontada por Netto (2013, p.10) é que:

De fato, inexistente qualquer nova “questão social”. O que se deve investigar, para além da permanência de manifestações “tradicionais” da “questão social”, é a emergência de novas expressões da “questão social” que é insuprimível sem a supressão da ordem do capital. A dinâmica societária específica desta ordem não só põe e repõe os corolários da exploração que a constitui medularmente; como já sugeri, a cada novo estágio do seu desenvolvimento, ela instaura expressões sociopolíticas diferenciadas e mais complexas, correspondentes à intensificação da exploração que é a sua razão de ser.

Tal intensificação da exploração perpassa e determina nosso modo de ser e existir, neste sentido, o neoliberalismo aparece também como gestor de sofrimento psíquico. Os autores Safatle e Dunker (2021) fazem algumas considerações interessantes em torno desse assunto, colocam que no período de implementação do neoliberalismo houve uma intensa reformulação da gramática do sofrimento psíquico no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua terceira edição (DSM-III). Também em relação ao DSM III, as autoras Russo e Venâncio (2006) explicam que, dentre as mudanças de nomenclatura ocorrida, a do termo “neurose” gerou grande discussão se seria ou não retirado, por fim, o termo foi retirado e como consequência aumentou de forma exponencial o número de transtornos que passaram a substituí-lo.

¹⁰ Indicação de leitura sobre esse assunto: Coutinho, C, N. O estruturalismo e a miséria da razão. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.

No DSM I as neuroses se agrupavam sob o rótulo de “Transtornos Psiconeuróticos”, que listava sete “reações psiconeuróticas”. No DSM II os “Transtornos Psiconeuróticos” transformaram-se em “Neuroses”, com 11 categorias diagnósticas. Na nova “arquitetura” do DSM III o grupo das “Neuroses” desapareceu e se dissolveu em pelo menos três agrupamentos, com um total de 18 transtornos. No DSM IV o número de transtornos que entraram “no lugar” das neuroses subiu para 24. (Russo e Venâncio, 2006, p. 469).

A composição do DSM III foi marcada pela lógica da classificação, rompendo toda relação com a psicanálise, apresentou novas categorias de normal e patológico sendo considerado um manual “a-teórico”. Com o objetivo de se apresentar neutro e generalizável “o DSM III transformou-se rapidamente numa espécie de bíblia psiquiátrica” (Russo e Venâncio, 2006, p. 465). Isso não se deve à uma mera coincidência. A lógica neoliberal passa a exigir do sujeito uma adaptação ativa, no sentido de que não visa alterar a realidade, mas se “reinventar” para seguir se adaptando aos processos de maximização da exploração e, por trás dessa ruptura, está a necessidade de adaptar cada vez mais o indivíduo e a sociedade e as teorizações psicanalíticas não ajudam nesse sentido de forma rápida. A organização do DSM III marca ainda mais uma visão individualista de sofrimento, na qual a realidade objetiva não é apreendida, e o que ganha destaque é a não capacidade de adaptação do sujeito.

1.2.2.2 Psicossomática: Díade Mãe-Bebê

Para a elaboração desse tópico foram utilizados 10 artigos, sendo que os selecionados não são todos da mesma abordagem teórica e foram agrupados por trazerem considerações e explicações do sofrimento psicossomático associado, de alguma forma, com a díade mãe-bebê. Segue abaixo uma tabela com a referência desses 10 artigos:

Tabela 7 – Artigos da pesquisa bibliográfica utilizados na seção: Psicossomática: Díade Mãe-Bebê.

Título do artigo	Autor e/ou Autora	Ano de publicação
A dermatite atópica na criança: uma visão psicossomática	Fontes Neto, Paulo T. L. et al.	2006
Corpo e identidade: reflexões acerca da vivência de amputação.	Galvan, G. B.; Amiralian, M. L. T. M.	2009
Funcionamento psíquico e manejo clínico de pacientes somáticos: reflexões a partir da noção de desafetação	Clemente, J. P. L. Peres, R. S.	2010

Implicações do vínculo mãe-criança no adoecimento infantil: revisão de literatura	Neme, C. M. B., Dameto, C. A., Azevedo, G. M. G., Fonseca.	2007
O conceito de psicose atual na psicossomática psicanalítica de Joyce McDougall	Peres, R. S.; Santos, M. A.	2010
Psicossomática na infância: uma abordagem psicodinâmica.	Baseggio, D. B.	2012
Dinâmica das relações em famílias com um membro portador de dermatite atópica: um estudo qualitativo.	Ferreira, V. R. T.; Muller, M. C., Jorge, H. Z.	2006
Avaliação psicossomática no câncer de mama: proposta de articulação entre os níveis individual e familiar.	Filgueiras, M. S. T. et al.	2007
Relações visíveis entre pele e psiquismo: um entendimento psicanalítico.	Dias, Hericka Zogbi J. et al.	2007
A integração mente e corpo em psicodermatologia	Hoffmann, F. S. et al.	2005

A partir da revisão bibliográfica realizada por Neme et al. (2007), foi possível verificar que todos os artigos por eles revisados relacionaram o desencadeamento da psicossomática com a díade mãe-bebê. Apontam também que as dificuldades da mãe em responder às necessidades da criança podem resultar em problemas psicossomáticos, que seria uma resposta corporal do bebê às oscilações do comportamento materno (ibidem, 2007). Os autores (as) também colocam que a maior parte dos teóricos psicanalistas consideram o vínculo mãe-bebê como mais importante, destacando que depende desse vínculo a forma como a criança irá se desenvolver, saudável ou patologicamente.

Neste tema, a corrente psicanalítica que se destaca é a Winnicottiana. Esta perspectiva difere da freudiana por considerar que a constituição do ser humano se dá pela relação da díade mãe-bebê e não tríade (mãe-pai-filho), como destaca Freud nas suas teorizações sobre o Complexo de Édipo (Galvan e Amiralian, 2009). Para Winnicott (1971/1975, 1987/ 1988, apud Dias et al., 2007), a mãe deve cumprir bem a função de separar/diferenciar-se de seu filho. Para o autor, a maternagem suficientemente boa é quando a mãe proporciona bons recursos externos (ambientais) e internos, para permitir a diferenciação entre ela e seu filho. Neste processo, a pele ganha destaque, pois é a partir dela que se tem a limitação do não-eu e uma hipótese é que o adoecimento da pele tem relação direta com alguma falha no estabelecimento de limites entre o não-eu. Neste caso, McDougall (1992; 1996, apud Dias et al., 2007) diz que pode ter havido uma falha da mãe em atender as necessidades do filho. Para Winnicott, a pele é o principal e primeiro meio de contato do sujeito com o mundo, sendo fundamental que as crianças tenham suas necessidades atendidas, pois é o que determina um desenvolvimento saudável. A única forma de comunicação de um bebê é através da pele e, quando a mãe age de forma inadequada,

ou a criança fica muito exposta a eventos estressores, no futuro poderá vir a apresentar doenças na pele (Hoffmann, 2005).

A explicação de quando a mãe não supre as necessidades do filho, agindo de forma inadequada, é a de que a mãe gestante idealiza um filho e quando suas expectativas não são supridas, sente-se frustrada e o trata de forma inadequada. Este fato pode impedir que ela responda às necessidades da criança, e o desenvolvimento do apego entre mãe-bebê fica ameaçado (Fontes Neto et al., 2006). Neste sentido, Bowlby afirma que a privação materna influencia negativamente na vida futura do infante (Neme et al., 2007).

Embora considerem que esta privação ou insuficiência da mãe em sanar as necessidades do filho seja prejudicial para a vida futura da criança, alguns autores (as) também colocam que o excesso desta função materna é prejudicial. Entendem que a psicossomática está relacionada com o conceito de psicose atual - tentativa inconsciente de cura emocional por ações delirantes do corpo - que tem como causa primária o *excesso* ou *carência* materna (Peres e Santos, 2010, p. 99). Ainda neste sentido, Silva (1994 apud Baseggio, 2012) pontua que pacientes com problemas psicossomáticos de pele geralmente tiveram “uma mãe inadequada, superprotetora ou extremamente rejeitadora” (p. 635). De modo geral, apresentam que “[...] o desempenho deficiente da função materna nos primórdios da vida pode comprometer a saúde do sujeito, visto que ela constitui o suporte da subjetividade e das relações do indivíduo com os outros” (Filgueiras, 2007, p. 559).

No que diz respeito ao primeiro ano de vida, fundamentado na Psicologia Histórico-Cultural, as autoras Cheroglu e Magalhães (2016) expõem que desde a vida intrauterina se inicia o desenvolvimento ontogenético, condição necessária para formação do psiquismo. Entretanto, logo após o nascimento, o bebê passa a se orientar pelo ambiente social que o circunda, ou seja, a cultura passa a ser determinante. Logo, “há que se considerar o desenvolvimento infantil como um processo culturalmente mediado e dependente das condições concretas nas quais ocorre” (ibidem, 2016, p. 107). Além disso, o cuidador, aquele que irá proporcionar condições objetivas para a existência da criança, deve ser apreendido em relação às condições sociais particulares.

Baseggio (2012) apresenta que outros estudiosos focaram nos pais, compreendendo que quando há questões não elaboradas no inconsciente infantil, os sintomas somáticos aparecem. Nesses casos é importante considerar as relações dos pais no desenvolvimento do adoecimento de seu filho, pois o adoecimento da criança pode indicar um problema na relação familiar.

Já no escrito de Filgueiras (2007), é apresentado que alguns pesquisadores chegam a considerar a família, entretanto, a função materna permanece como central. Destacam, por exemplo, as representações psíquicas desenvolvidas durante a primeira infância, período em

que a função materna tem grande importância. Além disso, apontam que a mãe tem a função de transmitir a ancestralidade familiar, ou seja, o legado da família e, por conta disso, que há a hipótese de que “falhas nessa transmissão podem estar associadas às dificuldades de mentalização da mãe, marcadas pelo que Marty (1968) e Marty e M’uzan (1963) denominaram de depressão essencial e de vida operatória” (Filgueiras,, p. 553).

Em relação ao atendimento clínico dos pacientes psicossomáticos, a autora McDougall (apud, Clemente e Peres, 2010) assinala que a psicanálise pode ser pouco indicada, já que o psicanalista promove uma desestruturação e não uma reorganização. Para realizar um atendimento clínico psicanalítico com esses pacientes, é necessário o sujeito estar disposto a compreender suas determinações inconscientes e ter uma estrutura egóica minimamente capaz de suportar as angústias que o processo pode causar. Os pacientes devem estar dispostos a serem ajudados e se entregarem numa relação de dependência, sem medo de serem frustrados. Porém, poucos pacientes querem ser ajudados e no atendimento, caso o profissional seja projetado como uma figura paterna, isso não será favorável para o processo terapêutico. Geralmente, as mães de pacientes psicossomáticos “não raro atribuiu um quantum de afeto mínimo à figura paterna” (Clemente e Peres, 2010, p. 64). Em linhas gerais, o profissional deverá desempenhar uma postura materna, em que busque decodificar a escassa comunicação afetiva e nomeá-la, pois a nomeação dos afetos dos pacientes, facilitará o desenvolvimento simbólico.

Para McDougall, a terapia psicanalítica com os pacientes psicossomáticos deve ocorrer a partir do modelo clássico, ou seja, com a utilização do divã e sessões cinco vezes por semana. Para Pierre Marty, uma sessão por semana é o suficiente. Apesar dessa divergência, ambas “concordam que o exercício da função materna é imprescindível no contexto da clínica psicanalítica com pacientes somáticos, quer apresentem as características típicas da desafetação ou do pensamento operatório” (Clemente e Peres, 2010, p.66).

Outros autores (as), apesar de concordarem com a determinação do vínculo relacional mãe-bebê em manifestações psicossomáticas, consideram que em uma intervenção os pais também devem receber orientações, mas lembrando que o paciente é a criança e não os pais. De modo geral, entendem que as intervenções com essas crianças devem se dar pelo referencial biopsicossocial, prezando pela ação multidisciplinar. Por fim, consideram que “[...] a doença pode transformar-se em uma oportunidade de crescimento, de ressignificação da vida e do viver, gerando uma melhor qualidade de vida como um todo” (Baseggio, 2012, p. 637).

Enfim, como se fosse uma profecia, é colocado que caso a mãe não tenha sido ‘suficientemente boa’ como destaca Winnicott (2006), seu filho apresentará sintomas psicossomáticos (Baseggio, 2012). Cabe destacar que, nos estudos de caso, é apontado que a

maioria das mães se sentem culpadas em relação ao adoecimento de seu filho (Ferreira, Muller e Jorge, 2006).

A função materna é bastante enfocada como a principal causa de adoecimento da criança e do adulto, visto que quando um adulto adoecer é esta díade (mãe-bebê) que os autores e autoras recorrem para buscar uma explicação. De acordo com a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, todas as pessoas são seres sociais e o adulto cuidador tem uma função importante para a criança, no que tange a criação de condições necessárias ao seu desenvolvimento. No entanto, tal importância não discrimina um papel em específico, materno/paterno, mas sim o papel do adulto mais desenvolvido. Porém, os artigos analisados parecem tomar o modelo familiar da sociedade patriarcal como ideal, que exige e impõe uma maior responsabilidade materna no cuidado e educação das crianças. Sabe-se que a questão materna na Psicanálise pode estar relacionada com a função de cuidado exercida por qualquer pessoa, entretanto, o termo materno/mãe, ainda pode gerar algumas confusões no entendimento, visto que remete ao feminino, além disso, a Psicanálise tem vários desdobramentos e correntes, e este termo, ao que se percebe, pode ter significados diferentes a depender da linha, cabe pontuar que foi mantida a terminologia utilizada pelos autores (as) em seus artigos.

Diante dessas considerações, dois pontos se destacam: 1) A psicossomática é desencadeada pela carência ou excesso de vínculo com a mãe; 2) O terapeuta deve assumir uma postura materna em suas intervenções. Ao que parece, para os autores (as) apresentados, a psicossomática decorre de uma insuficiência materna e, portanto, para elaborar uma intervenção seria necessário que uma pessoa, geralmente, o próprio (a) terapeuta, assumisse esta função materna (Clemente, Peres, 2010) justamente para reparar os danos causados.

Na concepção Histórico-Cultural a pessoa que cuida da criança, assim como todas as outras pessoas e fenômenos, devem ser analisados com base na dialética do singular-particular-universal. Como já dito anteriormente, não somos naturalmente humanos, nós nos tornamos pertencentes ao gênero humano - *Universal* - a partir do processo ontogenético de humanização. Nossa constituição enquanto seres humanos ocorre somente em relação com o outro. Leontiev (1978) pontua que este processo está diretamente relacionado com a aprendizagem, pois para nos apropriarmos de determinado instrumento, ou seja, o que foi construído historicamente pela humanidade, alguém precisa nos transmitir, principalmente por meio da linguagem.

Este contínuo processo é dialético, ao mesmo tempo em que nós - enquanto *singularidade* - apropriamos das objetivações humanas, nós também criamos e desenvolvemos novas objetivações, porém na sociedade de classes - *particularidade*. Este processo de se apropriar e participar ativamente da produção do gênero humano se dá de forma desigual e,

para a maior parte da população, isso ocorre em limites miseráveis (Leontiev, 1978; Oliveira, 2005). Assim, com base nesta dialética, do singular-particular-universal, consideramos que “cada pessoa é em maior ou menor grau o modelo da sociedade, ou melhor, da classe a que pertence, já que nela se reflete a totalidade das relações sociais” (Vigotski, 1999, p. 368).

A análise com base nesta dialética evita recair em compreensões abstratas, descoladas da realidade, a-históricas. Os principais distanciamentos se referem à compreensão da mãe ou o papel de maternagem, ou até mesmo da família, apreendido as vezes de forma descontextualizada. Como aproximação, parece ser interessante trazer à tona o desenvolvimento do período de vida inicial, apesar da compreensão ser divergente em essência, a concepção Histórico-Cultural não nega que este período do desenvolvimento seja tão importante quanto os outros, mas precisa ser tomado em suas múltiplas determinações, inclusive problematizando os aspectos relacionados ao gênero na sociedade patriarcal capitalista que estabelece determinados padrões a serem seguidos por homens e mulheres¹¹.

1.2.2.3 Psicossomática: Relação mente-corpo

Neste tópico foram incluídos 15 artigos da revisão bibliográfica, sendo que não são todos da mesma abordagem teórica, mas foram agrupados por trazerem considerações em torno da relação mente-corpo. Estes 15 artigos correspondem aos apresentados na tabela a seguir:

Tabela 8 – Artigos da pesquisa bibliográfica utilizados na seção: Psicossomática: Mente-Corpo.

Título do artigo	Autor e/ou Autora	Ano de publicação
Ser mulher dói: relato de um caso clínico de dor crônica vinculada à construção da identidade feminina.	Bocchi, J., Salinas, P. Gorayeb, R.	2003
Construções em psicossomática psicanalítica.	Horn, A.	2008
Controvérsias sobre a somatização.	Coelho, C. L. S.; Avila, L. A.	2007

¹¹ Sugestões de leituras que perpassam por este tema:

1) Vieira, Beatriz Moreira Bezerra. Medicando meninos e meninas: uma leitura histórico-cultural das relações de gênero no TDAH na infância. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Maringá. 2019. Disponível em: <http://www.ppi.uem.br/arquivos-2019/beatrizvieiraversaofinal>.

2) Souza, Terezinha Martins dos Santos. Emoções e capital: as mulheres no novo padrão de acumulação capitalista. 2006. 353 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

Emoção e soma (des)conectadas em páginas de revista: as categorias temáticas do discurso prescritivo sobre os fenômenos da vida e da doença	Alves, V. L. P. et al.	2013
O conceito de psicose atual na psicossomática psicanalítica de Joyce McDougall.	Peres, R. S.; Santos, M. A.	2010
Psicossomática na infância: uma abordagem psicodinâmica.	Baseggio, D. B.	2012
Psicossomática, gestação e diabetes: um estudo de caso.	Barbosa, R. F., Duarte, C. A. M., Santos, L. P.	2012
Pulsões de destruição e doenças somáticas.	Green, A.	2019
Qual é o estatuto do corpo na psicanálise?	Lindenmeyer, C.	2012
A contribuição da calatonia como técnica auxiliar no tratamento da fibromialgia: possibilidades e reflexões.	Passos, C. H.; Lima, R. A.	2017
Percepção e Enfrentamento do Psicossomático na Relação Médico-Paciente.	Alves, V. L. P.; Lima, D. D.	2016
Uma integração teórica entre psicossomática, estresse e doenças crônicas de pele.	Silva, J. D. T.; Muller, M. C.	2007
O Adoecimento Somático em Ferenczi, Groddeck e Winnicott: uma Nova Matriz Teórica.	Santos, L. N.; Junior, C. A. P.	2019
Saúde mental: uma visão vincular	Fernandes, W. J.	2009
Da tradição em Psicossomática às Considerações da Daseinsanálise	Mattar, C. M. et al.	2016

Um marco importante em relação ao estudo do corpo se inicia no século XIV, período em que foi realizado as primeiras dissecações de corpos. No século XV, com o aumento das dissecações, os trabalhos dedicados à anatomia aumentam. Neste período, a noção de doença estava bastante relacionada com o orgânico, mas a partir do século XIX, tem-se a intensificação do discurso religioso, que influenciou nas discussões médicas da época. Neste mesmo período, os médicos alemães foram fortemente criticados por valorizar mais a dimensão orgânica da doença do que a subjetividade do paciente, por isso que foi surgindo a necessidade em considerar a singularidade da pessoa atendida e os médicos recorreram à filosofia (Lindenmeyer, 2012).

Neste momento histórico de busca por considerar a subjetividade do paciente que a medicina psicossomática foi sendo desenvolvida. Dentre os trabalhos que foram realizados, o de Franz Alexander chegou a propor uma relação entre a personalidade do paciente e seu adoecimento, desenvolvendo um quadro com as personalidades específicas. Como, por exemplo, personalidade cardíaca, alérgica, asmática, etc. Neste contexto, Lindenmeyer (2012) também destaca M. Heidegger e explica que, para este autor, a história de vida de cada pessoa é a base para o desenvolvimento de sua patologia. Além disso, as propostas de S. Freud também ganharam destaque (Lindenmeyer, 2012).

Heidegger se propõe a destruir a dicotomia existente entre soma e psique. Para o autor, a grande questão seria o uso do método que não se encaixasse na exigência científica de mensuração. O novo método proposto por Heidegger pressupunha que o corpo não termina na pele, vai para além da materialidade. Ele buscou alcançar a proximidade do fenômeno do corpo, mas sem a expectativa de solucionar o que chamou de problema do corpo. Para o autor, já é muito conseguir ver o problema. Insiste na “dificuldade de diferenciar o psíquico do somático (Mattar, 2016, p. 324). A conclusão de Heidegger é “(...) tornar visíveis certos fenômenos como o enrubescer, a dor, a tristeza, deixando estes fenômenos ficarem simplesmente da maneira como os vemos, sem qualquer tentativa de reconduzi-los a qualquer coisa” (Mattar, 2016, p. 325). Para Heidegger, não se tratava de buscar uma conceituação, mas compreender o encontro que ocorre entre o homem e com o que ele encontra, pois o gesto, qualquer movimento humano tem algo a dizer (Mattar, 2016).

Continuando com a ideia de Heidegger, Medard Boss em 1954, afirmou que “todo o adoecer é sempre psicossomático, pois atinge a abertura que é o Dasein, ser-aí, como um todo e representa uma restrição à determinada possibilidade, a doença com suas limitações, em detrimento de outras” (Mattar, 2016, p. 325). Para esta perspectiva, todo adoecimento indica que há uma relação perturbada com o mundo e deve-se questionar qual é essa relação.

Já nas propostas freudianas, é o inconsciente que influencia a cura ou não das doenças. Deste modo, o papel da medicina e psicologia seria o de auxiliar o sujeito a compreender o que se passa com ele. Na psicanálise, os adoecimentos são compreendidos juntamente com as fantasias e pulsões singulares de cada sujeito e estas são significadas pela linguagem (Lindenmeyer, 2012). Estas elaborações freudianas influenciaram as teorizações dos pesquisadores e pesquisadoras da Escola de Paris, dentre os estudiosos, se destaca Marty.

A pesquisadora Marty propôs a noção de *marcagens*, que diz respeito a qualidade e quantidade das representações dos sujeitos. Com estes dados, analisou hierarquicamente as diferenças quantitativas e qualitativas, concluindo que sujeitos com capacidades limitadas de pensar tem mais chance de desenvolver um adoecimento somático. Para a autora, este adoecimento advém de uma má mentalização do sujeito que é a causa do pensamento operatório. Esse tipo de pensamento limita a capacidade de pensar (representar) e é característico nos pacientes somáticos (Lindenmeyer, 2012). Por conta dessas análises, Green (2019) afirma que as noções de mentalização de Pierre Marty, sob influência freudiana, colaboram para um dualismo entre soma e psique (Green, 2019).

Para Pontalis (1988, apud Lindenmeyer, 2012), o psiquismo está incrustado nas manifestações corporais e, em todo momento, o corpo está presente na teoria freudiana. Estudar

o corpo foi uma das questões que impulsionou Freud a ir para a área da psicologia, estabelecendo conexões entre o orgânico e o emocional. Por conta disso, Peres e Santos (2010) consideram injusto dizer que Freud e seus continuadores propuseram um reducionismo psicológico. Para estes autores (as), Freud não defende uma autonomia psíquica. Já Groddeck (apud Lindenmeyer, 2012), entende que, posteriormente, Freud se afastou da dimensão biológica do corpo, passando a considerar as manifestações somáticas somente na esfera intrapsíquica.

Esta noção de considerar as manifestações psicossomáticas como causa psíquica é apresentada na pesquisa bibliográfica realizada por Alves (2013). O autor destaca que há uma visão individualista em torno da psicossomática que supõe que quem não se preocupa com os outros tem um melhor controle de suas emoções. Na análise da revista *Viva Saúde*, feita pelo autor, no período entre agosto de 2005 e fevereiro de 2006, foi possível constatar a presença de dicas de controle emocional. Dentre as sugestões para alcançar este controle, estava a psicoterapia, preferencialmente na abordagem Cognitivo Comportamental. Além de outras estratégias como caminhada, acupuntura etc., que também são indicadas, evidenciando que é o paciente que deve querer se curar (Alves, 2013). O autor apresenta também que as matérias impõem um diagnóstico por parte do leitor, incentivando a ter um comportamento “correto” pautado no autocontrole/racionalidade do indivíduo. Conclui-se que “orientar as pessoas a em que e em como pensar, sentir e agir parece estar sendo a função da mídia” (ibidem, p.542). Nesse sentido, neste cenário há a separação psíquica como, por exemplo, entre emoção e cognição.

Nota-se a importância que foi dada aos processos de racionalização¹². Ao explicá-los, os autores (as) caem em uma visão individualista de autocontrole, como se o sujeito por si só fosse, ou devesse ser, capaz de superar o sofrimento que está passando. Com isso, contribui para a manutenção do sistema produtivo vigente, pois se o problema está no sujeito e somente ele pode resolver, não há motivos para transformar a realidade. Assim, problema real não é desvelado e, ainda, mesmo que o sujeito esteja em sofrimento, ele se constituiu nas e pelas relações sociais. Além disso, este entendimento intensifica a culpabilização diante do sujeito que sofre, pois trata-se de um autocontrole que não tem por base a realidade concreta daquele

¹² Indicação de leitura: Maria Helena Souza Patto, no penúltimo capítulo de seu livro intitulado *Mutações do cativo: escritos de psicologia e política* (2000), escreve sobre Inteligência Emocional e como esta foi sendo inserida para seguir a lógica individualista e produtivista da sociedade de classes.

sujeito. Vigotski (2006), no capítulo *Dinâmica e estrutura da personalidade do adolescente* (tradução nossa¹³), aborda a questão da conduta ao discorrer sobre o período da adolescência. Entretanto, ao ter como base outro viés metodológico, a explicação do autocontrole se dá de forma diferente, o que evidenciaremos ao tratar da periodização Histórico-Cultural do desenvolvimento humano, da infância à idade adulta no item 2.2 deste trabalho, com ênfase na unidade objetivo-subjetivo.

Os artigos da revista analisados por Alves (2013) apresentaram que os fatores emocionais que desencadeiam a psicossomática são: o medo, a angústia e a tristeza. A noção não é de uma integração mente-corpo, mas de uma visão clássica de psicogênese, mesmo que tentem uma relação entre mente-corpo, estes dois aspectos são tratados separadamente (Alves, 2013). Em geral, o interno (psíquico) tem maior destaque na determinação somática.

Ao contrário dos estudos que apontam uma determinação psíquica na psicossomática, tem-se as teorizações de Groddeck, cujos escritos foram inspirados em Nietzsche. Este autor incorpora o conceito *Isso*, para tratar da unidade mente (psique) e corpo (engloba o somático e o inconsciente). Para ele, todos os tipos de adoecimento seriam do *Isso* (nem mais psíquico, nem mais corporal, mas ao mesmo tempo). Acrescenta também que as denominações corpo - psíquico, só poderiam ser utilizadas didaticamente, pois “[...] a afirmação de que uma determinada doença é psíquica ou somática sempre pressupõe um recorte reducionista prévio” (Santos e Junior, 2019, p.8). Para Groddeck, o *Isso* remete ao indivíduo em sua totalidade; Ferenczi também não aponta nenhuma diferenciação entre sintomas psíquicos e sintomas físicos.

Assim, “como manifestação do *Isso*, o adoecimento passa a ser visto como um fenômeno complexo, simultaneamente somático e psíquico e que se constitui como expressão das relações do indivíduo com o ambiente” (Santos e Junior, 2019, p.8). A causa dos adoecimentos devem ser buscadas na relação entre indivíduo-mundo. Os autores apontam que a Escola de Psicossomática de Paris relativiza o ambiente por entender que determinado adoecimento advém de uma insuficiência psíquica. Cabe destacar que esta escola se baseou nas elaborações freudianas e se preocupou principalmente com o funcionamento mental. Ao dar maior destaque ao psíquico, Horn (2008) entende que estes estudiosos indicaram uma separação entre mente e corpo (Horn, 2008; Santos e Junior, 2019).

¹³ Trecho original: *Dinamica y estructura de la personalidad del adolescente*. Referência: Vygotski, L. S. Obras escogidas IV: psicología infantil. Madri: Visor, 2006.

A noção de corpo-mente como unidade, principalmente no que se refere à explicação do *Isso*, é utilizado na Psicologia Histórico-Cultural, entretanto, com outra compreensão. Enquanto na teoria apresentada, mente-corpo seria de uma unidade equivalente, para a concepção Histórico-Cultural trata-se de uma *unidade de contrários* que estabelece uma relação constante de reciprocidade.

Pode-se considerar que Ferenczi, Groddeck e Winnicott não seguiram as teorizações ontológicas e epistemológicas de Freud, pois nenhum deles considerou a psicossomática como decorrência de uma falha de representação: “e isso ocorre justamente porque nas obras de Ferenczi, Groddeck e Winnicott, o corpo não aparece reduzido a um organismo gerador de excitações que precisam ser drenadas e elaboradas por um aparelho psíquico gerador de representações” (Santos e Junior, 2019, p.11). Para estes três autores

[...] a realidade integral individual é um corpo-imaginativamente-elaborado. Logo, trata-se, para eles, de um corpo expressivo que manifesta o tempo todo suas modulações afetivas por meio de diversas produções tanto saudáveis quanto patológicas (Santos e Junior, 2019, p.12).

Ferenczi, Groddeck e Winnicott não desconsideram a pulsão corporal, mas compreendem que a depender do adoecimento tais pulsões podem se expressar em maior ou menor grau. Acrescentam que o corpo não é só pulsão e que não é dever da psique ter que dar conta das forças pulsionais: “trata-se, portanto, de uma psique que não apenas elabora o corpo, mas elabora no e com o corpo em relação de afetação com outros corpos” (Santos e Junior, 2019, p.4). Compreende-se que o corpo estaria, a todo momento, em relação mútua com o ambiente (Santos e Junior, 2019). Enfim, para eles, o adoecimento, assim como andar e se comunicar, está relacionado com a história, e neste percurso, há bons e maus encontros (Santos e Junior, 2019).

Verifica-se, portanto, que Ferenczi, Groddeck e Winnicott não seguiram as teorizações freudianas, não sendo considerados como continuadores de Freud. Os estudiosos destes três autores destacam que eles entendem mente-corpo como uma unidade, diferente de Freud, que colocaria um determinismo psíquico e, portanto, apresentaria uma dicotomia entre mente-corpo.

Para outros autores (as) como Ferreira, Muller e Jorge (2006), a psicossomática seria o momento em que fatores psicológicos e biológicos se relacionam. Apresentam que há relação entre o sistema nervoso central e o sistema imune. Explicam que existe influência dos aspectos psicológicos sob o sistema imunológico, o que pode aumentar as chances de desencadeamento da dermatite atópica, por exemplo. Também consideram que a psicodermatologia tem focado suas pesquisas sob a influência dos fatores psicossociais e traços de personalidade na

manifestação da dermatite atópica. Para estes autores (as), o momento de unidade entre corporeamente se dá apenas no adoecimento psicossomático, destacando as pesquisas biomédicas e apresentando o social como um adicional extra para a análise.

Na pesquisa realizada, por Alves e Lima (2016), com quatro profissionais da medicina, foi exposto que, geralmente, os cursos de medicina são pautados por uma visão biomédica dos adoecimentos. Quando chega algum paciente com sintomas psicossomáticos alguns médicos chegam a encaminhar para outros, para que mais médicos certifiquem de que realmente não há uma causa orgânica ou que não se trata de um adoecimento raro. A partir dessa pesquisa, foi apresentado que os médicos se sentem inseguros, pois trata-se de manifestações que eles não podem controlar. Quando questionados se exploram algumas questões psicológicas de seus pacientes, os médicos disseram que não e que se sentem inseguros diante dessa situação (ibidem, 2016).

Ainda sobre os dados da pesquisa, verifica-se que quando fica realmente constatado que um paciente apresenta um adoecimento psicossomático a postura dos médicos muda. Eles passam a perceber mais o humor do paciente, relatam que chegam a perguntar sobre problemas pessoais do paciente e situações estressantes que este possa ter passado. Apesar de relatarem que tem dificuldade de se sentirem afetados pelo paciente (ibidem, 2016).

Ao compreenderem que se trata de um adoecimento psicossomático, os médicos realizam encaminhamentos para outros especialistas, como psiquiatras, psicólogos, fisioterapeutas, ou até mesmo para “templos” religiosos. Os médicos identificam falhas na formação, desconhecendo sobre psicossomática e por isso se sentem inseguros em atuar com pacientes psicossomáticos. Alguns chegam a considerar que a pessoa deve controlar seu corpo a partir da razão, desembocando na dicotomia entre emoção e cognição (Alves e Lima, 2016).

Infelizmente os médicos recorrem aos psicoterapeutas somente quando o paciente não tem remissão dos sintomas pela via medicamentosa. Isso implica numa visão dicotômica do ser humano, ao entender que se o ‘problema’ não é orgânico, então ele é psicológico (Fernandes, 2009).

Para Fernandes (2009), quando o paciente recebe rapidamente seu diagnóstico, se coloca como vítima do seu adoecimento e passa a considerar a via medicamentosa como única alternativa de cura. Ao nomear as doenças somáticas - que se encaixam nos transtornos psiquiátricos - como, por exemplo, fibromialgia; síndrome do intestino irritável - os médicos acabam justificando para o paciente que seus sintomas têm causas orgânicas. Além disso, parece ser mais ‘vantajoso’ para o paciente, que não fica com o estigma de ter um transtorno mental. E, ao considerar causas orgânicas para sintomas somáticos, os medicamentos passam a

ser mais vendidos, pois respondem a uma exigência da indústria farmacêutica (Coelho e Avila, 2007).

Diante desse cenário é necessário que se construa uma relação mútua de trocas e de conhecimentos, apontando a relação entre os sintomas e as emoções, ou seja, trazer à tona essa visão psicossomática. Para isso, o trabalho deve se dar em conjunto, com os cuidados médicos, com a psicoterapia, tendo por objetivo permitir que o paciente consiga aumentar seu autoconhecimento e administrar o que acontece na sua realidade externa e interna. Entende-se, portanto, que a cura não se efetiva somente com o tratamento médico, indica que há uma relação entre o orgânico e o psíquico (Bocchi, Salinas e Gorayeb, 2003).

Desta forma, para os autores (as) Bocchi, Salinas e Gorayeb (2003) e Fernandes (2009), o atendimento à um paciente com sintomas psicossomáticos deve se dar a partir da atuação conjunta entre profissionais da medicina, psicologia e psiquiatria, indicando que este adoecimento decorre de uma relação entre mente e corpo. Cabe acrescentar que apesar desses autores (as) considerarem que é na psicossomática que se dá a relação em unidade entre mente-corpo, outros entendem que ocorre justamente o contrário. Por exemplo, Volich, Ferraz, Ranña (2007, apud Baseggio, 2012) compreendem que na psicossomática ocorre o distanciamento entre mente e corpo. Para a autora, "quando ocorre ensurdecimento em relação às dores psíquicas do filho, constata-se o rompimento entre o corpo e a psique, propiciando a eclosão de fenômenos psicossomáticos" (Baseggio, 2012, p. 634).

Enquanto alguns compreendem que na psicossomática há uma relação entre mente-corpo, outros afirmam que há o distanciamento entre mente-corpo, já Passos e Lima (2017) partem do entendimento de que mente-corpo são uma unidade. Ao entender mente-corpo como unidade, consideram que no processo terapêutico, a memória corporal interacional deve ser reativada por meio da "interação não verbal, o contato visual, a tonalidade de voz e o contato físico" (Passos e Lima, 2017, p.19). Para as autoras, é através desta interação que é possibilitado ao sujeito o desenvolvimento de novos modos de constituição do Self. Logo, o contato físico entre paciente e terapeuta é imprescindível. É necessário o uso da caltonia, técnica desenvolvida na 2ª Guerra Mundial, pelo médico húngaro Phetö Sandor (1916-1992), que consiste em toques nas extremidades do corpo, com o objetivo de provocar a descontração muscular, possibilitando a diminuição de dores físicas e emocionais, utilizada em situações de reamputação. No fim da guerra, esta técnica passou a ser utilizada pela psicologia e neurologia e associada à Psicologia Analítica com o nome de "Integração Psicofísica". Essa perspectiva entende que há uma interdependência entre corpo e alma, logo, ao cuidar do corpo também se cuida da psique e vice-versa (Passos e Lima, 2017).

Portanto, para perspectiva acima, mente-corpo são uma unidade. Outros autores (as) que partem desse entendimento chegam a questionar o termo psicossomática. Por exemplo, Mattar (2016) expõem que esta palavra já passa a ideia de que há uma dualidade que precisa ser solucionada, sendo considerada “uma terminologia incômoda e imperfeita” (Mattar, 2016, p. 325).

Outros autores (as) que estudam a psicossomática a partir da perspectiva biopsicossocial também criticam este termo. Lipowski (1984, apud Silva e Muller, 2007) compreende que a intenção do estudo da psicossomática é entender a complexidade que existe na relação mente-corpo e sua relação com o social, ou seja, o entendimento do humano em sua integralidade, apreendendo sua dimensão biopsicossocial. Ao discutir sobre esta integralidade, Silva e Muller (2007) critica o termo ‘psicossomática’ por considerarem que esta palavra não expressa toda a integralidade do ser humano e nem a unidade que há entre mente-corpo.

Dos artigos analisados, a compreensão de mente-corpo no que se refere à psicossomática não há um consenso. Os entendimentos que se destacam são: 1) Hierarquia da mente (psíquico) sob o corpo, principalmente nas elaborações freudianas ou que partem dessa influência; 2) Concepções biomédicas, que apesar de pontuarem que existe uma relação entre mente-corpo, o orgânico é enfatizado, principalmente em pesquisas neurológicas e com tratamentos medicamentosos; 3) Unidade mente-corpo, mas esta unidade é compreendida como igual, portanto mente-corpo são a mesma coisa, numa relação de identidade; 4) Concepção biopsicossocial, que não trata-se apenas de mente-corpo mas também do social, porém como uma somatória de fatores.

Em síntese, para a Psicologia Histórico-Cultural, não se trata de considerar o social, como se em cada tipo de adoecimento ele exercesse mais ou menos influência. Nesta abordagem, o desenvolvimento humano se dá por meio das relações sociais e, portanto, toda e qualquer expressão do processo saúde-doença é determinada, também, socialmente. Vale apontar que, no materialismo histórico-dialético, estamos lidando com determinação social e não determinismo, a determinação social advém de um entendimento,

[...] de que os processos determinados são os que têm um modo definido de devir [...]. Isso porque relaciona os processos com seus modos de devir, captando a saúde-doença em seu movimento e evitando reducionismos, para os quais a doença seria reduzida ao biológico individual (Breilh, 2006, p. 122, apud, Almeida, 2018, p. 87-88).

Enquanto determinismo refere-se a “[...] designação dada à corrente filosófica que toma qualquer tipo de evento como provindo de uma causa e, dada esta causa, o evento decorrerá dela invariavelmente” (Breilh, 2006, p. 122, apud, Almeida, 2018, p. 87).

Tendo como referência a Histórico-Cultural, o sujeito deve ser entendido em sua totalidade. Nesse sentido, há um distanciamento das concepções que consideram somente como causa de um sofrimento a falta, diminuição ou incapacidade de raciocínio. Esta perspectiva também se distancia dos termos de *unidade* e *social* utilizados. No que se refere ao tema mente-corpo, esta relação é apreendida como unidade de contrários, e não unidade de iguais. Além disso, o social é fundamento de toda e qualquer análise e não algo a ser “considerado” como um item extra. A concepção de social deve abarcar necessariamente as relações de produção, transversalizadas pela classe, raça¹⁴, e sistema sexo-gênero. Além disso, não é necessário estar com outras pessoas para se considerar o social, pois nesta perspectiva, o próprio ser singular é social, entende-se que “as relações sociais, no sentido dado por Marx e adotado por Vygotski, como produtoras e transformadoras dos comportamentos, condutas e formas de pensar humanos no decorrer da história” (Tuleski, 2008, p. 56). Portanto, as interações e mediações sociais devem ser apreendidas historicamente e, assim, não se trata um cenário, onde as coisas apenas acontecem.

1.2.2.4 Psicossomática: O papel da linguagem

Os artigos utilizados para compor este tópico totalizam 7, também não são todos da mesma abordagem teórica e foram agrupados por trazerem considerações entre o papel da linguagem e o sofrimento psicossomático. Os artigos selecionados para esta seção foram organizados na tabela abaixo.

¹⁴ “[...] fazemos uma escolha teórica e política pelo uso da categoria raça [...]. Isto porque, embora não possua mais nenhuma validade biológica, acreditamos que ela permanece sendo, por um lado, uma categoria socialmente válida para compreender a realidade e, por outro lado, é capaz de evocar a historicidade de processos de violência e exclusão [...]” (Damasceno, 2020, p. 15) – Referência completa: Damasceno, Wagner Miquéias Felix. Racismo, escravidão e capitalismo no Brasil: uma abordagem marxista. 2020. 1 recurso online (253 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1639679>. Acesso em: 21 abr. 2022.

Tabela 9 – Artigos da pesquisa bibliográfica utilizados na seção: Psicossomática: O papel da linguagem.

Título do artigo	Autor e/ou Autora	Ano de publicação
“Faz isso, faz aquilo, mas eu tô caindo...” – Compreendendo a doença de Chron.	Castelli,, A., Silva, M. J. P.	2007
A dermatite atópica na criança: uma visão psicossomática.	Fontes Neto, Paulo T. L. et al.	2006
Funcionamento psíquico e manejo clínico de pacientes somáticos: reflexões a partir da noção de desafetação.	Clemente, J. P. L. Peres, R. S.	2010
Psicossomática na infância: uma abordagem psicodinâmica.	Baseggio, D. B.	2012
Dinâmica das relações em famílias com um membro portador de dermatite atópica: um estudo qualitativo.	Ferreira, V. R. T.; Muller, M. C., Jorge, H. Z.	2006
Psicossomática: um fenômeno entre o saber e o gozo.	Alves, R. B.; Amparo, D. M.; Chatelard, D. S.	2019
Corpo e palavra: grupo terapêutico para pessoas com transtornos alimentares.	Goulart, D. M.; Santos, M. A.	2012

Observamos de início que o papel da linguagem nos sofrimentos psicossomáticos foi apresentado de diversas formas nos artigos analisados, as que mais se destacaram foram: 1) A psicossomática advém de um sofrimento que não foi expresso em palavras; 2) Pacientes psicossomáticos, geralmente, tem dificuldades em se expressar; 3) Psicossomática (principalmente a infantil) é uma forma de comunicação; 4) Importância de possibilitar a expressão por meio da linguagem.

No que se refere a esta primeira compreensão, os autores (as) vão colocar que a psicossomática é uma forma de manifestar algo que não é comunicável em palavras, e nem ‘resolvido’ em nível psicológico (Castelli e Silva, 2007). Desta forma, “entende-se que as manifestações psicossomáticas podem ser compreendidas como uma dificuldade de simbolização e verbalização dos sentimentos” (Fontes Neto, 2006, p. 76). Logo, a psicossomática se manifesta quando a pessoa não consegue expressar por meio da linguagem o conflito ou sofrimento que está vivenciando. Dessa maneira, o sujeito não constrói um discurso sobre sua dor, que é suprimida e passa a se expressar no corpo (Goulart e Santos, 2012).

Com relação à dificuldade de expressão desses pacientes, a revisão bibliográfica realizada por Ferreira, Muller e Jorge (2006), dos escritos dos anos 1950 e 1960, apresenta que os pacientes com dermatites atópicas eram geralmente caracterizados como inseguros. Tais pessoas tinham dificuldades em se expressar e, em relação à personalidade desses pacientes, a

revisão bibliográfica indicou que eles apresentavam traços hostis de personalidade, como também hipersensibilidade, ansiedade, entre outros.

Nos atendimentos realizados com os pacientes psicossomáticos Caldeira (2003, apud Baseggio, 2012) verificou que estas pessoas apresentam dificuldades em lidar e falar de suas próprias emoções (alexitimia: ausência de palavras). Quando se trata de crianças com pouca idade, esta questão fica ainda mais complicada, pois o corpo se torna o principal meio de comunicação. Entretanto, Castelli e Silva (2007) colocam que pacientes adultos psicossomáticos apresentam dificuldades em descrever e sentir suas emoções. Assim como crianças que necessitam da mãe para interpretar seus sentimentos e afetos, acrescenta também que há a prevalência de pensamento operatório, sendo este caracterizado como

[...] um modo original de relação de objeto, em que o paciente expõe suas perturbações como fatos isolados, sem nenhuma relação aparente. As associações se apresentam ligadas apenas à materialidade dos fatos e dentro de uma relação temporal limitada. Eles se diferenciam dos demais pela pobreza do mundo simbólico. Sonham pouco e seus sonhos são realistas. Há pouca elaboração psíquica, sendo seu pensamento do tipo operatório, aprisionado no concreto. Por ter pouca interação com seu inconsciente, frente a qualquer estresse, por incapacidade de simbolizar, reagiria com uma doença somática (Castelli e Silva, 2007, p. 34).

Cabe considerar também que os pacientes psicossomáticos que chegam para a terapia carregam consigo a classificação médica como, por exemplo, fibromialgia. Eles acreditam que não há mais nada para descobrir, ficam fechados na classificação médica, o que acaba dificultando o desenvolvimento de novos significantes (Alves, Amparo e Chatelard, 2019), a expressão a partir da linguagem.

O fenômeno psicossomático quando manifestado em crianças, geralmente, assume um papel de comunicação. O sistema familiar ao qual pertence esta criança se altera. Os familiares ficam preocupados com a iminência dos sintomas e passam a dar mais atenção às atividades da criança. Com isso, acaba gerando um ambiente estressor, além disso, as atividades do infante podem ficar mais limitadas. Todo sistema de regras e de liberdade da família muda por conta dos sintomas. Entende-se que os sintomas passam a ser uma forma de comunicação das relações familiares, havendo a hipótese de que as crianças com dermatite, utilizam dos seus sintomas para manipular seus pais e obter ganhos (Ferreira, Muller e Jorge, 2006). Para esta compreensão, o “sintoma psicossomático adquire as características de uma comunicação, coerente com as modalidades e regras de funcionamento do sistema em que se manifesta (Onnis, 1990, apud Ferreira, Muller e Jorge, 2006, p. 620).

Quando um sintoma é apresentado no corpo, ele simboliza uma comunicação com o sistema em que o indivíduo está inserido que pode ser a família, e as mudanças neste sistema provocam também mudanças em outros sintomas de relações. Quando o paciente está inserido no sistema familiar, tem-se a possibilidade de reverter esse sintoma em comunicação, ou seja, estabelecer trocas de afetos. Os sintomas de um membro familiar colocam todos os outros problemas da família em suspenso. Seu sintoma passa a ter a função de proteger o sistema familiar, pois outros problemas e conflitos não serão revelados. O foco está no membro portador de um sintoma e, diante disso, há, por exemplo, uma alteração na dinâmica das famílias com membros portadores de dermatite atópica, existe uma nova forma de se estabelecer as comunicações, que geralmente fica centralizada no sintoma de um dos membros da família (Ferreira, Muller e Jorge, 2006).

Neste sentido, ao pensar em uma intervenção, os autores (as) consideram que o profissional deve reconstruir a história do paciente, colocando-a em uma cadeia simbólica, com o objetivo de promover a possibilidade de expressão das emoções que não foram vivenciadas originalmente. Será imposto o desafio ao psicólogo de “funcionar como um filtro [...] capaz de regular o fluxo de excitações, que tende a desencadear descargas corporais em função da inviabilidade, associada à desafetação, e de recorrer às palavras para torná-lo dizível” (Clemente e Peres, 2010, p.57).

Os autores Goulart e Santos (2012) colocam que a linguagem tem um papel fundamental, pois “os processos de tensão ou de dor que se estabelecem no corpo podem ser atenuados pela palavra que advém de um outro, de maneira a permitir que a frustração seja tolerada, a dor psíquica seja humanizada e as percepções, finalmente, pensadas” (p. 613).

Sobre o papel da linguagem, este assunto é bastante trabalhado na Psicologia Histórico-Cultural, porém sob enfoque distinto. No texto *Método de Investigação*, Vigotski (2000) considera que a linguagem é a mais importante das relações sociais, já que o processo de desenvolvimento perpassa pela comunicação. Por meio da linguagem é possível se apropriar dos instrumentos desenvolvidos historicamente, o que, segundo Leontiev (1978), trata-se de um processo educativo. Considerar a linguagem para compreender a psicossomática é ponto de aproximação, já que para esta perspectiva a apropriação da linguagem é fundamental para o processo de desenvolvimento do psiquismo. Para Psicologia Histórico-Cultural, a linguagem não é apreendida de forma abstrata, descolada da realidade, como se fosse inata ao ser humano, por exemplo, aspecto que será tratado no capítulo seguinte, mas importante já destacar que na perspectiva histórico-cultural o essencial da linguagem é o emprego dos signos. Os signos

indicam a unidade objetivo-subjetiva da linguagem, pois é por meio da internalização dos signos, mediadores externos, que a fala humana se desenvolve.

No capítulo seguinte, será tratado como os nexos biopsíquicos se desenvolvem desde o nascimento, por meio das relações sociais e nesta trama sistematizar princípios para a compreensão do que hoje consideramos como “sofrimento psicossomático”.

CAPÍTULO 2: DESENVOLVIMENTO HUMANO PARA A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

“A transformação da crisálida em borboleta pressupõe tanto a extinção da crisálida quanto o nascimento da borboleta; toda evolução é, ao mesmo tempo, involução”
(Vigotski, 2006, p. 25 - tradução nossa¹⁵)

Vigotski (1931/1934), no texto *Thought in schizophrenia* [Pensamento na esquizofrenia], aponta que o curso do desenvolvimento normal explica o patológico e vice-versa. Neste sentido, este capítulo tem por objetivo discorrer sobre o processo de desenvolvimento normal para que este sirva como base para compreender o sofrimento psicossomático. No primeiro item intitulado: *Princípios da periodização Histórico-Cultural*, serão apresentadas as principais tentativas de compreender o desenvolvimento humano colocadas por Vigotski, no texto *El problema de la edad* (2006), presente no Tomo IV, e no livro *Sete Aulas de L. S. Vigotski Sobre os Fundamentos da Pedologia* (2018). Foi destacado o que há em comum entre estas tentativas e as teorizações em torno da psicossomática, expostas no primeiro capítulo. Ainda neste item, discorreremos sobre os principais conceitos sistematizados por Vigotski sobre o desenvolvimento humano, tendo como base as referências descritas acima, e como tais conceitos evidenciam as unidades mente-corpo, objetivo-subjetivo. No segundo item, *Desenvolvimento humano e constituição dos sistemas interfuncionais: do nascimento à idade adulta*, será apresentado a periodização do desenvolvimento humano realizada por Vigotski no TOMO IV das Obras escolhidas do nascimento ao período da adolescência. Para os períodos posteriores da juventude e idade adulta serão utilizados autoras e autores contemporâneos da Psicologia Histórico-Cultural. Ao trazer sobre os períodos do

¹⁵ Trecho original: La transformación de la crisálida en mariposa presupone tanto la extinción de la crisálida como el nacimiento de la mariposa; toda evolución es, al mismo tiempo, involución.

desenvolvimento, será dada ênfase nos sistemas interfuncionais como também na unidade objetivo-subjetivo. Ambos os tópicos deste capítulo apresentam relações e/ou hipóteses de relações com o objeto de estudo que é o sofrimento psicossomático.

2.1 Princípios da periodização histórico-cultural

O desenvolvimento humano é um tema bastante abordado pela psicologia no geral. E Vigotski no texto *El problema de la edad* (2006) presente no Tomo IV e no livro *Sete Aulas de L. S. Vigotski Sobre os Fundamentos da Pedologia* (2018), discorre sobre as principais concepções de desenvolvimento trabalhadas pela psicologia da sua época. O autor apresenta três principais grupos. O **primeiro** propunha o fracionamento do desenvolvimento infantil com base em outros processos. Nesta corrente, se encaixa a teoria biogenética. Partindo do princípio biogenético, postularam que a filogênese se repete, mesmo que de forma breve, na ontogênese de todo processo de desenvolvimento singular. Tendo como base o paralelismo rigoroso, dividiram a infância em períodos isolados que se relacionavam com o desenvolvimento filogenético. Retratada pelo autor, chama-se preformismo, que se refere à embriologia. Esta metodologia de análise compreendia que o desenvolvimento humano parte do crescimento do que já estava contido em uma forma pequena no embrião. Nas palavras do autor: “isso significa que, desse ponto de vista, tudo está contido previamente nos embriões e o desenvolvimento transcorre apenas, repito, como realização, modificação e combinação de inclinações neles contidas previamente” (Vigotski, 2018, p. 32).

O **segundo** modelo é caracterizado por estabelecer um indício principal do desenvolvimento e postulá-lo como critério da periodização. Nesse sentido, parte de um princípio único para compreender o desenvolvimento. Como, por exemplo, a dentição, Blonski (1930 apud Vigotski, 2006) utilizou como base a saída dos dentes e suas mudanças como critério principal para diferenciar cada momento do desenvolvimento. Outros estudiosos também são citados por Vigotski, como K. Stratz, que coloca o desenvolvimento sexual como principal critério. Apesar dos critérios estabelecidos como principais passarem a ideia de um indício objetivo, Vigotski (2006) pontua que eles são subjetivos. Mesmo que a proposta seja de um critério objetivo, a análise é subjetiva, pois depende dos processos que mais chamam a atenção, partem da aparência do fenômeno.

Já o critério da idade, que é uma categoria objetiva, não é escolhido voluntariamente. As separações por idade se apresentam apenas quando uma se encerra objetivamente e a outra se inicia (Vigotski, 2006). Com isto, outro erro metodológico deste grupo é estabelecer um

único indício delimitador para todas as idades. Por exemplo, a maturação sexual é um indício importante nos anos de puberdade, porém não é muito representativa nos anos anteriores. Assim como o período da dentição, na primeira infância é um momento importante que não se compara com o aparecimento dos dentes molares entre os 7 anos de idade.

Ao fazer essas considerações, Vigotski (2006) afirma que estas teorizações não levam em conta a reorganização constante que há no processo de desenvolvimento, que exige uma mudança na importância e significado dos critérios, por isso, não é possível uma classificação que estabeleça um único indício para todo o processo. Nas palavras do autor “a complexidade do desenvolvimento infantil torna impossível determinar alguma etapa, de modo mais ou menos completo, somente por um único indício” (Vigotski, 2006, p. 153, tradução nossa¹⁶). Além disso, outra crítica feita por Vigotski (2006), é que este grupo parte dos fenômenos apresentados em sua aparência, ou seja, como estas características se expressam externamente, e não apreendem a essência interna do processo de desenvolvimento. Parafraseando Marx (1983) em *O capital*, se a aparência coincidissem com a essência, a ciência seria desnecessária. Entende-se que é por meio da ciência que conhecemos a realidade. Portanto, a tarefa principal, seria a de investigar o que está na essência desses indícios, ou melhor, estudar as leis internas do desenvolvimento humano (Vigotski, 2006).

Nota-se que esta segunda tentativa vai ao contrário da primeira, concentram toda a explicação do desenvolvimento no meio externo, depende do aparecimento de determinadas características. Porém, ambas concepções se referem aos indícios biológicos ou biologicamente detectáveis.

O **terceiro** grupo aparece como uma tentativa de superação do entendimento descritivo e sintomático. Entretanto, ao terem como base uma metodologia antidialética e dualista, o problema não se resolve. A teorização de Gesell, por exemplo, citada por Vigotski (2006), estabelece um ritmo interno de desenvolvimento. O principal ponto dos estudos de Gesell foi estipular a infância inicial, mais especificamente, os primeiros meses de vida, como um critério superior de entendimento da personalidade e história do sujeito. Segundo Vigotski (2006), esta teorização parte de uma concepção evolucionista de desenvolvimento, considera que a criança apenas desenvolve o que já está dado desde o início. Nesta perspectiva, novas formações qualitativas são negadas, pois as funções elementares do período inicial apenas crescem, ou

¹⁶ Trecho original: La complejidad del desarrollo infantil impide que pueda determinarse alguna etapa, de manera más o menos completa, por un solo indicio.

seja, amadurecem no processo de desenvolvimento. Esta tentativa é posta como aquela que ainda está em desenvolvimento, mas é a que mais se aproxima da concepção Histórico-Cultural. Os pesquisadores e pesquisadoras deste terceiro grupo partem da compreensão de que “(...) o desenvolvimento é um processo de formação do homem ou da personalidade que acontece por meio do surgimento, em cada etapa, de novas qualidades (...)” (Vigotski, 2018, p. 36).

Para a Psicologia Histórico-Cultural não há a negação de que as funções elementares apareçam antes das superiores, entretanto, o desenvolvimento não se baseia apenas na evolução linear dessas funções. Dessa maneira, não se trata de uma concepção maturacional de desenvolvimento; Gesell não nega as funções “internas”, entretanto, compreende que estas são resultantes de uma carga trazida desde o nascimento. Vigotski (2018), ao tratar na terceira aula sobre o estudo da hereditariedade e do meio na pedologia, coloca que o interesse do estudo deve se voltar às questões complexas e não simples de hereditariedade, como, por exemplo, cor dos olhos. As funções mais complexas são aquelas que surgem e se desenvolvem justamente de forma relacional e não dada a priori, ou seja, aquelas que sofrem influência do meio, não puramente hereditárias, mas híbridas. As funções elementares são as mais próximas do biológico e hereditário e, por conta disso, um ponto-chave de estudo da periodização seria o de compreender justamente esses pontos de viragem interna, da função¹⁷ elementar à superior, esta última culturalmente formada. Vigotski volta seus estudos para compreender o processo das formações superiores, pois estes processos reestruturam toda a personalidade e psiquismo humano. Os momentos de viragens se “(...) produzem pela primeira vez em cada idade e determinam o aspecto mais importante e fundamental, a consciência da criança e sua relação com meio, sua vida interna e externa e todo o curso de seu desenvolvimento no período dado” (Vigotski, 2006, p. 255, tradução nossa¹⁸). Portanto, compreender a dinâmica deste processo de passagem de uma idade para outra é essencial.

Este ponto é fundamental, pois Vigotski explicita que a questão central é compreender como os aspectos biológicos no humano se transformam. Esta transformação não diz respeito

¹⁷ Apesar das críticas realizadas por Luria no livro *Fundamentos de Neuro Psicologia* (1981) ao termo *função*, o próprio autor a utiliza, porém com um significado diferente, isso porque ele passa a compreendê-la com base no método materialista histórico-dialético. Por conta disso, este termo será utilizado, assim como foi utilizado também por Vigotski. “Este conceito de uma “função” como um sistema funcional inteiro é uma segunda definição, que difere nitidamente da definição de uma função como a função de um tecido particular” (LURIA, 1981, p. 13).

¹⁸ Trecho original: (...) se producen por primera vez en cada edad y determinan, en el aspecto más importante y fundamental, la conciencia del niño, su relación con el medio, su vida interna y externa, todo el curso de su desarrollo en el período dado.

a uma maturação puramente biológica, mas se relaciona com o próprio impulso que os aspectos do meio sociocultural realizam ou efetivam nos componentes ou fatores da biologia. Em outras palavras, o corpo biológico é condicionado socio-historicamente. A fim de enfatizar as unidades subjetivo-objetivo e mente-corpo, podemos citar, de forma breve, um exemplo histórico. Quando os portugueses chegaram ao “Brasil” encontraram com os indígenas e se iniciou um processo violento de colonização, entre 1549-1600, que não se deu apenas pelo âmbito combativo concreto, mas também ideológico. Os jesuítas portugueses passaram a “catequizar” os indígenas, e, neste ponto, destaca-se a questão do corpo.

As concepções de corpo, na cultura indígena, passaram a ser refutadas violentamente no processo chamado de catequização. Os jesuítas impuseram uma visão de corpo como pecaminoso, disseminando a ideia de que os “desejos da carne” não poderiam ser seguidos¹⁹. Com isso, foi se passando um entendimento diferente do que eles tinham sobre o corpo, modificou - em níveis - o modo de ver e significar este corpo não somente pelas ideias, mas também por práticas punitivas, pois a violência simbólica tem uma concretude. Esta lógica tinha uma intenção, de violentar a cultura e as pessoas que lá estavam para dar andamento no processo de colonização, cujo objetivo é a subjugação e exploração econômica. Infelizmente, não há muitos dados sobre o processo de saúde-doença dos povos indígenas, mas em carta, o padre francês Claude d’Abbeville, observou, em relação aos indígenas europeus, que:

[...] os índios lhe pareciam fisicamente bem proporcionados [...] eram notavelmente longevos e sadios. Viviam normalmente de 100 a 140 anos, embora ele tenha tratado com alguns que carregavam, frescos e bem dispostos, 160 e até 180 janeiros. As mulheres, com 80 e 100 anos ainda davam de mamar às crianças (D’abbeville apud Franco, 1937, p. 48, apud Coimbra Jr, Santos, e Cardoso, 2007, p. 48).

¹⁹ Por se tratar de um breve exemplo, e não o objeto de estudo central do trabalho, este assunto não será tratado amplamente, entretanto, seguem algumas indicações de leituras que irão transversalizar sobre este momento histórico e/ou sobre a compreensão do corpo para alguns povos indígenas:

1) Vicentino, C. **História geral e do Brasil** / Cláudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo – 2. ed. – São Paulo: Scipione, 2013.

2) Cohn, C. (2000). Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá . **Revista De Antropologia**, 43(2), 195-222.

3) Rosalen, J. (2016). Explorando alguns temas relacionados à sexualidade junto aos Wajãpi do Amapari (AP). **Cadernos De Campo** (São Paulo - 1991), 24(24), 524-537.

4) Coimbra Jr., C. E. A., Santos, R. V., e Cardoso, A. M. Processo saúde-doença. In: Barros, D. C., Silva, D. O., and Gugelmin, S. Â., orgs. **Vigilância alimentar e nutricional para a saúde Indígena** [online]. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007, pp. 47-74.

5) Longhini, G. D. N. . **Mãe (nem) sempre sabe**: Existências e saberes de mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais / Geni Daniela Núñez Longhini; orientador, Mara Coelho de Souza Lago, coorientador, Maria Juracy Filgueiras Toneli, 2018. 166 p.

Este trecho mostra um cenário bem diferente do que estava sendo vivenciado na Europa neste mesmo período, marcado pelas doenças infecciosas, virais e etc. Atualmente, os dados sobre os processos de adoecimento das pessoas indígenas no Brasil não são completos²⁰ isso dificulta o estudo. De modo geral, a forma de lidar e ver o corpo, as expressões de saúde-doença são determinadas socio-culturalmente. Vão se expressar de modo diferente nos mais diversos países, culturas, classes sociais, em virtude das condições às quais os seres humanos necessitam reproduzir material e idealmente as suas vidas.

A expressão social da doença se manifesta na coletividade, Laurell (1982) explica que não foi a partir de estudos de casos individuais que o caráter social da tuberculose mais se expressou, mas sim, no estudo dos perfis patológicos e grupos sociais que a tuberculose atingiu em determinado período histórico. Portanto, dentro de uma mesma sociedade, os processos de saúde-doença se expressarão de distintas formas. Ao tratar do período de transição para a adolescência no TOMO IV, Vigotski (2006) explica que:

A autoconsciência do adolescente trabalhador, em comparação com a do adolescente burguês, não está retida em um estágio anterior de desenvolvimento, é simplesmente um adolescente com outro tipo de desenvolvimento de sua personalidade, com outra estrutura e dinâmica de sua autoconsciência. As diferenças neste caso pertencem a um plano diferente do que aquelas entre meninos e meninas. Por isso, as raízes de tais diferenças devem ser buscadas no pertencimento de classe do adolescente e não em um ou outro grau de seu bem-estar material (p. 239, tradução nossa²¹).

Portanto, a questão estrutural, tanto para compreensão do desenvolvimento humano, quanto para os processos de saúde-doença, tem por base o modo de organização na sociedade. “O caráter simultaneamente social e biológico do processo saúde-doença não é contraditório, porém unicamente assinala que pode ser analisado com metodologia social e biológica, na

²⁰ “Até um passado recente, epidemias de viroses, como gripe e sarampo, chegavam a dizimar milhares de indígenas num curto intervalo de tempo, exterminando aldeias inteiras ou reduzindo drasticamente o número de habitantes, o que comprometia a continuidade cultural e social dos grupos atingidos. A raridade de tais eventos no presente não elimina o peso exercido pelas doenças infecciosas no cotidiano da maioria dos povos indígenas. Infelizmente, a inexistência de um sistema de informação impede uma análise minimamente detalhada acerca da epidemiologia das doenças infecciosas e parasitárias nas populações indígenas, como também limita tentativas de avaliação de programas de controle das principais endemias. Até mesmo dados de cobertura vacinal são difíceis de serem obtidos” (Coimbra JR., Santos, R. Cardoso, 2007, p.56).

²¹ Trecho original: La autoconciencia del adolescente obrero, en comparación con el adolescente burgués, no está retenida en un estadio de desarrollo más temprano, se trata simplemente de un adolescente con otro tipo de desarrollo de su personalidad, con otra estructura y dinámica de su autoconciencia. Las diferencias en este caso pertenecen a otro plano distinto que las existentes entre los niños y las niñas. Por ello, las raíces de tales diferencias han de buscarse en la pertenencia de clase del adolescente y no en uno u otro grado de su bienestar material.

realidade, como um processo único” (Laurell, 1982, p. 12) acrescentaria ainda, que este caráter social-biológico, não se restringe ao processo de saúde-doença, mas na própria apreensão do corpo, o corpo humano enquanto algo biológico é socializado e se expresse de tal forma. Atualmente, basta questionarmos quais sentidos e significados têm sido impostos por esta sociedade capitalista, cuja doutrina econômica ou teoria econômica advoga pela absoluta liberdade do mercado, isto é, neoliberal, aos corpos de mulheres, homens, crianças, de pessoas pretas, indígenas, trans, etc., para darmos conta da expressão social do corpo.

A psicóloga Longhoni, aponta de forma certa que “interessa compreender que condições de possibilidade fazem com que alguns corpos sejam tão mais vulnerabilizados, ou ocupem posições do sofrimento muito além daquelas que nos constituíram ‘naturalmente’ como humanos no mundo” (2018, p. 88), ou seja, que corpos são estes e como se dá sua relação e constituição social. Neste sentido, não estamos tratando de um corpo abstrato, é necessário ir além da compreensão de um corpo biológico. Em linhas gerais, somos seres sociais e, portanto, o corpo não pode ser pensado, nem tratado e nem diagnosticado sem considerar as condições sociais de reprodução da sua sociabilidade. Considerando que somos seres sociais, a reprodução não é somente biológica, mas dependente das apropriações e objetivações que o tornam parte do gênero humano.

Buscar uma apreensão do desenvolvimento humano como todo, sem recair numa naturalização abstrata, foi um dos desafios de Vigotski, visto que, as correntes psicológicas da época por ele citadas, iam para este lado da compreensão. Porém, as apresentações desses grupos realizadas pelo autor foram importantes para chegar no seu objetivo de construir uma teorização do desenvolvimento humano com base no materialismo histórico-dialético.

Ao sistematizar estas teorias e traçar algumas considerações, Vigotski entende que elas não estavam totalmente erradas, mas que apreendiam parte da realidade e generalizaram estes indícios, caindo numa abstração e não capturando a totalidade concreta. Isto ocorre por conta da base metodológica utilizada, que não permite ir à essência dos fenômenos, recaindo assim, numa lógica formal. De modo geral, as três leis da lógica formal, se resumem na Lei da identidade; Lei da inadmissibilidade da contradição e a Lei do terceiro excluído (Lefebvre, 1991; Martins, 2008). **Lei da identidade:** $A=A$ sob qualquer circunstância, não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Por exemplo, a compreensão biomédica que ora reconhece um adoecimento somente como uma doença corpórea, ora somente como um adoecimento psicológico. Por conta disso, que os dados podem ser: agrupados, categorizados e classificados por comparação, semelhanças e diferenças, sendo estes os modos de organização dos manuais de doenças, como o Código Internacional de Doenças (CID) e o Manual diagnóstico e

estatístico de transtornos mentais (DSM). **Lei da inadmissibilidade da contradição:** se nega a diferença na essência, não pode haver um juízo contrário, com isso, tem a fragmentação, negando os que contrariam. Como, por exemplo, buscam por explicações que consideram os sintomas somente como psicológicos ou corporais. Como já explicou Vigotski (2004, apud Martins e Carvalho, 2016, p. 703), “a lógica dualista do *ou isso ou aquilo* impedia avanços efetivos na explicação do fenômeno emocional”. **Lei do terceiro excluído:** um juízo é verdadeiro e o outro é falso, exclui a terceira possibilidade de um juízo ser os dois ao mesmo tempo. Excluindo assim, a possibilidade da contradição.

Recair nesta lógica e captar partes de um fenômeno complexo não aconteceu apenas na explanação de Vigotski em torno do desenvolvimento, mas podemos observá-la também no levantamento bibliográfico realizado no primeiro capítulo. As teorizações em torno da psicossomática elencam alguns fatores principais como geradores desse sofrimento. Dentre os principais estão: conflitos internos ou externos; carência ou excesso de vínculo materno; incapacidade de raciocínio ou de elaboração através da linguagem; e a concepção biopsicossocial. Assim como Vigotski conclui, entendemos também que tais considerações não estão totalmente erradas, a questão é que elas apreendem parte do fenômeno, recaindo em generalizações abstratas e parciais. Pode-se observar isso, por exemplo, nas diferentes matrizes teóricas e diversos modos de escrita, cada corrente psicológica fragmenta ainda mais o objeto de estudo, se distanciando de uma psicologia geral²². Porém, compreender a unidade do diverso realmente não é uma tarefa fácil, pois implica não ir pelo caminho mais simples do empírico, aquele que se expressa na experiência imediata.

A forma como cada corrente da psicologia compreende determinado sofrimento está intrinsecamente relacionado com a concepção de desenvolvimento que carrega. Assim como nas vertentes apresentadas por Vigotski sobre o desenvolvimento, acontece o mesmo com as explicações em torno do sofrimento psicossomático apresentadas no capítulo anterior. Ambas, por conta da metodologia de análise, não avançam para a essência, não capturam as múltiplas determinações e acabam buscando um ou outro indício de modo esparso e/ou fragmentado para explicar a gênese do desenvolvimento. Com base na lógica dialética, entende-se que nenhum fenômeno pode ser explicado a partir de uma única determinação. A essência dos fenômenos

²² A crítica realizada por Vigotski em relação à metodologia de análise das perspectivas teóricas de sua época e as pistas de construção de uma psicologia geral se encontra no capítulo: O significado histórico da crise da psicologia – Uma investigação metodológica, I do livro: Vigotski, Liev Semiónovitch. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 203-420.

concretos é multideterminada. Pode-se notar que os indícios que mais se destacam na revisão bibliográfica não são excludentes entre si, alguns artigos inclusive articulam mais de um. Assim como nas teorias apresentadas por Vigotski, mesmo com mais de um indício, realizam uma somatória das partes, que em determinado momento uma se destaca mais, outra menos. Lógica metodológica presente, por exemplo, no modelo biopsicossocial.

Para teoria Histórico-Cultural, a compressão do desenvolvimento humano em seu curso normal é essencial para compreendermos como se produzem os sofrimentos e vice-versa. Neste sentido, considera-se importante discorrer sobre os conceitos de idade pedológica, crise, neoformação, atividade guia, situação social de desenvolvimento, trabalhados por Vigotski no livro *Sete Aulas de L. S. Vigotski Sobre os Fundamentos da Pedologia* (2018) e no texto *El problema de la edad* (2006) presente no Tomo IV, por serem fundamentais no entendimento de desenvolvimento humano pela perspectiva Histórico-Cultural.

Para Vigotski, “(...) o aspecto mais importante que faz com que o desenvolvimento seja desenvolvimento, que lhe atribui uma qualidade de desenvolvimento, é o surgimento do novo” (2018, p. 33). Dentre os princípios vigotskianos para a compreensão do desenvolvimento do ser social de modo materialista-histórico temos que o tempo do desenvolvimento não é linear e cronológico; o desenvolvimento não ocorre de forma proporcional em todos os aspectos; compreende momentos críticos, estáveis e de reestruturação. Apenas com estas breves considerações, observa-se que Vigotski se distancia dos grupos por ele citados.

O primeiro grupo, considera a ontogênese uma repetição paralela da filogênese, se é uma repetição, nada de novo haveria, ou que tudo se concentra na infância e que o restante do percurso de desenvolvimento não apresentaria nada de novo, apenas variações quantitativas do já existente. Assim como os grupos que elencam um período como regente do desenvolvimento, como o momento da dentição ou da puberdade, independente do período de desenvolvimento em que a pessoa se encontra. Enfim, nada de novo surge, apenas há o crescimento do que já está dado. Além disso, há as teorias que consideram apenas o meio externo, como se todo o processo de desenvolvimento estivesse contido no meio, portanto, não há nada de novo a se desenvolver. Pessoas que vivem no mesmo contexto teriam, por exemplo, segundo esta concepção, o mesmo processo de desenvolvimento. Enfim, o surgimento do novo é um ponto essencial na teorização do desenvolvimento humano para a Histórico-Cultural.

Na primeira aula, *O objeto da pedologia*, Vigotski (2018) apresenta que o desenvolvimento ocorre em uma relação complexa com o tempo. Neste sentido, o tempo necessário para mudança dos períodos de desenvolvimento não coincide com o tempo cronológico. De modo geral, seis meses são sempre seis meses, mas quando se trata de etapas

do desenvolvimento, seis meses de atraso no desenvolvimento de um bebê são mais significativos do que em uma criança de 13 anos. Portanto, o “valor de cada mês depende do ciclo de desenvolvimento em que está contido e do lugar que ocupa” (Vigotski, 2018, p. 19), as considerações temporais mudam no decorrer do desenvolvimento.

Vigotski (2018) problematiza este tema colocando a seguinte questão: crianças que nasceram no mesmo dia e hora, e viveram em condições mais ou menos iguais, estarão no mesmo nível de desenvolvimento? A resposta é não. Isso porque essas crianças não são dois relógios em que as horas são colocadas igualmente e elas ficarão assim por muito tempo. O desenvolvimento mental dessas crianças não coincide, elas estão em distintos níveis de desenvolvimento. A análise deve ir além da idade biológica, cronológica. É importante identificar a idade pedológica, ou seja, o período do desenvolvimento que a criança realmente está. O que é significativo verificar é o nível de desenvolvimento real atingido, ou seja, sua idade pedológica e o grau de discrepância, para mais ou menos, em relação à idade cronológica. Portanto, a idade pedológica pode se atrasar, adiantar ou coincidir com a idade cronológica. Os padrões pedagógicos como, por exemplo, crianças de dois anos elaborarem frases, são estabelecidos a partir de pesquisas estatísticas com um grande número de crianças. Logo, esse procedimento se apoia nas grandezas e padrões estatísticos que são constantes no desenvolvimento e permite, então, realizar a comparação entre a idade pedológica e cronológica.

Considera-se que o desenvolvimento ocorre no tempo, mas que não é temporal, e sim, cíclico. Trata-se de uma organização complexa, em que o ritmo do desenvolvimento não coincide com o ritmo do tempo. O acompanhamento, por exemplo, do desenvolvimento em relação ao peso, altura, fala, etc, ocorre em ciclos, onde há períodos de maior elevação, e alternâncias entre desacelerações e retrações, é uma constante, composta por diferentes momentos em que o tempo e o conteúdo se expressam de modo distinto. “Esses ciclos do desenvolvimento tomados juntos são chamados idades. A idade nada mais é do que um determinado ciclo de desenvolvimento fechado, separado dos outros ciclos, que se diferencia por seus tempos e conteúdo específicos” (Vigotski, 2018, p. 23). Portanto, a compreensão de Vigotski sobre a idade se diferencia do senso comum, que marca sempre um ano. Na periodização do desenvolvimento com base na Histórico-Cultural, as idades são cíclicas, podendo algumas durar um mês, como no caso do recém-nascido, e outros dois ou quatro anos como na idade pré-escolar. Logo, esses processos transcorrem no tempo, mas de forma cíclica. Ao compreender a idade desta forma, Vigotski se diferencia das concepções organicistas, que se baseiam no entendimento de idade apenas no sentido de cronologia biológica.

Outro ponto importante, apresentado por Vigotski (2018), é que o desenvolvimento não se dá de forma proporcional. Por exemplo, o crescimento da cabeça não ocorre no mesmo ritmo do desenvolvimento das pernas. Cada ciclo do desenvolvimento terá suas particularidades isoladas. Tudo se desenvolve, portanto, de forma desproporcional. Isso ocorre não só em relação aos aspectos físicos e biológicos, mas também no que diz respeito às funções psicológicas. Algumas funções se desenvolvem mais rapidamente e outras mais lentamente. A cada nova etapa do desenvolvimento, a correlação entre os aspectos físicos e mentais se modifica, com isso a personalidade também se reestrutura. Nas palavras do autor:

(...) em cada degrau determinado, ocorre não apenas um maior ou menor crescimento de aspectos isolados, mas também a reestruturação, o reagrupamento das relações entre as diferentes particularidades do organismo, ou seja, a própria estrutura do organismo e da personalidade muda em cada novo degrau (Vigotski, 2018, p. 25).

Além disso, a cada idade do desenvolvimento da criança, uma especificidade orgânica e psíquica desloca para o centro do desenvolvimento e apresenta um crescimento mais rápido, enquanto outras se deslocam para a periferia e se desenvolvem mais lentamente. Isso indica que cada período há uma particularidade mais propícia a se desenvolver. Mesmo que, anteriormente, tenha a preparação e, posteriormente, o aperfeiçoamento, como o caminhar de uma criança; estes processos são mais lentos comparados com o cerne do desenvolvimento, que seria, neste caso, em torno do um ano de idade.

Com estas considerações, verifica-se que os processos não estarão todos no mesmo nível, alguns estarão prontos, outros iniciando ou no processo de maturação. Um dos conceitos-chave para compreensão do desenvolvimento humano, com base Histórico-Cultural, é o de *maturação*. Segundo as autoras Asbahr e Nascimento (2013), este termo vem, geralmente, acompanhado com um entendimento de comparação entre o desenvolvimento infantil e adulto, ou seja, é tomado o desenvolvimento do adulto como parâmetro para se dizer “esta criança não está madura”. Ao realizar esta comparação paralela, se esquece que o desenvolvimento infantil e do adulto são marcados por diferenças qualitativas e não apenas quantitativas. Todo este processo não ocorre por uma simples maturação de base biológica, mas sim pelo processo de apropriação da cultura produzida historicamente pela humanidade. Logo, se é pelo processo de apropriação da cultura que ocorre o desenvolvimento humano, para que a maturação se efetive, é necessário que seja proporcionado condições para que a criança se aproprie dessa cultura e amadureça. Em linhas gerais, para a Psicologia Histórico-Cultural, o termo maturação está diretamente relacionado com a aprendizagem, não se trata de esperar uma maturação natural, como apontam as autoras “criança não é manga, não amadurece” (Asbahr e Nascimento, 2013,

p. 414). Neste sentido, para que ocorra esta maturação as condições para sua efetivação devem ser proporcionadas de forma intencional, com a intenção de proporcionar desenvolvimento.

O processo de maturação das funções psicológicas não ocorre de forma aleatória e espontânea. Vigotski (2018), ao buscar a regularidade geral no desenvolvimento das funções psicológicas, aponta que não é possível traçar apenas uma única lei geral. Pois, trata-se de um sistema complexo, no qual suas características não são homogêneas, já que para a Psicologia Histórico-Cultural, não ocorre apenas um crescimento do que está “dado” desde o início (Vigotski, 2018). Porém, isso não anula a existência de leis, mas indica que algumas se manifestam em determinados períodos e em outros não. No desenvolvimento ocorre mudanças que reestruturam todo sistema. Reestruturação, se refere à transformação das formas qualitativas em outras. Vai além do desenvolvimento quantitativo, e de crescimento, trata-se de

Um processo complexo que inclui, por força [de sua ciclicidade] e de sua desproporcionalidade, a reestruturação das relações entre seus aspectos, entre diferentes partes do organismo, entre diferentes funções da personalidade; uma reestruturação que conduz à mudança toda a personalidade da criança todo o seu organismo, em cada novo degrau (Vigotski, 2018, p.29).

Este é um ponto fundamental, visto que a psicologia funcional da época considerava que as funções de memória, atenção, pensamento, etc., se desenvolviam de forma isolada, ou seja, que seu desenvolvimento não alterava a estrutura de relações do sistema psíquico como um todo (Vigotski, 2018). Aqui, temos uma regularidade do desenvolvimento postulada por Vigotski: as funções não apenas se desenvolvem, mas principalmente, alteram as correlações entre elas. De um período do desenvolvimento para o outro, o sistema de relações se reestrutura, e o desenvolvimento de cada função depende desta nova organização. Nas palavras do autor “o desenvolvimento da consciência da criança como um todo determina o desenvolvimento de cada função isoladamente” (ibidem, p. 95).

Na quinta aula, *Leis gerais do desenvolvimento da criança*, o autor traz o exemplo da reestruturação psíquica da percepção para a memória, ou melhor, da primeira infância para o período pré-escolar, a fim demonstrar a articulação destas leis gerais. Com o objetivo de promover uma melhor compreensão sobre estas leis, este exemplo trazido por Vigotski (2018) será apresentado. Entretanto, tais períodos do desenvolvimento serão mais trabalhados na seção seguinte sobre a constituição dos sistemas interfuncionais.

Inicialmente, a consciência do bebê é um todo indiferenciado. Neste período, o bebê é capaz de reconhecer o cuidador e alguns objetos, como sua mamadeira. Por ser seu primeiro contato com o mundo externo, o bebê apresenta de forma muito intensa os processos de memorização. Por outro lado, pela consciência ser um todo indiferenciado, a memória como tal

não existe, pois ela não foi separada das atividades gerais da consciência, ou seja, não foi desenvolvida. Entende-se que “na consciência, temos, indiferenciadamente, as futuras funções que devem se desenvolver, que ainda não se diferenciaram, não se desenvolveram” (ibidem, p. 97). Este processo de diferenciação não ocorre de uma vez com todas as funções, “inicialmente, apresenta-se (...) um grupo de funções que ainda está insuficientemente diferenciado internamente e ocupa um lugar dominante em relação a todas as outras” (ibidem, p. 99).

De uma consciência geral, indiferenciada, ela passa a se dividir entre centro e periferia. Neste primeiro momento, a função central é a percepção, que se relaciona de forma direta com as emoções. Assim, todas as outras atividades atuam por meio da percepção e são subordinadas a ela. Por exemplo, a memória, assim como as outras funções, age por meio da percepção. Logo, ainda não é possível a criança memorizar por si só, pois a memória ainda não está desenvolvida. Todas as funções agem de acordo com os limites da percepção afetiva. A diferenciação das funções é sucessiva, e se inicia pela percepção, ainda que como um todo indiferenciado, pois as percepções de cores e sons ainda são diferenciáveis, mesmo havendo percepções mais gerais, como auditivas e visuais. Em cada período, as funções vão se diferenciando em níveis maiores tanto externo, quanto interno. Nas palavras do autor, “em cada etapa etária, diferentes funções em distintos graus estão separadas da consciência como um todo e são diferenciadas internamente em diferentes graus” (ibidem, p. 101). Portanto, “nunca há desenvolvimento regular da função (...) essa é a **primeira lei**” (ibidem, p. 101).

A função diferenciada não está isolada, mas significa que hierarquicamente ela é a dominante; esta é a **segunda lei** apresentada por Vigotski (2018), que possibilita, através da dominância de uma função, um novo sistema específico de relações interfuncionais. Na primeira infância, a percepção é a primeira atividade a dominar, enquanto as outras estão ainda pouco diferenciadas, mas por conta da diferenciação da percepção as outras funções se reorganizam e também inicia o processo de desenvolvimento, mesmo que em graus menores comparado à função perceptiva. Graus menores porque a função dominante “se encontra como que numa situação privilegiada” (ibidem, p. 103) que possibilita seu máximo desenvolvimento. Isso não significa que determinada função não estava se desenvolvendo antes, ou que não desenvolverá mais depois, mas indica que quando ela se encontra no centro, é o momento em que acontece seu maior desenvolvimento em relação às outras percepções e em relação ao seu próprio desenvolvimento anterior e posterior. Com base nisto, a **terceira lei** diz respeito à predominância de determinada função da consciência em cada idade, neste período a função estará em condições benéficas para desenvolver em suas máximas potencialidades.

Os processos de diferenciação se tornam cada vez mais complexos no decorrer do desenvolvimento. Anteriormente, a consciência funcionava de modo indiferenciado, e passa pela primeira diferenciação; em relação à percepção, temos aqui uma mudança relativamente simples. Passa de um todo indiferente para um sistema simples. Já nos próximos períodos do desenvolvimento não é assim que ocorre, pois o que haverá não será mais uma diferenciação simples, mas uma mudança para outro sistema. “A passagem de um sistema para o outro transcorre de forma diferente e mais complexa do que a passagem da indiferenciação da vida da consciência, isenta de qualquer sistema, para um sistema primário definido” (Vigotski, 2018, p. 106).

A **quarta lei** se refere a esta necessidade de reestruturação dos sistemas interfuncionais em cada período do desenvolvimento. Logo, uma outra função passa a dominar. Na idade subsequente, pré-escolar, é o período em que a memória está em condições benéficas para se desenvolver. No período anterior, a memória estava subordinada à percepção, agora, a memória deve ocupar uma posição superior hierarquicamente, diferente da percepção que ocupou um lugar “vazio”, a memória precisa “ultrapassar” a percepção, para que esta, e todas as outras funções se re-subordine a ela - memória. Assim, ocorre uma reestruturação do sistema. A memória se apoiou na percepção para se desenvolver e assim foi possível ocupar seu lugar de dominância e “quanto mais passam as idades, mais as situações se tornam complexas” (ibidem, p. 108). O autor também acrescenta que nem “toda função, para se diferenciar, precisa passar por essa situação, mas surge um novo caminho de diferenciação das funções por meio de sua ressubordinação” (ibidem, p. 108).

O bebê tem a percepção como guia, no decorrer do desenvolvimento, a memória aparece e se diferencia, complexificando todo o sistema interpsíquico. Entretanto, este aparecimento da memória não se dá de forma puramente biológica maturacional, mas depende do meio em que a criança se encontra. O meio social, mediado pelo adulto cuidador, possibilita o desenvolvimento da memória. Por exemplo, quando um bebê está com dor de ouvido ele irá chorar, cabe ao cuidador identificar que o bebê não está bem e levá-lo ao médico, para descobrir de onde parte a dor, quando criança, já é possível apontar de onde vem ela, e aqui cabe ao adulto nomeá-la, indicando que se trata de “dor de ouvido”, com isso, quando a criança sentir novamente irá lembrar da orientação e falar o que sente.

Neste período a “criança doente, que ainda não tem consciência das mudanças interoceptivas, apresenta indícios de mudança geral de comportamento, ou começa a acalantar e dar remédio a uma boneca “doente”, refletindo deste modo mudanças em suas próprias sensações interoceptivas” (Luria, 1979b, p. 10). Ou seja, de um todo que antes era

indiferenciado vai se complexificando, aumentando as relações psíquicas; antes apenas a percepção participava, agora a memória também aparece, por conta da mediação externa de um adulto. Cabe acrescentar que não apenas o nome “dor de ouvido” é apreendido, mas a criança também percebe toda a movimentação que isso causa, por exemplo, se os cuidadores vão levá-lo ao hospital, ou dar algum remédio, ou dizer que é “frescura”, etc.

O que ocorre ao nomear determinado sofrimento ou adoecimento também é apreendido, com isso, podemos colocar como hipótese compreender a história do sofrimento psicossomático em cada sujeito singular, verificando, por exemplo, quando se trata de uma dor de ouvido psicossomática, o que acontecia na história do seu desenvolvimento quando estava com esta dor, quais afetos mobilizam e mobilizaram anteriormente, quais momentos estas dores aparecem, dando ênfase justamente na relação do sujeito com seu meio social, identificando como foi construído tal sofrimento, identificando as mudanças ao seu entorno, quanto também quais afetos este sofrimento vem carregado.

O desenvolvimento da imaginação também vai se apoiar na memória, Vigotski (2009) explica que não existe uma barreira intransponível entre imaginação e realidade. A imaginação faz parte do desenvolvimento humano, ela se desenvolve gradualmente. Toda e qualquer imaginação tem por base a realidade e, portanto, quanto mais elementos uma pessoa capta do real, mais abundante será o conteúdo de sua imaginação. Por isso, “a imaginação da criança é menos rica do que a do adulto deve-se ao fato de a sua experiência ser mais pobre” (Vigotski, 2012, p. 32). No decorrer do desenvolvimento, há a ampliação das experiências com o mundo, aumentando também a capacidade imaginativa, esta é a primeira forma imaginativa proposta por Vigotski. A segunda forma é mais complexa refere-se por exemplo, quando lemos um livro e imaginamos a situação por ele relatada; Vigotski (2009) explica que:

Se eu não tivesse uma ideia da carência e da falta de água nos grandes espaços e dos animais que habitam o deserto, não conseguiria criar uma imagem sobre o deserto. Se não tivesse um conjunto de ideias e representações históricas, também não conseguiria criar na minha imaginação um quadro sobre a Revolução Francesa (p. 34-35).

Esta forma de ligação entre o real e o imaginário, é possível pela socialização das experiências passadas, inclusive de outrem, relatadas oralmente, por escrito ou por imagens. A terceira forma da imaginação, colocada por Vigotski (2009), diz respeito a toda conjunção emocional nela envolta. O autor explica que uma pessoa com emoções deprimidas/tristes, por exemplo, passa ter mais conteúdos imaginativos que estejam de acordo com essa emoção. Sobre esta forma de imaginação, será melhor trabalhada no capítulo seguinte. A quarta forma da imaginação, é quando esta cria um objeto que ainda não existe na realidade, mesmo tendo

elementos já existentes, e torna-se realidade. Assim, “ao serem materializados, voltaram outra vez à realidade, mas voltaram com uma nova força ativa, transformadora dessa realidade. Este é o ciclo completo da atividade criativa” (Vigotski, 2009, p. 41).

Percebe que as funções psicológicas superiores e seu desenvolvimento ocorre de forma gradual fazendo com que se diferencie do adulto em relação ao seu funcionamento qualitativo, assim, um adulto terá mais possibilidades de pensar, imaginar possibilidades, por exemplo, de agir sobre seu sofrimento. Da mesma forma que um bebê se diferencia de uma criança, que terá, por exemplo, o recurso da linguagem, cada período do desenvolvimento é composto por suas especificidades qualitativas. As idades do desenvolvimento não são as mesmas. Alguns períodos são mais estáveis. Isso não significa que não houve avanços, porém são pequenas mudanças quantitativas. O acúmulo dessas mudanças resulta em uma formação qualitativamente nova, uma reestruturação de todo o sistema de funções psíquicas.

Nas viragens para uma mudança qualitativamente nova temos a *crise*. Neste momento, a personalidade sofre muitas alterações. Vigotski (2006) assemelha os períodos de crise às revoluções, pois são considerados pontos de viragens muito significativos, podendo aparecer de modo mais agudo, intensificando conflitos íntimos e com pessoas do entorno, assim como, vivências mais intensas, ou às vezes, este período é mais imperceptível. Mesmo sendo imperceptível não indica que nada aconteceu, há um ponto culminante de viragem em cada etapa das idades críticas do desenvolvimento. O autor explica que as crises se apresentam de formas diferentes, pois as pessoas não são iguais, mesmo que convivam no mesmo entorno e posição social, as crises podem se apresentar de forma distinta. Há a influência dialética entre as condições internas e externas, porém toda expressão concreta dos períodos de crise é impulsionada pelas condições exteriores concretas, ou seja, pela situação social de desenvolvimento.

O percurso de desenvolvimento vai além da criação de *neoformações*, ele também é caracterizado por uma “índole negativa”, como denomina Vigotski (2006). No que tange os momentos de crise, concomitantemente com a aparição de novas formações e interesses, há a perda dos interesses que guiavam a atividade. Como todo processo de vida, vem acompanhado por momentos de declínio, isso não é diferente no complexo processo de desenvolvimento. Neste sentido, “a passagem para uma nova idade culmina sempre com o pôr do sol da anterior” (Vigotski, 2006, p. 259, tradução nossa²³), ou seja, o carácter negativo dos períodos críticos

²³ Trecho original: El paso a una nueva edad culmina siempre con el ocaso de la anterior.

também precisa ser considerado. Diante desta relação dialética, que destaca as contradições que promovem o movimento, entende-se que “atrás de cada sintoma negativo se oculta um conteúdo positivo que consiste, quase sempre, na passagem de uma forma nova e superior” (Vigotski, 2006, p. 259, tradução nossa²⁴), qualquer evolução no desenvolvimento é concomitantemente uma involução. Resumindo,

Os períodos de crises se intercalam entre os estáveis, configuram os pontos críticos, de viragem no desenvolvimento, confirmando uma vez mais que o desenvolvimento da criança é um processo dialético onde a passagem de um estágio para o outro não se realiza de forma evolutiva, e sim, revolucionária (Vigotski, 2006 p. 258 - tradução nossa²⁵).

A teorização da periodização pela Histórico-Cultural, vai se organizar tendo como base as novas formações de cada período, ou seja, coloca como base do desenvolvimento humano as idades críticas, que vai se dividir, segundo Vigotski (2006), em: Crise pós-natal. Primeiro ano (meses - um ano); Crise de um ano. Primeira infância (um ano - três anos); Crise dos três anos. Idade pré-escolar (três - sete anos); Crise dos sete anos. Idade escolar (oito - doze anos); Crise dos treze anos; Puberdade (catorze - dezesseis anos); Crise dos dezessete anos. “Em cada uma dessas etapas, a criança se apresenta como um ser qualitativamente específico que vive e se desenvolve segundo leis diferentes próprias de cada idade” (Vigotski, 2018, p. 30).

Apesar das divisões, o processo de periodização é um todo único. Isso porque as leis gerais que orientam cada período determinam a estrutura do curso de desenvolvimento, ou seja, as partes constituem o todo. Cada período modifica e reestrutura a personalidade, compreende-se que “existe uma dependência inversa: a personalidade da criança se modifica em sua estrutura interna como um todo e as leis que regulam esse todo determinam a dinâmica de cada uma de suas partes” (Vigotski, 2006, p. 262, tradução nossa²⁶). Estas partes, que não são isoladas, mas constituem o todo, formam algo novo, da qual guiará todo o processo de desenvolvimento e reorganizará a personalidade sob esta nova base surgida. Esta nova relação com o mundo se apresenta em cada etapa, denominada por Vigotski (2006), como *atividade*

²⁴ Trecho original: Tras cada síntoma negativo se oculta un contenido positivo que consiste, casi siempre, en el paso a una forma nueva y superior.

²⁵ Trecho original: Los períodos de crisis que se intercalan entre los estables, configuran los puntos críticos, de viraje, en el desarrollo, confirmando una vez más que el desarrollo del niño es un proceso dialéctico donde el paso de un estadio a otro no se realiza por vía evolutiva, sino revolucionária.

²⁶ Trecho original: existe una dependencia inversa: la personalidad del niño se modifica en su estructura interna como un todo y las leyes que regulan ese todo determinan la dinimica de cada una de sus partes.

guia, sendo a linha central do desenvolvimento e, portanto, todos os outros processos -linhas acessórias- irão se relacionar, em maior ou menor grau, com esta nova formação principal.

A atividade guia se relaciona com o desenvolvimento das funções psicológicas. Não é suficiente o período ser propício para que tal função psíquica se desenvolva, é necessário que as condições concretas possibilitem o desenvolvimento das máximas potencialidades de tais funções. Neste sentido, cada período terá esta relação dialética entre a atividade guia no campo externo, com as funções psicológicas superiores no campo interno. Esta unidade objetivo-subjetivo fundamenta toda a periodização do desenvolvimento. Neste enlace, as reestruturações interfuncionais se relacionam com a modificação das atividades guia, tanto impulsionando-as como sofrendo sua influência num movimento de mão dupla: quanto mais se desenvolve a atividade guia impulsionada pela função que inicialmente se diferencia, mais esta repercute e estimula o desenvolvimento da função que rege as demais.

Por exemplo,

(...) a manipulação primária de objetos nasce no interior da comunicação emocional. É justamente na relação de comunicação emocional que o adulto organiza o contato da criança com a realidade, apresentando objetos e estimulando sua manipulação, promovendo, assim, as condições necessárias para a formação de ações sensório-motoras de manipulação. O acúmulo de aprendizagens sensório-motoras que se produz na segunda metade do primeiro ano de vida cria condições para a emergência da atividade objetual propriamente dita, que requalifica a relação da criança com os objetos do entorno: passam a ter destaque não mais as propriedades externas dos objetos, mas sua função social e o modo de sua utilização historicamente desenvolvido pela sociedade (Pasqualini, 2016, p. 79).

Assim, para que o desenvolvimento como um todo ocorra, as condições concretas para isso precisa estar disposta ou ser criada. Com esta compreensão de como funciona a dialética do desenvolvimento humano, com base no materialismo histórico-dialético, podemos nos questionar como estas condições concretas para o desenvolvimento têm sido disponibilizadas no sistema capitalista em que vivemos. Temos mais condições para desenvolver nossas máximas potencialidades como seres pertencentes ao gênero humano ou para desenvolvermos processos de sofrimento? Se estamos tratando de uma dialética do desenvolvimento haverá sim, possibilidades de humanização, como também, de intensificação e criação de sofrimentos. Eduardo Galeano (2018) expressa muito bem através da arte sobre este tema no trecho do seu livro *Espelhos*:

O imposto global
O amor que passa, a vida que pesa, a morte que pisa.
Há dores inevitáveis, e é assim mesmo, e não tem jeito.
Mas autoridades planetárias acrescentam dor à dor, e ainda por cima nos cobram por esse favor.

Em dinheiro pagamos, a cada dia, o imposto do valor agregado.
Em infelicidade pagamos, a cada dia, o imposto da dor agregada.
A dor agregada se disfarça de fatalidade do destino, como se fossem a mesma coisa a angústia que nasce da fugacidade da vida e a angústia que nasce da fugacidade do emprego.

Sofrer, lidar com processos construtivos e destrutivos faz parte do ser humano, é da nossa “condição”, entretanto, quantos desses processos têm sido intensificados e desenvolvidos por conta da intensificação da exploração no capitalismo tardio que nos é posta? Por exemplo, o trabalho, principal atividade na idade adulta, deveria promover uma ampliação das capacidades humanas, promovendo um desenvolvimento *construtivo* na personalidade, entretanto, na sociedade de classes, promove também, ou somente processos *destrutivos*. Assim, o trabalho se encontra “como traço fundante da humanização e ao mesmo tempo, a degeneração que sofre na sociedade de classes, que o converte em não trabalho, isto é, em trabalho alienado” (Carvalho e Martins, 2016, p. 269).

Os processos destrutivos desencadeados pelo trabalho passam a ser uma condição do trabalho na sociedade de classes. Isso não significa que em outra forma de organização social não haverá processos destrutivos também da personalidade, mas a questão é que tais processos talvez não sejam constitutivos da sociedade em nível macro. Neste sentido, Ratner (2019) explica sobre a patologia como normalidade, dando o exemplo de que se o meio em que as pessoas vivem é poluído, ter problemas respiratórios de maior ou menor grau será normal. Em linhas gerais, “a sociedade é em si mesma patológica” (ibidem, p. 145). Assim, para realizar uma análise, as condições para o desenvolvimento humano e sua expressão nos processos de saúde-doença não podem ser apreendidas levando em conta apenas a empiria dos fenômenos, ou seja, ficando apenas na descrição fenomênica da realidade, é necessário compreender a realidade concreta em suas múltiplas determinações.

É neste processo, objetivo-subjetivo que vão se instaurar ou emergir determinadas formas de sofrimento. Cada período terá a nova formação de sua atividade guia, sendo a linha central de desenvolvimento. A modificação, os pontos de viragem, ocorrem quando uma linha acessória passa a ser a central e vice-versa, modificando assim, em cada período, a estrutura da consciência e do desenvolvimento em geral. O que ocorre é uma constante relação dinâmica em que o conjunto de todas as leis gerais regem novas formações de estruturas, em cada período (Vigotski, 2006).

Como já explanado logo acima, em toda esta dinâmica, não se pode esquecer do papel do *meio*. Geralmente, as teorizações entendem meio a partir de uma base biológica. Colocam o meio como se fosse uma circunstância para o desenvolvimento, ou como um conjunto de

relações objetivas, isoladas entre si que causam uma certa influência no desenvolvimento. Vigotski (2006) afirma que não é possível aplicar esta compreensão de meio, que corresponde a ideia de evolução dos animais, para tratar do desenvolvimento humano.

A primeira colocação de Vigotski (2018) em relação ao meio, é que ele não deve ser apreendido como aquele que contém em si a determinação do desenvolvimento. Neste sentido, o meio deve ser estudado a partir da sua relação com determinada pessoa. Para esta análise, considerar o período de desenvolvimento que esta pessoa se encontra é fundamental. Isso porque, “o papel de quaisquer elementos do meio é distinto em diferentes degraus etários” (Vigotski, 2018, p. 74). Um exemplo trazido pelo autor é em relação a um meio falante, a criança que está nele pode ser a mesma, mas quando tinha seis meses, três anos e seis anos, este meio se relacionou com ela de forma diferente. No primeiro momento, não compreendia o que estava sendo dito, no segundo, estava iniciando o entendimento da fala, no terceiro começando a melhor compreender. Acontece como se o meio fosse se ampliando em cada período do desenvolvimento.

É como se cada idade tivesse seu próprio meio, o meio em si não precisa se alterar, mas a relação que a pessoa terá com ele se modifica. O que define a influência do meio no desenvolvimento é a *vivência* estabelecida. Uma mesma situação pode promover vivências diferentes. O conceito de vivência também se faz muito importante para compreensão do desenvolvimento teorizado por Vigotski. Este conceito vem sendo bastante debatido e ampliado, um dos pesquisadores que se destaca nas pesquisas sobre este tema é o professor doutor Nikolai Veresov²⁷. A relação de unidade existente entre o meio e a personalidade é chamada por Vigotski (2006) de vivência.

²⁷ Algumas indicações de referências deste autor que perpassa sobre o tema da vivência:

1) Veresov, N. (2016). *Perezhivanie as a Phenomenon and a Concept: Questions on Clarification and Methodological Meditations*//Cultural-historical psychology, 12, 3, 129-148. doi: 10.17759/chp.2016120308

2) Veresov, N. (2017). The Concept of perezhivanie in cultural-historical theory: content and contexts. In: Fleer et al. (eds), *Perezhivanie, emotions and subjectivity: advancing Vygotsky legacy* (pp 47-70). New York: Springer.

3) Veresov, N., Fleer, M. (2016). *Perezhivanie as a theoretical concept for researching young children's development*. Mind, Culture, and Activity, 23 (4), 325-335 DOI: 10.1080/10749039.2016.1186198

4) Fleer, M., Gonzales Rey, F., Veresov, N. (2017). *Perezhivanie, emotions and subjectivity; setting the stage*. In: Fleer et al. (eds), *Perezhivanie, emotions and subjectivity: advancing Vygotsky legacy* (pp 1- 15). New York: Springer.

4) Veresov, N. (2016). *Duality of categories or dialectical concepts? Integrative Psychological and Behavioral Science* 50 (2), 244-256.

5) Veresov, N. (2019). *Subjectivity and perezhivanie: empirical and methodological challenges and opportunities*. In F. Gonzalez Rey, A. Mitjans Martinez, D. Goulart (Eds.). *Subjectivity within Cultural-Historical Approach* (pp. 61-86). Singapore: Springer.

A vivência possui uma orientação biossocial, é algo intermediário entre a personalidade e o meio, que significa a relação da personalidade com o meio, revela o que o momento dado no meio significa para a personalidade. A vivência determina como um ou outro aspecto do meio influencia o desenvolvimento da criança (p. 383, tradução nossa²⁸).

Vigotski (2018) conceitua vivência como sendo “uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia, [...] e por outro lado, como eu vivencio isso” (p. 78). A vivência tem a representação da especificidade do meio e da personalidade, “lidamos com uma unidade indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação que está representada na vivência” (Vigotski, 2018, p. 78). Para verificar o papel do meio no processo de desenvolvimento, é preciso capturar a relação a partir da vivência. Por exemplo, crianças da mesma idade, mas com constituições de vivências diferentes, não reagem da mesma forma diante de uma mesma situação, pois depende de como o sentido e significado do ocorrido é apreendido pela criança. Como exposto anteriormente, “a influência do meio no desenvolvimento da criança, junto com as demais influências, será medida também pelo nível de compreensão, de tomada de consciência, de compreensão de sentido ao que nele acontece” (Vigotski, 2018, p.79). Portanto, a apreensão de uma dada situação não está dada em seu próprio conteúdo, mas depende da forma que a pessoa a compreende e lhe atribui sentido.

No processo de desenvolvimento, cada período terá uma relação única e irrepetível com o meio social que o rodeia. Esta relação específica é denominada *situação social do desenvolvimento* e por meio dela que o desenvolvimento acontece, ou seja, trata-se da verdadeira fonte do desenvolvimento (Vigotski, 2006). Compreender a situação social em consonância com a dinâmica das idades é essencial, pois esta regula todo o processo de vida e existência, ou melhor, como assinalado posteriormente, regula o desenvolvimento. As novas formações aparecem no final do período de cada idade e não no começo, e esta irá influir na continuidade do desenvolvimento. Neste momento, a existência social difere de outra pessoa que está em um período anterior. Isso acontece, pois, a nova formação possibilita uma reestruturação de todo o sistema de relações que a pessoa tem consigo mesma e com sua realidade externa. Sendo assim, há uma reestruturação na situação social de desenvolvimento,

²⁸ Trecho original: La vivencia posee una orientación biossocial, es algo intermedio entre la personalidad y el medio, que significa la relación de la personalidad con el medio, revela lo que significa el momento dado del medio para la personalidad. La vivencia determina de que modo influye sobre el desarrollo del niño uno u otro aspecto del medio.

a antiga forma de se relacionar se destrói e uma nova forma emerge, se torna o ponto de partida para a próxima formação nova. Esta dinâmica é um dos pontos principais dos períodos críticos de desenvolvimento.

Uma grande questão dos períodos de desenvolvimento, é identificar qual o nível de desenvolvimento real que a pessoa se encontra. Para isso, se deve ir além da idade cronológica e realizar um diagnóstico do desenvolvimento. Ter conhecimento do processo de desenvolvimento anterior é um dos pontos principais para compreender o desenvolvimento presente e levantar hipóteses do futuro. Um diagnóstico de desenvolvimento deve abarcar todos estes níveis, pois, caso leve apenas em conta o que já está pronto, não irá abarcar de forma completa e verídica o processo de desenvolvimento como um todo. As funções que estão em processo de maturação se encontram na *zona de desenvolvimento próximo*. Neste período situa-se às atividades que “a criança não é capaz de realizar por si mesma, mas que pode aprender sob a orientação ou colaboração de adulto com o auxílio de perguntas norteadoras” (Vigotski, 2006, p. 262, tradução nossa²⁹) ou seja, parafraseando Vigotski (2006), são os processos imaturos que estão a caminho da maturação. Aqui, se faz importante a imitação do adulto pela criança, porém não uma imitação mecânica ou automática, mas sim “uma imitação racional, baseada na compreensão da operação intelectual que se imita” (Vigotski, 2006, p. 262, tradução nossa³⁰). O que já se encontra desenvolvido, maduro, é realizado pela criança sozinha, sem necessitar de auxílio e a atividade que tem a presença de um adulto hoje, se encontra no desenvolvimento próximo, e em breve estará desenvolvida. É necessário então, investigar estas duas linhas, o que a criança já realiza por si só e o que faz com auxílio, sendo possível vislumbrar seu desenvolvimento seguinte, com o objetivo de “explicar, prever e dar uma recomendação prática fundamentada cientificamente” (Vigotski, 2006, p. 272, tradução nossa³¹).

Recapitulando, todas as funções humanas e a constituição de personalidade se origina tendo como base o meio social. A fonte de desenvolvimento humano é o meio social e a partir dele que se dá os processos real e ideal do desenvolvimento (Vigotski, 2006). Portanto, quanto

²⁹ Trecho original: un niño no es capaz de realizar por sí mismo, pero puede aprender bajo la dirección o la colaboración del adulto o con la ayuda de preguntas orientativas.

³⁰ Trecho original: una imitación racional, basada en la comprensión de la operación intelectual que se imita.

³¹ Trecho original: explicar y pronosticar y dar una recomendación práctica fundamentada científicamente.

mais possibilidades de atividades a criança realizar com a mediação de adultos, mais funções desenvolvidas ela terá no futuro.

O processo de mediação ocorre de fato com o *signo*. A capacidade de criar e empregar signos é somente humana. Sua criação está diretamente relacionada com o período de criação e utilização dos instrumentos para controle de si mesmo e da natureza (Tuleski e Eidt, 2016). O signo pode ser entendido como uma ferramenta artificial de mediação que reorganiza as funções psicológicas (Veresov, 2010). A mediação ocorre através do signo. Neste sentido, ao dizer sobre a mediação de uma pessoa, nos referimos a uma atividade mediadora e não uma mediação em si. Veresov (2010) explica que “esta atividade não é uma mediação, mas medeia todo o processo, ou seja, uma atividade de mediação, mas não uma mediação” (p. 86, tradução nossa³²). É uma atividade que emprega mediadores simbólicos, portanto, altera sua estrutura de imediata, para mediada. Por meio da atividade mediada, funções psíquicas que antes operavam em separado vão sendo postas em interrelação e ganhando complexidade funcional. Compreender a dinâmica complexa do desenvolvimento psíquico humano nesta abordagem implica não decompor, mas pensar as unidades complexas das funções psíquicas que se formam ao longo da vida, requer a superação de uma análise do desenvolvimento calcada na lógica formal.

O método utilizado pela Psicologia Histórico-Cultural na compressão do desenvolvimento humano abrange o desenvolvimento como um todo, na inter-relação de seus aspectos, sendo denominado por Vigotski (2018) como método da decomposição da *unidade*. Para realizar a análise, se fez a decomposição das unidades que formam e constituem o todo complexo. Esta decomposição não significa analisar de forma isolada e somar as partes. Implica em compreender a função de cada uma das partes que compõem o todo, tendo em vista que elas funcionam apenas em relação.

Outra especificidade da análise é em relação ao caráter genético de comparação, que significa estudar o desenvolvimento a partir da comparação das próprias etapas de desenvolvimento e com o desenvolvimento singular da pessoa. Ao ser comparada com ela mesma, em relação aos seus diferentes níveis de desenvolvimento, é possível ter uma ideia do percurso do seu desenvolvimento.

³² Trecho original: “that is not mediated, but mediates the whole process, it is an activity of mediating, not of mediation”.

Resgatar os princípios da periodização histórico-cultural nos serve como base para interpretar os fenômenos psicossomáticos, pois por meio do estudo do desenvolvimento que tentaremos identificar como transcorreu o processo do desenvolvimento deste sofrimento.

2.2. Desenvolvimento humano e constituição dos sistemas interfuncionais: do nascimento à idade adulta

Ao estudar a periodização do desenvolvimento, Vigotski (2006) nos alerta que é importante focar nas novas formações que aparecem em cada período, a fim de compreender a gênese dessas formações, quais são elas e, além disso, entender suas relações com as formações antigas. Assim, é necessário compreender o enlace entre as linhas acessórias e centrais do desenvolvimento, possibilitando avaliar a próxima idade crítica a partir da zona de desenvolvimento próximo, para que seja possível apreender e estimular as atividades que têm relação com a idade seguinte.

Neste tópico, será apresentado o desenvolvimento humano do nascimento à idade adulta, tendo como base principal o *Tomo IV das Obras Escolhidas* em espanhol de Vigotski, que trata do desenvolvimento humano até a adolescência, e os capítulos: *Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: juventude e trabalho*, escrito por Angelo Abrantes e Larissa Bulhões e *Idade adulta, trabalho e desenvolvimento psíquico: a maturidade em tempos de reestruturação produtiva*, escrito por Saulo de Carvalho e Lígia M. Martins, ambos capítulos estão presentes no livro *Periodização Histórico-Cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*; os capítulos escolhidos tratam consecutivamente do período da juventude e da idade adulta.

Vigotski não escreveu sobre o período da juventude e da idade adulta, porém suas contribuições para os períodos anteriores do desenvolvimento possibilitou uma base para que seus continuadores traçassem o processo de desenvolvimento nessa idade. O livro *Pensamento e Linguagem (1987)* de Luria também foi utilizado, com o objetivo de estabelecer relações com a periodização escrita por Vigotski, enfocando, principalmente, o desenvolvimento da linguagem oral³³. Na revisão bibliográfica dos artigos selecionados, a questão da linguagem foi

³³ A linguagem oral se diferencia da linguagem escrita, Luria (1897) expõe que “A linguagem oral constitui-se no processo de comunicação natural da criança com o adulto, no início, esta linguagem é simprática e logo se converte, progressivamente, em uma forma autônoma de comunicação verbal. No entanto, nela conservam-se sempre elementos de vinculação com a situação prática. A linguagem escrita possui uma origem completamente

um dos quatro eixos centrais trazidos pelos autores (as). Neste sentido, vê-se importante dar destaque em como ocorre o desenvolvimento da linguagem, seus vínculos com os processos afetivo-emocionais e psicofísicos a partir da Psicologia Histórico-Cultural.

Na revisão bibliográfica dos artigos analisados, a díade mãe-bebê estava bastante presente, marcando a importância do início da vida. Para Psicologia Histórico-Cultural, este início também é muito importante, mas não o único que merece destaque. No que tange este período de nascimento, Vigotski (2006) coloca que apesar da separação biológica que ocorre no nascimento, o recém-nascido continua a ser totalmente dependente. Neste primeiro momento, há uma supremacia do sistema vegetativo, o recém-nascido se encontra entre o desenvolvimento uterino e extrauterino. Como todo período de transição, inicia-se o processo de ruptura do antigo e início do novo.

Este novo é marcado pela existência individual, não está mais no útero, mas imerso na vida social, cercado por pessoas. Os mecanismos mais primitivos do sistema nervoso do recém-nascido não excluem o funcionamento de uma vida psíquica. Mesmo tendo um psiquismo diferente das pessoas adultas, o recém-nascido apresenta seus rudimentos. Observa-se, por exemplo, a manifestação de movimentos que representam seu estado psíquico, como: euforia, dor, susto, etc. Tais movimentações são instigadas pelos adultos e significadas por eles, ao entender o que cada movimento ou reação significa, ou seja, indica algo; assim o adulto entende, por exemplo, que o bebê está com sede e pode saciá-lo com água. Estas primeiras manifestações são de caráter sensitivo e emocional, o componente intelectual e volitivo da consciência ainda não está desenvolvido. Suas vivências estão ligadas aos seus estados emocionais diretos. A percepção do recém-nascido aparece como um todo amorfo, esse todo fica como fundo diante de algum fenômeno percebido por ele. Este processo é denominado *Lei da figura e fundo*. Indica o início de uma separação estrutural do que é percebido, remetendo assim, ao início do desenvolvimento da consciência. Em linhas gerais, este período pós-natal se caracteriza por uma passividade, tanto na conduta quanto na consciência.

Neste início de vida, o recém-nascido necessita que suas carências vitais sejam supridas por algum cuidador ou cuidadores adultos. Por conta desta relação de inteira dependência, o recém-nascido é mais passivo do que integrante ativo da vida social. Este período é totalmente único. A situação social de desenvolvimento é formada pelo adulto que satisfaz as necessidades

diferente e outra estrutura psicológica. Esta aparece como resultado de uma aprendizagem especial, que começa com o domínio consciente de todos os meios de expressão escrita” (p. 169).

do recém-nascido, por exemplo, dando-lhe o que comer; aqui, o adulto muda o bebê de posição, altera sua postura, e etc. É por meio de um adulto que as principais atividades do recém-nascido começam a se desenvolver. Posteriormente, no decorrer do desenvolvimento e, gradativamente, a criança consegue realizar as atividades sozinha. Nas palavras do autor,

Se forma, portanto, uma dependência única e irrepitível do bebê com os adultos, que transpassa, como já havia dito, as necessidades biológicas mais individuais da criança. Essa dependência confere um caráter absolutamente peculiar da relação da criança com a realidade (e consigo mesmo): são relações que se realizam por mediação de outros, se refratam sempre através do prisma das relações com outra pessoa (Vigotski, 2006, p. 285, tradução nossa³⁴).

Isso demonstra que o recém-nascido é um ser social. Todas as suas atividades e realização das suas necessidades vitais são supridas por seres sociais e por objetos sociais. Parafraseando Vigotski (2006), a relação do recém-nascido é social desde o princípio, sendo mediada por outra pessoa, que proporciona a relação do recém-nascido com o meio externo. Esta é a primeira peculiaridade deste período do desenvolvimento. A segunda, se refere à falta da linguagem humana no recém-nascido. Ainda neste período o recém-nascido carece dos principais meios para a comunicação social. Neste sentido, a comunicação possível é sem palavras. Recapitulando, as duas peculiaridades desse período são: 1) A máxima socialização do bebê, por conta da especificidade da relação social de desenvolvimento e, contraditoriamente, 2) o momento em que carece da principal forma de comunicação social, a linguagem.

No segundo e terceiro mês de vida, a idade pós-natal entra em crise. Inicia-se um processo com formações novas. Os gestos se tornam mais expressivos, a postura começa a se formar, como também o balbúcio e experimentações lúdicas. Com a continuação e intensificação dos adultos ao proporcionar estímulos para o bebê, diferente da fase anterior, agora ele tem mais capacidade biológica para respondê-los, ou seja, se entrega mais aos estímulos, se estes, claro, se fizerem presentes. Por conta destes estímulos externos e a capacidade biológica do bebê que favorece sua percepção, observa-se que, neste momento, há o início de uma maior atenção aos estímulos e às pessoas que estão no seu entorno. Por conta disso, o interesse do bebê em relação ao seu meio externo aumenta, ou seja, um interesse

³⁴ Trecho original: Se forma, por tanto, una dependência unica e irrepitible del bebe de los adultos, que traspassa, como ya se ha dicho, las necesidades biologicas mas individuales del nino. Esa dependência confiere un caracter absolutamente peculiar a la relacion del nino con la realidad (y consigo mismo): son unas relaciones que se realizan por mediacion de otros, se refractan siempre a traves del prisma de las relaciones con otra persona.

receptivo. Este processo de descoberta do meio exterior, altera sua relação com a realidade, possibilita o início da superação das suas atividades e atrações diretas e instintivas, ou seja, existem ondulações entre comportamentos mais duradouros e as reações instintivas.

Outra mudança significativa desse período, é em relação ao sono e à vigília. A partir do quinto e sexto mês o sono e a vigília têm a mesma duração. Neste período encontra-se um interesse mais ativo do bebê em relação ao seu entorno social e nota-se as primeiras manifestações sociais da criança como, por exemplo, alegria. De forma geral, como assinalou Vigotski (2006) “podemos dividir o primeiro ano de vida em período de passividade, período de interesse receptivo e período de interesse ativo” (p. 287, tradução nossa³⁵). Já a partir do décimo mês, há um período importante de viragem, em que os comportamentos mais complexos se desenvolvem.

Todo o processo de desenvolvimento se assemelha a um “movimento ascendente, em espiral, vinculado com os caminhos qualitativos da própria situação” (ibidem, p. 305, tradução nossa³⁶). Durante este processo de desenvolvimento, as possibilidades e a complexidade da atividade do bebê vão aumentando e isso altera também sua atitude na realidade. A contradição entre ter maiores relações sociais, e não estabelecer uma comunicação através da linguagem vai também aumentando. Cabe acrescentar também que é no decorrer do desenvolvimento que o bebê vai se diferenciando, diferenciando seu corpo do restante dos objetos que o cerca. Primeiramente, há a percepção dos objetos que o rodeiam, inclusive seu corpo é considerado algo externo, mesmo podendo coordenar e movimentar partes deste. De modo geral, o bebê não conhece ainda seu corpo e, neste sentido, Vigotski (2006) afirma que o bebê não tem uma ideia de si mesmo, “seu eu físico” (ibidem, p. 309).

Em relação à atitude do bebê, esta se complexifica também no processo de desenvolvimento, com base na mediação proporcionada por outras pessoas. Por exemplo, quando o cuidador levanta um objeto em frente ao bebê irá criar neste período do desenvolvimento, a necessidade afetiva do bebê em segurar tal objeto. Isso acontece apenas com os objetos que são trazidos para próximo. Levar objetos próximos ao bebê cria uma situação social de desenvolvimento muito importante neste período, proporciona uma situação

³⁵ Trecho original: (...) podemos dividir el primer ano de vida en perfodo de pasividad, periodo de interes receptivo y periodo de interes activo.

³⁶ Trecho original: Movimiento ascendente, en espiral vinculado a los cambios cualitativos de la propia situación.

em que o bebê se diferencia de objetos externos e que a atividade guia deste período, manipulação objetal, aconteça, pois, “a situação psicológica do bebê ainda está fundida em seu objeto e conteúdo social” (Vigotski, 2006, p. 309, tradução nossa³⁷). Promover este ambiente para o bebê, gera um contato mais íntimo, ainda que elementar, entre ele e os objetos, mas também com pessoas em seu entorno. Em cada período do desenvolvimento há uma situação social favorável que precisa ser preparada objetivamente, para que promova o desenvolvimento subjetivo. Diferente da primeira infância, neste período o bebê não se diferencia de todos os objetos que o cerca, apenas daqueles que são postos em sua frente.

A percepção do bebê não é a mesma de um adulto. Luria (1979b) explica que a percepção percorre um caminho de desenvolvimento, tal desenvolvimento enriquece quantitativamente a percepção, como também a reorganiza profundamente. Isso é possível pela mediação da linguagem e atividade da criança. Nas palavras do autor temos que “a par com a linguagem, participam da formação da percepção complexa os movimentos (movimentos da mão que tateia o objeto)” (Luria, 1979b p. 76). O bebê sente a necessidade de segurar e pegar os objetos que são postos próximos, diferente da primeira infância, que essa necessidade pode vir com os objetos que estão também distantes. Neste caso, a criança consegue caminhar até o objeto que está distante e pegá-lo, na maioria das vezes, não necessita de outra pessoa; já o bebê é somente através do outro que a necessidade é posta. Neste período, se inicia também a imitação, os bebês não irão imitar os objetos inanimados, mas sim as pessoas que estão à sua volta. Esta imitação é primitiva, o bebê não é capaz de reproduzir atividades complexas, portanto, imita aquilo que é possível dentro de suas possibilidades, por exemplo, expressões de “risada”.

No momento de crise do primeiro ano se destaca três momentos importantes: 1) quando a criança começa a andar, 2) início do desenvolvimento da linguagem, 3) maiores atos de afetos e vontade, demonstrando oposição e contraposição em relação às pessoas e objetos em sua volta. Nos deteremos mais na apropriação da linguagem, “porque está mais vinculada com a aparição da consciência infantil e com as relações sociais da criança” (Vigotski, 2006, p. 320, tradução nossa³⁸).

³⁷ Trecho original: la situación psicológica del bebé todavía están fundidos su contenido objetal y social.

³⁸ Trecho original: porque está más vinculado con la aparición de la conciencia y con las relaciones sociales del niño.

A crise do primeiro ano é marcada pela necessidade da criança em se apropriar das palavras para estabelecer uma comunicação com os adultos. Para estabelecer uma comunicação, o que parece primeiro é o gesto, principalmente o gesto indicador. Essa ação é muito importante pois é através dela que a criança começa a estabelecer uma certa comunicação com as pessoas em sua volta. Antes da linguagem propriamente dita, a criança estabelece várias outras formas de se comunicar com os outros, tais ações são consideradas etapas preparatórias para o desenvolvimento da linguagem.

Neste processo de apropriação da linguagem, Vigotski (2006) assinala que a criança primeiro aplica uma palavra, ou até mesmo uma sílaba, por exemplo “Pá” para vários objetos e pessoas, o significado das palavras depende da situação concreta em que a criança se encontra. Não há uma diferenciação, os significados das palavras isoladas ainda não são compreendidos pelas crianças neste primeiro momento. A comunicação com apenas uma palavra ou sílaba, adicionada de ações, como o apontar, faz com que a criança consiga se comunicar com algumas pessoas, estas geralmente são as que mantêm uma relação mais próxima com a criança, pois para compreendê-la é preciso entender o que tais indicações significam para ela, ou seja, conhecer o seu código de linguagem.

Outra característica deste período, é que esta linguagem só é possível em relações concretas, neste sentido, o objeto tem que estar à vista, diferente da linguagem adulta, que fala sobre aquilo que também não se pode ver. Neste período do desenvolvimento, a nova formação é a linguagem *autônoma*, “dizemos que é autônomo porque parece estar estruturado de acordo com suas próprias leis distintas das que regem a linguagem autêntica. Essa linguagem tem outro sistema fônico, distinto significado, outras formas de comunicação e coesão. Por tudo isso, se denomina de autônoma” (Vigotski, 2006, p. 330, tradução nossa³⁹). Apesar da denominação autônoma, não significa que essa linguagem apareça de forma isolada e descolada da realidade. A linguagem autônoma é possível por conta da relação que a criança estabelece com as pessoas em seu entorno.

De forma geral, durante este período de linguagem autônoma, três momentos essenciais se destacam: **primeiro**, são as palavras e sílabas fragmentadas, como “pá”, “fu”, “Bla-fi”, que não tem um significado próprio, ou seja “a palavra possui uma estrutura amorfa e um significado difuso, mudando sua referência objetal de acordo com a situação” (Luria, 1987, p.

³⁹ Trecho original: Decimos que es autónomo porque parece estar estructurado de acuerdo con sus propias leyes distintas de las que rigen el lenguaje auténtico. Este lenguaje tiene otro sistema fonético, distinto significado, otras formas de comunicación y cohesión. Por todo ello se le denomina autónomo.

49); **segundo**, que os significados destas palavras não coincidem com a linguagem adulta; **terceiro**, antes da criança começar a falar, ela compreende algumas palavras dos adultos, como por exemplo, “levanta”, “senta”, “lanche”, etc. Na primeira infância a criança já é capaz de compreender o essencial da linguagem dos adultos. A linguagem autônoma aparece por conta da relação ativa da criança com seu meio social, este período marca o início e o fim da crise do primeiro ano, sendo o período de transição.

No decorrer do desenvolvimento, as relações sociais estabelecidas geram a necessidade da criança em formar uma linguagem mais coerente com os adultos. Neste período, a criança começa formar frases e, assim, inicia-se o pensamento verbal da criança. Entretanto, esse pensamento verbal para construir frases, somente acontece tendo como base o visual-direto, ou seja, a situação concreta em que se encontra. Neste momento, o pensamento verbal é dependente do visual concreto, em que no primeiro plano ainda estão as manifestações afetivas, em segundo plano o conteúdo intelectual. Este período é marcado pelo desenvolvimento da linguagem e do pensamento infantil. Durante esse período, também, inicia-se os primeiros passos, entre outras novas formações, mas a principal, que reestrutura toda a organização psíquica, possibilitando o desenvolvimento da consciência, é a linguagem autônoma. Quando ela desaparece, com a chegada da linguagem autêntica, indica que o período crítico se encerrou. A linguagem está estritamente relacionada com o desenvolvimento da consciência. Vigotski (2000) cita Marx ao dizer que é através da relação com o meio que a consciência se desenvolve, assim como na periodização do desenvolvimento, é a relação com o meio que determina a formação da consciência e suas reestruturações internas.

Após a crise do primeiro ano, tem-se o início da crise dos três anos, marcada primeiramente pelo *negativismo*. Caracteriza-se pelo período em que a criança se opõe aos adultos, simplesmente pelo fato de que é um adulto solicitando. Não é, portanto, uma negação do conteúdo da atividade, mas sim, em relação ao outro. Mesmo que a própria criança deseje fazer algo, se isso for solicitado por um adulto ela se recusa e, assim, também vai contra seu próprio desejo. A ação negativa tem por base contrariar, diferente de uma ação de desobediência, que se dirige ao conteúdo e não à pessoa. Aqui, temos dois pontos importantes desse período de crise dos três anos, primeiro, o negativismo, que contraria a pessoa e não o conteúdo, segundo, é a atitude da criança em ir contra seus próprios desejos.

O segundo momento de crise é a teimosia, que se diferencia da perseverança. A primeira é uma reação de exigência da criança, exige ter algo/receber/ ou fazer alguma coisa, não porque deseja fazê-la, mas pelo simples fato de ter exigido. Enquanto a perseverança, relaciona-se com algo que a criança realmente desejava e aguarda/ persevera para receber ou poder fazer. O

terceiro momento é o da rebeldia, diferente do negativismo, não é dirigida ao adulto, mas sim às normas educativas. Passa a se colocar contra as normas da vida, apresenta um descontentamento. Diferente da teimosia, a rebeldia é tendenciosa, apresenta sua revolta contra aquilo que antes lhe agradava.

O quarto momento citado por Vigotski (2006), refere-se à obstinação, período em que a criança quer ser independente e quer fazer as coisas sozinha. Estes quatro momentos são os mais importantes, mas em segundo plano, destaca-se três outros momentos: 1) protesto violento, quando a criança fica em constante conflito com as pessoas em sua volta; 2) despotismo, como se todo o “poder” fosse dela, exige que todos cumpram seus desejos; 3) ciúmes, assim como despotismo, o ciúme aparece com uma tendência de domínio. Todos estes momentos que marcam a crise, geram mudanças nas relações sociais estabelecidas entre a criança e seu entorno social, nas palavras do autor “a crise é produto da reestruturação das relações sociais recíprocas entre a personalidade da criança e as pessoas ao seu entorno” (Vigotski, 2006, p. 375, tradução nossa⁴⁰).

Uma das principais características desse momento é a perda da espontaneidade infantil. A espontaneidade significa que a criança manifesta de forma direta o que ela está vivenciando internamente e se expressa espontaneamente. Já no período de crise dos sete anos, tal espontaneidade é perdida e inicia-se uma diferenciação entre a face interior e exterior da personalidade. Isso não indica que neste período acontece o oposto, o que ocorre é que o fator intelectual é incorporado entre a vivência e a manifestação externa. Este fator intelectual remete a atribuição de sentido à vivência. Este processo só é possível com base na linguagem. Através da linguagem se torna possível expressar os estados internos,

O nexu verbal não significa nunca uma formação simples de relação associativa, significa sempre uma generalização, a palavra não designa um objeto isolado. Se dissemos que agora faz frio e repetimos o mesmo um dia depois, significa que toda sensação isolada de frio está também generalizada. Desse modo se produz a generalização do processo interno (ibidem, p. 379, tradução nossa⁴¹).

⁴⁰ [...] la crisis es producto de la reestructuración de las relaciones sociales recíprocas entre la personalidad del niño y la gente de su entorno.

⁴¹ El nexu verbal no significa nunca que se ha formado una simple relación asociativa, significa siempre una generalización; decimos que ahora hace frío y repetimos mismo un día después: significa que toda sensación aislada de frio es también generalizada. De este modo se produce la generalización del proceso interno

O processo de generalização, deixa explícito a relação de unidade existente entre pensamento e linguagem. No bebê, por exemplo, Vigotski (2006) explica que a percepção carece de sentido, o bebê percebe sua habitação, mas não os objetos isolados, como cadeira, mesa, etc., no adulto, a percepção é diferenciada, algumas figuras se destacam em relação ao fundo. Em relação às sensações, o bebê não sabe que está faminto quando tem fome, diferente de um adulto que tem conhecimento de quando está com fome.

Luria (1979b) considera que as sensações são a fonte básica e elementar de relação entre o nosso corpo e o mundo. Ao longo do desenvolvimento ela vai se complexificando na relação com as demais funções e a informação do estado do corpo, a partir das sensações, chega ao cérebro permitindo que a pessoa compreenda numa relação dialética, seu corpo e o meio em que está inserido. Este processo é fundamental para a atividade consciente humana, pois “se esses canais estivessem fechados e os órgãos dos sentidos não fornecessem a informação necessária, nenhuma atividade consciente seria possível” (ibidem, p. 1). Assim, o papel das sensações se torna fundamental para o desenvolvimento psíquico humano.

Os órgãos dos sentidos humanos também passaram por um longo processo histórico de evolução, foram se especializando em refletir o mundo objetivo. Em relação a evolução e especialização dos nossos órgãos do sentido, temos que:

Nossos aparelhos perceptivos se especializam em distinguir apenas algumas influências e continuam imunes a outras influências. Isto tem fundamento biológico. Se a retina percebe influência abaixo e acima do referido diapasão, o homem perceberia o calor do seu próprio corpo como sensação visual e transformaria em sensações visuais as influências que para ele não têm importância biológica. O mesmo se refere ao funcionamento dos analisadores auditivos: se o homem percebesse com o ouvido oscilações ultrassônicas, suas percepções auditivas seriam acrescidas de muitos ruídos excessivos que dificultariam a distinção de excitações sonoras essenciais para ele (Luria, 1979b, p. 6).

Neste processo de evolução, não apenas os órgãos dos sentidos que evoluem e se especializam, mas também os neurônios, que irão captar todas estas informações percebidas pelos órgãos dos sentidos (Luria, 1979b). Nossos sentidos também se especializam a depender da atividade que realizamos, em relação a isso Luria (1979b) apresenta que,

Sabe-se que a discriminação dos matizes de cor, das mudanças significantes do tom ou das mínimas variações gustativas pode tornar-se acidentalmente aguda como resultado de atividade profissional [...] a capacidade dos músicos para distinguir os sons, eles se tornam capazes de captar variações de tons absolutamente imperceptíveis para o ouvinte comum (p. 36).

Portanto, os sentidos também se especializam com base na relação dialética com a realidade concreta, ou seja, a partir da atividade, os sentidos humanos se humanizam na esfera ontológica do ser social.

Resumindo, o bebê não conhece suas próprias vivências, pois carece da linguagem, através dela que é possível dar sentido às vivências internas. Entretanto, o que o bebê percebe de forma sensorial deixa marcas em seu psiquismo, mas a atribuição do sentido das mesmas será dada pelo adulto cuidador por meio da linguagem simbólica, que no início o bebê não compreende, mas no decorrer do seu desenvolvimento começa a entender. O sentido e significado das percepções será dado, neste primeiro momento, pelo adulto cuidador, e, posteriormente, a pessoa pode avaliar tais sentidos atribuídos neste momento, voltando em sua história, visto que neste período do desenvolvimento não há a possibilidade de entendimento do que está passando em seu corpo e em seu entorno, mas não exclui a percepção e sensação.

É no período dos sete anos que se inicia o processo de conhecer estas sensações, a criança de sete anos sabe quando está triste, feliz, etc., há uma relação consciente com suas próprias vivências. Novas formações entre figura e fundo vão surgindo, assim, pode-se dizer, que a crise dos sete anos é marcada pela reestruturação da vivência. A criança em idade escolar - sete anos - é capaz de generalizar sua vivência, “quando uma situação se repete muitas vezes nasce uma nova formação afetiva que tem a mesma relação com a vivência isolada ou o afeto” (p. 380, tradução nossa⁴²). Transformação das vivências equivale a uma reestruturação também nas relações sociais da criança, indica que o meio também se modifica, ou seja, a criança passa a estabelecer uma outra relação com o meio. O estudo do desenvolvimento social da criança proposto por Vigotski, considera que tais relações objetivo-subjetivo atuam em unidade, portanto, não quer dizer que de um lado tem as forças internas e do outro as forças externas, mas que elas agem em unidade, determinada socialmente. Nas palavras do autor, “a criança é uma parte do seu entorno vivo, o meio não é nunca externo para ele. Se ele é um ser social e seu meio é um meio social, se deduz, portanto, que a própria criança é parte do entorno social” (ibidem, p. 382, tradução nossa⁴³) a relação com o meio não é puramente externa, não deve ser tomada como algo isolado.

⁴² Trecho original: cuando una situación se ha repetido muchas veces nace una formación afectiva que tiene la misma relación con la vivencia aislada o el afecto.

⁴³ Trecho original: (...) que el niño es una parte del entorno vivo, que ese medio no es nunca externo para él. Si el niño es un ser social y su medio es el medio social, se deduce, por tanto, que el propio niño es parte del entorno social.

A unidade da vivência revela que a criança faz parte do meio, portanto, um estudo do desenvolvimento não pode se resumir apenas nas condições externas. O processo de desenvolvimento ocorre na unidade dos elementos pessoais internos e externos do meio, a reestruturação que acontece no período de crise tem por base as formações internas anteriores, o meio condiciona a reestruturação interna, ao mesmo tempo que a crise, que é uma interna, possibilita uma relação diferente com meio. Como apresenta Vigotski (2006), a essência de toda crise reside na reestruturação da vivência interior, reestruturação que altera a relação da criança com o meio, modificando seus motivos e necessidades que regem seu comportamento.

(...) a pesquisa científica começa reconhecendo que não apenas se desenvolvem os hábitos e as funções psicológicas da criança (atenção, memória, pensamento, etc.), mas o desenvolvimento psíquico é baseado acima de tudo na evolução do comportamento e dos interesses da criança (p. 12, tradução nossa⁴⁴).

Um dos grandes e velhos problemas da psicologia era justamente a divisão entre o subjetivo-objetivo. Vigotski (2006), tendo como base o materialismo histórico-dialético, compreende que o processo de desenvolvimento humano é pautado nesta natureza dual, que se relaciona na unidade indivisível entre subjetivo e objetivo. Vigotski cita Hegel, para ilustrar que esta discussão também estava presente na filosofia, “Hegel suponha que o caminho certo para a solução deste problema não acaba no reconhecimento de um aspecto de interesse, o subjetivo e o objetivo, mas sim no reconhecimento da unidade complexa e indivisível entre ambas as partes” (ibidem, p. 20, tradução nossa⁴⁵).

No processo de desenvolvimento histórico-social dos seres humanos, as necessidades naturais, biológicas como por exemplo, a fome, se expressa de forma histórica e socialmente. A exemplo, qual período histórico, qual a organização social da época, quais os alimentos disponíveis no período, etc., e, socialmente, qual alimento sacia esta fome, dependendo da cultura por exemplo que a pessoa está inserida. Tais necessidades biológicas se expressam a partir das condições histórico-sociais e, além disso, novas necessidades humanas são produzidas socio-historicamente. Neste processo, os interesses humanos não são respondidos e

⁴⁴ Trecho original: (...) la investigación científica empieza por reconocer que no solo y se desarrollan los hábitos las funciones psicológicas del niño (atención, memoria, pensamiento, etc.), sino que el desarrollo psíquico se basa ante todo en la evolución de la conducta y de los intereses del niño.

⁴⁵ Trecho original: Hegel suponía que el camino cenero para la solución de dicho problema no radica en el reconocimiento de un aspecto del interés, el subjetivo el objetivo, sino en el reconocimiento de la unidad compleja e indivisible de ambas partes.

expressados de forma instintiva, diferente dos animais, os interesses humanos se desenvolvem em consonância com o desenvolvimento cultural e psíquico. Na idade de transição para adolescência “é quando se manifesta com toda nitidez as relações entre as verdadeiras necessidades biológicas do organismo e suas necessidades culturais superiores, que chamamos de interesses” (Vigotski, 2006, p. 24, tradução nossa⁴⁶).

A unidade objetivo-subjetiva se expressa de forma clara no período de transição para a adolescência, momento em que as novas necessidades e interesses ampliam a forma de apreensão da realidade concreta; assim como surge um novo mundo interno surge também um novo mundo externo. Não apenas surge o novo, como também, os velhos interesses desaparecem; o que lhe interessava antes agora não interessa mais. A formação dos novos interesses não acontece de forma mecânica e isolada, este processo de desenvolvimento interno gera uma reestruturação em toda a personalidade. Este é o período crítico da idade de transição, quando os velhos interesses são extintos, fase negativa, para que os novos surjam, fase positiva.

Importante evidenciar que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores não se dá apenas no nível do desenvolvimento ontogenético, mas filogenético. As funções psicológicas superiores são produtos do desenvolvimento da humanidade. A forma de comunicação dos seres humanos através da linguagem é histórica, não foi dada a priori. Luria (1979a) explica que foi no período da divisão social do trabalho que se iniciou a necessidade de estabelecer uma linguagem. Primeiro, a linguagem estava relacionada com os gestos e sons articulados, somente depois que foi sendo utilizada como um sistema de códigos, diferente da linguagem dos animais, que não possui esta categoria. Graças a este sistema de códigos é possível transmitir uma mensagem para além do contexto prático. A linguagem humana é histórica e social, por meio dela que a experiência acumulada pela humanidade historicamente é transmitida para as próximas gerações, tendo como principal elemento a palavra. Neste sentido, os modos superiores de comportamento exercem relação com o desenvolvimento orgânico, existe uma relação entre o desenvolvimento do comportamento mais complexo e das formas superiores de comportamento. Portanto, as funções psicológicas humanas são produtos tanto do desenvolvimento psicofisiológico quanto do desenvolvimento histórico-cultural. Como explica Vigotski:

⁴⁶ Trecho original: En esa edad es cuando se manifiestan con toda nitidez las relaciones entre las verdaderas necesidades biológicas del organismo y sus necesidades culturales superiores, que llamamos intereses.

O processo de desenvolvimento cultural da criança não significa apenas suas raízes em uma ou outra esfera cultural, mas também, junto com o desenvolvimento gradual do conteúdo, ocorre o desenvolvimento das formas de pensamento, que configuram como aquelas formas e modos de atividade superior, historicamente surgidas, cujo desenvolvimento torna-se justamente a condição essencial para o enraizamento na cultura (p. 54, tradução nossa⁴⁷).

As primeiras palavras utilizadas pela criança, se diferem dos seus primeiros sons, que expressam seus estados. As palavras, agora, expressam determinados objetos, mesmo que neste início tenha bastante o caráter simpráxico, ou seja, inseparável de uma ação. Posteriormente, a palavra vai se distanciando do contexto simpráxico, passa para o caráter sinsemântico, indicando que a palavra se converte em um signo autônomo. Neste período de transição, em que a palavra se converte em um signo autônomo, há a possibilidade de operar mentalmente, de forma planejada, voluntária. Isso porque “a palavra não somente substitui uma coisa, também a analisa, a introduz em um sistema de complexos enlaces e relações” (Luria, 1987, p. 36), ou seja, a palavra representa um significado conceitual, que possibilita analisar, abstrair e generalizar, age em consonância com o pensamento. Segundo Vigotski (2006), em cada período do desenvolvimento o conteúdo do pensamento se complexifica e, com base nas apropriações culturais, adquire formas superiores de ação e pensamento intelectual. Neste período do desenvolvimento do adolescente, a nova formação do pensamento é o *conceitual*. Cabe apontar que anterior ao pensamento conceitual, a forma predominante de pensamento é o complexo. As palavras antes de designar um conceito se relacionam a partir de associações simples, pensamento em complexos, ou seja, um traço comum é necessário para que se pensem em unificações de diversos objetos/ideias, diferentes entre si (Vigotski, 1928/2012).

O desenvolvimento do pensamento conceitual vai para além de uma simples mudança do pensamento complexo para o conceitual, é o período em que o pensamento adquire seu nível superior, em que a forma e o conteúdo do pensamento se condicionam de forma recíproca. O pensamento conceitual possibilita o domínio dos conceitos possibilitando novas formas de pensamento e novos modos de conduta.

A passagem para o pensamento em conceitos abre ao adolescente o mundo da consciência social objetiva, o mundo da ideologia social. O conhecimento do verdadeiro sentido da palavra, ciência, arte, as várias esferas da vida cultural só podem ser corretamente assimilados em conceitos [...] quando assimila

⁴⁷ Trecho original: el proceso del desarrollo cultural del niño no significa tan solo su arraigo en una u otra esfera cultural, sino tam bien, junto al desarrollo paulatino del contenido, ocurre el desarrollo de las formas del pensamiento, se configuran aquellas formas y modos de actividad superior, históricamente surgidas, cuyo desarrollo precisamente viene a ser la condicion imprescindible para el arraigo en la cultura (p. 54).

corretamente aquele conteúdo que só em conceitos pode ser apresentado de forma correta, profunda e completa, começa a participar ativa e criativamente nas várias esferas da vida cultural ante de si (Vigotski, 2006, p. 64, tradução nossa⁴⁸).

A nova formação, pensamento por conceitos, possibilita ao jovem compreender o mundo que o cerca. Há, neste período, um intenso desenvolvimento da sua consciência, das suas concepções em torno do mundo, da vida política e social. O pensamento por conceitos irá servir como base, posteriormente, para o desenvolvimento do pensamento dialético.

O desenvolvimento do pensamento por conceitos na idade de transição, não indica apenas um enriquecimento do conteúdo, mas também, uma nova forma de lidar com os conteúdos. Neste período, há a unidade entre forma e conteúdo, indicada por Vigotski (2006) como a principal característica do conceito. Na realidade concreta, alguns fenômenos e nexos só podem ser representados a partir de conceitos, relacionados com o pensamento abstrato. O pensamento abstrato não é tratado aqui como algo que está descolado da realidade, mas sim, que reflete a realidade de forma mais complexa e profunda. O desenvolvimento do pensamento por conceitos não amplia apenas a possibilidade de melhor compreensão da realidade externa, mas também o adolescente passa a compreender melhor seu mundo interno e suas vivências, a partir das palavras, é possível que ele compreenda a si e o mundo externo.

A linguagem é um meio poderoso para analisar e classificar fenômenos, para regular e generalizar a realidade. [...] Ao conhecer com a ajuda das palavras, que são os signos dos conceitos, da realidade concreta, o homem descobre no mundo que lhes é visível as leis e os vínculos que contém (ibidem, p. 71, tradução nossa⁴⁹)

Pensar verbalmente releva o enlace entre o pensamento individual e o meio social, aqui, o pensamento adquire sua plena socialização. Nesta perspectiva, compreende-se que a construção da autoconsciência não está dada, no processo de desenvolvimento ela vai surgindo e possibilitando que o sujeito compreenda a si mesmo com o auxílio da palavra. Esta

⁴⁸Trecho original: El paso al pensamiento en conceptos abre ante el adolescente el mundo de la conciencia social objetiva, el mundo de la ideología social. El conocimiento en el verdadero sentido de la palabra, la ciencia, el arte, las diversas esferas de la vida cultural pueden ser correctamente asimiladas tan solo en conceptos [...] cuando asimila correctamente ese contenido que tan solo en conceptos puede presentarse de modo correcto, profundo y completo, empieza a participar activa y creativamente en las diversas esferas de la vida cultural que tiene ante sí.

⁴⁹ Trecho original: El lenguaje es un medio poderoso para analizar y clasificar los fenómenos, de regular y generalizar la realidad. [...] Al conocer con la ayuda de las palabras, que son los signos de los conceptos, la realidad concreta, el hombre descubre en el mundo visible para ellas leyes y los nexos que contiene.

compreensão de si se dá em graus e vai se desenvolvendo em concomitância com o desenvolvimento do pensamento.

Diferente da criança, o adolescente consegue se perceber como algo separado do mundo, assim como o adulto, ou seja, a autoconsciência se adquire no decorrer do desenvolvimento, não é algo dado a priori, sendo desenvolvida socio-historicamente. Vigotski (2006) chega a afirmar que “a autoconsciência é a consciência social transferida interiormente” (p. 245, tradução nossa⁵⁰). Também, neste período da idade de transição, vai surgindo a necessidade de explicação do seu próprio comportamento de forma verbal, inclusive, de pensar as consequências de suas próprias ações, formando também, a possibilidade de agir de forma intencional.

Entretanto, o pensamento do adolescente não atua somente a partir do pensamento conceitual, pelo contrário, o pensamento conceitual desde o início até o final da idade de transição não se caracteriza como o pensamento predominante. Vigotski (2006), em seus experimentos, afirma que “é curioso que a maioria dos adolescentes investigados respondiam com definições totalmente concretas quando se colocava a tarefa de explicar um conceito abstrato (p. 75, tradução nossa⁵¹). Na idade de transição encontramos tanto o pensamento concreto, que ainda predomina, quanto o início do pensamento abstrato conceitual.

Ainda que o pensamento conceitual não seja o predominante, sua possibilidade de aparição se dá justamente neste período da idade de transição, não por ser fruto da maturação biológica, mas sim em virtude do acúmulo ou das apropriações feitas. O acesso aos conteúdos escolares nas mais diversas áreas, apropriado primeiramente de modo sincrético, depois por complexos, pseudoconceitos até se constituírem (ou não, caso fique apenas na memorização) conceitos verdadeiros. Sendo assim, abstrair e teorizar não é fruto da maturidade, mas o que alavanca tal desenvolvimento é a atividade de estudo, que depois se combinará com a comunicação íntima e pessoal na etapa inicial da adolescência e adiante com a de preparação para o trabalho. Além disso, não se trata de uma absorção dos conteúdos externos para o interior psíquico, mas os conteúdos são para onde o pensamento se direciona através da linguagem. A linguagem, neste processo, age sob a atenção, influenciando modificações funcionais em seu direcionamento para os conteúdos e essa transferência dos conteúdos torna-se constituinte da

⁵⁰ Trecho original: La autoconciencia es la conciencia social trasladada al interior.

⁵¹ Trecho original: Es curioso que la mayoría de los adolescentes investigados respondieran con definiciones totalmente concretas cuando se les planteaba la tarea de explicar un concepto abstracto.

personalidade, pois reorganizam o comportamento internamente e se organiza um sistema de conduta (Tuleski, 2016).

Por conceito verdadeiro, entende-se a imagem objetiva de algo apreendida em sua complexidade, ou seja, em seus nexos e relações, “o conceito, segundo a lógica dialética, não inclui unicamente o geral, mas sim também, o singular e o particular” (Vigotski, 2006, p. 78, tradução nossa⁵²). Pensar a partir do conceito, possibilita apreender os nexos e relações do objeto, seu conhecimento mais profundo; em outras palavras, “temos a possibilidade, graças ao conceito, de penetrar através da aparência externa dos fenômenos, através da forma de suas manifestações, de conhecer os vínculos e relações ocultos que estão por trás de sua base, penetramos em sua essência (ibidem, p. 78, tradução nossa⁵³). O conceito então, é processual, representa uma abstração ampla do objeto e da realidade. A aquisição do pensamento conceitual no período da idade de transição reestrutura todas as funções psicológicas, que passam a se intelectualizar.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre em conjunto com o desenvolvimento do cérebro, sendo que ambos têm como força motriz a atividade. Elas se desenvolvem a partir das sínteses e combinações complexas de funções elementares. Neste processo, as funções elementares não desaparecem, mas elas são *superadas* pela função superior, ou seja, as funções elementares permanecem nas funções psicológicas superiores de forma conservada e integrada. Importante frisar que as funções elementares não desaparecem, isto indica que não operamos a partir das funções psicológicas superiores a todo momento.

A função que rege o processo de desenvolvimento das funções superiores na idade de transição é o pensamento por conceitos, sendo este a função central que orienta o desenvolvimento. Com isso, todas as outras funções se unem ao pensamento por conceitos e se reorganizam a partir dele, além disso, novas funções também aparecem como, por exemplo, a memória lógica. A percepção, por exemplo, é a função psicológica elementar mais primária do desenvolvimento humano e em cada período do desenvolvimento ela vai se complexificando em relação com outras funções, como a memória.

⁵² Trecho original: El concepto, según la lógica dialéctica, no incluye únicamente lo general, sino también lo singular y lo particular.

⁵³ Trecho original: tenemos la posibilidad, gracias al concepto, de penetrar a través de la apariencia extrema de los fenómenos, a través de la forma de sus manifestaciones, de conocer los ocultos nexos y relaciones que subyacen en la base de los mismos, penetramos en su esencia.

No período de transição para a adolescência, a percepção se une ao pensamento e a linguagem, sua reestruturação sob o pensamento verbal possibilita uma percepção mais ampliada de momentos concretos e abstratos; a percepção se intelectualiza. Pode-se dizer que “graças ao pensamento, os objetos isolados da percepção se relacionam, são regulados, adquirem sentido, passado e futuro. A linguagem, portanto, nos faz entender o que é percebido, nos permite analisar a realidade e passar da função elementar à superior” (ibidem, p. 123, tradução nossa⁵⁴). O que percebemos e o que pensamos se fundem, o adolescente já é capaz de colocar sentido naquilo que percebe, em linhas gerais, parafraseando Vigotski (2006, p. 125), a criança ao perceber, se recorda e o adolescente ao perceber, pensa. Nota-se que neste momento o pensamento visual-direto engloba o pensamento abstrato conceitual, apenas com o conceito é possível superar a situação visual-direta. A criança vivencia a situação, mas não a conhece, com o pensamento conceitual, desenvolvido na idade de transição, é possível analisar e conhecer a situação em que se encontra. Para este conhecimento da realidade, é imprescindível o papel da linguagem, por meio da palavra que em determinada situação se converte em objeto de conhecimento.

Assim como a percepção, a memória e todas as outras funções também passam, neste período de transição, a estabelecer relação com o pensamento. Até a primeira idade escolar, a memória aparece mais relacionada com os processos de recordação, do que com o intelecto, pois primeiro o intelecto se subordina à memória, função que guiava o desenvolvimento psíquico e, posteriormente, no período de transição para a adolescência, o intelecto que guia o desenvolvimento e a memória e, todas as outras funções, se subordinam a ele. Logo, a memória passa por uma mudança qualitativa ao se apoiar na linguagem interna e externa e se converte em uma função intelectual, portanto, memorizar passa a equivaler a pensar.

Ocorre com a atenção processos similares ao desenvolvimento superior da percepção e da memória, a atenção também passa a se intelectualizar neste período. Entretanto,

Não devemos esquecer que se trata de um vínculo duplo: por um lado, a atenção, quando atinge certo grau de desenvolvimento, constitui, como as outras funções intelectuais, uma premissa indispensável para o desenvolvimento do pensamento em conceitos e, por outro lado a passagem para o pensamento conceitual significa que a atenção atinge um estágio

⁵⁴ Trecho original: Gracias al pensamiento, los objetos aislados de la percepción se relacionan entre sí, se regulan, adquieren sentido, pasado futuro. El lenguaje, por tanto, hace comprender lo percibido, permite analizar la realidad y pasar de la función elemental a la superior.

superior, que passa para uma forma nova, mais superior e complexa de atenção voluntária interna (ibidem, p. 139, tradução nossa ⁵⁵).

A atenção da criança é organizada de forma primária, caracteriza-se por uma atenção reflexa imediatista e involuntária já na idade de transição é possível ao adolescente direcionar sua atenção. Em relação a este desenvolvimento, ele

(...) começa com o primeiro gesto indicativo, com a ajuda do qual os adultos procuram dirigir a atenção da criança, e com o primeiro gesto independente da criança, com o qual passa a dirigir a atenção dos outros. Posteriormente, e de forma muito mais desenvolvida, a criança já domina todos os sistemas e meios para direcionar a atenção dos outros. Esse sistema de meios é a linguagem atribuída de sentido. Depois de algum tempo, a criança aplica a sua pessoa as mesmas regras de conduta que os outros aplicaram a ela e que ela usa em seus relacionamentos com outras pessoas. Desse modo, ela começa a dirigir sua própria atenção, a realocar sua atenção para o plano voluntário (ibidem, p. 143, tradução nossa⁵⁶).

Como apresentado, para a Psicologia Histórico-Cultural, as funções psicológicas superiores não surgem de repente, mas seguem um processo histórico de desenvolvimento. A principal característica apontada neste processo, por Vigotski (2006), é a mudança do domínio da atenção do externo para o interno. Esta característica é a mesma para todas as funções psicológicas superiores, todas para se desenvolverem tiveram como base o meio social e no decorrer do desenvolvimento ela se direciona a partir dos meios internos. Em outras palavras, os signos externos se tornam internos. Assim como a atenção voluntária se apoia no pensamento por conceitos para se desenvolver, o contrário também ocorre, graças à atenção voluntária que o pensamento por conceitos desenvolve, mesmo que este esteja hierarquicamente superior; o desenvolvimento das funções atua de forma dialética, proporcionando o desenvolvimento.

(...) na medida que a criança se desenvolve, muda o significado da palavra, quer dizer que também muda o reflexo daqueles enlaces e relações que, através da palavra, determinam a estrutura de sua consciência (...) mudam radicalmente, não só a estrutura da palavra, mas também a estrutura da consciência, seu caráter sistêmico (Luria, 1968, p. 44).

⁵⁵ Trecho original: No debemos olvidar que se trata de un vínculo doble: por una parte, la atención, cuando alcanza un cierto grado de desarrollo, constituye, al igual que en otras funciones intelectuales, una premisa indispensable para el desarrollo del pensamiento en conceptos y, por otra, el paso al pensamiento en conceptos significa que la atención llega a un estadio superior, que pasa a una forma nueva, superior y compleja de atención voluntaria interna.

⁵⁶ Trecho original: (...) comienza con el primer gesto indicativo, con ayuda del cual los adultos intentan dirigir la atención del niño y con el primer gesto independiente del niño, con el cual empieza a dirigir la atención de otros. Más tarde, y en forma mucho más desarrollada, el niño domina ya todo el sistema de estos medios para dirigir la atención de los demás. Ese sistema de medios es el lenguaje atribuido de sentido; pasado algún tiempo, el niño aplica a su persona las mismas normas de conducta que otros le aplicaban a y que el utiliza en sus relaciones con los demás. De ese modo empieza a dirigir su propia atención, a trasladar su atención al plano voluntario (p. 143).

Verifica-se que todas as funções psicológicas superiores estabelecem uma relação recíproca, cada vez mais complexa. A linguagem vai se convertendo em um meio do pensamento, na infância, a linguagem para si da criança orienta e organiza sua ação,

É próprio da linguagem adquirir determinadas formas lógicas e se intelectualizar pelo mero fato de refletir e acompanhar as operações práticas intelectuais da criança. O pensamento verbal, a princípio, deve ser objetivo e somente depois se faz subjetivo. Primeiro surge em si e depois para si (ibidem, p. 157, tradução nossa⁵⁷).

O próprio processo da criança subordinar seu comportamento a partir da fala do adulto não surge de repente, trata-se também de um desenvolvimento progressivo. No início a fala do adulto age de forma estimuladora sobre o comportamento da criança, somente depois de forma inibidora. Nos experimentos realizados por Luria (1968), o autor coloca que

[...] a instrução verbal provoca apenas uma excitação inespecífica e a instrução de não fazer alguma coisa, inibidora, estimula a criança a apertar mais fortemente ainda o botão. Este fato mostra que a criança de três anos não reage de acordo com o sentido da instrução, porém, mais que nada, reage ante a voz do experimentador (p. 104).

Nota-se que a criança ainda não age de acordo com o *significado* da palavra e que a auto-regulação do comportamento ocorre de forma progressiva. Por significado, entende-se um “sistema de relações que se formou objetivamente no processo histórico e que está encerrado na palavra” (ibidem, p. 45), apesar de poder ter diferentes níveis de profundidade e graus de generalização, o significado tem um núcleo permanente. Em relação ao sentido, Luria (1968) apresenta que “por sentido entendemos o significado individual da palavra, separado deste sistema objetivo de enlaces, este está composto por aqueles enlaces que têm relação com o momento e a situação dados” (p. 45). Todas as palavras têm um significado, desenvolvido historicamente, comum para todas as pessoas, entretanto, a palavra também conserva um sentido, referente a uma situação dada em relação a vivência de cada sujeito singular.

Quando a ação da criança passa a ser direcionada pela fala do adulto, pode-se dizer que a ação voluntária se iniciou e “esta função intersíquica, ou seja, uma função compartilhada entre duas pessoas, começam progressivamente a se transformar em um processo intrapsíquico” (Luria, 1968, p. 108). Ao passar para a esfera intrapsíquica, a própria linguagem da criança passa a orientar o seu comportamento, em linhas gerais, “a linguagem interior, que possui um

⁵⁷Trecho original: es el propio lenguaje el que adquiere determinadas formas lógicas y se intelectualiza por el mero hecho de reflejar y acompaña las operaciones prácticas intelectuales del niño. El pensamiento verbal, al principio, ha de ser objetivo y tan solo después se hace subjetivo. Primero surge en sí y después para sí.

papel regulador ou planificador, possui uma estrutura completamente diferente, reduzida, abreviada” (ibidem, p. 111). Não se trata da simples interiorização da linguagem externa, linguagem interna é composta por uma própria estrutura, que quando necessário, se desdobra em linguagem externa (Luria, 1987).

A linguagem exteriorizada expressa a necessidade de falar algum conteúdo, quanto mais complexa a mensagem transmitida, mais complexa é a estruturação psíquica necessária. Ao discursar o pensamento de forma que se realiza na linguagem, este processo de “encarnação” do pensamento na linguagem, como coloca Luria (1987), consiste em “transformar o sentido primário, subjetivo, em um sistema de significações verbais desdobrado e compreensível para todos” (p. 155). Esta conversão só é possível com a linguagem interior, nas palavras do autor “somente depois de transcorrido o processo de abreviação, de dobramento da linguagem exterior e sua conversão em interior, torna-se possível o processo inverso, ou seja, o desdobramento desta linguagem interior em linguagem exterior” (ibidem, p. 162).

Portanto, neste início, a linguagem para si, que a criança realiza irá determinar seu comportamento, há uma interação da sua conduta e seu pensamento prático se eleva a um nível superior pois passa a se organizar pelo pensamento verbal. No experimento realizado por Vigotski (2006), é possível observar estes estágios, primeiro a criança começa a desenhar e não sabe o que desenha, não tem uma intenção clara, depois de ter iniciado, ou quando termina, explica o que desenhou - atua e depois pensa; segundo, a criança já sabe o que pretende desenhar, anuncia verbalmente e assim coordena suas ações, seguindo o que foi dito antes, ou seja, pensa e depois atua. Começa uma autodeterminação de seu comportamento, por meio da união sincrética com a linguagem. “Entendemos por união sincrética um nó genético de extrema importância que estabelece pela primeira vez uma conexão, ainda que confusa e indeterminada, entre o pensamento verbal e prático” (ibidem, p. 162, tradução nossa⁵⁸). Mesmo que a criança não comunique antes de fazer uma ação com a intenção desta linguagem lhe orientar, o que acontece é que esta linguagem para si aparece, mesmo que de forma ainda não intencional, e influi sobre o seu comportamento.

No período de transição para a adolescência, o pensamento conceitual possibilita que o pensamento verbal resolva a tarefa primeiramente pelo plano mental e, posteriormente, seja exercida na prática. Neste momento de transição para a adolescência, o comportamento é

⁵⁸ Trecho original: Entendemos por unión sincrética un nudo genético de suma importancia que establece por primera vez una conexión, aún confusa e indeterminada, entre el pensamiento verbal y el práctico.

mediado pelo pensamento verbal. Este período em que é possível agir, a partir de um plano mental, serve de base para o desenvolvimento da autoconsciência e da regulação da volição e, assim, dominar as formas superiores de trabalho humano. Neste período que todas as funções se intelectualizam e são regidas pelo pensamento por conceitos.

Nota-se que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores garante a transição dos comportamentos, antes imediatos, para comportamentos mediados. Mediações estas que são apreendidas no decorrer do desenvolvimento cultural e histórico do sujeito, sendo cada vez mais aperfeiçoadas, que possibilitam ao sujeito o domínio de suas próprias operações mentais (memória, atenção, percepção, etc) e, por conseguinte, comportamentais. Tendo em vista que as ferramentas de mediação são construídas pela humanidade socio-historicamente, consideramos que o desenvolvimento cultural do comportamento se relaciona diretamente com o desenvolvimento Histórico-Cultural da humanidade, esta é a primeira Lei postulada por Vigotski (2006, p. 226) em relação às funções psicológicas superiores. No que tange a segunda Lei, o autor apresenta que:

As relações entre as funções psíquicas superiores já foram em tempos relações reais entre os homens, o processo do desenvolvimento das formas coletivas, sociais do comportamento se converteram em modos de adaptação individual, em formas de conduta e de pensamento da personalidade (ibidem, p. 226, tradução nossa⁵⁹).

Aponta nesta lei que a base de toda a personalidade humana foi socialmente e historicamente desenvolvida. A Terceira Lei, proposta por Vigotski (2006), é a de que as funções vêm de fora para dentro, ou seja, que o começo das funções psicológicas superiores é externo. Nós nos constituímos através do meio social, logo, toda nossa constituição enquanto seres humanos, decorreu de um processo externo que foi interiorizado. A comunicação para si da criança demonstra muito bem esse período de internalização de signos sociais, a palavra do adulto conduzia o comportamento da criança. Neste período de transição e internalização, a própria fala da criança orienta seu comportamento. Nota-se que a comunicação social passa a ser também, quando internalizada, um meio do controle do comportamento individual.

“Portanto, independentemente da vontade da criança, as pessoas ao seu redor dão um sentido objetivo às suas primeiras palavras. Depois de algum tempo, essas palavras tornam-se linguagem para si, que a criança usa de forma racional e consciente” (ibidem, p. 231, tradução

⁵⁹ Trecho original: las relaciones entre las funciones psíquicas superiores fueron en tiempos relaciones reales entre los hombres; en el proceso del desarrollo las formas colectivas, sociales del comportamiento se convierten en modo de adaptación individual, en formas de conducta y de pensamiento de la personalidad.

nossa⁶⁰). Coordenar os movimentos a partir do pensamento verbal, intelectualizado no período da adolescência, indica que cada vez menos os órgãos periféricos motores são utilizados, em contraposição, o órgão do sistema nervoso central passa a ser mais utilizado, possibilitando um movimento mais acabado e racional, ou seja, movimento voluntário. Como afirma Luria (1987), a palavra não apenas possibilita um maior conhecimento diante da realidade, mas é também por meio da linguagem que os processos psíquicos superiores são regulados. Como foi exposto:

nas etapas iniciais do desenvolvimento infantil, a consciência tem um caráter afetivo, reflete o mundo afetivamente. Na etapa seguinte, a consciência começa a ter um caráter concreto-imediato e as palavras, através das quais reflete o mundo, suscitam um sistema de enlaces concreto-imediatos. Somente na etapa culminante, a consciência adquire um caráter lógico-verbal abstrato, diferente ao das etapas anteriores tanto por sua estrutura semântica como sistêmica, mesmo que nesta última etapa, os enlaces característicos dos estágios anteriores se conservem em forma encoberta (Luria, 1987, p. 54).

Já uma pessoa adulta, não vive no mundo das impressões imediatas e perceptivas da realidade, mas também no mundo dos conceitos abstratos. Neste sentido, Luria (1987) complementa que o ser humano “acumula não só sua experiência visual imediata, mas também assimila a experiência social, formulada no sistema dos conceitos abstratos” (p. 13). Por conta dessa particularidade que a consciência humana se diferencia do psiquismo animal, a consciência humana é capaz de ir além do acúmulo das experiências imediatas, sendo fruto do desenvolvimento social. Entende-se que

Para explicar as formas mais complexas da vida consciente do homem é imprescindível sair dos limites do organismo, buscar as origens desta vida consciente e do comportamento “categorial”, não nas profundezas do cérebro ou da alma, mas sim nas condições externas da vida e em primeiro lugar, da vida social, nas formas histórico-sociais da existência do homem (Luria, 1987, p. 20).

Assim, ao estudar a consciência humana, seus processos internos, estes não são tomados por si mesmos, mas em constante relação com a realidade concreta, que se desenvolveu histórico e socialmente no ser humano a partir do trabalho. Em outras palavras, a consciência “surge apenas na transição da atividade adaptativa dos animais para a atividade produtiva, de trabalho, especificamente humana” (Leontiev, 2021, p. 147), sendo então, uma forma qualitativamente nova do psiquismo. Cabe acrescentar que, quando se fala da relação entre

⁶⁰ Trecho original: Por tanto, al margen de la voluntad del niño, la gente de su entorno confiere un sentido objetivo a sus primeras palabras. Pasado algún tiempo, esas palabras se convierten en lenguaje para sí, que el niño utiliza racional y conscientemente.

consciência e realidade concreta, não se trata de uma relação direta, isto é, da consciência ser reflexo especular apenas do que está a sua frente na materialidade. Como apresentado anteriormente, a criança opera inicialmente com os materiais que estão à sua frente, posteriormente, no decorrer do seu desenvolvimento, acontece a representação ideal dos objetos, da realidade.

Tal transformação ocorre por meio do funcionamento da língua, que é um produto e um meio de comunicação entre os participantes da produção. A língua traz em seus significados (conceitos) determinado conteúdo integralmente emancipado em relação a sua materialidade. Assim, o alimento é, obviamente, um objeto material, já o *significado* da palavra “alimento” não contém em si uma grama sequer de substância alimentícia (Leontiev, 2021, p. 151).

Assim, fica explícito que a consciência humana apenas pode ser compreendida “como fruto das relações e mediações que surgem no curso da formação e desenvolvimento da sociedade” (ibidem, p. 152) e o vínculo que o ser humano estabelece com a realidade concreta acontece pela atividade. Dando sequência às atividades guias do desenvolvimento humano temos, após o período da adolescência, a juventude.

Segundo Abrantes e Bulhões (2016), o jovem difere do adolescente e do adulto, o momento da juventude caracteriza-se como um período de transição para a idade adulta. Neste período de transição a atividade dominante se expressa entre a atividade de estudo profissionalizante e a atividade produtiva. A depender da classe social a que o jovem pertence, uma atividade irá desempenhar um papel mais determinante no psiquismo do que a outra. A atividade guia que nos períodos anteriores era identificada com certa facilidade, se complexifica nas idades posteriores do desenvolvimento, isso porque, as relações sociais se ampliam e torna-se uma problemática identificar uma única atividade que guie o desenvolvimento psíquico. A periodização do desenvolvimento elaborada por Vigotski não parte de uma base cronológica e biologicista, entretanto, o autor demarca alguns momentos dos períodos do desenvolvimento por idades, como vimos por exemplo, crise dos 3 anos e assim por diante. Também no período da juventude considera-se a idade, pois por jovem entende-se a pessoa entre 18 à 24 anos e essa delimitação “pode nos possibilitar uma referência empírica inicial para a análise da pessoa com o mundo” (Abrantes e Bulhões, 2016, p. 246). Com isso, a idade se apresenta como um parâmetro base para chegar à essência deste período do desenvolvimento, ir além da idade e buscar explicar as relações do jovem com o mundo.

Um dos principais aspectos deste período do desenvolvimento é a busca por autonomia. O jovem projeta e planeja seu futuro e age na realidade a fim de realizá-lo “e a impossibilidade de concretização de tais necessidades, em decorrência dos limites materiais da sociedade

capitalista, culmina em explosões de descontentamentos” (ibidem, p. 250). A depender da classe social em que se encontra, o projeto de vida do jovem não vai direto para a atividade produtiva, mas se orienta anteriormente para a atividade profissionalizante. As duas também podem ocorrer simultaneamente, ou apenas a atividade produtiva, o relevo de uma ou outra decorre, como já assinalado, da posição social do jovem⁶¹ (Abrantes e Bulhões, 2016). Neste sentido, as atividades guias determinantes no processo de desenvolvimento psíquico do jovem se encontram entre a atividade de estudo profissionalizante e a atividade produtiva. Ambas as atividades dizem respeito às questões relacionadas com projeto de vida, porém:

Reconhecemos inicialmente que a sociedade alienada produz pessoas que estão vivas biologicamente, mas defrontam-se com uma espécie de morte simbólica, visto que, muitas vezes, as experiências são marcadas pela falta de projeção e de projetos, portanto uma sociedade esvaziada, despolitizada. Os indivíduos presos na sua particularidade sofrem ensimesmados, almejando, no máximo, a simples experiência pessoal na busca do prazer, em um projeto de existência que aparentemente prescinde de comunidade, de luta (ibidem, p. 261).

Um ponto importante no período da juventude é que o jovem possa não só compreender a realidade, mas transformá-la, os autores colocam que com isto os planos de vida não se limitariam ao pessoal, mas também no coletivo, a fim de modificar a realidade em direção aos reais interesses de toda a sociedade, visando o bem comum.

Já na idade adulta, a atividade guia do desenvolvimento é a produção social, que se expressa nas atividades de trabalho. A atividade humana, é caracterizada principalmente pelo elemento que denominamos *intencionalidade*. Segundo Carvalho e Martins (2016), “a referida intencionalidade não é outra coisa senão uma propriedade da consciência, e como tal umbilicalmente ligada e orientada pelo conhecimento” (p. 268) para agir e modificar a realidade. Assim, a intencionalidade parte da realidade concreta e volta em forma de ação planejada para modificá-la. A atividade de trabalho é a atividade que tem por base a intencionalidade, entretanto, na sociedade capitalista as pessoas passam a ficar mais sujeitas às condições de trabalho postas, do que realmente sujeitos do trabalho, agindo de forma intencional, teleológica, que promova desenvolvimento psíquico. Isso acontece porque na sociedade de classes, o trabalho, e todas as outras atividades, são marcadas por graus de alienação (Carvalho e Martins, 2016). Neste sentido, o trabalho enquanto real promotor de

⁶¹ O debate em torno das políticas públicas que facilita a entrada de jovens ao ensino superior não será tratado por entender que este tema é amplo e se distanciaria do objetivo central deste tópico que é de apresentar a periodização do desenvolvimento tendo como foco a relações interfuncionais do psiquismo humano e sua relação com a linguagem.

desenvolvimento e das potencialidades humanas só será possível em outro modelo de organização social.

O que difere o humano do animal é justamente a capacidade de realizar trabalho, ou seja, uma atividade social. Com a atividade de trabalho o homem passa a ser ativo na realidade, não apenas se adaptando às circunstâncias postas, com isso, dialeticamente a natureza humana se altera, torna-se próprio do ser humano a realização do trabalho. Com o desenvolvimento do trabalho humano, a necessidade da linguagem surge, a fim de comunicar e organizar as ações, concomitantemente, entende-se que houve um processo educativo. Nas palavras dos autores, “o surgimento do trabalho determinou a existência das demais esferas da sociabilidade dos homens, como a linguagem e a educação, bem como o próprio homem, o seu pensamento e a sua consciência” (ibidem, p. 273). Com o avanço da complexidade no mundo do trabalho, a educação também se complexifica, sendo o processo educativo fundamental para ampliar a capacidade do ser humano de conhecer e agir sob a realidade diante das alternativas postas naquele momento, tendo por objetivo concretizar o processo teológico, ou seja, o planejamento idealizado mentalmente. “O trabalho condensa, desse modo, a relação dialética entre apropriação-objetivação-exteriorização” (ibidem, p. 274). Entretanto, o trabalho, tal como se apresenta na sociedade de classes, visa o lucro, e não o desenvolvimento humano.

[...] se a atividade de produção social representa a atividade-guia na maturidade dos indivíduos, e ela encontra-se descaracterizada de sua função desenvolvente por conta do modo de produção capitalista, poderíamos supor que o empobrecimento das pessoas ocorra apenas no âmbito do trabalho, restando-lhe as outras esferas de suas vidas? Lamentavelmente, nossa resposta a essa interrogação é negativa [...] reportando-nos às proposições de Sève (1979), à proporção que o homem não encontra no trabalho a livre manifestação de si, passa a trabalhar para viver na medida em que vive para trabalhar (ibidem, p. 290).

Com isso a organização do trabalho atravessa todos os âmbitos de nossa vida, não se resume na relação de produtividade, as relações em todos os níveis são fetichizadas (Carvalho e Martins, 2016). Tendo por base o desenvolvimento humano apresentado neste capítulo e as implicações da sociedade de classes na nossa constituição como humanos, foi possível perceber como o caráter fetichizado atinge todos os âmbitos da nossa vida, inclusive nos processos de saúde-doença. Sobre isso, dar-se-á continuidade no capítulo seguinte, para se pensar o sofrimento psicossomático.

CAPÍTULO 3: PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E SOFRIMENTO PSICOSSOMÁTICO

Hoje em dia sabe-se perfeitamente que não é necessário ser ferido por uma bala para sofrer tanto no corpo quanto no cérebro.
(Frantz Fanon, 1968, p. 250).

No capítulo anterior, discorreu-se sobre o curso do desenvolvimento, destacando-se as transformações das relações ser humano-mundo social por meio da atividade. Tais transformações, como demonstrado são objetivo-subjetivas, ou seja, caracterizam apropriações do mundo exterior que ao mesmo tempo se objetivam em produtos neste mesmo mundo, mas também em novas capacidades ou habilidades humanas, derivadas de reestruturações na esfera das funções psíquicas, que ganham novas hierarquizações.

Neste capítulo, tem-se por objetivo trazer algumas teorizações da Psicologia Histórico-Cultural que possam contribuir para um entendimento do sofrimento psicossomático por esta abordagem. Na primeira seção, *Estudos em torno da unidade psicofísica nos escritos de Vigotski, Luria e Leontiev*, será discutido de que modo estão articuladas as unidades mente-corpo, na Psicologia Histórico-Cultural tomando como premissa que tais aspectos não podem ser compreendidos em separado nesta abordagem. Na segunda seção, intitulada *A dialética entre a unidade biológico-social e afetivo-cognitivo*, será apresentado como estas unidades estão imbricadas e se transformam reciprocamente. Na última seção, *Implicações dos processos inconscientes na dinâmica mente-corpo*, foi demarcado como a Psicologia Histórico-Cultural compreende o inconsciente e suas possíveis contribuições para entender a psicossomática.

De modo geral, este capítulo irá se deter nas unidades mente-corpo e afeto-cognição, e suas contribuições para pensar a psicossomática, tomando como eixo a dinâmica consciente-inconsciente. A divisão realizada em seções visa a didática na leitura, visto que todas estas unidades atuam de forma articulada.

3.1 Estudos em torno da unidade psicofísica nos escritos de Vigotski, Luria e Leontiev

Primeiramente, considera-se importante retomar o que se entende por unidade na Psicologia Histórico-Cultural. O estudo por unidade foi utilizado por K. Marx e pode ser encontrado em suas obras como, por exemplo, em *O Capital*. Este conceito, tendo como base o materialismo histórico-dialético, não se resume a uma união de partes iguais ou semelhantes,

mas indica a unidade do diverso, do contrário, da heterogeneidade. A *Troika* também se apropria do conceito de unidade para entender e explicar o desenvolvimento humano e a constituição do psiquismo. Neste processo, o estudo não visa a fragmentação e decomposição das partes, mas a busca pela unidade mínima de análise que possibilite captar o todo. Trazer este conceito de unidade para a psicologia implica sintetizar em unidade uma totalidade articulada, defendendo uma visão não dicotomizada, em que aspectos distintos, e até mesmo opostos, que não possam ser estudados isoladamente, mas em unidade (Tuleski, Calve e Santos, 2021). Portanto, mente-corpo / afeto-cognição, não são a mesma coisa e não são colocados como equivalentes, mas o estudo de um pressupõe necessariamente o estudo do outro, visto que formam uma unidade dialética, com dinamicidade ao longo do desenvolvimento.

No que se refere a primeira unidade - corpo-mente -, esta é essencial para se compreender a neuropsicologia luriana. Como exposto em Tuleski (2011), mesmo que esta relação não fique tão explícita à primeira vista nas obras de Luria, está presente. Com objetivo de compreender a psicossomática com base na Psicologia Histórico-Cultural, considera-se importante ter como base esta unidade corpo-mente, para não cairmos em dicotomias do *isto* ou *aquilo* ao pensar este fenômeno.

Em relação à dialética corpo-mente defendida por Luria, esta já havia sido discutida por Vigotski em seu texto *O significado histórico da crise da psicologia: Uma investigação metodológica*, publicado originalmente em 1927. Neste texto, Vigotski apresentava que a cisão entre mente-corpo realizada pelas psicologias da época expressava a fragmentação existente no cerne da sociedade capitalista (Tuleski, 2011). Porém, Luria é considerado o principal estudioso da dialética mente-corpo na Psicologia Histórico-Cultural por,

[...] primeiramente, ser um dos fundadores da Psicologia Histórico-Cultural, juntamente com Vigotski e Leontiev, e por ser seu continuador após a morte do primeiro; em segundo lugar, por ter se dedicado ao estudo do cérebro, em oposição a duas tendências existentes em sua época - o localizacionismo estreito e a visão holística - que permanecem até hoje no campo da Neuropsicologia e Neurociências (Tuleski, 2011, p. 16-17).

Discussões em torno da mente e do corpo também estavam bastante presentes no século XIX. As tentativas de tornar a psicologia uma ciência levou muitos estudiosos a basearem suas pesquisas apenas na observação, experimentação e quantificação. Estes eram os métodos validados pela ciência da época, mas não só, pois ainda hoje é possível encontrar estudos que consideram o psíquico apenas um epifenômeno dos processos fisiológicos. Vigotski observou que duas tendências se destacavam nesse campo, uma com orientação subjetivista e outra objetivista. A primeira considerava a psique sem nenhuma relação com físico e a segunda, a

reflexologia, destacava mais o comportamento e suas manifestações fisiológicas, em detrimento da psique. A fim de superar tal dicotomia, Vigotski apontou a necessidade da compreensão histórico-social da constituição humana, quando o biológico se socializa, em outras palavras, quando nos tornamos humanos (Costa, 2020).

A superação desta dicotomia não era fácil e o processo de pesquisa e estudos de Vigotski e de seus colaboradores foi marcado por muitas idas e vindas até chegar em uma compreensão que apontasse um caminho para a solução deste problema. Este período de resolução do problema psicofísico pode ser dividido didaticamente em três momentos, segundo Costa (2020): o primeiro foi marcado pelas noções de reflexo condicionado (1924); no segundo, houve uma tentativa de superação por meio do método instrumental (final de 1925 e início de 1926), e; o terceiro momento, se dá a superação da dicotomia entre o físico e psíquico com base numa análise sistêmica do ser humano (1932).

Conforme Costa (2020), Vigotski inicialmente se ateve em revisar os estudos de Pavlov. Seu objetivo inicial era propor uma reformulação na reflexologia, adicionando os aspectos subjetivos. A tentativa de reconciliar os aspectos objetivos e subjetivos da psicologia trouxe problemas metodológicos que fizeram com que Vigotski re-orientasse seus estudos. No **primeiro momento**, Vigotski já estabeleceu que existe uma mente e que a consciência é uma das distinções do ser humano em relação aos demais animais. Com isso, a questão foi verificar como esta qualidade do psiquismo humano "interage" com o físico. Para resolver esta questão, Vigotski propôs que a linguagem seria a forma de romper com o dualismo, visto que ela era entendida como um excitante do comportamento (Costa, 2020).

Vigotski pensava que se devia estudar também os reflexos verbais que não eram externalizados. Com base nesses reflexos, seria possível compreender o comportamento em sua totalidade. Portanto, ao propor o "interrogatório", proveniente da Psicologia experimental, como uma ferramenta de estudo aliada às metodologias da reflexologia, seria possível chegar ao comportamento humano em sua totalidade, ao "comportamento real", hipótese de trabalho que não durou muito (Costa, 2020, p. 236).

A palavra aqui era considerada uma excitadora que gerava respostas reflexas, porém,

O otimismo de Vigotski em relação ao método de "interrogatório" e sua articulação com a reflexologia perdeu força rapidamente. É possível que ele tenha percebido o limite da reflexologia para interpretar os relatos das pessoas submetidas a situações experimentais. Ele passou a notar a necessidade da reconstrução do fenômeno, que não pode ser captado pelo testemunho dos sujeitos, sobretudo porque entra em contradição com o método genético, pois não se pode interrogar uma criança pequena que ainda fala muito pouco. A compreensão da palavra enquanto uma cadeia de reflexos foi modificada, muito provavelmente ao perceber sua limitação explicativa (Costa, 2020, p. 239).

Costa (2020) expõe que o período em que Vigotski trabalhou no hospital de Zakharino, no final de 1925 e início de 1926, marcou o **segundo momento** em que formulou o método instrumental. As proposições de Vigotski, neste contexto, já demarcavam a natureza social da consciência, rompendo com a dicotomia objetivo-subjetivo, afirmando que a subjetividade pressupunha necessariamente a objetividade. Posteriormente, foi esse postulado que serviu de base para teorizar sobre as funções psicológicas superiores, que primeiro se manifestam em nível intersíquico para depois, tornarem-se intrapsíquicas. Logo, a mente não emergiria dos processos fisiológicos, ainda que os tome como base. Assim, Vigotski vai contra a ideia de paralelismo entre mente e corpo, pois os dois não existem de modo correlato, apesar da primeira perceber os próprios estados corpóreos. “Conseqüentemente, o fenômeno mental seria tanto a expressão do “social em nós” quanto da percepção dos próprios estados internos do nosso corpo” (Costa, 2020, p. 245). Tal entendimento, vai ao encontro da ideia da refração trabalhada em Leontiev (1978/2004) no livro *Desenvolvimento do psiquismo*, em que ele explica que refratamos na consciência por meio do significado daquilo que conhecemos, por exemplo,

As impressões sensíveis que percebo da folha de papel refratam-se de maneira determinada na minha consciência, porque possuo as significações correspondentes, se não possuísse, a folha de papel não passaria para mim de um objeto branco, retangular etc. Todavia, e isto tem uma importância fundamental, quando eu percebo um papel percebo este papel real e não a significação do “papel”. Introspectivamente, a significação está geralmente ausente da minha consciência: ela refrata o percebido ou o pensado, mas ela própria não é conscientizada, não é pensada. Este fato psicológico é fundamental (Leontiev, 2004, p. 102).

Assim como apresentado no segundo capítulo, durante todo o processo de desenvolvimento vamos nos encontrando com sistemas de significações elaborados socio-historicamente, neste processo, “o reflexo generalizado da realidade elaborada pela humanidade é fixado sob a forma de conceitos” (Leontiev, 1978/2004, p. 202). Assim, o perceber nossos estados internos também remete a um processo de desenvolvimento educativo em significar o que nos afeta. Já não dizemos “meu estômago está fazendo barulho e sinto um vazio”, mas sim, “estou com fome”. Deste modo, a palavra “fome” auxilia na distinção de um conjunto de sensações de outros que podem, inclusive, ser parecidas, mas não idênticas. Eis o papel da palavra como signo que transforma as operações em nível do pensamento, por meio de discriminações e generalizações, processo ininterrupto ao longo da vida.

É também neste segundo momento que Vigotski reformula o papel da palavra. A palavra é comparada com um instrumento de trabalho, considerada um instrumento simbólico, um estímulo criado artificialmente, fora do organismo. A palavra, deste modo, possibilita a regulação e organização do comportamento pessoal ou de outra pessoa, assim, a palavra,

enquanto signo no pensamento, não gera uma resposta passiva ao meio, mas age na realidade de forma intencional (Costa, 2020), alterando-a.

A Psicologia objetiva de Pavlov excluía os fenômenos psíquicos. Já as orientações subjetivistas consideram tais fenômenos partindo deles mesmos, sem levar em conta as questões da fisiologia e do comportamento. Havia ainda uma terceira tendência, conforme Vigotski, que colocava o inconsciente como conceito central. Essa corrente procurava conhecer a psique através do inconsciente. Ele, por sua vez, ao contrário dessas orientações, viu a necessidade de a Psicologia científica e objetiva atentar para a integralidade do fenômeno que contém esses três elementos (Costa, 2020, p. 246).

Conforme Costa (2020), o **terceiro momento** da produção vigotskiana, vê a necessidade de compreender o comportamento humano de modo sistêmico, integrado, o que incluiria considerar a unidade dialética consciente-inconsciente. Sobre essa dialética será melhor tratado em outra seção, o que cabe apresentar neste terceiro momento, que se refere a unidade psicofísica, é o percurso de sua sistematização sobre um problema crucial para a Psicologia de sua época ainda não totalmente resolvido. Neste período, Vigotski destacava que o objeto de estudo da psicologia seria o comportamento integral do ser humano. Com isso, ele retoma o primeiro momento de suas investigações, na tentativa de compreender como se dá a relação entre os processos psicológicos e fisiológicos, superando a forma mecânica de análise anterior, incorporando o movimento, ou seja, de modo dialético. O desafio de Vigotski era não cair em um paralelismo psicofísico, que segundo o autor foi o que ocorreu com Espinosa, quando este afirma na proposição 2 da *Ética*: “Nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso, ou a qualquer outro estado” (1677/2009, p. 167). A única forma, segundo Vigotski, de romper com o paralelismo era de considerar a “supremacia” da mente sobre o corpo (Costa, 2020). Em seus estudos, Vigotski não formulou por completo o que seria a “supremacia” da mente sobre o corpo, e Costa (2020) levanta algumas tentativas iniciais de interpretar esse conceito.

Primeiro, aponta que a compreensão do fenômeno psicofísico vai além da relação mente-corpo e passa a ser, para Vigotski, orientado pela relação entre pensamento e fala, por meio dessa relação que acontece a materialização e objetivação da unidade mente-corpo. Em outras palavras, a “relação entre pensamento e fala é expressão da unidade mente e cérebro, na medida em que possibilita a transição do ‘externo para o interno e do interno para o externo’” (Costa, 2020, p. 252). Importante salientar também que a supremacia do mental não indica uma relação abstrata e individualizante, visto que,

[...] o que Vigotski chama de “mental” tem uma origem histórica e social, não sendo uma força “espiritual”. Ou seja, é graças ao desenvolvimento histórico que é possível essa supremacia. Para ele, as “interações sociais”, que são a

gênese das “conexões extracerebrais”, tornam possível a “experiência consciente social” construída a partir do exterior (Costa, 2020, p. 253).

Apesar de *supremacia* ser o termo utilizado, optamos nesta pesquisa mudar para *guia*, por ser também utilizado por Vigotski ao teorizar sobre a periodização do desenvolvimento, ao explicar sobre as atividades guias do desenvolvimento humano, apesar do conceito de *supremacia* ser muito bem explicado por Costa (2020) entende-se que esta palavra pode confundir o leitor (a) e levá-lo (a) a ter interpretações idealistas da abordagem. Como foi exposto, Vigotski, ao ter esse entendimento, não está realizando uma análise subjetivista da mente. Em relação a isso, o autor aponta que “**ou os fenômenos psíquicos existem e então são materiais e objetivos, ou não existem e não podem ser estudados**. É impossível qualquer ciência só sobre o subjetivo, sobre *o que parece*, sobre fantasmas, sobre o que não existe” (Vigotski, 1996, p. 386, grifos nossos, itálicos do autor). Ou seja, ao tratarmos os processos psíquicos da mente, estamos considerando sua base material objetiva, e neste sentido,

[...] o subjetivo, o espectro em si, deve ser compreendido como a consequência, como o resultado, como o pombinho frito, de *dois* processos objetivos. O enigma da psique se resolverá como o do espelho, não estudando espectros, mas estudando duas séries de processos objetivos, de cuja integração surgem os espectros como reflexos aparentes de *um no outro*. Em si, a aparência não existe (Vigotski, 1996, p.388, itálicos do autor).

A metáfora utilizada por Vigotski, do ‘pombinho frito’, e sua explicação em seguida, orienta para compreendermos que a consciência, categoria psíquica humana, **é produto e parte da natureza**. O órgão responsável pela mesma é produto da natureza, o cérebro humano, e este, por sua vez, desenvolve-se funcionalmente a partir da relação objetiva que o ser humano estabelece com a natureza fora de seu cérebro, ou seja, por meio da atividade.

Ao entender que não se trata de uma desvinculação da realidade concreta, o psíquico como guia, nos processos psicofísicos, seria no sentido de conceituar no pensamento o que se passa no corpo, o que conduz a unidade afetivo-cognitiva. Assim, como apresentado no segundo capítulo, a relação sistêmica entre os processos psicológicos superiores, esta relação interfuncional, também ocorre por meio da unidade afetivo-cognitiva. Isso porque a internalização de conceitos, inclui também nossas formas de sentir. Entretanto, cabe pontuar que os estudos de Vigotski entorno das emoções ficaram inacabados⁶².

⁶² A obra *Teoria das Emoções* (1931-1933) escrita por Vigotski, não foi finalizada. Nesta obra o autor abarca também sobre a unidade psicofísica, entretanto por se tratar inacabada e com lacunas, exige um maior tempo para se deter nela de forma crítica, e por conta disso, foi decidido não a utilizar neste momento, mas sua contribuição pode ser importante para pesquisas futuras.

Como apresentado, Vigotski teve todo um percurso de idas e vindas na produção de seu trabalho teórico e isso não foi diferente com Alexander Luria, que teve um processo similar ao de Vigotski, com a diferença de não ter falecido tão jovem, o que lhe possibilitou produzir mais e por mais tempo. O autor conta com uma vasta produção de mais de trezentos livros e textos, abordando diversas temáticas, desde estudos com lesionados em guerra, até sobre o desenvolvimento infantil. Os trabalhos de Luria, segundo Tuleski (2011), podem ser divididos didaticamente em quatro principais momentos.

O **primeiro momento** demarca as teorizações iniciais de Luria, que contavam com uma forte influência das teorias ocidentais, em especial ligadas à psicanálise. Neste período que Luria escreve o livro *Reações humanas em situações conflituosas*. Escrito antes de sua associação com Vigotski, a intenção de Luria era realizar uma psicanálise experimental e, para isso, o autor utilizou-se de técnicas psicanalíticas, como a associação livre. Um de seus experimentos foi com pessoas que estavam reclusas em sistema penitenciário. Este estudo consistiu em três etapas, como aponta Tuleski (2011), primeiro, logo após a prisão, depois, quando já tinha passado um período recluso e por fim, próximo ao julgamento. Neste estudo, o autor pode concluir que “os sujeitos influenciados por emoções fortes, [...] não conseguiam atingir um padrão estável de reações, apresentando respostas motoras e verbais instáveis e eram incapazes de criar um sistema funcional único” (Luria, 1992, apud Tuleski, 2011, p. 30). Apesar de sua proposta ser a de propor uma psicanálise experimental, quando analisava os resultados de suas pesquisas, levava em consideração a vivência que o sujeito estava tendo naquele momento, relacionada com a realidade objetiva. Neste estudo, o autor ainda não tinha como fundamento o materialismo histórico-dialético e, após sua associação com Vigotski, o Luria retorna em muitas de suas obras, inclusive essa, e reedita-a a⁶³. Vigotski tece críticas em torno dos conceitos de inconsciente, das técnicas de hipnose e associação livre, utilizadas por Luria, porém indica que nesta obra havia identificado fenômenos possíveis de serem estudados com base no materialismo histórico-dialético (Tuleski, 2011). Principalmente no que tange o capítulo XI, *Natureza da barreira funcional*, e o Capítulo XII, *O controle do comportamento*, Luria inicia a demarcação de que a mudança no comportamento se dá a partir da cultura e inicia

⁶³ Tal movimento dialético das produções de Luria, que são próprios da pesquisa e investigação científica são melhor explicados no Livro: *Relação Entre Texto e Contexto na Obra de Luria: apontamentos Para Uma Leitura Marxista* (2011) escrito por Silvana C. Tuleski.

a ideia de sistemas funcionais, algo que irá se aprofundar no decorrer dos seus estudos. Tais capítulos serão trabalhados ao longo da seção seguinte.

O **segundo momento** abarca o período sua produção em conjunto com Vigotski e Leontiev, seus trabalhos se distanciam das influências ocidentais e se inicia o período da elaboração conjunta de uma Psicologia Geral. Apesar do objetivo de formular uma única psicologia não ter sido alcançado, os trabalhos desse momento marcaram a sistematização dos principais fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural. O **terceiro momento** se dá após o falecimento de Vigotski e a intensificação das proibições de suas obras, advindas do governo comandado por Stalin, desembocando na dissolução da *Troika*. Durante este período, Luria estava impedido de dar continuidade em seus estudos relacionados ao desenvolvimento infantil, que realizava com Vigotski e Leontiev e, por conta disso, retornou ao curso de medicina e iniciou seu trabalho no Instituto de Neurocirurgia em 1937. Seu trabalho no Instituto não se pautava apenas em descrever as alterações cerebrais, Luria buscava também restabelecer as funções psicológicas alteradas. Importante salientar que esta forma de investigação, sobre como restabelecer as funções psicológicas superiores, foi proposta por Vigotski em 1920 e seria uma parte fundamental para, posteriormente, acompanhar o progresso dessas funções após intervenções. Entretanto, Luria estava impedido de realizar esta segunda parte de acompanhar o desenvolvimento. O **quarto momento** abrange o afrouxamento da censura. Com o fim do governo de Stalin e das restrições impostas, os trabalhos divulgados de Luria são aqueles que advinham do período em que pesquisava com Vigotski (Tuleski, 2011).

Nota-se que o processo de idas e vindas nas produções acontece também com Luria, este movimento é necessário para a construção do conhecimento científico. Destaca-se que os avanços, retrocessos, rupturas e alterações de objeto de investigação não estão vinculadas apenas aos desejos dos pesquisadores, na maioria das vezes, referem-se a demandas postas pelo contexto social, por serem fenômenos que necessitam ser investigados ou sofrem guinadas por conta de interferências político-econômicas. Neste processo de retorno, superação e avanço Luria estava em conjunto com Vigotski e por conta disso sua obra teve muitas influências dele. Entretanto, os estudos de Luria se detiveram na Neuropsicologia, ao investigar o funcionamento cerebral, que contribui para a compreensão da unidade psicofísica e como ela se desenvolve socio culturalmente, assunto tratado na próxima seção.

3.2 A dialética entre as unidades biológico-social e afetivo-cognitivo

Vigotski exerceu uma grande influência nos trabalhos de Luria⁶⁴. Por exemplo, o que é extra cortical (Inter psicológico), torna-se intra cortical (intrapsicológico), além disso, a Lei Geral do Desenvolvimento de Vigotski é tomada para compreender as transformações funcionais do cérebro (relações cérebro/comportamento). Logo, o psíquico como guia, não pode ser confundida com subjetivismo, ou uma concepção idealista, pois tem sua base material no cérebro. Podemos entendê-la como uma crescente mediação psíquica sobre o organismo, em virtude da natureza cultural do desenvolvimento do próprio psiquismo, que supera gradualmente as determinações puramente orgânicas iniciais, dadas no nascimento. Pode-se dizer que o cérebro se torna um órgão cultural da mente.

Sendo o cérebro a base material do psiquismo, o mesmo também não pode ser apreendido de forma abstrata, descolado da realidade objetiva, das relações do sujeito com o meio social mediadas pela atividade. Luria (1979a), demarca as três unidades ou sistemas funcionais do cérebro:

O primeiro mantém o necessário tônus do córtex, indispensável para o bom andamento dos processos de recebimento e elaboração da informação, bem como dos processos de formação de programas e controle da execução destes. O segundo bloco assegura o próprio processo de recebimento, elaboração e conservação da informação que chega ao homem do mundo exterior (dos aparelhos do seu próprio corpo). O terceiro bloco elabora programas de comportamento, assegura e regula sua realização e participa do controle do seu cumprimento (Luria, 1976 a, p. 95).

A primeira unidade funcional regula a atividade de três formas. A primeira está relacionada com os processos metabólicos do organismo que mantém o nível energético cortical e ajudam na regulação do sono e a vigília. Esta forma é comum no ser humano e nos demais animais. A segunda forma de ativação está relacionada a chegada de estímulos, sendo também comum nos seres humanos e animais. Por exemplo, quando se está dormindo e ouve-se um barulho externo, de um despertador ou buzina, o corpo acorda. Tais estímulos podem ser externos ou internos, como uma sensação de dor, de modo a ativar o córtex, produzindo o reflexo de orientação. A terceira forma de ativação da primeira unidade é especificamente humana, decorrente do desenvolvimento da voluntariedade. Ela depende dos planos e objetivos formulados pela atividade consciente humana, a partir dos quais mantemos nossa vigília, nossa

⁶⁴ Outros pesquisadores e pesquisadoras também tiveram grande importância nas obras de Luria, como por exemplo: Leontiev, Galperin, Zaporózhets, Homskaia, Tsvetkova e Poliakov (ALMEIDA, 2006).

atenção focada e não sucumbimos a estímulos mais imediatos (de sono, fome, etc.). Por exemplo, quando se tem uma tarefa a ser finalizada naquele dia, pode vir o sono, mas a pessoa não dorme, pois tem o plano de finalizá-la; diferentemente do animal, que quando vem o sono, ele dorme. Esta terceira forma de ativação é desenvolvida socio-historicamente, um recém-nascido e até mesmo bebês, por exemplo, quando vem o sono sucumbem a ele, independente da atividade que estavam realizando, podem dormir enquanto se alimentam, por exemplo. Em linhas gerais, esta terceira forma de ativação do primeiro sistema funcional está ligada a atividade consciente, que possibilitam modular e regular a nossa conduta tendo em vista as finalidades a serem alcançadas. Importante destacar que é a terceira unidade funcional que elabora e desenvolve o plano e as ações, a qual pode estar plenamente desenvolvida no período de transição ou adolescência, conforme as possibilidades de apropriação dadas ao sujeito ao longo da vida. Mais adiante, será tratado sobre esta terceira unidade funcional, para o momento é necessário compreender que mesmo a primeira unidade funcional, cujo funcionamento é menos complexo, sofre o influxo do desenvolvimento das demais, o que reafirma a impossibilidade de compreender de modo cindido este funcionamento. Luria coloca o cérebro em movimento, por compreender sua base na realidade objetiva, assim “a unidade dialética entre funções psíquicas e estrutura biológica, que se altera qualitativamente por intermédio da atividade prática humana” (Tuleski, 2011, p. 181).

A segunda unidade funcional, diferentemente da primeira cujas estruturas são subcorticais, sua estrutura é cortical. Seu funcionamento é regido “por um princípio de organização hierárquica e são constituídas de áreas primárias (receptoras), uma superestrutura de áreas secundárias associativas, [...] e áreas terciárias (zonas de superposição)” (Tuleski, 2011, p. 179). Tais zonas possuem um nível de especialização decrescente, ou seja, as zonas primárias são mais específicas quanto à modalidade (região occipital - visual, região temporal - auditiva, região parietal - sensorial geral, etc.), enquanto a terciária é menos específica quanto a modalidade, realizando a integração das informações.

De um modo resumido, as zonas primárias são receptoras dos estímulos conforme as modalidades específicas, as zonas secundárias são zonas de reconhecimento ligadas à memória do que foi recebido, e as zonas terciárias integram as informações a partir da significação. Ao significarmos um estímulo recebido, é necessário integrar informações táteis, auditivas, visuais, etc. Por isso, é comum que se considere a segunda unidade funcional como de “processamento das informações”, mas há que se ter cuidado para não compreender seu funcionamento de modo mecânico, como uma máquina ou o processamento de um computador.

Por fim, a terceira unidade funcional do cérebro é a responsável pela organização da atividade consciente. As estruturas dessa unidade se encontram na região frontal do córtex, tendo grande importância na organização do comportamento por criar intenções, formular planos, programar ações. No trabalho intelectual, por exemplo, há uma alta excitação nos lobos frontais, que cessam quando a atividade termina (Luria, 1979a). A ativação dos lobos frontais também pode ocorrer por instrução do discurso, Luria (1979a) cita os experimentos da psicóloga Chomskaya, em que ela demonstra que a instrução do discurso provoca tensão, e em sujeitos normais leva a longos estímulos. Quando a pessoa tem alguma afecção no lobo frontal, os estímulos têm uma menor duração. Destaca-se que a terceira unidade passa por um longo processo de desenvolvimento e, para Luria, tal como para Vigotski, pode estar em pleno funcionamento na idade de transição ou adolescência, etapa que coincide com a neoformação de constituição do pensamento teórico (formação de conceitos científicos).

Longe de ter uma visão biologizante dos processos neuro dinâmicos do cérebro, Luria, até mesmo antes de sua associação com Vigotski, já escrevia sobre o papel da cultura e história para o estudo em neuropsicologia. Nos capítulos finais do livro *The nature of human conflicts* [A natureza dos conflitos humanos], intitulados: XI - *Nature of the functional barrier* [Natureza da barreira funcional] e XII - *The control of behaviour* [O controle do comportamento], o autor já demarca o papel da cultura e da história.

Os estudos da época tratavam as funções psicológicas apenas como alterações morfológicas no sistema nervoso. Nos capítulos citados anteriormente, Luria (1932) propôs estudar se a cultura alterava os processos cerebrais e sua relação com as alterações expressas no comportamento. O autor remete aos experimentos realizados por Jackson e Head, que em suas pesquisas demonstraram que os sistemas psicológicos superiores não apenas impediam determinado comportamento, mas também o formava e organizava. Os experimentos de Luria demonstraram que os sistemas psicológicos superiores estão conectados com os mecanismos corticais, indicando que a barreira funcional, é desenvolvida socio-historicamente, não sendo apenas morfológica. O autor também identifica uma diferenciação importante entre a reação motora simples, ou seja, o movimento reflexo e o 'ato psicológico'. Sendo o primeiro elementar e o segundo, uma forma superior de comportamento.

Durante os estudos teórico-prático de Luria (1932) ele demarca a diferenciação dos movimentos de um nível reflexo para o mais elaborado, afirmando que, “na gênese dos movimentos reativos, vemos que a barreira funcional não existe nos primeiros anos da infância, mas é elaborada tardiamente [...] a barreira funcional não tem um mecanismo natural, mas uma

origem cultural” (p. 394 – tradução nossa⁶⁵). Assim, a barreira funcional, desenvolvida histórico-socialmente possibilita o comportamento organizado, diferindo também os seres humanos dos animais. O autor explica que:

Essa diferença é o que distingue principalmente o humano do animal, e o fato de o humano ser capaz de controlar não apenas o mundo externo, mas seu próprio comportamento indiretamente pela criação de necessidades artificiais e estímulos produzidos artificialmente especialmente para esse fim, sendo um fator essencial no desenvolvimento do comportamento (Luria, 1932, p. 401 – tradução nossa⁶⁶).

O desenvolvimento cultural dos sistemas funcionais superiores, permite que o ser humano domine seu comportamento. O princípio do mecanismo voluntário diz respeito a estímulos culturais externos que se internalizam. A internalização possibilita a “reconstrução cultural” da atividade, que está em dependência com o aparato cortical (Luria, 1932). Neste sentido, ao tratar de comportamento voluntário o autor aponta que “sempre consiste no uso de certos meios externos ou internos, na reconstrução do processo psicológico” (p. 403 – tradução nossa⁶⁷).

Como apresentado, o cérebro não é um aparato apenas morfológico, os instrumentos culturais são internalizados e modificam seu funcionamento, possibilitando a atividade voluntária, na qual os seres humanos são capazes de utilizar da ‘auto-estimulação’ para organizar o comportamento. Segundo Luria (1932), é a fala que possibilita toda essa reconfiguração, sendo a linguagem importante para estimular e organizar o comportamento, mas este processo não é simples e direto. Trata-se de um complexo mecanismo cultural, o autor explica que:

O problema do controle do comportamento consiste na mudança das reações impulsivas diretas para um sistema complexo; esta operação é possível somente pelo emprego cultural de meios auxiliares, o estabelecimento de estímulos de efeito contrário sobre o sujeito, ele encontra a possibilidade de controlar seu comportamento [...] a preparação da atividade complexa tem a ver com as funções psicológicas superiores do sujeito. Nossos experimentos

⁶⁵ Trecho original: “the genesis of the reactive movements, we see that the functional barrier does not exist in the early years of childhood, but is elaborated rather late [...] the functional barrier we have not a natural mechanism but one of cultural origin” (Luria, 1932, p. 394).

⁶⁶ Trecho original: “This difference is what primarily distinguishes the human from the animal, and the fact that the human is able to control not only the external world but his own behaviour indirectly by the creation of artificial necessities and stimuli produced artificially especially for the purpose is a cardinal factor in the development of behaviour” (Luria, 1932, p. 401).

⁶⁷ Trecho original: “always consists in the use of certain external or internal means, in the reconstruction of the psychological process” (p. 403).

provam que o controle do comportamento humano é impossível sem esse processo de transferência (Luria, 1932, p. 419 – tradução nossa⁶⁸).

Portanto, os estudos de Luria sobre a barreira funcional indicaram que ela advém do desenvolvimento cultural, tendo a linguagem como o principal fator de auto-regulação do comportamento. O autor também se deteve em estudar o que ocorre quando essa barreira funcional se desestrutura. Os estudos da época colocavam que uma desestruturação da barreira funcional, levava o sujeito à um retorno das manifestações motoras primárias. Luria (1932), ao investigar tais processos, observou que este retorno não se dava da mesma forma em todas as pessoas. As atividades, o nível cultural e características singulares de cada pessoa influenciava no nível do ‘retorno’. Para Luria, a chave para compreender os processos neuro-dinâmicos está em analisar os complexos mecanismos culturais no psiquismo. É importante destacar que parte destes princípios, postulados por Luria em seus estudos iniciais, foram desenvolvidos posteriormente não momento final de sua produção, nos trabalhos de reabilitação com pessoas que sofreram danos cerebrais.

Em resumo, como pode-se notar, é possível verificar alguns aspectos iniciais dessa obra do Luria que serão desenvolvidos por ele posteriormente, quando se associa a Vigotski, sendo: o papel da linguagem no controle do comportamento, a noção de sistemas funcionais, a gênese histórico-social dos sistemas psicológicos superiores (Tuleski, 2011). O objetivo de Luria nesses estudos ainda calcados na psicanálise, era de contribuir com as investigações sobre a *histeria* e, em seus experimentos, utilizou de algumas técnicas psicanalíticas, como a Associação Livre e a Hipnose. Considera-se que o estudo da barreira funcional de forma histórico-cultural traga pistas importantes para elucidar o sofrimento psicossomático. Esse sofrimento pode aparecer de diversas formas, dentre elas, pode estar o impedimento de determinado movimento voluntário como, por exemplo, o andar. Para Luria (1932), um afeto, quando conflituoso, pode ocasionar um ‘rompimento’ nessa barreira, alterando e/ou impedindo determinado movimento voluntário.

Do exposto até o momento, referente às contribuições de Luria sobre a unidade cérebro e psiquismo e a unidade afetivo-cognitiva apresentada anteriormente nos estudos de Vigotski,

⁶⁸ Trecho original: “The problem of the control of behaviour consists in the change of the direct impulsive reactions by those of a complex system; and only in this cultural operation of the employment of auxiliary means, the establishment of stimuli having an opposite effect on the subject, does he find the possibility to control his behavior [...] a preparation of the complex activity having to do with the higher psychological functions of the subject. Our experiments prove that the control of human behaviour is impossible without this process of transfer, and that to this mechanism are applicable only the most involved” (Luria, 1932, p. 419).

compreende-se que ambas se desenvolvem de modo articulado tendo por base a atividade humana na realidade. Tais teorizações nos levam a uma questão fundamental que pode auxiliar na compreensão do sofrimento psicossomático: 1) somos capazes de modificar o nosso funcionamento corpóreo? Quais as implicações concretas da tese do psiquismo como guia?

Para delinear uma resposta, iniciaremos com o livro escrito por Luria, publicado em inglês no ano de 1968, intitulado: *The Mind of a Mnemonist: A Little Book about a Vast Memory* [A mente do mnemonista: Um pequeno livro sobre a vasta memória]. Todo o livro é fruto de um estudo realizada por Luria do caso de um homem de 30 anos, identificado como S., que tem a capacidade de alterar seus estados corpóreos. No decorrer do livro, Luria escreve sobre os experimentos realizados com este homem, apresentando também suas análises. No sexto capítulo, o autor irá tratar sobre o controle do comportamento, que aqui se faz mais relevante e será melhor apresentado.

Logo no início do capítulo, Luria (1968) apresenta que este estudo é importante para a medicina psicossomática. O autor aponta que psicólogos da época estavam buscando relações entre a imaginação e processos somáticos e questionavam se a imaginação seria capaz de interferir nos estados somáticos.

De acordo com Vigotski (2009), a imaginação⁶⁹ também pode se relacionar com os estados emocionais da pessoa. O autor explica uma pessoa em estado de desgosto, por exemplo, revela-se imaginativamente com imagens e situações que remetem a este estado. Desde modo, “cada sentimento não tem apenas uma expressão exterior corporal, mas igualmente uma expressão interior, que se manifesta na escolha dos pensamentos, imagens e impressões (Ibidem, p. 37).

O medo, por exemplo, não se manifesta apenas na palidez do rosto, no tremor, na secura da garganta, alteração do ritmo respiratório e no batimento cardíaco, mas também, além disso, no fato de todas as impressões percebidas pelo homem nesse momento, de todos os pensamentos que lhe passam pela cabeça, se rodearem, de uma forma geral, do sentimento que o domina. Quando o ditado diz que o corvo assustado tem medo do arbusto, isso quer dizer que a influência dos nossos sentimentos tingem a percepção das coisas exteriores (Ibidem, p. 37).

⁶⁹ Vigotski (2009) divide didaticamente quatro formas da imaginação, como apresentado no capítulo anterior, a primeira se refere as nossas experienciais pessoais e como que estas geram conteúdos imaginativos; segunda é mais complexa e se refere a captação das experiencias alheias, do que é elaborado e socio historicamente e socializado, por exemplo um escrito sobre a Revolução Russa, a riqueza de detalhes possibilita a imaginar como foi este processo; terceiro forma está relacionada ao estado emocional da pessoa e o quarta, quando a imaginação se materializa na realidade, como por exemplo, a finalização de uma pintura.

O que imaginamos pode expressar um estado interior e provocar modificações em nosso corpo e na forma que percebemos o mundo. E esta forma pode ser inclusive distorcida da realidade. Como apresentado na citação, quando uma afetação toma conta, de forma mais emocionada do que pensada, a imagem psíquica da realidade pode chegar de forma alterada.

A essência desta lei consiste em que as impressões e as imagens com um sinal emocional comum, que causam um efeito emocional coincidente, tendem a agregar-se entre si, apesar de não existir entre elas qualquer ligação de semelhança ou contiguidade, interior ou exterior, entre as imagens (Ibidem, p. 38).

Os eventos que presenciamos e experienciamos recebem cargas efetivas, que se relacionam pelo simples fato de possuírem, segundo Vigotski (2009), o mesmo tom afetivo. O autor explica que por conta disso, essa forma imaginativa tem um alto grau subjetivo e íntimo. Como apresentado, esses sentimentos podem influenciar a imaginação e toda a forma do ser humano captar a realidade. Além disso, pode ocorrer o contrário, a imaginação influenciar os sentimentos e a forma de reação do corpo e de percepção da realidade. Nos experimentos que Luria realizou com S. foi possível constatar exatamente isso, esse homem era capaz de alterar seu batimento cardíaco e temperatura corporal e, quando questionado por Luria (1968), como ele fazia isso, S. respondeu:

O que você acha tão estranho nisso? Simplesmente me vejo correndo atrás de um trem que acabou de começar a sair. Tenho que alcançar o último vagão para conseguir. É de se admirar que meu batimento cardíaco aumente? Depois disso, me vi deitado na cama, perfeitamente imóvel, tentando adormecer [...] minha respiração tornou-se regular, meu coração começou a bater mais devagar e uniformemente (p. 140 – tradução nossa⁷⁰).

Ao criar uma afetação vivida em sua imaginação, S. era capaz de modificar seus estados corporais. Em um outro experimento, Luria (1968) coloca um termômetro em cada braço de S. e ele diz que no braço direito, a temperatura irá subir e no esquerdo, diminuir. Ao passar alguns minutos, realmente inicia a mudança de temperatura. Quando questionado novamente como realizou isto, S. explica que imaginou um braço próximo a um fogão quente e o outro próximo a cubos de gelo. Novamente, verifica-se que há a criação de uma situação concreta já vivida em sua imaginação e, de tão vívida, é capaz de causar alterações em seu estado corporal. S. tinha uma condição específica de sensibilidade, por exemplo, demorava mais que o comum em se adaptar a um espaço escuro, como também, quando sua pele tinha contato com eletrochoque,

⁷⁰ Trecho original: “What do you find so strange about it? I simply see myself running after a train that has just begun to pull out I have to catch up with the last car if I'm to make it. Is it any wonder then my heartbeat increases? After that, I saw myself lying in bed, perfectly still, trying to fall asleep... my breathing became regular, my heart started to beat more slowly and evenly” (p. 140).

demorava mais para responder sensorialmente, apresentando um agravamento sensitivo. Esse caso é bastante específico, não sendo comum na maior parte das pessoas, pois a condição singular de S. faz com que a distinção entre imaginação e realidade fosse quase nula. Sua imaginação se tornava realidade e a realidade se tornava imaginação o afetando menos. Apesar de não ser comum este nível apresentado por S., pode-se pensar que em algumas pessoas fenômenos similares em grau menor podem ocorrer. Como, por exemplo, em um estado de ansiedade, a antecipação de algum evento desastroso ou possível problema posto na imaginação, se torna tão vívido que gera alterações corporais no presente, como alteração na respiração, batimentos cardíacos, temperatura, etc. O afeto é real, ainda que decorrente de uma situação imaginada. Em relação a isso, Vigotski (2009) traz um exemplo bastante ilustrativo:

Imaginemos uma situação simples de ilusão. Ao entrar às escuras no quarto, a criança, por ilusão, toma o vestido pendurado por uma pessoa estranha ou um ladrão que entrou em sua casa. A imagem do ladrão criada pela fantasia da criança não é real, mas o medo que a criança sente, o seu susto, são de facto impressões reais para a criança [...] As paixões e a sorte dos heróis imaginados, a sua felicidade e desgraça inquietam, preocupam e contaminam-nos, apesar de sabermos bem que estamos em presença de acontecimentos irreais, invenções da fantasia. E isto deve-se ao facto de as emoções com as quais somos contagiados, a partir da leitura das páginas de um livro ou da cena de uma peça de teatro, por efeito das imagens artísticas, serem verdadeiramente reais e de as sentirmos profundamente (p. 39-40).

Quando S. trazia uma imaginação vívida, emotiva, seu estado corporal se alterava, ele se afetava por esta imaginação criada voluntariamente. A questão é que no caso dele, havia uma alteração, falta de distinção, entre realidade e imaginação, que na maioria das pessoas não há. Na maioria das pessoas, ao relembrar de um momento no pensamento de forma emocionada, por exemplo de uma pessoa querida que faleceu, pode vir o choro, alteração na respiração, batimento cardíaco, e etc. O que difere é o fato de que esta pessoa tem consciência de que está lembrando de momentos que já passaram, não há uma falta de distinção entre o real presente e a lembrança, real passado. No caso de S. esta distinção não acontecia, o que afetava até sua vida cotidiana, ao ler um livro, por exemplo, ao imaginar o que estava sendo lido lhe causava muita desorganização e dificuldade de retornar a leitura. O estudo de seu caso realizado por Luria, nos possibilita afirmar que existe uma relação entre emoção e pensamento, que remete a unidade afetivo-cognitiva, que se integra ou vincula às manifestações corpóreas (voluntárias e involuntárias).

No exemplo anterior, a pessoa tinha consciência de que estava lembrando de um momento com uma pessoa já falecida de forma intencional e que isso a afetava, mas na maior parte das vezes, somos afetados pela realidade, que não depende da nossa intencionalidade, e a

depende da situação, pode suscitar também uma emoção e essa pode ser pensada conscientemente ou não. Dos estímulos que cada um recebe do mundo exterior, aprende-se ao longo da vida a selecionar aqueles mais relevantes para a atividade que realizamos em dado momento. Esta seletividade é desenvolvida nas relações sociais e são os processos atencionais que a realizam, enquanto os processos mnemônicos elegem os conteúdos mais relevantes para serem retidos conforme a necessidade e os motivos envolvidos na atividade realizada. Porém, este processo não é tão simples, como foi exposto no capítulo anterior, os estímulos internos ou externos geram níveis de afetação independentemente do grau de consciência que se tem deles e então, a questão é **como percebemos aquilo que nos afeta no corpo em relação ao seu conteúdo.**

As manifestações emocionais se convertem, em *linguagem dos sentimentos* que, como qualquer linguagem, abarca tanto a relação com o outro quanto o próprio pensamento. Todavia a transmissão do pensamento por meio dessa linguagem não prioriza os conteúdos do pensamento, as ideias em si, mas aquilo que se *sente* em relação a elas [...]. As sensações emocionais conquistam *nomes*, tornam-se conceitos, encerram juízos e, como tal, serão ensinadas e aprendidas [...] os sentimentos se relacionam às necessidades e motivos criados no curso do desenvolvimento histórico. (Carvalho, Martins, p. 708 e 109, 2016, itálico das autoras).

Percebe-se que o desenvolvimento de identificar psicologicamente o conteúdo da sensação que sentimos no corpo, tem relação com a unidade afetivo-cognitiva, por exemplo, uma criança que diz: “está saindo lágrimas dos meus olhos de tão lindo que é isso” e um adulto explica que ela está emocionada. No decorrer do desenvolvimento com as mediações tanto do adulto responsável e dos conteúdos apresentados, passamos também a pensar sobre nossas emoções e o que nos afeta, através de seu conteúdo. Assim, quando identificada será comunicada pelo seu conteúdo, ou seja, conceitua-se o sentimento, por exemplo, estou com raiva, com medo, feliz, etc., o que *sentimos* passa a ter uma relação com o pensamento (Martins, 2011). Portanto, o que nos afeta gera emoções e promove modificações somáticas, estas emoções podem ser pensadas, compreendidas pelo seu conteúdo e em relação à *linguagem dos sentimentos*, e podem também não serem compreendidas, e aqui, podemos colocar como hipótese que quando uma emoção não é pensada, onde o afeto é somente emocionado, esse afeto pode suscitar, não apenas modificações somáticas, mas também um sofrimento psicossomático.

Entende-se que não se trata apenas de nomear, mas sim, de compreender a relação daquilo que nos afeta com a realidade concreta. Além disso, ter consciência conceitual do que nos afeta não impede sofrimento, Silva (2019) explica que,

Em alguns casos, o conhecimento das condições alienantes, o reconhecimento que sua atividade é alienada e até o próprio indivíduo reconhecer-se como

alienado (pois implica ter maior consciência de si e da realidade), pode causar sofrimento no trabalhador talvez até maior do que naqueles que conhecem pouco as mediações constitutivas da realidade. Isso poderia explicar porque muitos líderes sindicais e trabalhadores com maior engajamento nas categorias profissionais para a transformação social vêm adoecendo de forma significativa (além do fato de estarem expostos às condições que geram adoecimento).

Apesar disso e, de forma contraditória, há uma diferença qualitativa em relação ao modo de sofrer. Por exemplo, uma pessoa que está com dores corporais após um dia intenso de trabalho e compreende a crise estrutural do capital, sua exigência por produtividade e etc., e outra, que não tem essa dimensão e se culpabiliza por estar cansada, exausta, se acha “fraca”. Apesar de na aparência ambas sofrerem pelo mesmo motivo, há uma diferença qualitativa na compreensão deste sofrimento. Nota-se que ter essa consciência não impede o sofrimento, mas a pessoa que tem o entendimento mais amplo da sua condição em relação com a realidade concreta “tem maiores condições de superar e/ou minimizar o próprio sofrimento, mesmo que de modo pontual, em comparação com aquele com maior grau de alienação” (Silva, 2019, p. 113. Neste sentido, a explicação do que nos afeta e adoece não pode ser justificado em si, essa compreensão deve ter como base as relações sociais concretas que constituem os modos de ser (Silva, 2019). Toda essa trama, perpassa pela unidade afetivo-cognitiva⁷¹.

Cabe demarcar que não é possível perceber tudo que nos afeta, algumas influências que nosso corpo recebe não são perceptivas e isso é fundamental para que haja distinções. Como, por exemplo, não percebemos o sangue passando em nossas veias. Conhecer sobre determinado afeto não é fácil, pois engloba diversas determinações históricas e ideológicas.

[...] as emoções complexas aparecem apenas historicamente e são a combinação de relações que surgem por consequência da vida histórica, combinação que tem lugar no transcurso do processo evolutivo das emoções. Essa ideia serve de base aos postulados acerca do que sucede na desintegração da consciência devido a uma enfermidade” (Vygotski, 1997, p. 87, apud Martins, 2011, p. 201).

⁷¹ Vygotski se baseou nas teorizações de Espinosa para discutir esta unidade. Apesar dos distanciamentos entre Psicologia Histórico-Cultural e Espinosa, Vygotski o considerava um importante filósofo que contribuiu para a superação de dualismos. Importante notar que o autor analisa os escritos de Espinosa demarcando seus limites e avanços para a construção da teorização da unidade afetivo-cognitiva. Um dos limites é que Vygotski observa que Espinosa, em alguns momentos, recai em um paralelismo psicofísico, porém há um avanço importante na proposição de Espinosa escrita no século XVII onde o filósofo destaca que “[...] o homem tem poder sobre os afetos e a razão pode alterar a ordem e as conexões das emoções” (Martins, 2011, p. 200). Tal afirmativa foi uma das que levou Vygotski a formular sobre a unidade existente entre razão-emoção. Pautando-se em Espinosa, Vygotski “afirmou que o conhecimento sobre o afeto é capaz de alterá-lo, transformando-o de um estado passivo em outro, em estado ativo” (ibidem, p. 200). Por estado passivo, a partir da filosofia de Espinosa, entende-se que a pessoa sofre a ação do que lhe afeta, no ativo, a pessoa age sobre aquilo que lhe afeta.

Infelizmente, a obra *Teoria de las Emociones: Estudio Histórico-Psicológico*, escrita por Vigotski, mas não foi finalizada em decorrência do seu falecimento em 1934, e o tema dos afetos, remete a um estudo inicial do autor que não foi acabado. Entretanto, seus estudos iniciais possibilitaram que outros pesquisadores dessem continuidade, dentre eles temos Leontiev, que trouxe significativas contribuições para a continuidade dos estudos da unidade afetivo-cognitiva (Martins, 2011). Com isso, entende-se que seja fundamental trazer, mesmo que de forma breve, as contribuições de Leontiev em torno dos *motivos* e *emoções* humanas, para compreender melhor essas relações.

Como apresentado no segundo capítulo, o desenvolvimento humano, a humanização propriamente dita, ocorre a partir da apropriação por parte dos sujeitos daquilo que foi construído historicamente pela humanidade. Tal apropriação dependerá da vida concreta de cada ser singular, mediado pela sociedade de classes e pelo período histórico em que se vive. Durante o processo de humanização, acontecem mudanças em relação às nossas necessidades. As necessidades pressupõem a carência de algo, o objeto que irá satisfazer a necessidade não é delimitado de forma rígida, o objeto para satisfazer tal necessidade precisa ser encontrado. Somente quando o objeto de satisfação é encontrado, mediado pela imagem psíquica da realidade objetiva, que a necessidade adquire seu caráter objetivo, pois é possível agir sobre ela, tornando-se assim, o motivo de uma atividade (Leontiev, 2021). De forma resumida, “a necessidade como forma interior pode se realizar apenas na atividade” (Ibidem, p. 209). O autor utiliza como exemplo a necessidade de se alimentar, que continua, mas historicamente a partir da atividade humana foram sendo alterados quais alimentos satisfazem essa necessidade, o modo de prepará-los e ingeri-los. O conteúdo de satisfação da alimentação é alterado, mesmo que a necessidade de se alimentar se mantenha. Já nesse exemplo é possível observar que as necessidades caminham em conjunto com o desenvolvimento produtivo. A produção humana, ligada ao consumo produz novas ou muda a qualidade das necessidades, como no exemplo da alimentação. Contraditoriamente, podemos produzir necessidades humanizadoras e desumanizadoras. Leontiev (2021) coloca que o ciclo não seria necessidade → atividade → necessidade, mas sim, atividade → necessidade → atividade, ao entender que as necessidades humanas são produzidas social e historicamente pela atividade, demarca uma compreensão materialista histórica. Cabe destacar novamente que este entendimento engloba as necessidades semelhantes entre humanos e animais, porém como já apresentado e apontado por Marx “fome é fome, mas a fome que é saciada com carne cozida, que se come com garfo e faca, é uma fome diferente daquela em que se devora carne crua com mãos, unhas e dentes” (apud Leontiev,

2021, p. 212). Esta mudança histórica ocorre também em relação aos nossos órgãos do sentido, a forma de sentir o gosto do alimento, por exemplo, é socializada. Os órgãos humanos vão se especializando (Luria, 1979a). Ao agir ativamente na realidade concreta que o biológico se socializa e se desenvolve, possibilitando novas e mais complexas formas de perceber e agir na realidade. Assim, não é possível fazer uma distinção entre social e natural, o social já se caracteriza como o natural no humano, pois é a partir da atividade social de trabalho que nos humanizamos.

Estamos e agimos na realidade com nossa unidade biopsíquica, numa totalidade. Nosso corpo biológico se humaniza nas relações sociais, por meio da atividade vital humana, adquire habilidades, se aperfeiçoa ou se desgasta, neste mesmo processo, as funções psíquicas se transformam, estabelecem novas relações hierárquicas, se complexificam e/ou se desgastam, desagregam. Assim como a realidade externa, as coisas do mundo, são refratadas idealmente (representadas em nossa mente), o mesmo ocorre com o nosso corpo, suas partes constituintes, suas funções internas, seu movimento, integradas numa imagem mental. Aprendemos a andar, aprendemos os movimentos que devemos fazer para grafar determinada letra, a movimentar o corpo para realizar alguma atividade, a partir das apropriações dos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade nosso corpo se humaniza, lapida movimentos, desenvolve habilidades específicas. Tais necessidades, de escrita, artísticas, de trabalho, dentre outras, remetem a uma categoria especial de necessidade, chamadas por Leontiev (2021) de *objetivo-funcionais*.

[...] o caminho comum percorrido pelo desenvolvimento das necessidades humanas começa com o fato de que a pessoa age para a satisfação de suas necessidades elementares vitais, mas, a seguir, essa relação se transforma e a pessoa satisfaz suas necessidades vitais para poder agir. Esse é o percurso fundamental do desenvolvimento das necessidades humanas. Contudo, ele não pode ser deduzido diretamente do movimento das próprias necessidades, pois por trás delas está o desenvolvimento de seu conteúdo objetivo, ou seja, dos motivos concretos da atividade humana (Leontiev, 2021, p. 214).

Assim, o estudo da necessidade passa a ser o estudo sobre os motivos humanos. Os *motivos* são capazes de engendrar no ser humano a atividade dirigida (Leontiev, 2021). O autor critica as concepções que reduzem a explicação dos motivos a partir de uma maximização das emoções positivas. Como se o motivo de todas as atividades humanas estivesse e devesse estar em busca de uma satisfação constante e minimização das emoções negativas.

A atividade humana está longe de ser estimulada e orientada da mesma forma que o comportamento de ratos de laboratórios com eletrodos de “centro de satisfação” implantados no cérebro, os quais, quando treinados a ligar a corrente, passam a se dedicar a isso indefinidamente. É possível, evidentemente, fazer referência a fenômenos semelhantes também no ser

humano, tais como o uso de drogas ou hiperbolização do sexo; contudo, tais fenômenos não dizem decisivamente nada sobre a real natureza dos motivos, sobre a vida humana que se afirma. Esta, ao contrário, é *destruída* por eles (Leontiev, 2021, p. 215 - grifo do autor).

Para ele, há uma hipergeneralização quando se compreende as atividades humanas com base somente nas vivências emocionais baseadas em reações fisiológicas, negligenciando o componente fundamental delas no ser humano, as relações sociais, concretas que estabelecemos nas diversas formas com as quais lidamos com a realidade, a atividade sociocultural. O autor explica que as emoções humanas partem do mundo objetivo, na relação concreta que a pessoa tem com esta realidade para satisfação de suas necessidades que embora singulares, são expressão de relações sociais. Assim,

Mesmo a execução bem-sucedida de determinada ação não leva necessariamente a uma emoção positiva, ela pode inclusive criar uma vivência fortemente negativa, que sinaliza para o fato de que, do ponto de vista do motivo principal para a personalidade, o sucesso obtido representa psicologicamente uma derrota [...] O ato de espirrar, por si só, ou seja, deslocado de quaisquer relações, gera, segundo nos dizem, satisfação; contudo, não é esse o sentimento vivenciado pelo personagem do conto de Tchékhov que espirra no teatro: esse fato produz uma emoção de pavor, e ele executa uma série de atos que levam à sua morte (Leontiev, 2021, p. 217).

O papel positivo ou negativo das emoções são desencadeados pelo motivo e sua relação com a realidade, com o contexto da atividade. Encontrar um urso, por exemplo, de forma inesperada, suscita medo, em uma situação de caça, pode trazer alegria. Tanto este exemplo como o da citação, Leontiev (2021) demonstra a unidade afetivo-cognitiva. A pessoa tem consciência de que espirrar no teatro não é bem-visto, e isso lhe afeta de forma negativa. Assim como anteriormente, a pessoa tem consciência de que seu motivo de estar ali é de caçar, e, portanto, encontrar um urso, lhe afeta de uma forma positiva. Há uma relação entre o motivo, e a qualidade das afetações no decorrer da atividade, que podem se apresentar de forma negativa. Portanto, os motivos das nossas atividades não estão separados da consciência. As atividades humanas, são sempre polimotivadas, não sendo possível a pessoa ter consciência de todas suas motivações, entretanto, “os motivos não conscientes têm a mesma determinação que qualquer reflexo psíquico: a vida real, a atividade da pessoa no mundo objetivo” (Leontiev, 2021, p. 221). Sobre essa dialética consciente não-consciente, será tratado melhor na seção seguinte.

Com esta breve apresentação do que Leontiev (2021) teorizou em torno dos motivos, podemos perceber a dinâmica da unidade afetivo-cognitiva. No sentido de ter consciência do conteúdo que nos afeta como esta parte da realidade objetiva que a pessoa está vivenciando. Além disso, se relaciona também com que Vigotski apresentou sobre a mente como *guia* da

atividade, para romper com o paralelismo mente-corpo. Principalmente quando Leontiev (2021) explica que,

Quando diante de mim surge determinado objetivo, eu não apenas tomo consciência dele, percebo sua condicionalidade objetiva, os meios de alcançá-lo e os resultados mais distantes aos quais ele leva, como também *desejo* alcançá-lo (ou, ao contrário, ele me repele). **São essas vivências diretas que cumprem o papel de sinais internos com a ajuda dos quais são regulados os processos que se realizam** (p. 222 – itálico do autor - grifo nosso).

A partir de uma finalidade posta na realidade objetiva que gere motivos para realizá-la, estes motivos se dão em nível psíquico, do mundo objetivo para a refração psíquica (unidade objetivo-subjetiva). Ao mesmo tempo que concretamente o traçar e conscientizar-se sobre as finalidades, quer das ações ou cadeia delas, quer da totalidade da atividade envolve os níveis mais complexos de nossa atividade cortical, como já explicado a partir dos estudos de Luria. Com isso, nosso sistema psíquico orienta o comportamento corporal para alcançar tal objetivo (unidade mente-corpo). Esta dialética pode ser melhor visualizada em um dos estudos experimentais realizados por Vigotski e relatado por Luria, em 1992 (apud Almeida, 2006, em pacientes que foram diagnosticados com Parkinson. Ao ter contato com um paciente que apresentava dificuldades para realizar movimentos voluntários Vigotski,

Colocou uma série de pequenos cartões de papel no chão e pediu a um paciente que pisasse sobre cada um deles. Uma coisa maravilhosa aconteceu. Um paciente que não havia sido capaz de dar mais de dois ou três passos por si mesmo andou livremente pela sala, pisando sobre cada pedaço de papel como se subisse uma escada. Havíamos ajudado o paciente a superar os sintomas de sua doença, fazendo-o reorganizar os processos mentais que utilizava para caminhar. Havia compensado seu defeito, transferindo a atividade de seu nível sub-cortical, onde o substrato neural estava lesado, para o nível cortical que não era afetado pela doença (Luria, 1992, p. 134, apud Almeida, 2006, p. 81)

Esse exemplo se distingue do que se tem no sofrimento psicossomático, pois não se trata necessariamente em apenas recuperar um movimento, mas esse trecho nos auxilia a pensar sobre a unidade dialética mente-corpo e da relação entre os motivos da atividade e a mente como guia. Além disso, a importância de “tomar em consideração a disposição interna do enfermo, sua esfera emocional, as modificações pessoais que acarretou a lesão” (Shuare, 1990, p. 148, apud Almeida, 2006, p. 82), que deve ser levado em conta ao lidar com o sofrimento psicossomática. Haveria, nestes casos, um tipo de ruptura de certos aspectos desta unidade?

Não é possível dar conta de tudo que se passa no corpo como, por exemplo, a digestão de determinado alimento, no processo “normal” não deveríamos senti-lo, porém quando há alguma má digestão, a pessoa dá conta disso psicologicamente e é possível agir, tomando um medicamento para digestão. Neste caso, o incomodo irá passar com a utilização do medicamento indicado pelo médico. Apesar de percebermos o desconforto, o que está à frente

(figura) é o aspecto biológico (dor física devido a um problema digestivo) e ao fundo o aspecto psíquico que visa a identificação por meio de significações sobre a origem do desconforto e as formas sociais para resolvê-lo, que foram aprendidas. A repetição de situações similares pode permitir que a pessoa identifique alimentos que produzem má digestão, evitando-os e deste modo, há um influxo dos mecanismos psíquicos (sistemas funcionais), objetivando impedir novo incômodo. Isso demonstra que mesmo em um adoecimento em que se apresenta primeiro a esfera biológica, é impossível desconectá-la da esfera psíquica, pois no processo de humanização há uma transformação do comportamento de reativo à ativo na realidade social, sendo uma de suas características a unidade mente-corpo. A dinâmica figura-fundo, foi utilizada para compreensão das emoções e sentimentos na Psicologia Histórico-Cultural e, em relação a isso, Martins (2011) explica que,

Trata-se de considerá-las (emoção e sentimento) unidas na atividade humana posto que as emoções se revestem de sentimentos, ou seja, os sentimentos conferem-lhes conteúdos, da mesma forma que as emoções conferem aos sentimentos sua tonicidade afetiva. Nessa direção, ambos se encontram no funcionamento humano, em uma dinâmica figura-fundo, lembrando que **não há figura sem fundo nem fundo sem figura** (p. 205 – grifo nosso).

Aqui, trazemos esse conceito também para compreender o sofrimento psicossomático. Ao ser pontuado que não há figura sem fundo, pode-se pensar na unidade mente-corpo. No exemplo apresentado, sobre a indigestão, o aspecto biológico é figura e o aspecto psíquico (mente) fundo. Com isso, também podemos pensar ao contrário, quando a mente é a figura e o biológico o fundo. Tal colocação não é nova, em 1979, Luria deixou algumas pistas de que isso pode ocorrer. Indo ao encontro do exemplo colocado, que remete às sensações interoceptivas⁷², o autor explica que dentre as sensações interoceptivas engloba-se por exemplo, as sensações de tensão, desconforto, satisfação, ou seja, ligados a aspectos emocionais, psíquicos.

Os sinais que surgem por via interoceptivas provocam um comportamento voltado para a satisfação de inclinações ou para a eliminação dos estados de tensão (“stress”) que podem manifestar-se em decorrência de fatores que perturbam o funcionamento equilibrado dos órgãos internos. Por isto a consideração das sensações interoceptivas desempenha papel decisivo na parte da medicina denominada “psicossomática”, que estuda a correlação dos processos somáticos e viscerais e dos estados psíquicos (Luria, 1979b, p. 11).

Logo, é possível propor o contrário. Quando o psíquico é figura e o biológico fundo. Quando, por exemplo, uma pessoa chega em determinado lugar e sente um desconforto

⁷² “Que produzem sinais acerca do estado dos processos internos do organismo, fazem chegar ao cérebro as excitações procedentes das paredes do intestino e do estômago, do coração e do sistema sanguíneo, bem como de outros órgãos viscerais” (Luria, 1979, p. 9).

estomacal, o que isso indica? Como significar o que está afetando o corpo? Tais respostas serão dadas a partir de como aquela realidade concreta influí sobre seu psiquismo. Assim, podemos colocar como hipótese que, em um sofrimento psicossomático, é o psíquico como figura e o corpo como fundo⁷³. Outro exemplo, tendo o psíquico como figura: quando a pessoa precisa levantar-se para ir trabalhar, pois é responsável pelo sustento da família e suas pernas não se movimentam e paralisam. Como é identificado pelo psíquico que as pernas estão perdendo o movimento pode vir, por exemplo, com a compreensão do local de trabalho, como as relações históricas e sociais da configuração laboral se dá na sociedade capitalista vão se expressar na atividade desenvolvida pela pessoa e como tais relações refletem em sua vida singular, gerando este tipo de sofrimento e não outro. Nota-se que nem sempre ter um motivo (trabalhar para sustentar a família), é o suficiente para mobilizar a ação, como já apresentado, não tratamos de aspectos isolados, pois para a compreensão de um fenômeno complexo é necessário compreender as múltiplas determinações da realidade que constitui dado psiquismo e as formas pelas quais o sofrimento se expressam⁷⁴. Um outro exemplo mais cotidiano, seria ter que acordar muito cedo para realizar um exame médico. Mesmo sentindo o corpo ainda cansado, sabe-se que neste dia tem um exame importante para realizar, e isso se torna o motivo gerador de sentido para a pessoa levantar-se da cama, “indo contra” o corpo cansado para direcionar-se ao local do exame. Neste exemplo, há dois momentos importantes. Primeiro, a pessoa identifica que seu corpo está cansado. Esta identificação já caracteriza a unidade afetivo-cognitiva. Segundo momento, conscientizar-se sobre o motivo de estar acordando cedo e o porquê de se levantar da cama. Possivelmente, se não houvesse nenhum compromisso, o comportamento do sujeito deste exemplo poderia ser outro. Percebe-se que a unidade mente-corpo está presente em todos os momentos, variando sua complexidade e seus nexos tanto nas mais diversas

⁷³ Durante o processo da pesquisa, foram encontrados dois textos que trabalharam a psicossomática com base na Psicologia Histórico Cultural. Um traduzido diretamente do russo para o português, intitulado: *A teoria histórico-cultural e os problemas psicossomáticos da personalidade: estudo sobre o domínio de si mesmo*, escrito por S. N. Jerebtsov, publicado em 2014. Outro, apenas disponível em língua inglesa, *Clinical Psychology of Corporeality: Principles of Cultural-Historical Subject Analysis* das autoras, Valentina V. Nikolaeva e Galina A. Arina, publicado em 2009 em nenhum deles foi mencionado o movimento *figura-fundo* para compor o entendimento da unidade mente-corpo e afeto-cognição para pensar o sofrimento psicossomático.

⁷⁴ Um estudo de caso parecido com este exemplo foi apresentado no artigo Rabelo, I. D. B. C. Silva, J. M. A. Lima, M. E. A. . Trabalho e Adoecimento Psicossomático: Reflexões sobre o Problema do Nexo Causal. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2018, vol.38, n.1, pp.116-128. Este artigo foi utilizado no capítulo 01 em que tratamos dos estudos em torno da psicossomática no campo da psicologia.

atividades realizadas por uma pessoa, como se modifica, desenvolve e pode desagregar-se ao longo da vida.

Um ponto principal é como é captado o conteúdo do que nos afeta, visto que a forma não revela de modo imediato o conteúdo⁷⁵. Para pensar sobre isso, não se pode esquecer a vida concreta, em um contexto capitalista de produção, um mundo em que as coisas ganham vida e as pessoas tornam-se coisas pelo fetichismo da mercadoria. Como escreve Kosik (1969), vivemos num mundo da pseudoconcreticidade. Nele, os fenômenos externos ficam na superfície do real; as relações entre as pessoas e o movimento da realidade se tornam fetichizadas; os objetos recebem a impressão de naturais e não são conscientizados como resultado da atividade de trabalho humano. Desta forma, “[...] o mundo que se manifesta ao homem na práxis fetichizada, no tráfico e na manipulação, não é o mundo real, embora tenha a "consistência" e a "validez" do mundo real: é "o mundo da aparência" (Marx)” (Kosik, 1969, p. 15). É neste grande supermercado, que tudo se transforma em mercadoria, as ideias, os afetos, as sensações e o corpo se desenvolvem e/ou se desgasta e sofre como parte desta engrenagem? No filme *Um supermercado que vende palavras* (2003), é demonstrado de forma dramática e angustiante como nossas ideias, afetos, sensações, se tornaram mercadorias, retratando um mercado de palavras que vende o: ser único, felicidade, amor, reconhecimento, etc. No drama em tela, as relações reais entre as pessoas deixam de existir, o que existe é apenas a relação entre mercadorias e isolamento. Segundo Marx e Engels (1991), “a verdadeira riqueza espiritual do indivíduo depende da riqueza de suas relações reais” (p. 54) e estas relações estão cada vez mais precarizadas e fetichizadas, nos levando a compreensão de que nossos afetos também estão incluídos nesta lógica mercadológica e deste modo, também estranhados. Perceber o que nos afeta se torna ainda mais difícil na sociedade capitalista, pela divisão social do trabalho, que divide os seres humanos em classes, em grupos e os hierarquizam, fazendo o mesmo com cada ser humano, segmentando-o em funções isoladas, em partes ligadas mecanicamente como em uma máquina. E, como uma máquina, não possui consciência de si mesma, das suas funções e ligações com a produção em geral.

⁷⁵ Sobre a unidade forma-conteúdo, sugestão de leitura:

HEALY, G. A Dialética da Forma e do Conteúdo. Trad. Lucas Chagas. LavraPalavra, 2021. Disponível em: <<https://lavrpalavra.com/2021/02/03/a-dialetica-da-forma-e-do-conteudo/#:~:text=Aqui%20h%C3%A1%20uma%20E2%80%9Cluta%20de,um%20per%C3%ADodo%20de%20poder%20dual>> Acesso em: 08 de ago. 2022.

Esta implicação da vida social segmentada em classes, segundo Vigotski (1930), irá determinar a estrutura psicológica humana. O autor destaca que:

Em um dos extremos da sociedade, a divisão entre o trabalho intelectual e o físico, a separação entre a cidade e o campo, a exploração cruel do trabalho da criança e da mulher, pobreza e a impossibilidade de um desenvolvimento livre e completo do pleno potencial humano, e no outro extremo, ócio e luxo; disso tudo resulta não só que o tipo humano originalmente único torna-se diferenciado e fragmentado em vários tipos nas diversas classes sociais que, por sua vez, permanecem em agudo contraste umas às outras, mas também na corrupção e distorção da personalidade humana e sua sujeição a um desenvolvimento inadequado, unilateral *em todas estas diferentes variantes do tipo humano*. ‘Juntamente com a divisão de trabalho’, diz Engels, ‘o próprio homem foi subdividido’ (Vigotski, 1930, p. 2– itálico do próprio autor).

A divisão social do trabalho aliena e mutila o ser humano, tornando seu desenvolvimento unilateral. Tal divisão permeia todos os âmbitos, dentre eles a educação e a ciência, que passa a trabalhar a serviço do Capital, prezando por uma educação unilateral e uma “ciência” que fica na aparência dos fenômenos (Vigotski, 1930). Apesar da realidade difícil, o autor nos alerta que de forma contraditória esta mesma sociedade contém bases para sua própria destruição. Nesta mesma direção, Kosik (1969), parafraseando Marx, explica que a importância da ciência está justamente em ir além da aparência e buscar revelar a essência dos fenômenos, e não cabe apenas interpretar, mas também transformar, pois

A realidade pode ser mudada de modo revolucionário só porque e só na medida em que nós mesmos produzimos a realidade, e na medida em que saibamos que a realidade é produzida por nós [...] pode mudar de modo revolucionário a realidade humano-social porque ele próprio é o produtor desta última realidade (Kosik, 1969, p. 18).

Do exposto até o momento, com base nas teorizações dos autores da Psicologia Histórico-Cultural, Vigotski, Luria e Leontiev, foi possível traçar algumas hipóteses e apresentar alguns exemplos que podem auxiliar a compreender a psicossomática a partir dessa perspectiva. Neste momento, alguns princípios se mostraram chave, que foram as unidades: mente-corpo; afeto-cognição; biológico-social, colocados em um movimento de figura-fundo. No artigo do Jerebtsov (2014), este assunto é tratado principalmente com base no conceito de vivência proposto por Vigotski, e acredita-se que este conceito tem muito a contribuir com o debate em torno do sofrimento psicossomático, porém, como já apontado no capítulo 02, por ser um conceito que foi pouco detalhado por Vigotki, pelo menos nos textos que se teve acesso, entende-se que fugiria ao escopo da presente pesquisa traze-lo de forma mais ampla e detalhada, pois necessita de uma investigação à parte ou em continuidade desta. Na próxima seção, avançaremos para a discussão dos processos conscientes e inconscientes, sem perder de vista a articulação entre as unidades tratadas até o momento.

3.3. Implicações dos processos inconscientes na dinâmica mente-corpo

Entre 1924 e 1925, já aparece nos escritos de Vigotski notas sobre o inconsciente. Em seus estudos iniciais o autor explica que o inconsciente se daria na esfera da percepção, sensação ou memória, onde não seria possível ter acesso integral ao fenômeno na consciência. No decorrer de suas pesquisas, ele vai se distanciando desse primeiro entendimento e propõe que não existe algo que separe conteúdos conscientes e inconscientes. Passa a compreender, então, que existe uma relação dinâmica entre os conteúdos inconscientes e conscientes e, portanto, o inconsciente seria potencialmente consciente. Ao colocar o inconsciente como potencialmente consciente, Vigotski reafirma a capacidade humana de controlar conscientemente seu próprio comportamento (Aita, 2014). Além disso, o inconsciente não é entendido como algo descolado da materialidade ou puramente fisiológico, assim como todas as funções psicológicas e a consciência, “ele é psicofisiológico, e está atrelado às nossas funções cerebrais” (Aita, 2018, p. 108). Neste sentido, tanto o inconsciente quanto a consciência, são construídos socio-historicamente a partir da atividade humana, não sendo, portanto, inatos. Posteriormente, Vigotski passa a investigar como ocorre a passagem do inconsciente para o consciente. Durante este processo, o autor demarca algumas diferenças entre inconsciente e não-consciente. Esta virada na compreensão e mudança terminológica se encontra em *Obras Escolhidas II - Pensamento e Linguagem*, originalmente publicada em 1934 em que o autor expõe que:

A não-consciência não é, de modo algum, uma parte do inconsciente, nem uma parte da consciência. Não significa um grau de consciência, mas sim uma tendência diferente da atividade da consciência. Dou um nó. O faço conscientemente. Contudo, não consigo explicar como o fiz. Resulta que não tenho consciência do meu ato consciente, porque minha atenção está orientada para o ato da própria execução e não para como eu faço. A consciência é sempre um determinado fragmento da realidade. O objeto de minha consciência é o ato de dar o nó, o próprio nó e tudo que acontece com ele, porém não consiste nas ações que realizo ao fazê-lo nem em como eu faço (Vigotski, 1934/2001, p. 213).

Com o exemplo do nó, Vigotski visa explicar que comportamentos automatizados se tornam não-conscientes. As operações para dar um nó já foram conscientes quando, por exemplo, a criança está aprendendo e precisa passar etapa por etapa; com o tempo, este comportamento é automatizado não ficando acessível à consciência. De acordo com Silva (2022), os comportamentos automatizados também podem se tornar estereotipados e indesejados pelas pessoas e neste caso gerarem uma forma de sofrimento. Como, por exemplo, comportamentos impulsivos, pode-se pensar também em relação ao sofrimento psicossomático, quando uma pessoa em determinado ambiente, por exemplo, na casa dos pais, sente um mal-estar específico no abdômen, e ao sair daquele ambiente o desconforto passa. Ao captar o

fenômeno, passa a impressão de algo direto, automático, como um mal-estar relacionado à casa dos pais, mas em essência há também uma construção sócio-histórica, que envolve sentidos e significados. Importante observar que neste exemplo mais complexo é necessário compreender o não-consciente e o inconsciente de uma forma qualitativamente diferente.

Segundo Asmolov (1981), os processos inconscientes não ocorrem todos da mesma forma. Pensar a implicação do processo inconsciente em um sofrimento se diferencia do modo em que este se expressa no plano das operações da atividade. Trata-se de conteúdos inconscientes diferentes mesmo que ambos tenham por base a estrutura da atividade. As teorizações de Asmolov se fundamentam nos escritos de Leontiev e, portanto, estes dois autores serão tratados a seguir de forma articulada, e ao final retornaremos a este exemplo.

Vigotski em consonância com Leontiev, compreende que os processos psíquicos não ocorrem de forma isolada na consciência, sendo possível trazer os conteúdos não-conscientes à consciência, pois não há uma barreira intransponível na dinâmica consciente/ não-consciente, o que era primeiro consciente torna-se não-consciente e vice-versa.

O homem sempre age por um determinado motivo; ser livre é conhecer o motivo que impulsiona nossas ações, seja ele consciente ou não consciente; e é o pensamento por conceitos que possibilita a compreensão da realidade e das necessidades de forma ampla. É necessário que tomemos consciência de nosso próprio pensamento, de nossos motivos, de nossas ações, de nossa história pessoal e social, para que possamos decidir livremente o curso que desejamos imprimir às nossas vidas e à sociedade como um todo (Aita, 2018, p. 110).

Em relação a isso, sabe-se que as atividades humanas se distanciam de um motivo estritamente biológico e passam a ter motivos sociais. As ações na realidade são possíveis porque somos afetados por ela, não de forma direta e imediata, mas são mediadas por representações, que se originam das relações sociais. Assim, os motivos de determinada ação “é sempre resultante de algo que afeta o indivíduo e o coloca em movimento” (Santos, 2018, p. 128). Segundo Santos (2018), quando colocamos em palavras nossas ações, de forma consciente é possível não só dizer o que *faz*, mas também explicar o *como* e o *porquê*.

Logo, podemos afirmar que uma ação consciente segue o seguinte processo: eu realizo determinada atividade; ao fazê-lo eu tenho a possibilidade de explicar os motivos que me levaram àquilo (o que significa também compreender como a realidade me afetou). (ibidem, p. 128).

Como apresentado na seção anterior, são os *motivos* que potencializam a pessoa a realizar determinada atividade. Importante pontuar que o motivo só será efetivo, caso a pessoa tenha as condições concretas que possibilite a ela de realizá-lo. Segundo Leontiev, nem todos os motivos estão acessíveis à consciência. Anteriormente ao desenvolvimento do pensamento em conceitos, os motivos não estão conscientes por ainda necessitarem de significação conceitual. Não estarem conscientes não significa que não fazem parte da consciência, mas que

ainda carecem de pensamento conceitual. Para melhor compreender esta questão, Asmolov et al. (2005, apud Silva, 2022) realiza um estudo experimental onde identifica que: “[...] crianças pré-escolares seguiram erros dos adultos considerados por eles modelos ao imitarem a forma pela qual estes cumpriam a tarefa, mesmo quando elas já a tinham realizado, em outra situação, de forma correta” (p. 56). Quando um conteúdo faz parte da consciência “é necessário conhecer as mediações que o constituem ou que leva o indivíduo a agir de determinada forma” (Silva, 2022, p. 57).

Neste caso, apesar da atividade fazer parte da consciência, visto que antes era realizada da forma correta, não significa que as crianças ‘tenham consciência’ dos processos para realizar determinada atividade, a atividade de imitação se destaca quando as crianças entram em contato com outra pessoa que tinham por referência. Este processo de imitação não se resume apenas ao comportamento infantil e ainda deve ser muito explorado também no comportamento em adultos. Quando, por exemplo, uma pessoa adulta sabe exatamente o que fazer, finalizar o trabalho às 18:00 horas e prosseguir no dia seguinte, mas o gerente, considerado como um “modelo” vai além do horário, ela também continua a trabalhar. Este comportamento pode se caracterizar como imitativo, onde se tem “ausência de controle consciente” (Silva, 2022, p. 56) próximo a modelos consolidados e admirados.

Assim, pode-se até questionar qual modelo de vida o sistema capitalista nos cobra a ‘imitar’ e, por conta disso, é fundamental compreender os processos inconscientes /não-consciente⁷⁶ também em relação com a *alienação* e a *ideologia* hegemônica. Por alienação,

no sentido que lhe é dado por Marx, é ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou à natureza na qual vivem, e/ou a outros seres humanos, e – além de, e através de, e – também a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). Assim concebida, a alienação é sempre alienação de si próprio ou autoalienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade). E a alienação de si mesmo não é apenas uma entre outras formas de alienação, mas a sua própria essência e estrutura básica. Por outro lado, a “autoalienação” ou alienação de si mesmo não é apenas um conceito (descritivo), mas também um apelo em favor de uma modificação revolucionária do mundo (desalienação) (Bottomore, 1988, p. 19).

⁷⁶ Observa-se que Aita entende que Vigotski substitui inconsciente por não consciente já Asmolov, usa o termo inconsciente, esta seção não tem por objetivo discorrer sobre as nuances conceituais da autora e do autor, mas sim tratar dos processos que não estão ainda acessíveis à consciência, optou-se então por utilizar inconsciente e não-consciente como sinônimos, no sentido de que ambos não são processos conscientes, mas que podem vir a ser.

A alienação presente na sociedade de classes também se expressa no ser humano em níveis psicológicos, inclusive na dinâmica do consciente-inconsciente. De acordo com Santos (2018), a divisão do trabalho entre manual e intelectual, uma das bases dos processos alienantes, se apresenta no psiquismo humano em relação ao pensar e agir, “faço, mas não sei porque. Sei, mas não faço” (ibidem, p. 135). Existe uma cisão posta à unidade pensar - sentir - agir, visto que “o que eu sinto não é determinante na minha forma de relacionar-me com o mundo, porque independente disso tenho que fazer aquilo que me é exigido” (ibidem, p. 135) e o que é exigido na maior parte das vezes advém da ideologia da classe dominante.

Toda esta dinâmica dificulta a ação criativa e transformadora do ser humano frente à realidade e escamoteia a compreensão desse real, que passa ser visto como natural, como “sempre foi assim” e não como algo construído historicamente pelo ser humano e, deste modo, podendo ser modificado. Os conteúdos alienantes que escamoteiam a realidade concreta na maioria das vezes não são conscientes, influem sobre o inconsciente na medida em que estabelece significados distorcidos da realidade,

Parte do que está no inconsciente pode ser uma consequência de processos alienantes, que, ao ocultarem, a realidade, impedem que apropriações sejam feitas de tal modo a ampliar o psiquismo, construir e questionar os valores sociais, aumentando a oferta de possibilidades culturalmente construídas que promovam o desenvolvimento rumo ao humano-genérico (Silva, 2022, p. 27).

Tomemos como exemplo uma pessoa que foi criada em um local sem saneamento, casa precária e isento de lugares de lazer. Quando criança, não entendia o que toda esta realidade significava e suas inter-relações com o sistema de exploração do capital, porém quando jovem, iniciando a idade adulta internaliza a lógica meritocrática, constituindo sua forma de compreender o mundo a partir dessa lógica. Assim, algumas de suas ações passam a ser guiadas por este ‘ideal’, que precisa empreender e conseguir ser milionário, entendendo que isso é resultante de uma escolha individual posta como “força de vontade”. Pode trabalhar exaustivamente e ininterruptamente movida por este motivo, podendo chegar a extremos, como o fenômeno hoje identificado como ‘Karoshi’⁷⁷ morte por excesso de trabalho, ou ainda, o

⁷⁷ “O nome *Karoshi* (過勞死) é composto pelas palavras japonesas 過勞 (*karou*), que significa excesso de trabalho, e 死 (*shi*), que significa morte. É uma expressão médico-social criada por Tetsunoujou Uehata, médico do Instituto Nacional de Saúde Pública” (Pizzo, et. Al. 2018, p. 3).

fenômeno do “Workaholic” que se caracteriza como pessoas ‘viciadas em trabalho’⁷⁸. Neste sentido, esta obstrução alienante

[...] diminui o controle da própria conduta, o que implica processos que poderiam ser conscientes continuarem não conscientes ou ainda a dificuldade em compreender as contradições promovidas pela sociedade de classe, que alienam o indivíduo de alguns aspectos da realidade e às vezes de si mesmo, fragmentando a consciência (Silva, 2022, p. 58).

Ter consciência de fato implica em alcançar a essência dos fenômenos da realidade (Silva, 2022), e isso se torna ainda mais difícil nesta sociedade de classes permeada pela ideologia⁷⁹ burguesa. Em linhas gerais, ideologia é um conjunto de ideias. Na sociedade de classes há, portanto, ideologias em disputa, o conjunto de ideias elaborado pela classe trabalhadora e aquele elaborado pela classe burguesa. Na sociedade capitalista, no momento atual, de decadência ideológica da burguesia⁸⁰, este conjunto de ideias hegemônicas visa escamotear o funcionamento dessa sociedade e, com isso, se une com os processos alienantes. Mas, quando a classe burguesa era revolucionária, a sua ideologia buscava revelar a funcionamento e derrubar o conjunto de ideias que emergia e sustentava a sociedade feudal. Lênin (1902), também em sua obra “*Que Fazer? - Problemas candentes do nosso movimento*”, vai discutir esses pontos, dizendo que onde não se afirmar a ideologia socialista, reinará a ideologia burguesa.

A decadência ideológica burguesa passa a fazer parte até das nossas formas de sentir, por exemplo, “vivemos em tempos de ditadura da felicidade, na qual deve-se perseguir essa emoção a qualquer custo e ignorar qualquer outra” (Santos, 2018, p. 136), esta forma ideológica acaba por mascarar como realmente as pessoas são afetadas. Busca-se mascarar os afetos negativos, isto não impede que as pessoas não sejam afetadas negativamente, mas a linguagem tende a reafirmar jargões como “olhe para o lado positivo”, trazendo uma responsabilidade

⁷⁸ Sugestão de leitura: Serva, Maurício e Ferreira, Joel Lincoln Oliveira. O fenômeno workaholic na gestão de empresas. *Revista de Administração Pública* [online]. 2006, v. 40, n. 2 [Acessado 22 Setembro 2022], pp. 179-198. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000200002>>. Epub 30 Nov 2007. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000200002>.

⁷⁹ Marx emprega o termo ideologia em momentos diferentes de sua obra, com conceitos diferentes. Na obra de Vigotski também aparece assim. Sugestão de leitura sobre este assunto: Silva, R. I. M. (2015) Sobre Psicologia e Ideologia na obra de L. S. Vigotski. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá.

⁸⁰ “A decadência ideológica denunciada por Marx e Engels e interpretada por Lukács, é o período claramente marcado pela tentativa de os ideólogos burgueses produzirem conhecimentos que têm como premissa a evasão da realidade social, com explícitas intencionalidades de conservação da ordem do capital” (Lara, 2013, p. 93).

individual. Ao centralizar os afetos apenas no âmbito individual, a ideologia burguesa, neste momento histórico, máscara as relações reais e “só possibilita a transformação do sujeito que sente, não daquilo que o levou a sentir; assim, busca manter intacta a estrutura das relações” (ibidem, p. 136). Toda essa rede de sentido construída a partir da ideologia burguesa passa também a constituir nosso psiquismo. Por conseguinte,

[...] numa sociedade que promove e intensifica a fragmentação da consciência, ampliando conteúdos inconscientes e processos não-conscientes, pode haver um aumento também nas formações baseadas no sentido, especialmente por meio de modelos ideológicos que determinam modos de ser e agir no mundo. Comportamentos considerados normais, padrões de beleza, de corpo e de produtividade são alguns exemplos de como significados ideológicos são apropriados e constituem sentidos sem passar pela consciência que, fragmentada fica limitada no seu movimento de tomar esses aspectos como seu objeto e desvelar suas mediações (Silva, 2022, p. 62).

A constituição do inconsciente não se dá de uma única forma, mas apresenta suas especificidades. Vigotski, como pontuado anteriormente, escreveu sobre a dinâmica consciente – inconsciente, suas produções foram muitas apesar do curto período de vida, entretanto, estavam longe de esgotar um tema de estudo, até porque o processo científico de pesquisa é histórico e coletivo. Com isso, muitos estudiosos se apropriaram das bases de Vigotski dando continuidade nas pesquisas, e no que tange a ampliação do conhecimento em torno da dinâmica consciente – inconsciente, não foi diferente. Um dos autores que continuou este estudo, tendo como base também, Leontiev, foi Asmolov, segundo este autor, o inconsciente se divide em quatro grupos principais: 1) fenômenos supraconscientes e supraindividuais: “Refere-se às produções culturais que são apropriadas pelos indivíduos, especialmente na infância, sem nenhuma consciência sobre seus significados e a história dessa produção” (Silva, 2022, p. 63); 2) motivos inconscientes da atividade, em consonância com Leontiev, o autor expõe que “[...] para saber o motivo da atividade é necessário encontrar seu sentido” (Silva, 2022, p. 63); 3) reguladores inconscientes de ações e operações: “Os reguladores inconscientes de ações e operações referem-se a comportamentos automatizados” (Silva, 2022, p. 63).

Compreender que o inconsciente/ não-consciente se manifesta de diferentes formas, faz com que não percamos de vista suas especificidades e complexidade. Então, retornando ao exemplo citado no início, sobre sentir um desconforto abdominal quando se está na casa dos pais, e a pessoa não saber o porquê isso acontece, não diz respeito a apenas a uma forma de expressão do inconsciente. Conscientizar-se das determinações que produzem a dor, implica na compreensão de toda dinâmica complexa envolta dos processos inconsciente/ não-consciente desde sua gênese e desenvolvimento, que estabeleceram determinados nexos que resultam neste fenômeno.

Identificar em nível de hierarquia qual manifestação inconsciente/ não-consciente mais se apresenta em um sofrimento psicossomático singular, serve de base para promover intervenções na estrutura da atividade, visto que, não basta somente ter consciência, pois ela mesma é construída *na e pela* atividade, para modificar determinado sofrimento, se este foi gerado a partir das atividades ser humano-mundo, esta também é a base para sua superação, pois carrega consigo possibilidades de superação, em compreender a realidade de forma ampla e guiar ações mais conscientes. E, como apresentado na seção, os aspectos ideológicos alienantes influem sobre a dinâmica consciente-inconsciente, que singulariza as contradições da sociedade de classes, cuja transformação radical depende da ação coletiva revolucionária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Lembra o tempo que você sentia / e sentir /
era a forma mais sábia de saber / e você nem sabia?”⁸¹*
(Alice Ruiz, 1946)

Com a crescente intensificação da crise no capital, proliferam as mais diversas formas de sofrer. O corpo humano sente o desgaste de tudo que lhe atravessa socio-historicamente, com formas singulares de sofrimento, que não podem ser tomadas de modo isolado. Compreender o que perpassa um sofrimento em seus níveis superando a compreensão de uma singularidade abstrata, mas pela dialética singular, particular e universal é um dos desafios para a Psicologia Histórico-Cultural. Um sofrimento representa mais do que sua aparência fenomênica, é preciso ir à essência do fenômeno para captar as múltiplas determinações, como unidade do diverso. Porém, toda investigação inicia com o primeiro contato com o objeto de estudo e depois retorna com mais elementos que possibilita captá-lo em maior complexidade e dinamicidade.

Buscando este movimento próprio do método de análise materialista histórico e dialético, esta pesquisa se deteve em explorar o que se tem produzido sobre o sofrimento psicossomático no campo da psicologia, por meio da busca de artigos que tratassem do tema da psicossomática e psicologia. A partir das leituras da amostra obtida foi possível verificar que o termo psicossomática era utilizado de diversas formas, as duas principais: 1) como uma

⁸¹ Fonte: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/parana/alice_ruiz.html#es> Acesso em: set. 2022.

tendência de estudo, no sentido de que somos seres psicossomáticos; 2) relacionado a uma forma de sofrimento. O entendimento da psicossomatização como um sofrimento foi o objeto da investigação aqui proposta.

Dentre os fatores que mais apareceram nos artigos como precursores de um sofrimento psicossomático estavam: insuficiência psíquica, que muitas vezes acabava recaindo em uma leitura individualizante do sujeito que sofre, como se este não tivesse a capacidade de controle e/ou "inteligência emocional"; díade mãe-bebê, centralizando a raiz da somatização na mãe e/ou cuidador; relação mente-corpo, fundamental para verificar como esta dialética estava sendo estudada, verificando sua importância para compreensão do sofrimento psicossomático; papel da linguagem, no que tange ao sofrimento psicossomático, destacando como este sofrimento pode expressar algo que não foi possível ser dito a partir da linguagem verbal e a dificuldade que alguns pessoas com este diagnóstico tinham de se comunicar.

A análise realizada do que estava sendo produzido no campo da psicologia sobre esta forma de sofrimento serviu como fundamento para as sistematizações seguintes, tendo como base a Psicologia Histórico-Cultural. As divergentes e diversas formas de compreensão do sofrimento psicossomático, como apresentado no primeiro capítulo, remetem a fragmentação no campo da psicologia que não parte de uma compreensão unificada sobre o psiquismo humano, sua gênese e funcionamento. Esta multiplicidade se expressou nos modos como buscou-se entender o sofrimento psicossomático, até mesmo as explicações psicanalíticas, que compunham a maior parte dos artigos, divergiram entre si.

Objetivando a superação de concepções naturalizantes e dicotômicas, esta pesquisa debruçou-se na periodização histórico-cultural do desenvolvimento, colocando em relevo a constituição dos sistemas interfuncionais do psiquismo humano no movimento que se dá na singularidade. Compreende-se que é a partir da dinâmica da apropriação das objetivações (instrumentos e signos), que a unidade corpo/mente transforma-se mutuamente. Neste percurso, nota-se que o ser humano não se desenvolve de forma isolada, seu ser singular é constituído pela mediação da particularidade capitalista da classe em que vivemos. Este entendimento faz com que a Psicologia Histórico-Cultural se distancie das outras abordagens, pois:

tais teorias não consideram a sociedade como mediação, como uma particularidade, mas sim como meta máxima de constituição do indivíduo. Nesse caso, seu objeto é a adaptação dos indivíduos às circunstâncias atuais e não a transformação de ambos para superar a condição alienada que caracteriza o trabalho na sociedade de classes (Tanamachi, et. al., 2018, p. 98).

Para esta perspectiva, não se trata de camuflar a realidade em busca de uma adaptação das pessoas ao contexto que as explora e adocece, mas promover possibilidades de compreensão

das múltiplas determinações de seu sofrimento singular, propondo formas de superação, ainda que parciais. Este processo não é fácil, visto que os processos alienantes da ideologia burguesa perpassam também nas nossas formas de sofrer e de sentir. Partindo-se da compreensão de que o sofrimento psicossomático possui uma gênese e desenvolvimento na história singular do ser social, o terceiro capítulo buscou uma aproximação à essência deste fenômeno complexo, debruçando-se na articulação das unidade mente-corpo, afeto-cognição, por meio da dinâmica inconsciente-consciente. Não foi e não é uma tarefa fácil, pois o desenvolvimento unilateral produzido na sociedade capitalista, nos dirige todo tempo ao pensamento formal e mecânico, que cinde, separa e tem dificuldade para capturar o movimento do real, dos fenômenos existentes de modo articulado. Em síntese, três hipóteses importantes foram construídas no decorrer do terceiro capítulo: 1) como nos apropriamos do que nos afeta no corpo, sabendo-se que diferentes níveis de afetação podem gerar manifestações somáticas, estas também poderiam desencadear um sofrimento psicossomático; 2) a relação entre figura – fundo no sofrimento psicossomático, tendo o psíquico como figura e o corpo como fundo; 3) no que tange a dinâmica inconsciente – consciente, e a expressão desta no sofrimento psicossomático, justamente por não ser possível ter acesso a tudo a nível consciente, esta dinâmica também parece influir sobre os processos psicossomáticos. Tais hipóteses decorrem do início de um processo de investigação sobre o sofrimento psicossomático. No entanto, o caminho percorrido permitiu a identificação de alguns princípios fundamentais que devem ser considerados em futuras investigações teóricas e de campo, que serão aqui elencados:

- Os estudos de Luria, sobre as sensações interoceptivas, proprioceptivas e exteroceptivas, trazem contribuições para o entendimento do sofrimento psicossomático, principalmente, em suas manifestações dermatológicas. A investigação de casos concretos pode elucidar de modo mais aprofundado esta hipótese. Suas pesquisas sobre a constituição da barreira funcional, vinculadas à formação das unidades funcionais do cérebro podem auxiliar a entender a gênese e desenvolvimento do sofrimento psicossomático, possibilitando intervenções baseadas na história concreta do ser singular (desenvolvimento do autocontrole pela dinâmica das unidades consciente/inconsciente e afeto/cognição);
- O curso do desenvolvimento normal, serve como base para compreensão da gênese e desenvolvimento das diversas formas de sofrimento. No que se refere ao sofrimento psicossomático, vê-se importante analisar a história de vida singular, envolta das

mediações particulares e universais da pessoa que sofre, identificando os sentidos imbricados nos processos de apropriação das sensações de prazer e desconforto físico, por meio da unidade objetivo-subjetivo. Ao longo da vida, significamos e conscientizamos de modos e graus distintos o funcionamento dos órgãos, os movimentos, as sensações e percepções corporais. Este processo não se dá de forma linear e crescente, com base na Periodização Histórico-Cultural, o desenvolvimento humano se dá de forma contraditória e não-linear, idas e vindas deste processo fazem com que um sofrimento psicossomático necessite ser analisado em seu caráter negativo e positivo, compreendendo-se o que determinado sofrimento encobre e revela ao mesmo tempo, de sua essência concreta;

- A linguagem simbólica faz a mediação e permite maior ou menor conscientização dos processos psicofísicos, tal como as investigações da Psicologia Histórico-Cultural demonstram, necessitando-se de mais investigações para aprofundamento de sua implicação nos processos de sofrimento, em suas formas: verbal e não verbal. Identificar o que afeta o corpo negativamente, para além de “nomear”, é um processo importante para a integração da unidade afeto-cognição. Compreende-se que a cisão entre estas duas esferas humanas é expressão dos processos alienantes da sociedade capitalista. Ter consciência do que afeta o corpo possibilita reflexões concretas entre possibilidades individuais e coletivas para melhor entender e agir sobre as determinações;
- O papel que cumpre os processos imaginativos no sofrimento psicossomático necessita ser explorado no estudo de casos concretos, demarcando a unidade afetivo-cognitiva e suas mudanças de figura e fundo, observando situações/contextos e o modo como operam as contradições realidade/imaginação. Os estudos demonstraram que pensamentos/afetos podem alterar o funcionamento corporal e vice-versa. No caso das formas de sofrimento psicossomático, tais contradições ganham relevo e merecem investigações de campo para validação desta hipótese.
- O conceito de vivência, apesar de pouco discutido nesta pesquisa, pode contribuir para pensar o sofrimento psicossomático, como já proposto nas pesquisas de Jerebtov (2014), atrelado aos aspectos anteriormente delineados;
- Asmolov, um dos continuadores de Leontiev, ao estudar sobre o inconsciente verificou vários níveis na dinâmica consciente-inconsciente. Sua teorização é fundamental para investigar as diferenciações entre como os processos inconscientes aparecem em um

sofrimento ou em atividades operacionais. Tais níveis podem ser um caminho interessante para ampliar o entendimento das diversas expressões de sofrimento psicossomático, permitindo intervenções que auxiliem processos inconscientes tornarem-se conscientes. A compreensão do que afeta o corpo e vice-versa auxiliaria nos modos de lidar com estas manifestações.

Conclui-se que os processos psicossomáticos estão presentes na vida cotidiana no curso normal do desenvolvimento, mas também podem se tornar uma forma de sofrimento. Como foi possível observar, o sentir no corpo pressupõe pensar sobre e agir sobre quando necessário. A grande questão é que, na sociedade capitalista, o sentir, pensar e agir se alienam, tornando-se muitas vezes cindidos e desconectados. Os processos alienantes, intensificados pela ideologia da decadência na sociedade burguesa, interferem na forma como vemos e sentimos nossos corpos, sendo parte da formação unilateral e não multilateral. Como apresentado no decorrer da pesquisa, o ser humano deve ser tomado em sua totalidade, mas a divisão social do trabalho (divisão em classes), como aponta Vigotski (1930), corrompe-se e mutila-se o desenvolvimento integral da personalidade, intensificando os processos de fragmentação do psiquismo. Reunir e integrar as partes desconectadas deve partir de uma ciência que busque recompor as unidades mente-corpo/afeto-cognição integrando-as na dinâmica consciente/inconsciente para explicar e intervir nas diversas formas de sofrimento, tendo como base a dialética singular, particular e universal. Não é uma tarefa fácil, mas é imprescindível, e esta pesquisa buscou uma primeira aproximação, objetivando levantar algumas hipóteses e elencar princípios a serem aprofundados com relação ao sofrimento psicossomático.

REFERÊNCIAS

- Abrantes, A. A., Bulhões, L. Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: juventude e trabalho. In: Martins, L. M; Abrantes, A. A; Facci, M. G. D (org). *Periodização Histórico-Cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas, SP: Autores associados, 2016.
- Aita, E. B. *O conceito de inconsciente para L. S. Vigotski: primeiras aproximações*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.
- Almeida, M. R. *A formação social dos transtornos do humor*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2018, p. 16-35/55-176.
- Almeida, S. H. V. Integração biológico-social na formação do sistema psicológico. In: Educação e Marxismo. *Revista on-line dos educadores marxistas*. n. 1, 2006.
- Alves, R. B.; Amparo, D. M.; Chatelard, D. S. Psicossomática: um fenômeno entre o saber e o gozo. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 174-183, 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 maio 2020.
- Alves, V. L. P. et al. Emoção e soma (des)conectadas em páginas de revista: as categorias temáticas do discurso prescritivo sobre os fenômenos da vida e da doença. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 537-543, Feb. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000200025&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 May 2020.
- Alves, V. L. P.; Lima, D. D. Percepção e Enfrentamento do Psicossomático na Relação Médico Paciente. *Psic.: Teor. e Pesq., Brasília*, v. 32, n. 3, e323225, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000300245&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Mai. de 2020.
- APA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (recurso eletrônico): DSM-5, American Psychiatric Association. Trad.: Maria Inês Corrêa Nascimento, et al. p. 309-328.

- Asbahr, F. S. F.; Nascimento, C. P. Criança não é manga, não amadurece: conceito de maturação na teoria histórico-cultural. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2013, v. 33, n. 2.
- Asmolov, A. G. *Classification of unconscious phenomena and the category of activity*. Soviet Psychology, Moscow, v. 19, n. 3, p. 23-45, 1981.
- Avila, L. A.; Terra, J. R. Histeria e somatização: o que mudou? *J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 4, p. 333-340, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 mai. de 2020.
- Barbosa, R. F., Duarte, C. A. M., Santos, L. P. Psicossomática, gestação e diabetes: um estudo de caso. *Psicologia: ciência e profissão*. vol.32 n.2 Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200014> Acesso em: 6 de mai. de 2020.
- Baseggio, D. B. Psicossomática na infância: uma abordagem psicodinâmica. *Revista de Psicologia da IMED*, vol.4, n.1, p. 629- 639, 2012.
- Bassin, F. V. O problema do inconsciente: As formas não conscientes da atividade nervosa superior. *Rio de Janeiro: Civilização Brasileira*, 1981, p. 83-106.
- Bocchi, J., Salinas, P. Gorayeb, R. Ser mulher dói: relato de um caso clínico de dor crônica vinculada à construção da identidade feminina. *Rev. Latino-americana de psicopatologia fundamental*. vol.6 no.2 São Paulo Apr./June 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142003000200026> Acesso em: 6 de mai. de 2020.
- Bottomore, T. (Org.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. Brandão, Octávio.
- Carvalho, S. R., Martins, L. M. Idade adulta, trabalho e desenvolvimento psíquico: a maturidade em tempos de reestruturação produtiva. In: Martins, L. M; Abrantes, A. A; Facci, M. G. D (org). *Periodização Histórico-Cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas, SP: Autores associados, 2016.

Castelli, A., Silva, M. J. P. “Faz isso, faz aquilo, mas eu tô caindo...” – Compreendendo a doença de Chron. *Revista Esc. Enfermagem USP* 2007; 41(1):29-

35. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n1/v41n1a03.pdf>> Acesso em: 10 de mai de 2020.

Castro, M. G., Andrade, T. R., Muller, M. Conceito mente e corpo através da história. *R. psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 39-

43, jan./abr. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a05.pdf>> Acesso em: 10 de mai. de 2020.

Cheroglu, S., Magalhães, G. M. O primeiro ano de vida: vida uterina, transição pós-natal e atividade de comunicação emocional direta com adulto. In: Martins, L. M; Abrantes, A. A; Facci, M. G. D (org). *Periodização Histórico-Cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas, SP: Autores associados, 2016.

Clemente, J. P. L. Peres, R. S. Funcionamento psíquico e manejo clínico de pacientes somáticos: reflexões a partir da noção de desafetação. *Psicol. clin.* [online]. 2010. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652010000200005&script=sci_abstract&lng=pt)

56652010000200005&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em: 6 de mai. de 2020.

Coelho, C. L. S.; Avila, L. A. Controvérsias sobre a somatização. *Rev. psiquiatr. clín., São Paulo*, v. 34, n. 6, p. 278-

284, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010160832007000600004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 de Maio de 2020.

Costa, E. M. *O método na obra Vigotski e a abordagem ontológica do desenvolvimento humano: uma análise histórica*. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

Coimbra Jr., C. E. A., Santos, R. V., e Cardoso, A. M. Processo saúde–doença. In: Barros, D. C., Silva, D. O., and Gugelmin, S. Â., orgs. *Vigilância alimentar e nutricional para a saúde Indígena* [online]. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007, pp. 47-74.

Dias, H. Z. J. et al. Relações visíveis entre pele e psiquismo: um entendimento psicanalítico. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 23-

34, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 6 mai. 2020.

Duarte, N. A resistência ativa dos professores à doutrinação obscurantista neoliberal. In: Facci, M. G. D.; URT, S. C. (Orgs.). *Quando os professores adoecem: demandas para a psicologia e a educação*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020. (p. 23-44).

Eduardo G. *Espelhos*. Trad. Helena Pitta. - 1ª ed. - Lisboa: Antígona, 2018.

Espinosa, B. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Fanon, F. Perturbações psicossomáticas. In: _____. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

Fernandes, W. J. Saúde mental: uma visão vincular. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 10, n. 2, p. 19-26, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167729702009000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 maio 2020.

Ferraz, F. C. A tortuosa trajetória do corpo na psicanálise. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 66-76, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X2007000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 maio 2020.

Ferreira, V. R. T.; Muller, M. C., Jorge, H. Z. Dinâmica das relações em famílias com um membro portador de dermatite atópica: um estudo qualitativo. *Psicol. estud.* [online]. 2006, vol.11, n.3, pp.617-625. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722006000300018&script=sci_abstract&tlng=pt > Acesso em 6 de mai. de 2020.

Filgueiras, M. S. T. et al. Avaliação psicossomática no câncer de mama: proposta de articulação entre os níveis individual e familiar. *Estud. psicol.* (Campinas), Campinas, v. 24, n. 4, p. 51-56, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Mai. de 2020.

Fontes N., Paulo T. L. et al. A dermatite atópica na criança: uma visão psicossomática. *Rev. p siquiatr.* Rio Gd. Sul, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 78-82, Abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082006000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 maio de 2020.

Galvan, G. B.; Amiralian, M. L. T. M. Corpo e identidade: reflexões acerca da vivência de amputação. *Estud. psicol.* (Campinas), Campinas, v. 26, n. 3, p. 391-

398, Set. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 mai. de 2020.

Goulart, D. M.; Santos, M. A. Corpo e palavra: grupo terapêutico para pessoas com transtornos alimentares. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 17, n. 4, p. 607-

617, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 mai. de 2020.

Green, A. Pulsões de destruição e doenças somáticas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 26, n. 2, p. 333-

357, 2019. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/09/1016764/09_pulsoes-andre-green_v26_n2_2019.pdf> Acesso em: 12 de maio de 2020.

Hoffmann, F. S. et al. A integração mente e corpo em psicodermatologia. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 51-60, jun. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872005000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 maio 2020.

Horn A. Construções em psicossomática psicanalítica. *Rev. brasileira de psicanálise*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 55-

58, set. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 maio 2020.

Jerebtsov, S. N. A teoria Histórico-Cultural e os problemas psicossomáticos da personalidade: estudo sobre o domínio de si mesmo. *VERESK – Cadernos acadêmicos internacionais. Estudos sobre a perspectiva Histórico-Cultural de Vigotski* v. 3 – Brasília: UniCEUB, 2014.

Kosik, K. O mundo da Pseudoconcreticidade e a sua Destruição. In: _____. *Dialética do concreto*. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1969.

Lara, R. Notas lukacsianas sobre a decadência ideológica da burguesia. *R. Katál.*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 91-100, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/WK5nwq6KrZtDvTCQShGs3sq/?lang=pt&format=pdf#:~:text=A%20decad%C3%A2ncia%20ideol%C3%B3gica%20denunciada%20por,conserva%C3%A7%C3%A3o%20da%20ordem%20do%20capital.>> Acesso em: 15 de set. de 2022.

Laurell, A. C. La salud-enfermedad como proceso social. *Revista Latino-americana de Salud*, México, 2, 1982, pp. 7-25. Trad. E. D. Nunes.

Lefebvre, H. *Lógica formal/lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 131-169.

Leite, A. C. C. et al. O menino e o efeito pirilampo: um estudo em psicossomática. *Ágora* (Rio de Janeiro), v. 6, n. 1, p. 99-114, June 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 mai. 2020.

Lênin, V. *O que fazer?* Trad. Paula Vaz de Almeida. Boitempo, 2020. Originalmente publicado em 1902.

Leontiev, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

Leontiev, A. *Atividade. Consciência. Personalidade*. Trad. Priscila Marques. Bauru, SP: Mireveja, 2021.

Lindenmeyer, C. Qual é o estatuto do corpo na psicanálise? *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 341-359, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 de mai. de 2020.

Lispector, C. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

Luria, A. R. *Curso de Psicologia Geral v. 1 - Introdução Evolucionista à Psicologia*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979a.

Luria, A. R. *Curso de Psicologia Geral v. 2 – Sensações e percepção. Psicologia dos Processos Cognitivos*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979b.

Luria, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

Luria, A. R. *The mind of a mnemonist: A little book about a vast memory*. Tra. Lynn Solotaroff. New York, London: Basic Books, Inc., 1968.

Luria, A. R. *The nature of human conflicts: or emotion, conflict and will*. New York: Liveright Publishers, 1932.

Marco, Mario Alfredo, Cítero, Vanessa de Albuquerque e Martins, Luiz Antonio Nogueira. Revisando conceitos: o papel da psiquiatria moderna no hospital geral e na atenção primária. *Brazilian Journal of Psychiatry* [online]. 2007, v. 29, n. 2, p. 188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462007000200019>>. Acesso em: jan. 2023.

Marconi, M. A; Lakatos, E. M. *Fundamentos de metodologia científica* - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

Martins, L. M. Introdução aos fundamentos metodológicos da psicologia sócio- histórica. In: Martins, L. M. S. (Org.) *Sociedade, educação e subjetividade: reflexões temáticas à luz da psicologia sócio-histórica*. 1. ed. São Paulo: Cultura acadêmica, 2008, p. 33-60.

Martins, L. M. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*. (Tese de Livre docência). Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, 2011.

Martins, L. M; Abrantes, A. A; Facci, M. G. D (org). *Periodização Histórico-Cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas, SP: Autores associados, 2016.

Martins, M. L.; Carvalho, B. A atividade humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque Histórico-Cultural. *Rev. Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 21, n. 4, 2016, p. 699- 710.

Marx, K. *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel: Introdução*. Trad. Lúcia Ehlers. 1.ed. São Paulo: Expressão popular, 2010. Original publicado em 1843.

Marx. K. *O capital* (livro III, 2º tomo), São Paulo: abril, 1983.

Marx, K. & Engels. *A ideologia alemã*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

Masagão, Marcelo. 1,99- Um Supermercado que Vende Palavras (Brasil, 2003/72min), Baudrillard, Jean. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=INCrRJ7yDRM&t=836s>>.

Mattar, C. M. et al. Da tradição em Psicossomática às Considerações da Daseinsanálise. *Psico l. cienc. prof.*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 317-

328, June 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000200317&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 mai. de 2020.

Mendonça, J. L. Breve História da Psicossomática: da Pré-História à era romântica. *Rev. História da medicina*. Minas Gerais, 2006, p. 116–122.

Neme, C. M. B., Dameto, C. A., Azevedo, G. M. G., Fonseca. Implicações do vínculo mãe-criança no adoecimento infantil: revisão de literatura. *Psicologia em pediatria*, 2007. Disponível em <http://ampliatta.com.br/wp-content/uploads/2011/10/vinculo_mae_bebe_pesquisa.pdf> Acesso em: 10 de maio de 2020.

Netto, J. P. *Introdução ao estudo do método de Marx*. 1.ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.

Oliveira, B. A dialética do singular-particular-universal. In: Abrantes, A. A.; Silva, N. R.; Martins, S. T. F. (Orgs.). *Método histórico-social na psicologia*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2005, p. 25-51.

Pasqualini, J. C.; Martins, L. M. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicólogo. *Rev. Psicologia & Sociedade*, 2014, p. 362-371.

Passos, C. H.; Lima, R. A. A contribuição da calatonia como técnica auxiliar no tratamento da fibromialgia: possibilidades e reflexões. *Bol. psicol*, 2017 São Paulo, v. 67, n. 146, p. 13-24, jan. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432017000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 maio 2020.

Peres, R. S.; Santos, M. A. O conceito de psicose atual na psicossomática psicanalítica de Joyce McDougall. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 99-108, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 maio 2020.

Pizzo, et al. Karoshi: uma breve revisão sobre a morte por excesso de trabalho. Resumo apresentado no II Encontro do laboratório interinstitucional de subjetividade e trabalho, 2018. Disponível em: <https://npd.uem.br/eventos/assets/uploads/files/evt/12/trabalhos/12_2034_1538448777.pdf> Acesso em set. 2022.

Rabelo, L. D. B. C. Silva, J. M. A. Lima, M. E. A. Trabalho e Adoecimento Psicossomático: Reflexões sobre o Problema do Nexo Causal. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2018, vol.38, n.1, pp. 116-128. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932018000100116&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em: 06 de mai. de 2020.

Ratner, C. Um Modelo Médico Sociocultural da Patologia e da Saúde. In: Tuleski, S. C., Franco, A. F. (Orgs.) *O processo de desenvolvimento normal e anormal para a psicologia histórico-cultural: estudos contemporâneos* – Maringá: Eduem, 2019.

Rinaldi, D.; Nicolau, R. F.; Pitanga, C. E. G. A. Do fenômeno psicossomático ao sintoma: a aderência do sujeito ao diagnóstico médico e o trabalho analítico. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. spe, p. 95-108, Apr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982013000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 mai. de 2020.

Russo, J., Venâncio, A. T. A. Classificando as pessoas e suas perturbações: a “revolução terminológica” do DSM III. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2006, v. 9, n. 3

Safatle, V.; Júnior, N. S.; Dunker, C. (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Santos, L. G. Tempo de homens partidos: o inconsciente como quebra da unidade pensar-sentir-agir. In: Sawaia, B. B., Albuquerque, R., Busarello, F. R. *Afeto comum reflexões sobre a práxis psicossocial*. São Paulo, 2018.

Santos, L. N.; Junior, C. A. P. O Adoecimento Somático em Ferenczi, Groddeck e Winnicott: uma Nova Matriz Teórica. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 39, e182306, 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100116&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 mai. de 2020.

Silva, R. L. *Leontiev e a natureza social do psiquismo: das lacunas no texto à totalidade na história*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, 2013.

Silva, F. G. A alienação e a patopsicologia como categorias para a compreensão do adoecimento psíquico ocupacional. In: . In: Tuleski, S. C., Franco, A. F. (Orgs.) *O processo de*

desenvolvimento normal e anormal para a psicologia histórico-cultural: estudos contemporâneos – Maringá: Eduem, 2019.

Silva, J. D. T.; Muller, M. C. Uma integração teórica entre psicossomática, estresse e doenças crônicas de pele. *Estud. psicol.* (Campinas), Campinas, v. 24, n. 2, p. 247-256, Jun 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 mai. 2020.

Silva, M. A. M.; Queiroz, M. S. *Somatização em migrantes de baixa renda no Brasil*. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 31-39, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 mai. de 2020.

Silva, F. G. *Inconsciente e adoecimento psíquico na psicologia soviética*. Curitiba: Appris, 2022.

Tanamachi, E. R., et al. Teoria, método e pesquisa na psicologia histórico-cultural. In: Souza, M. P. R. et al (org.). *Temas escolhidos na psicologia histórico-cultural: interfaces Brasil – Cuba*. Maringá: Eduem, 2018.

Tuleski, S. C. *Vygotski: a construção de uma psicologia marxista*. 2 ed. Maringá: Eduem, 2008.

Tuleski, S. C. *A relação entre texto e contexto na obra de Luria: apontamentos para uma leitura marxista*. Maringá: Eduem, 2011.

Tuleski, S. C.; Eidt, N. M. A periodização do desenvolvimento psíquico: atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores. In: Martins, L. M.; Abrantes, A. A.; Facci, M. G. D. (orgs.) *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. p. 35-61.

Tuleski, S. C. O papel da educação escolar para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores na adolescência: considerações a partir da Psicologia Histórico-Cultural. In: Ayres, N.; Cunha, N. V. S.; Cunha, M. L. (Org.) *Pedagogia e psicologia marxista: a revolução teórica no interior da revolução social*. Curitiba: Prismas. 2016, p. 249-301.

Tuleski, S. C., Calve, T. M., Santos, A. C. V. A unidade funcional do psiquismo humano: princípios e método de análise histórico-cultural. In: Fabiola Gomes Batista Firbida; Marilda

Gonçalves Dias Facci; Sonia Mari Shima Barroco. (Org.). *O desenvolvimento das funções psicológicas superiores na psicologia histórico-cultural: contribuições à psicologia e à educação*. 1ed. Uberlândia: Navegando publicações, 2021, v. 1, p. 15-28.

Veresov N. N. Introducing cultural historical theory: main concepts and principles of genetic research methodology. *Kul'turno-istoricheskaya psikhologiya*. Cultural-Historical Psychology, 2010. Vol. 6, no. 4, pp. 83–90.

Vigotski, L. S. *O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica*. In L. S. Vigotski. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Vigotski, L.S. *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*. Organização [e tradução] Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Claudia da Costa Guimarães Santana. 1. ed.- Rio de Janeiro: E- Papers, 2018.

Vigotski, S. L. *A transformação socialista do homem*. Trad. de Nilson Dória, 2004. Original publicado em 1930.

Vigotski, L. S. *Imaginação e criação na infância*. (trad. Zoia Prestes). São Paulo: Ática, 2009.

Vigotsky, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Vilete, E. P. O corpo e os Demônios da loucura: sobre a teoria psicossomática de Winnicott. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 89-99, mar. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 maio 2020.

Volich, R. M. Mitologias: perspectivas clínicas dos movimentos de integração e desintegração. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 46, n. 85, p. 141-157, jun. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352013000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 mai. 2020.

Vygotski, L. S. *Obras escogidas III*. Madrid: Visor, 2000.

Vygotski, L. S. *Obras Escogidas IV*. Madri: Machado Grupo de Distribución, S.L., 2006.

Woof, V. *Sobre estar doente*. Tradução: Ana Carolina Mesquita e Maria Rita Drumond Viana. Edição bilíngue: português e inglês. São Paulo: Editora Nos, 2021. Original publicado em 1936.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Levantamento quantitativo da pesquisa bibliográfica realizada no Google Acadêmico.

Palavras-chave	Resultado total	Resultado em português	Resultado de 2015 a 2020	Resultado de 2015 a 2020 em português
Psicossomática Ou Psicossomatização	19.300	18.600	6.330	6.030
Psicossomática ou Psicossomatização + Psicologia	16.800	16.300	5.230	5.020
Psicossomática ou Psicossomatização + Medicina	11.800	11.400	3.520	3.400
Psicossomática ou Psicossomatização +Medicina+Psicologia	10.600	10.300	3.270	3.170
Psicossomática ou Psicossomatização + Psicologia	72	62	28	28
Psicossomática ou Psicossomatização + Luria	202	192	77	72
Psicossomática ou Psicossomatização +Psicologia Histórico- Cultural+Luria	30	20	9	9
Psicossomática ou Psicossomatização + Vygotsky	471	464	178	174
Psicossomática ou Psicossomatização + Vigotsky	547	538	192	186
Psicossomática ou Psicossomatização + Vygotski	578	569	216	211

Psicossomática ou Psicossomatização + Vigotski	237	232	88	85
Psicossomática ou Psicossomatização Vygotsky + Psicologia	59	49	23	23
Psicossomática ou Psicossomatização Vigotsky + Psicologia	59	49	23	23
Psicossomática ou Psicossomatização Vygotski + Psicologia	60	50	23	23
Psicossomática ou Psicossomatização + Vigotski + Psicologia	60	50	23	23
Psicossomática ou Psicossomatização + Vygotsky +Luria +Psicologia Histórico-Cultural	30	20	9	9
Psicossomática ou Psicossomatização + Vigotsky +Luria +Psicologia Histórico-Cultural	30	20	9	9
Psicossomática ou Psicossomatização + Vygotski +Luria +Psicologia Histórico-Cultural	30	20	9	9
Psicossomática ou Psicossomatização + Vigotski +Luria +Psicologia Histórico-Cultural	30	20	9	9

APÊNDICE B - Referências bibliográficas da pesquisa realizada no Google Acadêmico

Palavras-chave	Google Acadêmico
Psicossomática ou Psicossomatização + Psicologia Histórico-Cultural Geral (72 resultados)	<ol style="list-style-type: none"> <li data-bbox="416 338 1584 501">1. Link: http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3034 Silva, R. (2011). Referência: <i>A Biologização das emoções e a medicalização da vida – Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão da sociedade contemporânea</i>. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 270 p. <li data-bbox="416 539 1584 734">2. Link: http://ulbra-to.br/caos/assets/download/2017/Ulbra_Psico17_CAOS_Anais.pdf#page=121 Referência: Barbosa, M. D., Teixeira, I. <i>Corpo, subjetividade e doença: Um olhar da psicossomática na rede social facebook</i>. In: Congresso acadêmico de saberes em psicologia: faces da violência - psicologia mídia e sociedade, 2017, p. 121-132. <li data-bbox="416 772 1584 936">3. Link: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41517 Referência: Hazin, I. et al. <i>Contribuições da Neuropsicologia de Alexsandr Romanovich Luria para o debate contemporâneo sobre relações mente-cérebro</i>. Mnemosine. Vol.6, nº1, 2010, p. 88-110. <li data-bbox="416 974 1584 1137">4. Referência: Jerebtsov, S. N. A teoria Histórico-Cultural e os problemas psicossomáticos da personalidade: estudo sobre o domínio de si mesmo. <i>VERESK – Cadernos acadêmicos internacionais</i>. Estudos sobre a perspectiva Histórico-Cultural de Vigotski v. 3 – Brasília: UniCEUB, 2014. (1x – 12) <li data-bbox="416 1176 1584 1415">5. Link: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13062019-102911/publico/gazzotti_corrigida.pdf Referência: Gazzotti, D. <i>Afetividade, emoção e vínculo nas relações escolares: uma perspectiva Histórico-Cultural</i>. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.47.2019.tde-13062019-102911. Acesso em: 06-04-20. <li data-bbox="416 1453 1584 1617">6. Link: https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/a-atuacao-do-psicologo-escolar-e-o-desenvolvimento-historico-da-psicologia-educacional Referência: Franchini, M. N. e Pontel, M. D. <i>A Atuação do Psicólogo Escolar e o Desenvolvimento Histórico da Psicologia Educacional</i>. Fev. 2015. <li data-bbox="416 1655 1584 1729">7. Referência: Oliveira, P. A., <i>O cuidado na prática do psicólogo no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS)</i>, São Paulo, 2019, 128p. (Dissertação). <li data-bbox="416 1789 1584 1908">8. Braunstein, V. C. <i>Escolarização de pessoas com transtornos globais do desenvolvimento: possibilidades de atuação no campo da psicologia</i>. São Paulo, 2012. (Dissertação). <li data-bbox="416 1968 1584 2042">9. Link: https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/ementario-22020-pepg-em-psicologia-cl%C3%ADnica.pdf#page=31 (Incompleto- apenas resumo)

10. Link: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe2/a08v26nspe2.pdf>
Referência: Kahhale, E. M. P. & Esper, E. M. B. *Novas possibilidades metodológicas: a quebra dos paradigmas qualitativo e quantitativo em psicologia*. **Psicologia & Sociedade**; p. 70-83, 2014. (artigo).
11. Link: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v18n1/v18n1a06.pdf>
Referência: Doro, M. P., Pelaez, J. M., Dóro, C. A., Antonechen, A. C., Malvezzi, M., Bonfim, C. M. S., & Funke, V. M. *Psicologia e musicoterapia: uma parceria no processo psicoativo dos pacientes do Serviço de Transplante de Medula Óssea*. Rev. **SBPH** vol.18 no.1, Rio de Janeiro – Jan./Jul. – 2015.
12. Link: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2674/2/20433921.pdf>
Referência: Padovan, Gabriela dos Santos. *Aspectos subjetivos e sua relação com o câncer*. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2009.
13. Livro: *Psicologia Social Relatos na América Latina*.
14. Link: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/sucesso-nas-meninas-fracasso-nos-meninos-o-papel-dos-contextos-nos-disturbios-de-aprendizagem-e-genero>
Referência: Vitorino, J. L. *Sucesso nas meninas, fracasso nos meninos: o papel dos contextos nos distúrbios de aprendizagem e gênero*, 2012.
15. Link: <https://repositorio.ufms.br:8443/jspui/handle/123456789/2700>
Referência: Krugmann, T. F. *Histórias de vida de professores em processo de readaptação funcional*. Minas Gerais: Campo Grande, 2015, 156 f. (Dissertação).
16. Link: https://app.uff.br/slab/uploads/2007_d_Patricia.pdf
Referência: Tomimura, P. *Ocupações sem-teto e psicologia do trabalho: Como construir orgamis interventivos?* Niterói, 2007. (Dissertação).
17. Link: <https://leto.pucsp.br/bitstream/handle/15088/1/CynthiaChristovam.pdf>
Referência: Christivam, C. G. R. *O lúdico como mediador da consciência: Resultados da aplicação de um jogo em portadores de HIV/AIDS*. São Paulo, 2005. (Dissertação).
18. Link: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/627/1/401223.pdf>
Referência: Cecatto, G. M. *Comportamento agressivo e aspectos psicodinâmicos em crianças abrigadas*. Porto Alegre, 2008. (Dissertação).
19. Link: <http://200.19.146.153/handle/123456789/17239>
Referência: Gebrim, L. B.. *Psicologia escolar e educacional no ensino superior: demandas e desafios na história do serviço de atendimento ao estudante da Universidade Federal de Uberlândia*. 2014. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

20. Link: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129280>
Referência: Pereira, E. F. *Sentidos do trabalho para servidores Públicos Federais afastados do ambiente laboral por estresse* / Eliane França Pereira ; orientadora, Prof. ^a, Dra. Suzana da R. Tolfo ; coorientadora, Prof. ^a, Dra. Alice C. dos Reis. - Florianópolis, SC, 2014. 206 p.
21. Link: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17218>
Referência: Marçal,, V. P. B. *A queixa escolar nos ambulatórios de saúde mental da rede pública de Uberlândia: práticas e concepções dos psicólogos*. 2005. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005
22. Link:https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/rita_de_cassia_ferraz_tese.pdf
Referência: Nascimento, R. C. S. *Entre xingamentos e rejeições: um estudo da violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem* / Rita de Cássia Souza Nascimento. – Salvador, 2011. 233 f.
23. Referência: Amancio, F. C. & Souza, P. B. *Obesidade Infantojuvenil: um fator propulsor para o bullying em ambiente escolar*, 2013. Disponível em < <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/obesidade-infantojuvenil-um-fator-propulsor-para-o-bullying-em-ambiente-escolar> >. Acesso em: 06 de abril de 2020.
24. Link: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/23171>
Referência: Pereira, S. I. C., *O lugar do corpo na prática clínica do psicólogo*. Mestrado em Psicologia, Évora, 2018. 112f.
25. Referência: Lustusa, S. W., *Intervenções em grupos com crianças com queixas de comportamentos disfuncionais: uma importante ferramenta de prevenção e promoção em saúde através da interação social mediada*, 2015. Disponível em < <https://psicologado.com.br/abordagens/psicologia-cognitiva/intervencoes-em-grupos-com-criancas-com-queixas-de-comportamentos-disfuncionais-uma-importante-ferramenta-de-prevencao-e-promocao-em-saude-atraves-da-interacao-social-m> > Acesso em 06 de abril de 2020.
26. Link: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/1498>
Referência: Castro, G. S.. *Diálogos e vivências sobre arte e identidade com jovens do Bom Jardim*. 2009. 264f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza-CE, 2009.
27. Link: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/maria_del_pilar.pdf
Referência: Dacal, M. D. P. O. *Significados e sentidos das práticas psicológicas no contexto de um hospital geral: uma construção dos profissionais de saúde* / Maria Del Pilar Ogando Dacal. Salvador, 2012. 214 f.

28. Referência: Alves, A. M. P.. *As teorias do jogo infantil de Vygotsky e Winnicott: uma análise intersubjetiva*. 2013. 166 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/105591>>.
29. Referência: Mateus, C. S. et al. *Desenvolvimento humano: Influências do socioconstrutivismo e do construtivismo*. Disponível em: <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/desenvolvimento-humano-influencias-do-socioconstrutivismo-e-do-construtivismo> > Acesso em: 06 de abril de 2020.
30. Link: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6791>
Referência: Câmara, C. M. F. *Entre arte e sentidos: um estudo sobre os sentidos emergentes no processo de um grupo de arte – identidade*. 2011. 130f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2011.
31. Referência: Elias, C. G., Jacoby, N., *Dificuldade de aprendizagem: Percepções dos professores do ensino fundamental I da Escola Municipal de Educação Básica Figueira*. 2015. Disponível em < <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/dificuldade-de-aprendizagem-percepcoes-dos-professores-do-ensino-fundamental-i-da-escola-municipal-de-educacao-basica-figueira>> Acesso em: 06 de abril de 2020.
32. Montreozol, J. R. *A dialética consciente-insconsciente no desenvolvimento da identidade sexual: aportes sócio-históricos à práxis clínica psicoterápica*. São Paulo, 2019. 203f. Tese de doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
33. Link: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102689>
Referência: Stelmachuck, M. S. L.. *Sentidos do trabalho para idosos em exercício profissional remunerado*. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
34. Link: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/728/o/ANAIS_IV_SEMINARIO_PP_GP_2018.pdf
Referência: Silva, H. L. F.; Toassa, G.; Rodrigues, A. B.. *Anais do IV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Psicologia [Anais de Evento] vol.4 / Lima, Priscilla Melo Ribeiro e Tavares, Naraiana de Oliveira*. - 2018. 153 f.
35. Referência: Silveira, A. *Discursos sobre a saúde na formação de psicólogos*. Palhoça, 2012 – Monografia. Disponível em: < <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/1551> > Acesso em 06 de abril de 2020.
36. Link: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28218>
Referência: Santos, K. A. B.. *Atividade laboral dos oficiais de justiça no Poder Judiciário do Rio Grande do Norte: riscos e precarização*. 2019. 211f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

37. Link: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28341>
Referência: Queiroz, A. H. A. B. *Política de inserção de psicólogos egressos das residências multiprofissionais em saúde na docência*. 2019. 177f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
38. Link: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27390>
Referência: Fidelis, Sinara Thereza dos Santos. *Atividades e biografias laborais de recuperandos da Associação de Proteção e Assistência ao Condenado de Macau/RN: entre o crime e o trabalho*. 2019. 114f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
39. Referência: Coelho, M. O. et al. *Uma experiência psicopedagógica no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HCU)*. In: Conselho Federal de Psicologia Educação Inclusiva: Experiências Profissionais em Psicologia/ Conselho Federal de Psicologia. – Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009. 172 p.
40. Link: <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/3762>
Referência: Gerardo, M. L. S., *Violência doméstica contra as mulheres: Duas Histórias de vida narradas no feminino*. 2014. 151f. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica) – Instituto Universitário (ISPA).
41. Link: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/sem/v39n2/a06.pdf>
Referência: Pracidelli, F. e Rossler, J. H, Critical analysis of the BPSO-96 model of QWL based on A. N. Leontiev's theory of activity. *Semin., Ciênc. Soc. Hum.* [online]. 2018, vol.39, n.2, pp. 181-196.
42. Gonçalves, T. F. *Corpo: forma, movimento e equilíbrio: um olhar interdisciplinar sobre o corpo, a mente e o comportamento humano*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124226>> Acesso em: 07 de abril de 2020.
43. Santos, E. R. *O jogo dos cinco animais como estratégia para o equilíbrio das emoções na escola ou equilíbrio integral do ser*. IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL "A EDUCAÇÃO MEDICALIZADA: DESVER O MUNDO, PERTURBAR OS SENTIDOS" Salvador – Bahia, 2015.
44. Site inválido – citação
45. Link: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/196543>
Referência: Borges, G. S. *Erro médico nas cirurgias plásticas: compreensão do fenômeno da metamorfose da pessoa em paciente para além das fronteiras jurídicas*. Tese apresentada

à Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Direito. 382 f. Porto Alegre, 2013.

46. Livro: Flor, D. *Neurociência para educador: coletânea de subsídios para “alfabetização neurocientífica”*. Baraúna, 2011. – INCOMPLETO.

47. Propostas de PIBIC –Site iInválido.

48. Link: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-31082018-150248/publico/ANACARLARAMOS.pdf>

Referência: Ramos, A. C. *Os afetos que afetam o professor de ensino básico: reflexões para promoção de saúde*. Dissertação à escola de enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2018. 118 f.

49. Link: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5676>

Referência: Paz, A. A. M. A. *As concepções dos profissionais da educação do ensino fundamental (1ª a 4ª séries) do Distrito Federal sobre a saúde na escola: onde está a criatividade?* 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde)—Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

50. Referência: Bottura, L. M. *O uso da atividade guia (brincar) como catalisadora do desenvolvimento do pensamento e da linguagem*. 2016. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/139250>>.

51. Link: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/333953>

Referência: Amaral, T. K. C. T. *Adolescência e a escola pública: fragmentos do elaborar e do perceber dos professores*. 2019. 1 recurso online (90 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP.

52. Link: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13972>

Referência: Faria, P. A.. *Olhares psicopedagógicos: desvendando concepções de aprendizagens de crianças, mães e professores da educação infantil da Eseba, em Uberlândia, Minas Gerais*. 2014. 262 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

53. Link: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/2514>

Referência: Piovesan, A. F. *A neurociência cognitiva no enriquecimento curricular de alunos com altas habilidades/superdotação*. / Angelica de Fatima Piovesan ; orientação [de] Profª. Drª. Simone Silveira Amorim. – Aracaju: UNIT, 2017.

54. Link: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1902>

Referência: Fonseca, V. L. *corporeidade adoecida: os efeitos psicossomáticos na realidade das professoras da educação básica do município de são paulo – 2012 A 2017*. 2019. 142folhas. Dissertação (Educação) - Universidade Metodista de Sao Paulo, São Bernardo do Campo.

	<p>55. Link: http://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/10746 Referência: Santos, O. P. <i>Avaliação da perturbação de hiperatividade e défice de atenção na adolescência</i>. 2012 Mestrado em Necessidades Educativas Especiais – Área de Especialização em Cognição e Motricidade. 157f.</p> <p>56. Link: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8TYJA5 Referência: Campos, D. F. <i>Análise de uma proposta para a disciplina Cálculo Diferencial e Integral Isurgida na UFMG após o REUNI usando o testbench de Engeström comomodelo de aplicação da teoria da atividade em um estudo de caso</i>. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Educação Programa de Pós-graduação em Educação Matemática. 2012, 190f.</p> <p>57. Link: https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/15299 Referência: Bonfim, M. V. S. L. <i>Educação e cultura corporal: um caminho para a reconversão do olhar a partir da ampliação de espaços</i>. - Salvador, 2014. 187f. Tese de doutorado.</p> <p>58. Blog: https://projetomuquecababys.wordpress.com/tag/fracasso-escolar/</p> <p>59. Link: http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6469 Referência: Faler, C. S. <i>Intersetorialidade: a construção histórica do conceito e a interface com as políticas sociais públicas</i> / Camília Susana Faler – 2015. 231 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Serviço Social / Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Porto Alegre, 2015.</p> <p>60. Referência: Silva, A. B. P. <i>Aspectos psicossociais da surdez: a representação social de mães ouvintes</i>. São Paulo: Campinas, 2006. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Ciências Médicas. 276 f.</p>
<p>Psicossomática ou Psicossomatizaç ão + Luria De 2015 à 2020 77 Resultados</p>	<p>1. Link: http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0063.pdf Referência: Lopes, E. M. C. et al. <i>O desenvolvimento psicológico do adulto com deficiência adquirida: contribuições de A. R. Luria na obra O homem com um mundo estilhaçado</i>. Fractal: Revista de Psicologia, v. 28, n. 1, p. 63-68, jan.-abr. 2016.</p> <p>2. Livro: Imaginação ativa pós Livro Vermelho (incompleto)</p> <p>3. Link: https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/6213 Referência: Peixoto, L. A. S. <i>Resultados de bateria neuropsicológica Luria – Nebraska em cidadãos com perturbação de desenvolvimento intelectual</i>. Universidade da Beira Interior – Dissertação de mestrado em Psicologia clínica e da Saúde. Covilhã, 2015.</p> <p>4. Rodrigues, C. M. P. <i>Reabilitação Neurológica: enquadramento histórico, abordagens metodológicas e técnicas de reabilitação neuropsicológica</i>. Disponível em: < https://psicologado.com.br/neuropsicologia/reabilitacao-neurológica-enquadramento-</p>

- [historico-abordagens-metodologicas-e-tecnicas-de-reabilitacao-neuropsicologica](#) >
Acesso em: 08 de abril de 2020.
5. Livro: Dificuldades de coordenação psicomotora na criança: a organização prática e dispraxia infantil. (Incompleto).
6. Macedo, A. F. et al. *Psicologia na medicina*. Coleção Psico, Editora: LIDEL.
7. Ferreira, A. A. P. et al. *Darllav: um jeito divertido de estimular a atenção*, 2016. Disponível em: < <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-clinica/darllav-um-jeito-divertido-de-estimular-a-atencao> > Acesso em 08 de abril de 2020.
8. Angelo, L. M. D. *Psicopatologia na educação: entendendo o TDAH no ambiente escolar*, 2018. Disponível em < <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/psicopatologia-na-educacao-entendendo-o-tdah-no-ambiente-escolar> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
9. Neves, A. M. M. C. *Estudo dos efeitos da aplicação de um programa de promoção da resiliência e de competências sociais e emocionais com crianças em situação de risco da cidade de Tijuana*. Dissertação – Mestre em reabilitação psicomotora. Universidade de Lisboa, 2016, 71f. - <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11933> -.
10. Ketzer, E. N., *Algumas contribuições da neuropsicanálise em casos de traumas psíquicos*. Revista da sociedade de psicologia do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: < <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/166/164> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
11. Aguiar, R. P. *Noção de subjetividade na perspectiva da psicologia social*, 2015. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-social/nocao-de-subjetividade-na-perspectiva-da-psicologia-social>> Acesso em: 08 de abril de 2020.
12. Livro: *Humanização na saúde*, por Fernanda Reis (Incompleto).
13. Torrado, M., Quakinin, S. *Maturação Orbitofrontal, Marcadores Somáticos e Vulnerabilidade Precoce: para uma Hipótese Compreensiva de “Miopia Emocional” na Toxicodependência*. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Mar 2015, Vol. 31 n. 1, pp. 97-104. (Universidade de Lisboa).
14. Silva, A. N. *Transtorno do pânico em alunos universitários e a contribuição clínica da neuropsicologia cognitivo-comportamental*. Disponível em: <https://psicologado.com.br/neuropsicologia/transtorno-do-panico-em-alunos-universitarios-e-a-contribuicao-clinica-da-neuropsicologia-cognitivo-comportamental> > Acesso em 08 de abril de 2020.

15. Torrado, M. Quakinin, S. *Maturação Orbitofrontal, Marcadores Somáticos e Vulnerabilidade Precoce: para uma Hipótese Compreensiva de “Miopia Emocional” na Toxicodependência*. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Mar 2015, Vol. 31 n. 1, pp. 97-104. (Universidade de Lisboa) - Referência repetida.
16. Freitas, J. L.; Arenhart, P. , Abuhamad, M. *Ha dejado el cuerpo en sucasa, se fue a la terapia: el cuerpo según los psicólogos*. Rev. abordagem gestalt. [online]. 2018, vol.24, n.2, pp. 157-166. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672018000200004&script=sci_abstract&tlng=es> Acesso em 08 de abril de 2020.
17. Referência: Boturra, L. M. *O uso da atividade guia (brincar) como catalisadora do desenvolvimento do pensamento e da linguagem*. 2016. . Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/139250>>. - Referência repetida.
18. Barrio, L. L. *Música e o Desenvolvimento infantil*. Psicologado, 2015. Disponível em < <https://psicologado.com.br/abordagens/psicologia-cognitiva/musica-e-o-desenvolvimento-infantil> > Acesso em 08 de abril de 2020.
19. Referência: Lustusa, S. W., *Intervenções em grupos com crianças com queixas de comportamentos disfuncionais: uma importante ferramenta de prevenção e promoção em saúde através da interação social mediada*, 2015. Disponível em < <https://psicologado.com.br/abordagens/psicologia-cognitiva/intervencoes-em-grupos-com-criancas-com-queixas-de-comportamentos-disfuncionais-uma-importante-ferramenta-de-prevencao-e-promocao-em-saude-atraves-da-interacao-social-m> > Acesso em 06 de abril de 2020. - Referência repetida.
20. Teruel, J. R. *A neuropsicologia no contexto escolar*. Psicologado, 2017. Disponível em: < <https://psicologado.com.br/abordagens/psicologia-cognitiva/a-neuropsicopedagogia-no-contexto-escolar>> Acesso em: 8 de abril de 2020.
21. Guapindaia, L. T. *A psicomotricidade como facilitadora no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil*. Psicologado, 2019. Disponível em: < <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/a-psicomotricidade-como-facilitadora-no-processo-de-ensino-e-aprendizagem-na-educacao-infantil> > Acesso em: 8 de abril de 2020.
22. Furtado, G. D., Santos, K. C. S. *Epistemologia do educando cognoscente sob estresse psicológico prolongado: um estudo de caso*. Revista Intersaberes, vol.10, n.20, mai.- ago. 2015, p.467-326. Disponível em: < <https://uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/776/488> > Acesso em 08 de abril de 2020.

23. Guerra, P., Santander, S., Rodriguez, P. *Satisfacción laboral y su relación con el estrés*. CienciAmérica (2017) Vol. 6 (1). Disponível em: < <http://201.159.222.118/openjournal/index.php/uti/article/view/68/53> > Acesso em 08 de abril de 2020.
24. Livro: Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos.
25. Redrigues, A. F. *El impacto de la rehabilitación neuropsicológica en niños con TDAH* (Site inválido para abrir o trabalho) <http://dehesa.unex.es/handle/10662/6497>
26. Santos, R. O.. *A relação homem-trabalho: uma análise sobre o impacto na qualidade de vida*. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.14, nº 1, p. 50-72 TRI I 2020. Disponível em: < <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/1006/800> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
27. Miranda, M. C. et al. *Neupsilin-Inf em um Modelo de Avaliação Neuropsicológica Breve para Centros de Saúde*. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 23, n. 1, p. 95-108, jan./mar. 2018. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v23n1/2175-3563-pusf-23-01-95.pdf> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
28. Pracidelli, F. Rossler, J. H. *Critical analysis of the BPSO-96 model of QWL based on A. N. Leontiev's theory of activity*. Semin., Ciênc. Soc. Hum. [online]. 2018, vol.39, n.2, pp. 181-196. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1676-54432018000200006&script=sci_abstract&tlng=en > Acesso em: 08 de abril de 2020.
29. Holanda, A. F., Moreira, J. S. *Fenomenologia, organismo e vida: uma introdução à obra de Kurt Goldstein*. International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics, 2017.
30. Vitorino, M. *As principais dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais*. Psicólogo, 2019. Disponível em: < <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/as-principais-dificuldades-de-aprendizagem-nos-anos-iniciais> > Acesso em 08 de abril de 2020.
31. Jacinto, J. I. A. *Intervenção Psicomotora na QInesis*, Relatório de Estágio elaborado com vista à obtenção do Grau de Mestre em Reabilitação Psicomotora. Universidade de Lisboa, 2018, 165 f. Disponível em: < <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/18238> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
32. Link: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/23171>
Referência: Pereira, S. I. C., *O lugar do corpo na prática clínica do psicólogo*. Mestrado em Psicologia, Évora, 2018. 112f. - Referência repetida.

33. Citação – Inválido.
34. Falcão, L. M. G. *Música e processamento auditivo: interrelações, conceitos e práticas* / Lília Maria Gomes Falcão. _ Salvador, 2016. 178 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Música. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/21600> > Acesso em 08 de abril de 2020.
35. Silva, K. K. Ç. G *Perfil neuropsicológico de crianças diabéticas com alteração de aprendizagem*. 2016. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em < <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/9642> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
36. Livro: Manual do exame psíquico: uma introdução prática à psicopatologia (Incompleto)
37. Leitura e Escrita no processo da alfabetização de criança com dislexia (Site inválido).
38. Semedo, C. F. F. R. (2017). *Funções executivas, ansiedade e satisfação com a vida: Um estudo com idosos*. (Dissertação de Mestrado), Universidade Portucalense, Portugal. Disponível no Repositório UPT, <http://hdl.handle.net/11328/1875>
39. Oliveira, M. H. *A infância institucionalizada e as dificuldades de aprendizagem: uma revisão de literatura*. Psicologado, 2016. Disponível em: < <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/a-infancia-institucionalizada-e-as-dificuldades-de-aprendizagem-uma-revisao-de-literatura> > Acesso em 08 de abril de 2020.
40. Link: <https://repositorio.ufms.br:8443/jspui/handle/123456789/2700>
Referência: Krugmann, T. F. *Histórias de vida de professores em processo de readaptação funcional*. Minas Gerais: Campo Grande, 2015, 156 f. (Dissertação). - Referência repetida.
41. Nápoles, R. A. L. . *Contribuições da psicanálise para um novo enfoque na relação fisioterapeuta – paciente*. 2015. 120 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)— Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19661> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
42. Diniz, T. M. G., 1974- *O psicólogo clínico na Unidade de Neuropsicologia do CHPL* / Teresa Maria Gonçalves Diniz ; coordenado por Tânia Gaspar Sintra dos Santos ; supervisionado por Túlia Rute Maia Cabrita ; orientado por Manuel Carlos do Rosário Domingos. - Lisboa : [s.n.], 2016. - Relatório de estágio do Mestrado em Psicologia

Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa. Disponível em: <<http://dspace.lis.ulusiada.pt/handle/11067/2622>> Acesso em: 08 de abril de 2020.

43. Livro: O que é grafologia (Incompleto)

44. Frazão, A. M. S. *Intervenção Psicomotora com Adultos com Doença Mental no Grupo de Intervenção e Reabilitação Activa*. Relatório de Estágio elaborado com vista à obtenção do Grau de Mestre em Reabilitação Psicomotora. Universidade de Lisboa, 2015, 110 f. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/10901>> Acesso em: 08 de abril de 2020.

45. Castro, K. K. C. *Funcionamento Cognitivo-Emocional em Doentes Oncológicos: Mulheres com Cancro Mamário e Ginecológico*. UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR Ciências Sociais e Humanas, Tese para obtenção do Grau de Doutor em Psicologia, Covilhã, 2014. 274 f. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/6319>> Acesso em: 08 de abril de 2020.

46. Franciscioni, L. A. *Ensino da arte na educação infantil na perspectiva da matriz historico-cultural: Os interstícios do ser e vir-a-ser professora da arte*. Dissertação/Unopar, Londrina, 2016. 188f.

47. Lourenço, A. M. *Estágio de Psicomotricidade em contexto de Lar de Infância e Juventude e Centro de Atividades de Tempos Livres Relatório de Estágio elaborado com vista à obtenção do Grau de Mestre em Reabilitação Psicomotora*. Universidade de Lisboa Faculdade de Motricidade Humana. 111f. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11979>> Acesso em: 08 de abril de 2020.

48. Marcadores cognitivos e prática esportiva em jovens de 10 à 13 anos nos diferentes estágios maturacionais. (Site Inválido).

49. Lima, T. O. *A influência dos estilos cognitivos no desenvolvimento de habilidades imagéticas em um programa experimental*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Cognitiva. Recife, 2015. 107 f.

50. Actas do 11º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde Organizado por Isabel Leal, Cristina Godinho, Sibila Marques, Paulo Vitória e José Luís Pais Ribeiro 2016, Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde.

51. Lima, T. O. *A influência dos estilos cognitivos no desenvolvimento de habilidades imagéticas em um programa experimental* / Tiago Oliveira de Lima. – Recife: O autor, 2015. Disponível em: < <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/26573> > Acesso em: 08 de abril de 2020. Referência repetida.
52. Gomes, T. D. S. *Estresse ocupacional, um fenômeno coletivo: evidências da manifestação em equipes de trabalho*. 2017. viii, 129 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31423> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
53. Montreozol, J. R. *A dialética consciente-insconsciente no desenvolvimento da identidade sexual: aportes sócio-históricos à práxis clínica psicoterápica*. São Paulo, 2019. 203f. Tese de doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Referência repetida.
54. Projeto Pedagógico do curso de medicina – Descartado.
55. Gonçalves, B. G. T. *Intervenção Psicomotora na CERCICA – CerMov*. Universidade de Lisboa Faculdade de Motricidade Humana. (Dissertação) 2017, 125f. Disponível em: < <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/14069> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
56. Malheiro, S. F. L. *Intervenção Psicomotora em Saúde Mental em Contexto Sócio Ocupacional*, Universidade de Lisboa Faculdade de Motricidade Humana. (Dissertação) 2016, 76f. Disponível em: < <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11942> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
57. Raimundo, M. S. G., 1995 - *Funções neuropsicológicas nos idosos* / Marta Sofia Gomes Raimundo ; orientado por Túlia Rute Maia Cabrita. - Lisboa : [s.n.], 2018. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa. Disponível em: < <http://dspace.lis.ulusiada.pt/handle/11067/4429> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
58. Albano, D. P. D. *Subjetividade em pacientes crônicos renais: uma perspectiva Histórico-Cultural*. 2016. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/9657> > Acesso em 08 de abril de 2020.
59. Link: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/728/o/ANAIS_IV_SEMINARIO_PP_GP_2018.pdf
Referência: Silva, H. L. F.; Toassa, G.; Rodrigues, A. B. Anais do IV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Psicologia [Anais de Evento] vol.4 / Lima, Priscilla Melo Ribeiro e Tavares, Naraiana de Oliveira. - 2018. 153 f. - Referência repetida.

60. Obana, J. E. G. *A epistemologia e a psicologia de Jean Piaget e as neurociências uma revisão sistemática* / João Enzio Gomes Obana. – 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Programa de PósGraduação em Educação. Marília - SP, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123932> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
61. Projeto pedagógico do curso de Psicologia – Descartado
62. Edital de concurso – Descartado
63. Silva, J. C. *Sintomas psicopatológicos e a resiliência em adultos com perturbação da aprendizagem específica com déficit da leitura (PAE-DL)*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde. Covilhã, 2018. Disponível em: < <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/9917> > Acesso em 08 de abril de 2020.
64. Edital de concurso – Descartado
65. Livro: Iridologia-Dificuldades de aprendizagem: áreas cerebrais da íris (Incompleto)
66. Link: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-13062019-102911/publico/gazzotti_corrigida.pdf
Referência: Gazzotti, D. *Afetividade, emoção e vínculo nas relações escolares: uma perspectiva Histórico-Cultural*. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.47.2019.tde-13062019-102911. Acesso em: 06-04-20. - Referência repetida.
67. Botelho, R. P. D. *Intervenção Psicomotora em Saúde Mental em Contexto Hospitalar – Centro Hospitalar Trás-os-Montes e Alto Douro*, EPE. Relatório de estágio elaborado com vista à obtenção do Grau de Mestre em Reabilitação Psicomotora. Universidade de Lisboa, 2016. 150f. Disponível em: < <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11981> > Acesso em: 08 de abril de 2020.
68. Assis, L. G. C.. *O trabalho dos analistas judiciais no TRE/MA: análise do impacto do trabalho na subjetividade e nas condições de saúde*. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Maranhão, [São Luís] Disponível em: < <https://tede2.ufma.br/jspui/handle/tede/1791> > Acesso em 08 de abril de 2020.
69. Pinto, V. L. M. *Caracterização do perfil cognitivo de idosos portugueses, analfabetos e institucionalizados – o contributo do Montreal Cognitive Assessment (MoCA)*, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Escola de Psicologia e

Ciências da Vida, Lisboa, 2016. Disponível: < <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/7137>> Acesso em: 08 de abril de 2020.

70. Teixeira, L. E. F. *Intervenção Psicomotora no Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca*. Relatório elaborado com vista à obtenção do grau de Mestre em Reabilitação Psicomotora no Ramo de Aprofundamento de Competências Profissionais. Universidade de Lisboa: faculdade de motricidade humana. 2017, 121f. Disponível em: < <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/14096>> Acesso em: 08 de abril de 2020.

71. Link: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/2514>
Referência: Piovesan, A. F. . *A neurociência cognitiva no enriquecimento curricular de alunos com altas habilidades/superdotação.* / Angelica de Fatima Piovesan ; orientação [de] Prof^a. Dr^a. Simone Silveira Amorim. – Aracaju: UNIT, 2017. - Referência repetida.

72. Livro: Enxaqueca (Incompleto)

73. Edital de concurso – Descartado

74. Livro: Ensaaios sobre a arrogância – Em francês (Incompleto)

75. Cunha, E. C. . *A psicomotricidade na educação infantil: Resignificação de práticas pedagógicas*. 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Educação Escolar, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016. Disponível em: < <http://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/874>> Acesso em: 08 de abril de 2020.

76. Araujo, C. G. Jr.. *O conservadorismo achacoso da linguagem jurídica*. 2018. 87 f. Dissertação (Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: < <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/3523>> Acesso em: 08 de abril de 2020.

77. Simões, P. N. A. *Avaliação psicobiológica da responsabilidade criminal em homicidas sexuais*. Universidade de Évora, 2016 – Tese de doutorado em Psicologia. Disponível em: < <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/23155>> Acesso em: 08 de abril de 2020.

APÊNDICE C - Resultado quantitativo da pesquisa bibliográfica realizada nas bases de dados da SciELO, Lilacs e Medline.

SciELO	Resultados
Psicossomatização ou Psicossomática	92 artigos
Psychosomatization or Psychosomatic	123 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Psicologia Histórico-Cultural	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Luria	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Vigotski	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Vygotski	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Vigotsky	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Vygotsky	0 artigos
Psychosomatization or Psychosomatic + Luria	0 artigos
Psychosomatization or Psychosomatic + Vigotski	0 artigos
Psychosomatization or Psychosomatic + Vygotsky	0 artigos
Psychosomatization or Psychosomatic + Vygotski	0 artigos
Psychosomatization or Psychosomatic + Vigotsky	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Psicologia	29 artigos
Psychosomatization or Psychosomatic + Psychology	14 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Medicina	32 artigos
Afeto ou afetividade + Vigotski	05 artigos
Afeto ou afetividade + Vigotsky	0 artigos
Afeto ou afetividade + Vygotski	0 artigos
Afeto ou afetividade + Vygotsky	09 artigos
Intelecto ou cognição + Vigotski	03 artigos
Intelecto ou cognição + Vigotsky	0 artigos

Intelecto ou cognição + Vygotski	02 artigos
Intelecto ou cognição + Vygotsky	09 artigos
Psicofísico + Luria	0 artigos
Corpo + Luria	01 artigo
Mente ou cérebro + Luria	02 artigos
Neuropsicologia + Luria	06 artigos

LILACS	Resultados
Psicossomatização ou Psicossomática	335 em Português 70 em Espanhol 16 em Inglês
Psicossomatização ou Psicossomática + Psicologia Histórico-Cultural	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Luria	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Vigotski	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Vygotski	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Vigotsky	0 artigos
Psicossomatização ou Psicossomática + Vygotsky	0 artigos
Psicossomática + Psicologia	135 em Português 24 em Espanhol 04 em Inglês
Psicossomatização ou Psicossomática + Medicina	187 em Português 68 em Espanhol 12 em Inglês
Afeto ou afetividade + Vigotski	02 em Português
Afeto ou afetividade + Vigotsky	0 artigos
Afeto ou afetividade + Vygotski	0 artigos
Afeto ou afetividade + Vygotsky	08 em Português
Intelecto ou cognição + Vigotski	0 artigos
Intelecto ou cognição + Vigotsky	0 artigos

Intelecto ou cognição + Vygotski	02 em Português
Intelecto ou cognição + Vygotsky	15 em Português
Psicofísico + Luria	0 artigos
Psicofisiologia + Luria	02 em Português
Corpo + Luria	04 em Português
Mente ou cérebro + Luria	09 em Português 02 em Espanhol
Neuropsicologia + Luria	19 em Espanhol 12 em Português 4 em Inglês
Mente ou cérebro + Corpo + Luria	01 em português
Mente ou cérebro + Vygotsky (com outras variações do nome Vygotsky, 0 artigos)	04 em Português
Psicofisiologia + Vygotsky (com outras variações do nome Vygotsky, 0 artigos)	01 em Português

MEDLINE	Resultados
Mente ou cérebro + Luria	39 em Inglês 11 em Russo 04 em Francês 04 em Japonês 02 em Espanhol 02 em Italiano 01 em Norueguês 01 em Português 01 em Chinês
Psicossomatização ou Psicossomática + Luria	0 artigos
Psicofísico + Luria	0 artigos
Psicofisiologia + Luria	01 em Inglês
Corpo + Luria	33 em Inglês 03 em Russo 01 em Alemão 01 em Francês 01 em Japonês 01 em Português
Mente ou cérebro + Corpo + Luria	04 em Inglês 02 em Russo
Neuropsicologia + Luria	27 em Inglês 03 em Espanhol

	01 em Alemão
Psicologia + Medicina + Luria	10 em Inglês 01 em Espanhol 01 em Russo
Vigotski	02 em Português
Vygotski	01 em Português 01 em Russo
Vigotsky	08 em Inglês 02 em Espanhol 02 em Português 01 em Russo
Vygotsky	158 em Inglês 09 em Português 02 em Espanhol 01 em Francês 01 em Italiano 01 em Japonês 01 em Russo
Vygotsky + Cognição	10 em Inglês
Mente ou cérebro + Vygotsky	01 em Inglês
Psicossomática + Vygotsky	0 artigos
Corpo + Vygotsky	02 em Inglês (Estudo de caso)
Psicofisiologia + Vygotsky	01 em Inglês

APÊNDICE D - Tabela dos artigos excluídos das combinações das palavras-chaves

Artigos excluídos dos descritores: Psicossomática (ou psicossomatização) + Psicologia. Autor (es) /Autora (s) – título – ano	Critério de exclusão
Borsoi, Izabel Cristina Ferreira. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior, 2012.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicossomática” é citada apenas uma vez.
Carvalho, Maria Margarida. Psico-oncologia: história, características e desafios, 2002.	Aborda o tema da psicossomática de modo marginal.
Marinho, Patrícia Érika de Melo. Refletindo sobre a expressividade da dor e a relação terapeuta-paciente, 2005.	Aborda o tema de modo marginal apenas no final, trazendo mais uma visão da Medicina do que da Psicologia.

Antonio Carlos Simões, Paulo Felix Marcelino Conceição, José Alberto Aguilar Cortez. Psicossociologia do esporte: Um jogo paradoxal de forças inconscientes, 2009.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicossomática” é citada uma vez no corpo do artigo.
Paulo Roberto Mattos. Algumas considerações sobre um dispositivo de assistência à saúde, 2008.	Aborda o tema da psicossomática de modo marginal.
Carvalho, Denis Barros de. Psicologia da saúde crítica no contexto hospitalar, 2013.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicossomática” é citada uma vez.
Barison, Osvaldo Luís. Caboclo na cidade, 2014.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicossomática” é citada uma vez.
Pecanha, Dóris Lieth; KARIEL, Marcela de Souza; BENZE, Benedito Galvão. Teste das fábulas: estudo em psicossomática, 2014.	Trata-se de validação de teste.
Nogueira Neves, Angela; Mayumi Hirata, Karina; Gomes Cunha Fernandes Tavares, Maria da Consolação. Imagem corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física, 2015.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicossomática” é citada apenas uma vez.
Ambra, Pedro, Silva, Nelson da e Laufer, Laurie. O ser sexual só se autoriza por si mesmo e por alguns outro, 2019.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicossomática” somente aparece na especialidade dos autores, não do decorrer do artigo.
Paulo Roberto Mattos da Silva Maria Silveira da Rocha. O ato médico e a subjetividade, 2008.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicossomática” somente aparece na especialidade dos autores, não do decorrer do artigo.
M.A.J. Mac Fadden, A.V. Ribeiro. Aspectos psicológicos e hipertensão essencial, 1998.	Aborda o tema da psicossomática de modo marginal.
Cecília Maeda, José Eduardo Martinez, Matilde Neder. Efeito da Eutonia no Tratamento da Fibromialgia. 2005.	Aborda o tema da psicossomática de modo marginal.
Marisa Campio Müller. Psicodermatologia: uma Interface entre Psicologia e Dermatologia, 2004.	Não aborda sobre o tema da psicossomática.
Pedro Ambraa, Clarice Pimentel Paulon. O analista é o historiador: verdade, interpretação e perplexidade, 2018.	Não aborda sobre o tema da psicossomática.
Ângela Vorcaro, Ariana Lucero. A criança e a debilidade mental: uma abordagem lacanianiana, 2011.	Aborda o tema da psicossomática de modo marginal.
Káthia Regina Ferreira D`Campos Corrêa, Marília Martins Vizzotto, Alexandre Faisal Cury. Avaliação da eficácia adaptativa de mulheres e homens inseridos num programa de fertilização in vitro, 2007.	Não aborda sobre o tema da psicossomática.
Terezinha de Souza Agra Belmonte1; Ricardo Luiz Ramos; Felismina Rosa Parreira Mendes; Antônio Carlos Ribeiro Garrido Iglesias. Um estudo sobre a amizade	Aborda o tema da psicossomática de modo marginal.

como estratégia pedagógica: o significado dado por estudantes de medicina, 2017.	
Alba Regina Nemer Bergmann, Laura Vilela e Souza, Fabio Scorsolini, Manoel Antônio dos Santos. A vida por um fio: percepções sobre o implante de marca-passo cardíaco permanente, 2015.	Não aborda sobre o tema da psicossomática.
José Atílio Bombana, Cristiane Curi Abud, Ricardo Almeida Prado. Assistência e ensino de psicoterapia no Programa de atendimento e estudos de somatização (PAES-UNIFESP), 2012.	Aborda o tema da psicossomática de modo marginal.
Danilo Saretta Veríssimo, Elizabeth Ranier Martins do Valle. Grupos de sala de espera no apoio ao paciente somático, 2005.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicossomática” é citada uma vez.
Decio Gurfinkel. Sono e sonho: dupla face do psicossoma. 2003.	O tema da psicossomática não era principal, apesar de aparecer no artigo.
Décio Gilberto Natrielli Filho, Décio Gilberto Natrielli. A integração da pesquisa e prática clínica em psicologia médica, 2010.	Aborda o tema da Psicologia psicossomática de modo marginal.
Valdemar Auguto Angerami-Camon. De como Saber também é Amor, 2004.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicossomática” é citada uma vez.
D. Bouça, D. Sampajo, J.C. Dias Cordeiro. A anorexia nervosa em psicossomática, 1992.	Aborda o tema da Psicologia de modo marginal.
Graça Cardoso, J. Dias Cordeiro. Investigação psicossomática na cardiopatia isquêmica, 1992.	Aborda o tema da Psicologia de modo marginal.

Artigos excluídos dos descritores: Neuropsicologia + Luria Autor (es) /Autora (s) – título – ano	Critério de exclusão
Mateus Silvestrin, Ricardo Franco de Lima Fernanda Lima, Patrícia Abreu Pinheiro Crenitte, Sylvia Maria Ciasca. Evidências de Validade do Teste Luria-Nebraska para Crianças: Relações com Escolaridade e Inteligência, 2015.	Trata-se de validação de teste.
Riechi, Tatiana Izabele J, Moura-Ribeiro, Maria Valeriana L. e Ciasca, Sylvia Maria. Impacto do nascimento pré-termo e com baixo peso na cognição, comportamento e aprendizagem de escolares, 2011.	Trata-se de aplicação de teste.
Gisele Toassa. Conceito de consciência em Vigotski, 2006.	Aborda o tema da Neuropsicologia de modo marginal.
Patrícia Abreu Pinheiro Crenitte, Adriana de Souza Batista; Luciana Silva; Ricardo Franco de Lima; Sylvia Maria Ciasca. Estudo piloto de adaptação da bateria	Trata-se de aplicação de teste.

neuropsicológica Luria-Nebraska para crianças (LNB-C), 2011.	
Rosana do Carmo Novaes Pinto & Ana Paula Santana. Semiologia das afasias: uma discussão crítica, 2009.	Não aborda o assunto na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.
Livia Maria Martins Pontes, Maria Martha Costa Hübner. A reabilitação neuropsicológica sob a ótica da psicologia comportamental, 2008.	Não aborda o assunto na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.
Rafaela Júlia Batista Veronezi, Benito Pereira Damasceno, Yvens Barbosa Fernandes. Funções psicológicas superiores: origem social e natureza mediada, 2012.	Não aborda sobre o assunto da Neuropsicologia.
Antunha, Elza Lima Gonçalves. Neuropsicologia e aprendizagem, 1993.	O tema da Neuropsicologia não era principal, apesar de aparecer no artigo.

Artigos excluídos dos descritores: Psicofisiologia + Luria Autor (es) /Autora (s) – título – ano	Critério de exclusão
Sônia das Dores Rodrigues; Sylvia Maria Ciasca. Aspectos da relação cérebro-comportamento: histórico e considerações neuropsicológicas, 2010.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicofisiologia” é citada uma vez.
José Lino Oliveira Bueno. Corpo, consciência e psicologia, 1997.	Não é da abordagem da Psicologia Histórico-Cultural.

Artigos excluídos dos descritores: Psicofisiologia + Vigotski Autor (es) /Autora (s) – título – ano	Critério de exclusão
Hamilton Viana Chaves, Osterne Nonato Maia Filho, Juliano Cordeiro da Costa Oliveira, Francisco Edmar Pereira Neto. Contribuições de Baruch Espinosa à teoria Histórico-Cultural, 2012.	Não aborda sobre o assunto. A palavra “psicofisiologia” é citada uma vez.

APÊNDICE E - Quadro contendo: Referência, objetivo, metodologia, referencial teórico, resultados obtidos e conceito de psicossomática, dos artigos selecionados.

SciELO	Referência	Objetivo	Metodologia	Referencial teórico	Resultados obtidos	Conceito de psicossomática
1	Rabelo, L. D. B. C. Silva, J. M. A. Lima, M. E. A. . <i>Trabalho e Adoecimento Psicossomático: Reflexões sobre o Problema do Nexo Causal</i> . <i>Psicol. cienc. prof.</i> [online]. 2018, vol.38, n.1, pp.116-128. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932018000100116&script=sci_abstract&tlng=pt > Acesso em: 06 de mai. de 2020.	Trazer uma reflexão a respeito da relação entre fatores patogênicos presentes na organização de trabalho e o desenvolvimento de doenças psicossomáticas em trabalhadores, bem como os limites teóricos e metodológicos que envolvem a temática (Trecho do resumo).	Estudo de caso.	Biopsicossocial.	Conclui-se uma possível relação entre o adoecimento apresentado pela trabalhadora em questão e as exigências impostas pelo seu trabalho.	Neste artigo, eles entendem que a psicossomatização é a “passagem da angústia vivenciada no contexto laboral para sintomas físicos” (p.124), para as autoras do artigo a Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES) pode estar relacionada com a psicossomática pois pode ser entendida como um adoecimento desencadeado por uma situação estressante.
2	Barbosa, R. F., Duarte, C. A. M., Santos, L. P. <i>Psicossomática, gestação e diabetes: um estudo de caso</i> . <i>Psicologia: ciência e profissão</i> . vol.32 n.2 Brasília, 2012. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200014 >	Analisar os aspectos psicológicos da gestação associados aos traços de personalidade típicos do paciente diabético.	Estudo de caso	Psicanálise winnicottiana	Pôde-se constatar alguns mecanismos típicos do diabético, que se revelaram tanto através das observações do modo de funcionamento nas relações da paciente quanto de sua relação transferencial com a psicóloga.	“O processo de somatização consiste, basicamente, manifestação de conflitos e angústias por meio de sintomas corporais (Coelho & Ávila, 2007)” (p. 476). “Entendemos o termo psicossomático como toda perturbação física resultante de um conteúdo psicológico que interfere na gênese da doença” (p. 476). “Segundo Mello (1994), toda doença humana é psicossomática, já que incide em um ser constituído de soma e psique, inseparáveis anatômica e

	Acesso em: 6 de mai. de 2020.					funcionalmente” (p. 476). “Quando a dor psíquica e o conflito psíquico oriundos de uma fonte de estresse ultrapassam a capacidade habitual de tolerância, em vez de serem reconhecidos e elaborados, podem ser descarregados em manifestações somáticas, remetendo a uma falha na capacidade de simbolização e de elaboração mental.” (p. 476).
3	Bocchi, J., Salinas, P. Gorayeb, R. <i>Ser mulher dói: relato de um caso clínico de dor crônica vinculada à construção da identidade feminina.</i> Rev. Latino-americana de psicopatologia fundamental. vol.6 no.2 São Paulo Apr./June 2003. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142003000200026 > Acesso em: 6 de mai. de 2020.	Discutir o alcance da linguagem sobre o corpo, a presença de aspectos inconscientes na formação de sintomas físicos e a relação entre queixa somática e história afetiva.	Estudo de caso.	Psicanálise lacaniana	A cura não efetiva somente do tratamento médico, indica que há uma relação entre o orgânico e o psíquico. “Observamos na prática clínica determinadas afecções em que os sintomas corporais mantêm afinidade com significações recortadas no discurso do sujeito, evocando para sua compreensão uma concepção simbólica de corpo, como uma potência expressiva, dotada da capacidade de	Psicossomática, como um efeito do inconsciente. “Na perspectiva lacaniana, ao falarmos em efeito patógeno ou terapêutico da linguagem no corpo, à medida que o inconsciente se estrutura como linguagem, não haveriam doenças psicossomáticas, mas sujeitos com lesões psicossomáticas, como um modo singular de resposta de cada sujeito. Na lesão psicossomática, a libido está corporificada, contrariando a visão psicologizante do sujeito, que pressupõe que este teria controle sob a manifestação psicossomática, podendo alterá-la com sua mudança de humor ou mesmo por meio de uma intenção consciente” (p. 33). (Lesão Psicossomática: “O sujeito fica paralisado em apenas um significante e não consegue encontrar sentido no circuito da linguagem” (Ref. Fenômenos psicossomáticos: o

					transpor conflitos psíquicos para o plano somático”. (p. 33).	manejo da transferência Por Ingrid de Figueiredo Ventura).
4	Coelho, C. L. S.; Avila, L. A. <i>Controvérsias sobre a somatização</i> . Rev. psiquiatr. clín, São Paulo, v. 34, n. 6, p. 278-284, 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000600004&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 12 de Maio de 2020.	Realizar uma revisão sistemática sobre o tema somatização na área médica.	Revisão de literatura.	Médico.	As ‘somatizações’ recebem diferentes terminologias, o que segundo o autor, dificulta o tratamento, e reflete que o estudo da medicina sobre as somatizações, tem se dado de forma fragmentada.	De modo geral, o artigo entende que a somatização é uma manifestação corporal da angústia e que pode vir acompanhado de outros sintomas clínicos.
5	Ferreira, V. R. T.; Muller, M. C., Jorge, H. Z. <i>Dinâmica das relações em famílias com um membro portador de dermatite atópica: um estudo qualitativo</i> . Psicol. estud. [online]. 2006, vol.11, n.3, pp.617-625. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722006000300018&script=sci_abstract&tlng=pt > Acesso em 6 de mai. de 2020.	Investigar a dinâmica relacional de famílias com um portador de dermatite atópica (p. 618)	Pesquisa de campo.	Familiar - sistêmica	A criança com dermatite é cercada por constante atenção, o que pode limitar sua atividade, e a família fica todo tempo preocupada com a iminência dos sintomas, o que gera um ambiente eestresseor. Nota-se que todo o sistema de regras e de liberdade da família é alterado por conta dos sintomas,	“sintoma psicossomático adquire as características de uma comunicação, coerente com as modalidades e regras de funcionamento do sistema em que se manifesta (Onnis, 1990)”. (p. 620).

					entende-se como os sintomas passam a ser uma forma de comunicação das relações familiares, há a hipótese de que as crianças com dermatite, utiliza-se dos seus sintomas para manipular seus pais, e obter ganhos.	
6	<p>Clemente, J. P. L. Peres, R. S. <i>Funcionamento psíquico e manejo clínico de pacientes somáticos: reflexões a partir da noção de desafetação</i>. Psicol. clín. [online]. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652010000200005&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 6 de mai. de 2020.</p>	<p>Apresentar um panorama, em termos teóricos e clínicos, da concepção psicossomática de Joyce McDougall.</p>	<p>Teórica conceitual.</p>	<p>Psicanálise influência da escola psicossomática de Paris.</p>	<p>O profissional também deve reconstruir a história dos pacientes, colocando-a em uma cadeia simbólica, com o objetivo de promover a possibilidade de expressão das emoções que não foram vivenciadas originalmente. Será imposto o desafio ao psicólogo de “funcionar como um filtro – sendo, assim, capaz de regular o fluxo de excitações, que</p>	<p>A psicossomática aparece relacionada ao conceito de desafetação, que remete a incapacidade do paciente lidar com suas próprias emoções, isto decorre da relação díade mãe-bebê. A desafetação desencadeia uma “incapacidade quase total de manter contato com as emoções próprias e alheias” (p. 60).</p>

					tende a desencadear descargas corporais em função da inviabilidade, associada à desafetação, e de recorrer às palavras para torná-lo dizível” (p.57).	
7	Dias, H. Z. J. et al. <i>Relações visíveis entre pele e psiquismo</i> : um entendimento psicanalítico. <i>Psicol. clin.</i> , Rio de Janeiro , v. 19, n. 2, p. 23-34, dez. 2007 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200002&lng=pt&nrm=iso >. acessos em 6 mai. 2020.	Abordar o estudo do adoecimento da pele no seu aspecto relacional, através das teorias de Winnicott, Anzieu e McDougall.	Teórica	Psicanálise Não tem vertente... traz a explicação dos três autores da Psicanálise...	Winnicott, dá bastante importância ao ambiente inicial, ou à matriz de identidade configurada quando do nascimento e desenvolvimento inicial da criança. (p. 33) McDougall enfoca a importância dos impulsos agressivos Anzieu traz o adoecimento de pele como que representando na superfície os conflitos de ordem interna: um funcionamento bastante primitivo em termos de	McDougall (1978/1989) chamou de eclosões psicossomáticas, quando a vivência dos afetos pode ser tão desagregadora que exceda a elaboração psíquica. [...] a saída psicossomática quando da impossibilidade de resolução do conflito em nível mental o adoecimento orgânico, ou o que se chama de transtorno psicossomático (p. 24 - 25).

					organização defensiva e de modelos de relação objetal. (p.33).	
8	Silva, M. A. M.; Queiroz, M. S. <i>Somatização em migrantes de baixa renda no Brasil</i> . <i>Psicol. Soc.</i> , Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 31-39, Abr. 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100005&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 07 Mai. de 2020.	Compreender o entrelaçamento da cultura com reações psicológicas de indivíduos expostos ao processo de migração e estabelecer relações entre o fenômeno da migração e adoecimento psicossomático.	Pesquisa de campo	Psicologia social eclética. “A perspectiva habermasiana realiza a síntese do funcional-estruturalismo, do interacionismo simbólico e do materialismo histórico” (p.32).	Tal situação diz respeito ao despreparo do meio urbano de destino para receber os migrantes. A falta de segurança social, emprego e solidariedade, aliada a um excesso de ameaças provenientes deste meio são notórios conspiradores contra o equilíbrio psicossomático dessas pessoas (p. 38)	O artigo não deixa claro o conceito de psicossomática, mas por vezes apresenta a necessidade de compreendê-lo a partir de visão psicossocial.
9	Avila, L. A.; Terra, J. R. <i>Histeria e somatização: o que mudou?</i> . J. bras. psiquiatr., Rio de Janeiro, v. 59, n. 4, p. 333-340, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000400011&lng=e >	Propor um questionamento sobre o enfoque que se tem dado à histeria num contexto de classificações diagnósticas progressivamente mais técnicas e restritivas.	Revisão de literatura.	Psicanálise freudiana e Medicina	A substituição do termo histeria por diversos outros termos, indica uma tentativa de classificar e quantificar os adoecimentos, colocando em destaque o	Não há de forma explícita uma explicação do que seria psicossomática.

	n&nrm=iso>. Acesso em 07 Mai. de 2020.				neurofisiológico e não o psicodinâmico. Conclui-se que “são urgentes estudos que permitam compreender a plasticidade dos sintomas do que antes era denominado “histeria” (e hoje recebe, principalmente, o rótulo de “somatização)” (p. 339).	
10	Filgueiras, M. S. T. et al. <i>Avaliação psicossomática no câncer de mama</i> : proposta de articulação entre os níveis individual e familiar. Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 24, n. 4, p. 551-560, Dez. 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000400014&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 08 Mai. de 2020.	Não há um objetivo explícito. Mostrar um outro modo de avaliar o adoecimento e de refletir sobre algumas questões que podem ser pensadas por encontrarem-se no âmago do processo de adoecimento do ser humano (Trecho retirado do resumo)	Estudo de caso.	Psicanálise influência da escola psicossomática de Paris.	Destacou-se o fato de que o desempenho deficiente da função materna nos primórdios da vida pode comprometer a saúde do sujeito, visto que ela constitui o suporte da subjetividade e das relações do indivíduo com os outros. Mostrou-se, também, a importância do	“[...] o adoecimento somático encontra-se vinculado a um excesso de excitação, por trauma ou perda, excesso esse que o sujeito não se encontra capaz de elaborar ou metabolizar, permanecendo como sombra e escoando para o corpo” (p.557). O conceito de psicossomática é relacionado com os estudos de Marty, em que se destaca a vida operatória e a depressão essencial além disso, há um foco na relação relação mãe-bebê: “pretendeu-se enfatizar a importância da função materna na constituição do equilíbrio psicossomático do sujeito, especialmente no que concerne à qualidade das representações na

					grupo familiar como continente das angústias atuais e daquelas mais primitivas, reatualizadas, muitas vezes, pelos embates que ocorrem ao longo da vida” (p.559).	disposição do indivíduo e no gerenciamento das excitações pulsionais normais e traumáticas.” (p. 559).
11	Galvan, G. B.; Amiralian, M. L. T. M. <i>Corpo e identidade: reflexões acerca da vivência de amputação</i> . Estud. psicol. (Campinas), Campinas, v. 26, n. 3, p. 391-398, Set. 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000300012&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 08 Mai. de 2020.	Refletir acerca das consequências psíquicas que o processo de amputação causou em alguns pacientes.	Estudo de casos.	Psicanálise winnicottiana	“Essas mudanças remetem à necessidade de reformulações em sua identidade para incluir esta nova dimensão de experiência. A dificuldade em realizar a elaboração imaginativa desta perda pode tornar a amputação um acontecimento não integrado na vida de uma pessoa, com consequências prejudiciais à sua saúde e ao seu desenvolvimento” (p.397).	Para esta perspectiva saúde seria uma satisfatória indissociação entre corpo e psique, ou seja, uma satisfatória integração psicossomática. Apresenta um conceito de psicossomática relacionada à saúde, entende-se que nossos seres psicossomáticos.

12	Silva, J. D. T. ; Muller, M. C. <i>Uma integração teórica entre psicossomática, estresse e doenças crônicas de pele.</i> Estud. psicol. (Campinas), Campinas , v. 24, n. 2, p. 247-256, Jun 2007 . Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000200011&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 08 Mai. 2020.	Reunir informações da teoria do estresse e das pesquisas realizadas na área de dermatologia, que consideram os aspectos psicossociais que influenciam na doença de pele. Pensar em diferentes possibilidades de tratamentos que contribuam para uma melhor qualidade de vida dos portadores de doenças crônicas de pele (Trecho do resumo).	Teórica	Medicina psicossomática.	Dentre as possibilidades que podem contribuir para a complementação da abordagem desses pacientes está o processo psicoterapêutico que permite oferecer uma visão mais abrangente do processo de saúde e doença.	Não traz uma compreensão clara em torno do conceito de psicossomática. Mas em alguns momentos criticam essa terminologia por considerarem que ela não é capaz de expressar toda a integralidade do ser humano, e nem a unidade que há entre mente-corpo.
13	Alves, V. L. P. et al . <i>Emoção e soma (des)conectadas em páginas de revista: as categorias temáticas do discurso prescritivo sobre os fenômenos da vida e da doença.</i> Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 18, n. 2, p. 537-543, Feb. 2013 . Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000200025&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 08 May 2020.	Clarificar como esta conexão mente e corpo é conceituada e prescrita nessas páginas de revista de auto ajuda.	Revisão de literatura. (foram analisadas seis matérias da revista brasileira de saúde – Viva Saúde – publicadas entre agosto de 2005 e fevereiro de 2006.)	Pós-moderno Autor: Foucault	Conclui-se que “orientar as pessoas a em que e em como pensar, sentir e agir parece estar sendo a função da mídia” (p.542). E neste cenário, há a separação psíquica, como por exemplo entre emoção e cognição.	Ao tratar da psicossomática, essa revista considera que esse adoecimento tem como causa, ou pelo menos como influência, os fatores emocionais, que desencadeiam um adoecimento orgânico, alguns exemplos de doenças psicossomáticas nesta revista são, asma, hipertensão e as dermatites. Os fatores emocionais que desencadeiam a psicossomática são o medo, angústia e tristeza, a noção não é de uma integração mente-corpo, mas de uma visão clássica de psicogênese, mesmo que tentem uma relação entre mente-corpo, estes dois aspectos são tratados separadamente.

14	Rinaldi, D.; Nicolau, R. F.; Pitanga, C. E. G. A. <i>Do fenômeno psicossomático ao sintoma: a aderência do sujeito ao diagnóstico médico e o trabalho analítico.</i> Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. spe, p. 95-108, Apr. 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982013000300007&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 09 Mai. de 2020.	Discutir a prática psicanalítica com sujeitos que apresentam fenômenos psicossomáticos.	Estudo de caso	Psicanálise Lacaniana	Conclui-se que é preciso reposicionar o sujeito em relação ao seu próprio corpo e que o trabalho clínico precisa possibilitar a significação do fenômeno psicossomático a partir da história desenvolvida pelo próprio paciente, e não por meio do discurso médico.	A partir das formulações de Lacan, a psicossomática não tem um registro simbólico, o que a torna indecifrável o gozo fica estritamente ligado ao orgânico, e para <i>significar</i> a psicossomática, é preciso que ela passe a ser um sintoma ou seja, se insira no campo da linguagem e tenha um sentido.
15	Leite, A. C. C. et al. <i>O menino e o efeito pirilampo: um estudo em psicossomática.</i> Ágora (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 99-114, June 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100006&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 09 Mai. 2020.	Discutir um fenômeno psicossomático — a alopecia — que marca a história de Yuri desde os seus três anos de idade.	Estudo de caso	Psicanálise Lacaniana	A direção do tratamento é a de produzir cadeia nas complexas relações entre as funções biológicas do corpo e da linguagem (Trecho do resumo) Seria no sentido de traduzir, decifrar, a partir da linguagem, o que o fenômeno psicossomático representa.	“Fenômeno psicossomático ataca o real do corpo, produzindo um imaginário familiar impossibilitado de ser atravessado pela ordem do simbólico (Trecho do resumo). Na psicossomática também ocorre um gozo, um ganho com o sofrimento, mas o sujeito não conjuga sua construção subjetiva ao fenômeno per si e a satisfação secundária do quantum pulsional não é vinculável a ele” (p. 99) “Esses fenômenos imprimem no corpo uma marca, tatuam algo que não pode ser dito, nem deslizado, que não pode ser acessado simplesmente pela via do sentido.” (p. 105 e 106).
Lilacs						

16	Alves, R. B.; Amparo, D. M.; Chatelard, D. S. <i>Psicossomática</i> : um fenômeno entre o saber e o gozo. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 174-183, 2019. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000100013&lng=pt&nrm=iso >. acessos em 09 maio 2020.	Investigar o fenômeno psicossomático na clínica psicanalítica.	Teórica	Freudo-lacanianas.	“No fenômeno psicossomático podemos falar na possibilidade de edificação de um saber que ainda não fora sabido, mas que pode ser produzido em transferência.” (p. 181).	Psicossomática diferentemente do sintoma não porta uma mensagem passível de interpretação, é, antes, efeito de uma escrita que não pode ser lida. Psicossomática enquanto um fenômeno e não um sintoma que guarda uma mensagem, em seguida traremos o conceito de letra em Lacan, pois como veremos, o fenômeno psicossomático pode ser interpretado como uma escrita de traços para não ser lido (p. 176). Na psicossomática, por outro lado, o sujeito não consegue seguir o fluxo dos pensamentos quando a fala tangencia o sofrimento do órgão, é como se ocorresse um curto-circuito na cadeia de representações, impossibilitando a intervenção do analista na fala do analisante, seja através da interpretação ou da produção de equívocos significantes (p. 177). “Pode-se constatar com isso que o corpo nem sempre fala pela via simbólica do sintoma. Às vezes cala e, no lugar onde falta a angústia, um órgão pode ser lesionado, aparecendo o fenômeno psicossomático” (Nicolau, 2008, p. 969) (p. 177). Na psicossomática é recortado e a parte extraída é aquela que ficou excluída de representação (p. 177).
17	Santos, L. N.; Junior, C. A. P. <i>O Adoecimento Somático em</i>	Cotejar as contribuições de Ferenczi, Groddeck e	Teórico - conceitual.	Psicanálise.	A investigação evidenciou que os	Para estes três autores “a realidade integral individual é um corpo-

	<p><i>Ferenczi, Groddeck e Winnicott: uma Nova Matriz Teórica.</i> Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 39, e182306, 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100116&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 Mai. de 2020.</p>	<p>Winnicott a fim de demonstrar que elas revelam a existência de outra matriz de compreensão do adoecimento somático em Psicanálise (Trecho do resumo).</p>		<p>autores apresentam três principais pontos de convergência entre si: (1) uma concepção monista do indivíduo na qual corpo e psique são entendidos como expressões concomitantes de uma realidade integral; (2) a compreensão da psique não como uma máquina de descarregar excitações, mas como um movimento produtivo ininterrupto, que promove continuamente uma elaboração imaginativa do corpo; e (3) o entendimento de que o adoecimento é um fenômeno relacional, que só pode ser adequadamente</p>	<p>imaginativamente-elaborado. Logo, trata-se, para eles, de um corpo expressivo que manifesta o tempo todo suas modulações afetivas por meio de diversas produções tanto saudáveis quanto patológicas.” (p.12). Para eles, o adoecimento, assim como andar e se comunicar, está relacionado com a história, e neste percurso, há bons e maus encontros. Nenhum dos três autores analisados concebe o adoecimento somático como uma manifestação derivada de falhas nos processos de representação (p. 11).</p>
--	---	--	--	---	---

					compreendido à luz da história e do contexto atual do indivíduo (Trecho do resumo) (os limites estão na história individual)	
18	Green, A. <i>Pulsões de destruição e doenças somáticas</i> . Revista de Psicanálise da SPPA, v. 26, n. 2, p. 333-357, 2019. Disponível em: < http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/09/1016764/09_pulsoes-andre-green_v26_n2_2019.pdf > Acesso em: 12 de maio de 2020.	Revisar os conceitos utilizados por P. Marty.	Teórica conceitual	Psicanálise influência da escola psicossomática de Paris.	Que não é possível dissociar a pulsão de vida e morte, tal como pretendia P. Marty.	Não há um conceito definido no texto, mas parece remeter a uma dissociação precoce entre a pulsão (vida e morte - primárias) e o objeto, o que indica um inconsciente rígido e narcísico.
19	Passos, C. H.; Lima, R. A. <i>A contribuição da calatonia como técnica auxiliar no tratamento da fibromialgia: possibilidades e reflexões</i> . Bol. psicol, 2017 São Paulo , v. 67, n. 146, p. 13-24, jan. 2017 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432017000100003&lng=pt&nrm=iso >. Acessoso em 09 maio 2020.	Provocar reflexões sobre a contribuição da Calatonia para o tratamento da Fibromialgia.	Revisão de literatura (Pesquisa bibliográfica).	Psicologia analítica/junguiana.	Em um processo terapêutico, a memória corporal interacional é reativada a partir da “interação não verbal, o contato visual, a tonalidade de voz e o contato físico” (p.19) e através disso é possibilitado ao sujeito o desenvolvimento de	Pela perspectiva psicossomática tanto as dores como outros sintomas da Fibromialgia são expressões simbólicas refletidas no corpo, derivadas de imaturidades ou defesas psíquicas. Sem recursos para integrar e comunicar adequadamente emoções perturbadoras, o corpo permanece como caminho de expressão dessa carga de sofrimento (Trecho do resumo).

					<p>novos modos de constituição do Self. Logo, o contato físico entre paciente e terapeuta é imprescindível. Ou seja, é necessário o uso da técnica da calatonia que consiste em toques nas extremidades do corpo, com o objetivo de provocar a descontração muscular, possibilita a diminuição de dores físicas e emocionais, no fim da guerra esta técnica passou a ser utilizada pela psicologia e neurologia, foi associada à Psicologia Analítica com o nome de “Integração Psicofísica”.</p>	
20	Mattar, C. M. et al . <i>Da tradição em Psicossomática</i>	Refletir sobre a dualidade entre soma e	Teórica conceitual	Fenomenologia	Conclui-se que Medard Boss	Continuando com a ideia de Heidegger, Medard Boss em 1954 afirma que “todo

	<p>às <i>Considerações da Daseinsanálise</i>. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 36, n. 2, p. 317-328, June 2016 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000200317&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 Mai. de 2020.</p>	<p>psique, que tende a obscurecer a unidade originária a partir da qual esses dois entes podem aparecer e serem compreendidos.</p>			<p>(1903-1990) e Michel Henry (1922-2002), ambos inspirados em Husserl, não buscaram uma base dicotômica entre psique e soma, e que não estabeleceram uma relação de causalidade entre essas instâncias.</p>	<p>o adoecer é sempre psicossomático, pois atinge a abertura que é o Dasein, ser-aí, como um todo, e representa uma restrição à determinada possibilidade, a doença com suas limitações, em detrimento de outras” (p. 325), cada adoecimento indica que há uma relação perturbada com o mundo, deve-se questionar, qual relação é essa?. O autor, a fim de superar a dualidade existente entre soma e psique, chega a questionar o termo psicossomática, expondo que ele próprio já passa a ideia de que há uma dualidade da qual precisa ser solucionada, sendo então para o autor “uma terminologia incômoda e imperfeita” (p. 325), para Boss, a existência humana é constituída pelo corpóreo (somático) e a alma (psique) e o adoecimento seria “[...] uma estagnação de possibilidades vitais na corporeidade.” (p. 326), o autor conclui que é impossível realizar uma distinção entre psíquico e somático, logo a psicossomática só pode ser compreendida a partir da totalidade do ser.</p>
21	<p>Alves, V. L. P.; Lima, D. D. <i>Percepção e Enfrentamento do Psicossomático na Relação Médico-Paciente</i>. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 32, n. 3, e323225, 2016</p>	<p>Compreender a vivência de médicos no atendimento a pacientes psicossomáticos</p>	<p>Qualitativa - de campo.</p>	<p>Fenomenológico</p>	<p>Esse percurso é compreendido de acordo com o modelo biomédico que rege as concepções e</p>	<p>Não apresenta um conceito de psicossomática.</p>

	Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000300245&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 09 Mai. de 2020.				práticas apreendidas desde a graduação. No entanto, essa formação gera dificuldades no manejo de aspectos psicológicos, e não apenas dos referidos como elementos psicogênicos do adoecimento, típicos das compreensões psicossomáticas. Evidencia-se uma aprendizagem médica em que se dá mais atenção à doença do que ao ser que adocece. (Trecho do resumo).	
22	Volich, R. M.. <i>Mitologias: perspectivas clínicas dos movimentos de integração e desintegração</i> . J. psicanal., São Paulo , v. 46, n. 85, p. 141-157, jun. 2013 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-	Apresentar a partir da perspectiva clínica os movimentos de integração e desintegração.	Teórica	Psicanálise influência da escola psicossomática de Paris.	“A clínica oferece não apenas um lugar privilegiado para a observação dos processos de integração e desintegração, mas também um recurso relacional para lidar e transformar	“Compreendemos que as manifestações ou as queixas centradas no corpo e as descargas pelos comportamentos são apenas algumas das modalidades possíveis de expressão do sofrimento humano” (p. 154). “[...] As desorganizações psicossomáticas se orientam no sentido contra evolutivo e se manifestam pelo desaparecimento das hierarquias e

	58352013000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 mai. 2020.				<p>muitos dos efeitos de suas manifestações.” (Trecho do resumo)</p> <p>Considera-se importante também entender as regressões psicossomáticas com um caráter reorganizador, que acaba expressando um sofrimento, e por isso é imprescindível que se compreenda a história intersubjetiva da pessoa, levando em consideração seu funcionamento e desenvolvimento psíquico.</p>	<p>associações funcionais, pela perda da complexidade de funcionamentos, que, muitas vezes, cedem seu lugar à confusão, à anarquia e ao apagamento do tônus vital e afetivo” (p. 148).</p>
23	<p>Goulart, D. M.; Santos, M. A. <i>Corpo e palavra: grupo terapêutico para pessoas com transtornos alimentares</i>. Psicol. estud., Maringá, v. 17, n. 4, p. 607-617, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=</p>	<p>Desenvolver reflexões sobre a grupoterapia com pessoas com transtornos alimentares atendidas em serviço especializado e investigar a dinâmica psicológica dos pacientes atendidos, a partir de ressonâncias contratransferenciais.</p>	Teórica	<p>Psicanálise</p> <p>Não deixa claro a vertente usa vários autores da psicanálise.</p>	<p>A análise se deu a partir de três tópicos: vivências impactantes mobilizadas no contato com os pacientes; demanda de ajuda dos pacientes para encontrarem as</p>	<p>O artigo apresenta a teorização de Teixeira (2006) que considera que a dor ao ser suprimida pelo sujeito, passa a se expressar no corpo.</p>

	S1413-73722012000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Mai. de 2020.				palavras perdidas, como via de acesso à representabilidade dos afetos elididos do espaço mental pela operação de desafetação; sentimentos contratransferenciais vivenciados pelo pesquisador.	
24	Lindenmeyer, C. <i>Qual é o estatuto do corpo na psicanálise?</i> . Tempo psicanal., Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 341-359, dez. 2012. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200006&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 09 de mai. de 2020.	Reabrir os debates em torno das questões corporais na obra de Freud.	Revisão da literatura psicanalítica.	Psicanálise freudiana.	Conclui-se que no decorrer das novas formulações sobre o corpo na psicanálise a teoria freudiana foi sendo 'esquecida'.	Não foi encontrado no artigo.
25	Peres, R. S.; Santos, M. A. <i>O conceito de psicose atual na psicossomática psicanalítica</i> de Joyce McDougall. Rev. bras. psicanál., São Paulo, v. 44, n. 1, p. 99-108, 2010. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-	Contemplar algumas possíveis intersecções entre psicanálise, psicossomática e psicopatologia a partir do delineamento de McDougall. Pesquisar esta autora, parece bem citada.	Teórica conceitual.	Psicanálise influência da escola psicossomática de Paris.	Com o conceito de "psicose atual" de McDougall, delineia, de forma ousada, um novo horizonte para a teorização psicanalítica, permitindo o reposicionamento	Psicossomática aparece relacionada com o conceito de psicose atual entendida como uma tentativa inconsciente de cura emocional por ações delirantes do corpo, sem significado simbólico. (Expressa os afetos). Causa primária da psicose atual seria o excesso ou carência materna. De modo geral a psicose atual: "leva o corpo a se comportar de forma

	641X2010000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 maio 2020.				da clínica com pacientes somáticos.	delirante, o que predispõe o sujeito a doenças orgânicas. tais doenças seriam, em última instância, resultantes da ação de mecanismos somáticos, e não mentais, disparados por conflitos de ordem emocional” (p.99).
26	Fernandes, W. J. <i>Saúde mental: uma visão vincular</i> . Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 10, n. 2, p. 19-26, dez. 2009. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702009000200004&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 10 maio 2020.	Não traz um objetivo delimitado. (Trazer a tona a visão vincular).	Teórica	Medicina (psiquiatria) e psicanálise. (Utiliza-se mais do autor Bion – psiquiatra e psicanalista)	“A psicanálise vincular é uma forma de psicoterapia grupal” (p. 29) E através do dispositivo de atendimento em grupo é possível atender à necessidade de autoconhecimento, desenvolvimento, do emergir do potencial de cada pessoa e de se decifrar os enigmas das próprias vidas, entre eles, o da formação dos sintomas, e da comunicação realizada pelo corpo.	“Como o paciente não consegue resolver seus conflitos entre mundo interno e externo, inscreve-se em seu corpo. (Capisano, 1990)” (p. 25). “Nas afecções psicossomáticas, podemos encontrar um aniquilamento do aspecto intelectual, com o ressurgimento do psicossomático, mais primitivo” (p. 29).
27	Horn, A. <i>Construções em psicossomática psicanalítica</i> . Rev. brasileira de psicanálise, São Paulo, v.	Apresentar noções de análises/terapia com pacientes psicossomáticos.	Teórica-conceitual	Psicanálise influência da escola	Os autores citados enfocam que o trabalho com pacientes	Não traz em específico o que é psicossomática. Mas na maioria das vezes em que ela é tratada está

	42, n. 3, p. 55-58, set. 2008 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000300006&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 10 maio 2020.			psicossomática de Paris.	psicossomáticos se dá na trama transferência-contratransferência.	relacionada com a perda da capacidade de representação pelo paciente.
28	Neme, C. M. B., Dameto, C. A., Azevedo, G. M. G., Fonseca. <i>Implicações do vínculo mãe-criança no adoecimento infantil: revisão de literatura</i> . Psicologia em pediatria, 2007. Disponível em < http://ampliatta.com.br/wp-content/uploads/2011/10/vinculo_mae_bebe_pesquisa.pdf > Acesso em: 10 de maio de 2020.	Realizar revisão de literatura científica sobre o tema “implicações do vínculo mãe-criança no adoecimento orgânico infantil”.	Revisão de literatura.	Psicanálise (não traz uma vertente específica)	Todos os artigos relacionaram o desencadeamento de doenças infantis com a relação mãe-bebê. “Indicam a importância do esclarecimento das condições e natureza do vínculo mãe bebê/mãe-criança na organização psicossomática infantil, dadas as possibilidades preventivas e terapêuticas decorrentes” (p.165).	Dificuldades da mãe em responder às necessidades da criança, e uma rigidez interna, que dificulta a adaptação podem resultar em problemas psicossomáticos.
29	Vilete, E. P. <i>O corpo e os Demônios da loucura</i> : sobre a teoria psicossomática de Winnicott. Rev. bras.	Estudar um personagem de Aldous Huxley no livro Demônios da loucura. A autora analisa	Análise de literatura.	Psicanálise winnicottiana.	Podemos então concluir que Surin, ao final do processo por que passou,	O adoecimento psicossomático aparece como uma tentativa do sujeito se encontrar, e de desenvolver o seu verdadeiro eu.

	psicanál, São Paulo , v. 42, n. 1, p. 89-99, mar. 2008 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000100010&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 10 maio 2020.	os seus sintomas à luz da teoria psicossomática de Winnicott, aplicando, em especial, as idéias sobre as bases para o self no corpo (Trecho do resumo).			tomou conhecimento e posse de seu corpo finito e, libertando o próprio espírito, se sentiu parte integrante da natureza e de um projeto eterno. Por isso, termina Huxley, “quando na primavera de 1665 a morte o surpreendeu, não havia necessidade de ir para lugar algum, pois ele já estava lá”. p. 98 - 99.	
30	Ferraz, F. C. <i>A tortuosa trajetória do corpo na psicanálise</i> . Rev. bras. psicanál, São Paulo , v. 41, n. 4, p. 66-76, dez. 2007 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000400007&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em 10 maio 2020.	Propor articulações entre as neuroses atuais - somáticas - e os conceitos freudianos de trauma e pulsão de morte.	Teórica-conceitual.	Psicanálise freudiana.	Retoma a distinção entre corpo somático e corpo erógeno, marcada pela ação do apoio (Anlehnung) ou da subversão libidinal, conforme terminologia de C. Dejours	“Quando um sintoma surge no corpo, ele é o resultado de uma simbolização que foi abortada, que não se fez” (p. 73).

31	Castelli, A., Silva, M. J. P. <i>“Faz isso, faz aquilo, mas eu tô caindo...”</i> – Compreendendo a doença de Chron. Revista Esc. Enfermagem USP 2007; 41(1):29-35. Disponível em: < https://www.scielo.br/pdf/reusp/v41n1/v41n1a03.pdf > Acesso em: 10 de mai de 2020.	Buscando compreender o significado e o impacto da doença de Chron na vida de seu portador.	Estudo de caso	Enfermagem e Psicanalítico (não tem a vertente).	Permitiu que analisássemos os sintomas, não como corpos estranhos a serem erradicados, mas como mensageiros de um apelo a ser compreendido.	Psicossomática como forma de manifestar algo que não é comunicável em palavras, e nem ‘resolvido’ em nível psicológico. “Pacientes psicossomáticos apresentam uma característica que se traduz na dificuldade de descrever suas emoções e mesmo senti-las (alexitimia)” (p. 34).
32	Fontes Neto, P. T. L. et al . <i>A dermatite atópica na criança: uma visão psicossomática.</i> Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre , v. 28, n. 1, p. 78-82, Abr. 2006 . Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082006000100010&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 10 Maio de 2020.	Apresentar a observação da evolução clínica e emocional de uma criança de 2 anos de idade, portadora de dermatite atópica.	Estudo de caso.	Medicina e Psicanálise	Conclui-se que a abrangência, proporcionada pelo atendimento interdisciplinar, possibilita uma intervenção precoce na relação mãe-criança, podendo ser considerada como uma estratégia de prevenção em saúde mental materno-infantil, evitando possíveis patologias futuras.	“Entende-se que as manifestações psicossomáticas podem ser compreendidas como uma dificuldade de simbolização e verbalização dos sentimentos” (p. 76).
33	Castro, M. G., Andrade, T. R., Muller, M. <i>Conceito mente e corpo através da história.</i> Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 39-43,	Enfocar a evolução dos conceitos de saúde/doença, bem como a dicotomia mente/corpo.	Revisão de literatura.	Medicina e Psicanálise. (O artigo apresenta primeiro a relação saúde-doença e	Nas conclusões, aponta que a doença psicossomática coloca em dúvida os conceitos de base	“[...] psicossomático é definido como todo distúrbio somático que comporta em seu determinismo um fator psicológico interveniente, não de modo contingente, como pode ocorrer com

	<p>jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a05.pdf> Acesso em: 10 de mai. de 2020.</p>			<p>mente-corpo pelos filósofos e posteriormente apresenta um breve histórico dessas relações na medicina e na psicanálise).</p>	<p>cartesiana que dividem a mente e corpo. As autoras também colocam a necessidade de desenvolvimento de novos conceitos e possibilidades de compreensão humana, com o objetivo de diminuir o sofrimento.</p>	<p>qualquer afecção, mas por uma contribuição essencial à gênese da doença (Jeammet, 1989)” (p.39). “A idéia central é que os sujeitos psicossomáticos se diferenciam dos demais pela pobreza do mundo simbólico, havendo pouca elaboração psíquica. Seu pensamento é do tipo operatório, aprisionado ao concreto e à orientação pragmática, tendo pouca ligação com o seu inconsciente” (p. 41).</p>
34	<p>Hoffmann, F. S. et al. <i>A integração mente e corpo em psicodermatologia</i>. Psicol. teor. prat., São Paulo , v. 7, n. 1, p. 51-60, jun. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872005000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 maio 2020.</p>	<p>Revisar os achados teóricos relacionados à Psicodermatologia.</p>	<p>Revisão bibliográfica.</p>	<p>Biopsicossocial (Psicologia da saúde).</p>	<p>Considera que a pessoa com a doença de pele deve ser considerada como um ser integrado, no qual aspectos sociais, biológicos e psicológicos interagem constantemente.</p>	<p>Dentre os vários conceitos apresentados, algumas noções se destacam, como por exemplo o entendimento de que a psicossomática dermatológica é a manifestação de questões não resolvidas no psiquismo do sujeito, a psicossomática também aparece relacionada com o estresse, “o estresse tem sido definido, por Koblenzer, como um dos vários eventos não-específicos, gerados interna ou externamente, que por criar demandas sobre o organismo, “provoca uma ação não-específica de resposta corporal que leva a uma variedade de mudanças temporárias ou permanentes, fisiológicas ou psicológicas” (Koblenzer, 1988, p. 23)” (p. 56).</p>
35	<p>Baseggio, D. B. <i>Psicossomática na infância: uma abordagem</i></p>	<p>Discorrer sobre o estudo da psicossomática, abordando</p>	<p>Pesquisa bibliográfica.</p>	<p>Psicanálise winnicottiana.</p>	<p>“Faz-se necessário o envolvimento de profissionais da</p>	<p>Ausência de simbolização psíquica gera um conflito que aparece em forma de sintoma no corpo.</p>

	psicodinâmica. Revista de Psicologia da IMED, vol.4, n.1, p. 629- 639, 2012.	especificamente os sintomas que envolvem o comprometimento da pele de crianças.			área da saúde que compreendam que a doença pode transformar-se em uma oportunidade de crescimento, de resignificação da vida e do viver, gerando uma melhor qualidade de vida como um todo” (p. 637).	“A psicossomática, de um modo geral, consiste na dificuldade de resolução de conflitos internos que estão latentes e que ganham simbolismo e significado através do corpo” (p. 636).
--	--	---	--	--	---	--